

MAL

Magos Acima da Lei

Wanju Duli

2013

Parte 1

A Ilusão do Poder

MAL

– Odeio qualquer um que me desafie.

Dei uma tragada no cigarro. Segurei-o entre meus dedos magros de longas unhas vermelhas; o esmalte já gasto. Três anéis brilhantes.

A maquiagem da pequena vadia já estava borrada com o choro interrompido, enquanto a minha mantinha-se impecável. Os cabelos crespos de Melissa estavam embaraçados, enquanto os meus caíam com elegância sobre os ombros.

Um universo nos separava. Ela, a puta vulgar. Eu, a galinha formosa. Carla e Elaine riram ao meu lado, das lágrimas dela.

– Carla, tu tem uma bunda respeitável. Mas tá bloqueando minha visão. Sai.

Carla saiu da minha frente de imediato. Assim pude contemplar com mais detalhes a humilhação de Mel. Um colírio para meus olhos. Um vibrador para minha buceta. A desgraça dela era tudo isso para mim.

– Já era. Eu ganhei a aposta. Agora, me entrega a grana.

Elaine esvaziou a bolsinha de Melissa, jogando tudo no chão.

Levantei-me e analisei o conteúdo. Batom, rímel, espelho, absorvente, camisinha. Nada de útil. Quebrei o espelho com o salto do meu sapato. Melissa levou um susto com o meu movimento. Agarrei-a pelos cabelos.

– Onde é que tá meu prêmio, vaca?

Ela me fitava com um olhar nervoso, olhos esbugalhados. Respirava rápido. Dei um leve sorriso.

– Querida, eu comi o horroroso do teu homem só pra ganhar a porra dessa grana. Onde é que tá meus cem pila, coração?

– Te dou amanhã...

– Pro inferno que vai dar. Estou farta de promessas. E sabe que outra coisa tu não vai dar? Essa bucatinha. Porque nem o feio do teu namorado quer. Vai morrer virgem, perua.

– Eu não sou virgem!

Eu gargalhei quando Melissa disse isso. Carla e Elaine gargalharam depois de mim, para me agradar.

– Sabe o quanto eu tô interessada no teu cabaço? Eu tenho tanto interesse nele quanto tenho por política: nenhum!

– Por que tu não te interessa por política? – perguntou Elaine, acendendo um cigarro também – Essa parada é, tipo, importante.

Amassei a guimba do meu cigarro no chão e cruzei os braços.

Wanju Duli

– Bateu a cabeça onde, Elaine? Num pau duro?

– Bem que eu queria...

– Então espera até esse momento e depois vem falar comigo – anunciei – eu só falo com galinhas que conhecem o gosto de um cacete.

Carla e Elaine me fitaram com admiração, como se eu tivesse pronunciado uma sentença muito sábia. Eu sabia que provocava esse efeito nas pessoas: não importava se eu falasse merda ou algo pretensamente inteligente. Até a minha merda tinha gosto de Deus.

Fitei Melissa intensamente. Eu via o medo que ela sentia de mim. Aquilo era gostoso ao extremo. Quase tão gostoso quanto apertar as bolas de um putto.

– O teu prazo é até amanhã, ao meio-dia. Se não entregar a grana na minha mão até esse horário, eu vou pegar um microfone na frente do restaurante universitário e anunciar para todos que mastiguei o caralho do teu amado.

Fiz um sinal para que Elaine soltasse Melissa. Assim que se viu solta, ela correu de lá, lançando-me um último olhar assustado. Nem pegou sua bolsa.

– Foi tão ruim assim essa foda? – perguntou-me Elaine.

– Foi razoável – respondi – o cara é bom de cama. Só disse tudo isso pra Melissa me odiar. Mas a cadela ficou com medo de mim.

Resolvi ficar com a bolsa dela. Faria questão de usá-la toda vez que cruzasse com Mel e com o ex-namoradinho dela. O batom e o rímel também eram aproveitáveis.

– Eu odeio absorvente sem abas – lancei-o no chão outra vez – vou assassinar o imbecil que inventou isso.

A camisinha era boa. Ultrafina. Eu curtia aquelas.

– O show terminou, meninas. Essa festa foi um lixo, como sempre. Nos vemos amanhã à noite na festinha do meu aniversário?

– É claro, linda! – exclamou Carla, contente.

Nós nos despedimos com beijinhos no rosto. E eu retornei sozinha até a Casa do Estudante. Eu mal conseguia me equilibrar, de tão finos que eram meus saltos.

Olhei meu relógio de pulso. Três da manhã. Eu tinha aula às oito. Ainda daria tempo de descansar.

Comecei a tirar minha maquiagem na penteadeira. Marcelina acordou.

MAL

– Como foi a festa?
– Uma palhaçada – respondi – música brega, comida ruim, caras feios. Resolvi ficar do lado de fora batendo numa guria, pra me divertir um pouco.

– Vou tentar adivinhar: tava batendo na Mel?
– Bem nessa. Dei uns baitas tapas na cara dela pra brincar. Comi o namorado dela, só pra zoar ela um pouco. Foi tri legal.

– Não foi ela quem te convidou pra festa do serviço social?
– Aposto que a idiota vai me convidar pra próxima.
– Por que não vai pras festas do teu próprio curso?
– Só tem mulher nas festas da moda! – exclamei – Aquelas nojentinhas metidas. Eu vou pra festas pra pegar homem e não pra fofocar sobre a roupa das outras vadias.

– Ótimo – disse Marcelina, cobrindo-se de novo – parece um bom plano. Boa sorte na próxima.

Marcelina dormiu logo em seguida. Eu dividia o quarto com ela. Por sorte, ela iria dormir na casa do namorado na próxima noite e eu teria o dormitório só pra mim, para fazer minha festa de aniversário.

Quando terminei de tirar minha maquiagem, fitei meu próprio rosto no espelho. Não havia nada de especial nele. Eu não era particularmente bonita, mas também não era feia. Então o que eu possuía em mim que exercia aquele fascínio nas pessoas?

Minha personalidade era tão extrema que às vezes até eu sentia medo de mim mesma. Mas aquilo me excitava. Os caras me curtiam. Eu me achava irresistível. As mocinhas me idolatravam e me invejavam. O que mais eu poderia desejar?

– 23 anos.

Aquele número não significava absolutamente nada para mim. Era só um número.

Eu parecia muito mais velha do que minha idade sugeria. Qualquer um daria para mim uns 30 anos. Eu era alta, tinha 1,71. Com maquiagem e salto então, eu ficava uma diva.

Cara, esse era um dos motivos do respeito: eu tinha um ar mais velho e maduro. Aquilo era sexy.

Fitei a raiz do meu cabelo no espelho.

– Merda.

Wanju Duli

Eu tingia meus cabelos de loiro. Já estava na hora de retocar.

O meu vestido era tão justo que foi difícil sair dele. Eu estava usando sutiã sem alças, para ficar bem com meu tomara que caia.

Quando terminei de tirar tudo aquilo, incluindo brincos, colar, pulseiras e anéis, mais uma hora já tinha se passado.

Tomei uma ducha e fui me deitar. Quatro e meia da manhã. Coloquei o relógio para despertar às sete. Eu só ia dormir uma hora e meia.

Eu dormia sem roupa nenhuma, por uma série de razões. Estava quente nos últimos dias, eu dividia o quarto com uma guria, era mais confortável e ouvi dizer que era recomendável dormir sem calcinha ou sutiã.

Quando a porra do meu celular tocou, eu xinguei tantas vezes que Marcelina acordou. Eu sempre acordava de mau humor, mas naquela vez eu tinha ainda mais razões: não tinha dormido nada.

Bocejei preguiçosamente e, ainda nua, liguei minha chapinha na tomada. Sentei na cadeira e comecei a alisar meus cabelos. Como sempre, eu dividia o cabelo no lado. Já estava ficando bem comprido, quase batendo na cintura. Eu precisava cortá-lo um pouco da próxima vez que fosse ao salão retocar a pintura.

Coloquei uma blusa regata com bojo, para realçar os peitos, e detalhes com flores. Uma calça jeans clara, pescador. Rasteirinhas. Brincos delicados, maquiagem leve. Pulseira básica. Quando peguei minha bolsa e óculos escuros, olhei o relógio e dei-me conta que já era oito e meia.

– Puta que pariu. Por que não me avisou, cadela?

– Avisei o que, guria? – perguntou Marcelina, arrumando a mochila – Minha aula é só às nove.

– Que bom pra ti, baranga.

E saí do dormitório batendo a porta. Corri para o prédio da moda e subi as escadas em disparada. A professora não me deixou entrar na sala.

– Mas que merda...?

Aquelas professoras filhas da puta pensavam que universidade era colégio. Faziam até lista de chamada. Só faltava levantar o dedo para pedir para ir ao banheiro!

Eu perdi uma prova. No final da aula, xinguei bastante a professora na frente de Carla e Elaine.

MAL

– Aquela porca! Como eu queria socar o focinho daquela velha gorda. Passei a mão pelos cabelos. Eu estava de óculos escuros porque saí tão atrasada que nem deu tempo de delinear os olhos. Carla e Elaine apenas concordavam com tudo o que eu dizia, e repetiam.

– É uma porca mesmo – disse Carla.

– Uma gorda! – exclamou Elaine – Nem sei como cabe dentro das calças.

Eu me segurei para não rir. Elaine era mais gorda do que qualquer gurria que eu conhecia. Ela vivia falando sobre sexo, mas eu sabia que ela nunca tinha comido um homem. Só dizia essas coisas pra posar de poderosa.

Eu enxergava Elaine como minha segurança particular: era tão alta quanto eu, tinha mais que o dobro do meu peso e sabia um pouco sobre artes marciais. Era particularmente boa em socar vadias.

Com Elaine por perto, eu era capaz de intimidar qualquer pessoa, embora minha personalidade e elegância já fossem suficientes para meter medo em qualquer um.

O caso de Carla era diferente. Ela tinha 1,60, cheia de carne, mas o fato de ser ligeiramente gordinha a deixava gostosa pra caralho. Ela tinha uma bunda enorme e perfeitamente delineada por aquelas calças justas que ela usava. Fazia qualquer cara se virar pra olhar.

O formato do corpo dela era invejável. Até eu sentia um arrepio ao olhar: quadris largos, peitos redondos. Eu tinha muita vontade de vê-la nua. Carla já tinha comido alguns carinhos por aí, mas em geral era meio tímida. Ela tinha cabelos castanhos formando caracóis perfeitos, que passavam um pouco dos ombros.

Carla era como a gurria perfeita: gostosa, tirava boas notas, era gentil e tímida. Eu tinha estragado ela. Quando não estava comigo, Carlinha era um anjinho. Na minha frente, ela xingava e fazia tudo o que eu mandava.

Em suma: quem olhasse de fora pensaria que Carla e Elaine eram minhas melhores amigas, já que vivíamos grudadas uma na outra para lá e para cá desde que elas iniciaram o curso, três anos atrás. Porém, eu as via mais como servas ou escravas. Minhas admiradoras, que só viviam para me elogiar e puxar meu saco.

Carla possuía beleza e inteligência. Elaine possuía força e uma aparência que gerava medo imediato. E eu, por tabela, passava a ter tudo isso, já que elas serviam a mim.

Eu não tinha muita força física. Apesar de alta, era magrela. E minhas notas no curso eram uma merda. Eu já tinha reprovado em várias disciplinas. Para ser sincera, eu já estava naquele curso há cinco anos. Totalmente atrasada. Eu assistia várias aulas junto com Lalá e Ela, que tinham entrado dois anos depois de mim.

Eu que dei esses apelidos para as duas. Mas eu não permitia que ninguém me chamasse por um apelido. Ninguém tinha autorização para ter esse tipo de intimidade comigo. Uma vez uma colega minha me chamou de “Gabi” e eu disse assim pra ela:

- Enfia no cu.
- O quê? – ela perguntou.
- Esse lápis que tu tá segurando.
- Por quê?

– Porque tu vai adorar. Pra compensar que nenhum cara quer enfiar a pica em ti, sua cabacinha. Nunca chupou uma rola na vida e ainda acha que pode me chamar de “Gabi”? Tomar no rabo!

Eu me achava a rainha do universo porque comia vários caras. Eu ia em festas toda semana. Geralmente festas dos cursos da universidade mesmo. Vestia uma lingerie suprema e tinha muito orgulho do boquete que eu fazia. E mais orgulho ainda da minha espanhola.

- O que é espanhola? – perguntou Elaine, um dia.

Eu dei um sorriso pra ela com essa pergunta. Estreitei os olhos.

- É quando você coloca a rola...
- Cala a boca, Lalá – eu falei para Carla.
- Desculpe, Gabriela.

A gente não tinha outra aula naquela manhã. Fomos lá pra fora, ficar nas escadas. Elaine tirou um isqueiro do bolso e acendeu o cigarro dela e o meu. Carla não fumava, mas havia se tornado uma autêntica fumante passiva convivendo sempre de perto com nós duas.

Olhei o relógio.

– Onze horas. Daqui a pouco vamos pro RU. Se a Melissa não soltar meus cem pila hoje, vou fazer um escândalo.

MAL

Eu amava fazer escândalos. Era minha especialidade. E meus fãs sempre faziam plateia para me assistir, e aplaudir no final.

– Vão pra merda da minha festa hoje?

– É mesmo, obrigada por nos convidar – sorriu Carla – feliz aniversário, amiga!

– Obrigada, amor – eu dei um sorriso irônico, para Carla se dar conta de que estava sendo nojentinha em falar daquela forma – e vê se usa uma roupa decente à noite, Ela. Odeio andar perto de meninas desarrumadas.

– Tá certo – confirmou Elaine.

Elaine não se vestia mal. Talvez por ser gorda ela não ousasse colocar uns vestidos de puta pras festas, mas eu achava nada a ver ela deixar de colocar. Ela ia ficar muito sexy com uns super decotes, mostrando os peitões. A gordura a tinha tornado bem dotada. Ela provavelmente seria capaz de fazer a espanhola dos sonhos de qualquer gurizão.

– Se vestir como vadia é o que há – instruí – tem que mostrar os peitos e as coxas. Tanto os guris como as gurias ficam doidos. As gurias morrem de inveja, principalmente as certinhas que têm medo de se portar como vacas.

Elaine e Carla escutavam com atenção tudo o que eu dizia, na esperança de aprender alguma coisa.

– Meio-dia. Melissa não apareceu. Vou lá armar um barraco no RU.

As duas deram um sorriso de orelha a orelha e me acompanharam. Peguei um microfone e fui lá para a entrada.

– Vocês conhecem a Melissa Oliveira, do terceiro semestre de serviço social? Pois então, eu tracei o homem dela! Melissa nem se importou, até gostou. Sabem por quê? Por que ela é uma sapata! Isso mesmo, ela confessou para mim que era lésbica. Ela adora chupar uma buceta. Só estava com o namorado pra disfarçar. Que putinha, não é mesmo?

Não demorou muito para Melissa aparecer. Ela me pagou os cem reais, mas estava furiosa. Fiquei muito satisfeita por deixá-la braba.

Eu e minhas duas seguidoras saímos de lá rindo.

– Por que raios ela te deu a grana, se tu ferrou com ela? – perguntou Elaine, divertindo-se a valer.

– Sei lá – comentei, sem me importar, contando as cédulas – vou retocar o meu cabelo com essa graninha.

Wanju Duli

Ninguém tinha entendido direito a minha aposta com Melissa. Eu apostei com ela que seria capaz de seduzir o homem dela, enquanto Melissa insistiu que Gustavo seria fiel. Mas o cara a traiu mesmo assim.

Porém, toda a história da aposta foi apenas uma cena. Melissa queria terminar com ele e não sabia como. Fiz isso por ela. Só que naquele dia eu tinha revelado pra todo mundo que ela era sapata. Por isso ela ficou braba.

Foi um maravilhoso presente de aniversário para mim: revelar o segredinho de Melissa e observar a expressão raivosa dela ao ser exposta.

O pessoal no restaurante que ouviu minha revelação não deu a mínima. Afinal, Melissa não era uma pessoa importante. Ninguém ligava para a vida dela, se ela era homo ou hetero. E isso para ela era uma verdade ainda mais difícil de suportar.

Eu conhecia um pessoal do serviço social e fiz questão de falar no microfone bem quando a galera do semestre dela passou. Para a minha surpresa, nem eles ligaram. Esse era o tipo de perdedora que ela era. Joguei isso na cara da vadia.

Era comum estudantes darem anúncios diversos no microfone do RU, principalmente grupos de teatro. Então aquele se tornou apenas mais um anúncio irrelevante. Mesmo assim, só o fato de usar um microfone para espalhar boatos idiotas já me fazia sentir poderosa.

Isso porque no fundo eu já estava farta daquela universidade, do meu curso e de todas aquelas pessoas. Talvez eu precisasse de um pretexto para ser expulsa, além das minhas notas horríveis. Se eu xingasse professoras ou ferrasse com as estudantes, isso poderia acontecer mais cedo.

Por que eu simplesmente não me mandava de lá? Porque meus pais estavam me obrigando a estudar. Eu mesma escolhi o curso que eu queria fazer, e embora não fosse o curso que eles desejavam para mim, já que eu comecei eles queriam que eu terminasse de qualquer jeito. Só me deixavam voltar para casa com o diploma.

Eu poderia seguir outro caminho. Sumir de lá, trabalhar como garçonete, lavar pratos ou qualquer coisa do tipo, para poder me sustentar sozinha. Mas se eu fizesse isso, eu não poderia comprar roupas novas com tanta frequência. Meus pais iam tirar meu cartão de crédito e

MAL

talvez eu nem pudesse mais tingir o cabelo ou me maquiar. Ia ter que economizar cada merda de centavo.

Eu me sentia perdida. Eu curtia moda, mas não me via trabalhando com isso. O curso era apenas suportável, mas eu já estava de saco cheio por estar lá há cinco anos. Era uma perda de tempo!

Carla e Elaine provavelmente iam se formar antes de mim. Mas ainda iam levar mais um ano inteiro para isso e eu queria que elas sumissem logo da minha vida. As gurias que eu conhecia só se dividiam em duas categorias: bajuladoras e inimigas.

Eu não tinha amigas de verdade. Eu era orgulhosa demais para admitir que precisava de algo assim.

E os guris? Eu não tinha nenhum amigo do sexo masculino. Nunca tive. Eu os evitei minha vida inteira, desde o colégio, e fiz questão de entrar para um curso cheio de gurias.

Para mim, os guris só serviam para trepar. Era dessa forma que eu os via: um pau. E mais nada. Simplesmente porque era assim que eu desejava vê-los.

No dia que eu os visse de outra forma, minha vida estaria arruinada: se eu considerasse algum deles inteligente, interessante ou sentisse uma afeição especial, isso significava uma palavra. Namorado. Eu queria vomitar só de pensar nisso.

Gabriela era livre. Pegava todos os caras, agia como queria sem dar satisfações. Ninguém era dono de Gabriela.

A única pessoa por quem eu ainda tinha o mínimo de consideração, embora tratasse mal, era Carla. Eu já tinha visto como ela era encantadora quando estava longe de mim. Tinha um sorriso sincero. E como era gostosa, puta que pariu!

Senti um arrepio. A perspectiva de sentir atração por Carla me assustava! Eu gostava de paus, mas e se eu quisesse trepar com ela um dia? E se eu curtisse de verdade? Eu sentia um pouco de ciúme quando outras pessoas, fossem guris ou gurias, se aproximavam dela.

Afastei esses pensamentos da minha mente. Fui almoçar no restaurante com as meninas. Eu já estava verde de fome, pois não tinha tomado café da manhã. Enquanto comíamos, zombávamos mais um pouco de Melissa.

Wanju Duli

– Então ela curte mesmo uma xana? – perguntou Elaine, com um sorriso malicioso – Que mau gosto! Pintos são muito mais quentes!

“Não fale como se fosse entendida de pirocas” eu ficava puta quando via Elaine se achar daquela forma.

– Eu nunca experimentei uma xoxota – confessou Carla – será que é bom?

– Nem a tua? – perguntei, interessada pelo assunto.

– A minha calcinha fica com um cheirinho delicioso. Eu também já meti o dedo na minha buceta e chupei.

Meu coração acelerou. Eu tinha vontade de sentir o corpo de Carla. Aquela bunda, aqueles peitos... e Carla parecia ser do tipo submissa no sexo, do jeito que eu gostava. Eu sempre curtia dominar na cama. Eu nunca ia permitir que um cara me dominasse. Mas se fosse com Carla... talvez eu a deixasse mandar uma vez, pra ver como seria.

Elaine fez cara de nojo, expressando completo repúdio à ideia de comer uma buceta. Isso me fez ficar com ainda mais raiva dela. Principalmente porque eu sabia que ela nunca tinha comido porra nenhuma pra comparar.

Eu queria sumir de lá. No fundo, eu também não queria ver Carla nunca mais. Queria fugir daquele lugar. Daquela cidade, daquele estado, daquele país, do mundo, do universo.

De tarde, fui no cabeleireiro retocar minha raiz. Eu adorava o Adriano, do salão. Talvez fosse o único homem no mundo que eu gostasse. Ele era um viadão. E era quente pra caralho. Devia ter uns quarenta anos. Meu, eu pegaria ele. Na hora. Se ele curtisse gurias...

Por que todos não curtiam homens e mulheres? Não seria melhor que todos parassem com essa frescura e fossem bis? E que todos se pegassem num sexo grupal, num delicioso surubão. Talvez fosse meu mundo perfeito.

Ficar ou namorar? Com um homem ou com uma mulher? Ter amigos homens ou mulheres? Pensar naquilo tudo me deixava pirada. Eu preferia não pensar e continuar fazendo as coisas como sempre fiz: ficar apenas com homens, não ter amigo algum, mas conversar só com mulheres.

MAL

Eu me via como uma Deusa. Meus parceiros sexuais me veneravam. Eu os dominava. Minhas “amigas” me tratavam como rainha. Eu as mantinha na coleira, domadas, como minhas cadelinhas.

Cachorros e cadelas. Era tudo o que eu tinha. Cachorros para foder e cadelas para espancar, e para que mijassem em outras cadelas.

Ou será que a maior cadela de todas era eu?

– Amei esse corte e essa cor, Adril – falei, com a voz mais fresca que consegui – Ficou um arraso!

Eu estava mais linda do que nunca. Quando me fitei no espelho, mordi os lábios e desejei comer a mim mesma. Eu adoraria que isso fosse possível, pois eu era certamente a pessoa mais gostosa do universo.

Se eu visse a mim mesma de fora, eu provavelmente iria me admirar, me apaixonar, sentir tesão por mim. Porém, eu estava do lado de dentro e não seria capaz de me duplicar.

Embora eu estivesse mais bela do que jamais estive, nunca me senti mais vazia. Também mandei fazer uma maquiagem no salão, para meu aniversário.

Quando voltei para meu dormitório, coloquei um vestido longo, que eu havia comprado especialmente para essa ocasião. Equilibrei-me no meu salto alto, coloquei os brincos e o colar. Pena que Marcelina não estava lá para elogiar minha beleza. Mas eu não me importava com ela tampouco.

Em breve minhas duas escravas chegariam. Eu havia comprado uma torta, embora estivesse de dieta. Mas uma fatia só não faria mal, porque era meu aniversário e eu havia pulado o café da tarde.

Comprei uma garrafa de vinho também. Era irônico que eu só tivesse aquelas duas para convidar. Eu tinha outras admiradoras no curso de moda, mas a maioria só me amava de longe. Elas não tinham coragem de conversar comigo: a guria alta, poderosa e elegante que sempre arrasava no visual e falava coisas legais nas aulas. Eu era suprema demais para qualquer uma delas.

Sete horas. Elas estavam atrasadas. Eu iria me lembrar de xingá-las por isso. E puni-las.

Às oito horas, alguém bateu na porta do meu quarto. Levantei-me, ansiosa, e abri. Fiquei desapontada quando vi quem era.

– O que tá fazendo aqui, Marcos?

Wanju Duli

Era meu colega do curso de moda. Um dos poucos galos que se aventuraram naquele galinheiro.

– Tu me chamou na semana passada, lembra? Pra trepar com Elaine.

– Hã? Ah, sim...

Eu tinha pagado um pastel para Marcos. Em troca, ele iria tirar o cabaço de Elaine. Era uma surpresa que preparei para ela no meu aniversário. Ela com certeza ia adorar.

O meu plano era deixar Marcos e Elaine sozinhos no quarto depois de um tempo. Eu sairia com Carla e, se desse sorte, ia conseguir dar uns amassos nela lá fora.

Enquanto as duas não chegavam, dei uma revista para Marcos e fiquei vendo pornografia no computador.

– O que é isso, é uma pica? – Marcos riu quando percebeu o que eu estava vendo.

– Uma autêntica pica dura! – confirmei, com um sorriso – Falando assim parece que nunca viu uma.

Marcos se vestia bem, diferente da maioria dos guris que eu conhecia, que estavam se fodendo pra aparência. Eu espiei um pouco o corpo dele, mas como ele sorriu satisfeito quando notou meu olhar, eu parei de fazer isso para que ele não ficasse mais convencido do que já era.

Aliás, eu chamei Marcos exatamente por isso: eu sabia que ele topava pegar qualquer guria, contanto que tivesse uma buceta. Era que nem eu: eu pegava qualquer cara, contanto que tivesse um pau. Curiosamente, nunca tínhamos nos pegado. Por nenhum motivo especial, mas principalmente porque eu andava evitando as festas da moda, já que eu sabia que eram cheias de mulher.

Acabei conversando um pouco com ele sobre sexo enquanto as meninas não chegavam. Fiquei sabendo que ele já tinha participado de umas orgias, embora nunca tivesse comido um cara literalmente. Apenas presenciou caras perto enquanto ele comia umas vadias.

Ele me mostrou uns vídeos muito bons na internet. Assistimos vários deles. Comentávamos nossas partes preferidas.

– Aquela puta tem uma buceta toda esquisita – comentei – aposto que cabem três paus lá dentro, de tão arregaçada.

Ele ria dos meus comentários. Eu xingava quase todas as putinhas que apareciam nos vídeos, encontrando defeito em tudo. Em pouco

MAL

tempo, Marcos estava chorando de rir. Ele quase se engasgou. Acabei rindo junto.

– Ah, mas aquela ali é gostosa, meu – apontei – até eu pegava essa moreninha. Olha só aqueles mamilos duros! Eu mamaria neles.

Dez da noite. Nada de Carla e Elaine. Será que elas tinham se esquecido da minha festa de aniversário? Liguei para elas, mas o celular de Elaine estava descarregado, para variar, e o de Carla chamou e ninguém atendeu.

– Relaxa – disse Marcos, abrindo a garrafa de vinho – daqui a pouco tuas amigas chegam.

Minhas amigas.

Marcos me conhecia bem. Não haveria o que esconder. Embora eu raramente conversasse com ele diretamente, ele estava totalmente a par de todos os meus escândalos e da minha especialização em humilhar putas.

– Tu não te importa com ninguém mesmo, não é? – ele perguntou – Nem vai ligar se tuas amigas vierem ou não.

Eu não respondi. Se aquilo fosse um jogo, eu não iria cair nele. Marcos iria contar tudo para Carla e Elaine depois, pois ele era quase tão fofoqueiro quanto eu. Mas talvez eu não me importasse se ele contasse. Seria uma forma de transmitir a elas a mensagem, para que elas se afastassem de mim de uma vez por todas. Nem mesmo uma pessoa como eu tinha coragem de mandá-las embora na cara dura.

– Sabe... eu era como tu quando vim pra essa universidade. Só queria saber de foder putas toda noite e de sair por aí com meus manos, pra avacalhar. Acabamos pegando as minas uns dos outros e zoamos tudo.

– Que merda, meu – falei – por isso não arranjo namorado, pra não zoar ele, saca?

– Eu tava entediado dessa vida. Dos manos, das minas, da uni. Só fodia e enchia a cara.

Marcos tinha 25. Tinha começado no jornalismo, fez uns dois anos e largou. Depois passou pra moda e estava quase tão atrasado no curso quanto eu.

– Eu tava pensando em largar o curso.

– Também tô pensando – confessei.

Wanju Duli

Tínhamos tantas coisas assim em comum? E eu achando que era chato pra cacete conversar com homens. Aquela era a conversa mais longa que eu tive com um cara nos últimos anos. Quando eu trepava com um maluco aleatório às vezes nem perguntava o nome.

– Mas não tô mais – acrescentou ele – porque agora minha vida universitária tem uma meta.

– Tu achou o objetivo supremo da existência? – zombei – Tipo Deus e essas merdas? Ou achou o Diabo?

– Eu achei a mim mesmo.

Eu gargalhei. Eu e ele já tínhamos bebido um pouco de vinho. Tava demorando pros assuntos imbecis começarem.

– Pensei que tinha achado tua cadela. E que iria deixá-la prenha. Perpetuar a espécie, saca?

– Sim, eu tô ligado nessas paradas. Mas não quero foder minha vida com isso. Pelo menos não agora. Daqui uns dez anos eu talvez me torne um bosta comportado. Por enquanto quero curtir.

– E como foi que tu achou a ti mesmo? – perguntei, curiosa – Finalmente achou o clitóris? Eu mesma demorei um tempinho para achar o meu, então não te culpo.

– Eu conheci umas minas e uns manos loucos.

– Bons de cama?

Marcos riu.

– Cala a boca e me escuta, caralho.

– Porra, então fala logo, viadinho – falei.

– Eles tão ligados numas doideiras profundas.

– Eu tenho uma doideira profunda aqui no meio das pernas.

Marcos jogou seu vinho em mim. Joguei meu vinho nele e segurei a garrafa. Puxei o jeans dele e joguei o conteúdo da garrafa dentro da cueca.

– E agora, como vou foder tua amiga se pareço ter mijado nas calças? Se tua amiga não aparecer, não vou devolver a grana do pastel.

Eu fiz uma careta para ele. Era um imbecil mesmo.

– Se não quer me foder, para de falar de doideiras profundas, pois assim fico excitada. Quem são esses malucos que tu conheceu?

– É segredo. Mas se tu vier aqui eu te conto.

MAL

Eu sorri. Aproximei-me dele. Pensei que ele fosse me beijar, mas ele sussurrou no meu ouvido:

– Eles são magos.

– Eles vieram de outro mundo? – perguntei, divertindo-me com a brincadeira. Poderia ser um jogo erótico e uma chance de comer Marcos. Algum tipo de fantasia?

– Sim, eles estão sempre em outros mundos. A mente deles viaja para outras dimensões o tempo todo. O corpo parece estar aqui, mas é só impressão.

Uau! Ele já tinha bebido tanto assim pra falar aquele monte de asneira? Seria ainda mais fácil fodê-lo.

– Eu gosto do corpo aqui – passei a mão no pau dele, por cima do jeans – não tenho o menor interesse em saber onde está a mente. Eu só preciso do corpo.

– E quando se morre, Gabriela? Para onde irá esse corpo gostoso e esse vestido sensual?

– Pro inferno – respondi, abrindo o zíper da calça dele – assim como minha alma, para lavar-se de todos os meus pecados.

Ele passou a mão pelo meu peito, por cima do vestido.

– É uma pena. Essa carne e essa roupa me tentam como o capeta. Mas no momento eu quero... isso.

Ele tocou na minha cabeça e fez carinho. Eu me senti um cachorrinho. Ri pelo nariz. Por que aquele idiota estava tão sentimental na hora da trepada?

Não, ele não estava sentimental e sim racional. Não importava. Ele estava estragando tudo!

– Existe uma sociedade universitária – revelou Marcos – é uma Ordem de magia. Eles estão atrás dos melhores.

– Putz.

Saí de cima dele. Dei-me conta do que ele queria. Sentei na cadeira de novo e cruzei as pernas.

– OK, tu quer conversar sobre merda, então vamos falar – decidi – eu não tenho nenhum interesse em participar de grupos universitários. Eu já tô puta com os estudantes do centro acadêmico, e com outros palhaços que fundaram uns grupos aleatórios inúteis, para me importar o suficiente.

Wanju Duli

– De quais grupos tu já participou?
– Uma sociedade de churrasco. E uma de cerveja.
– Só sociedades de comida? – ele riu.
– Qual é, são as melhores! Se for para falar merda, que seja comendo.
– Tu tem um bom ponto. Mas essa outra sociedade que eu tô falando segue um caminho diferente.

– Eu não quero fazer parte de nenhum grupo espiritual – deixei claro – eu tô me fodendo pra essas merdas. Quando eu morrer, vou estar morta. Prefiro falar sobre a vida e as coisas boas que ela tem.

– Mas às vezes tu não te sente vazia e entediada?

Dei de ombros.

– Todo mundo se sente. É normal. Pode ser falta de namorado, de amigo, de ter uma ocupação.

– Ou diversão – completou Marcos – tu já ouviu falar de magia?

Eu revirei os olhos.

– É um negócio de fantasia – respondi – de jogos, de filmes. Não existem pessoas com poderes especiais.

– E se existissem? O que tu faria? Se sentiria tentada a obter esses poderes?

Eu estreitei os olhos e fitei-o firmemente. Era isso que dava conversar com meninos. Viviam achando que a vida era um jogo e que eles eram os heróis que salvariam o mundo...

– Tu realmente acredita que essas coisas existam de verdade, ou tá só me zoando?

– Eu vi. Eu senti.

– E tá me contando por quê? Pra me pregar uma peça? Eu sou macaco velho nessas coisas, cara. Conheço todos os truques, pois eu os prego.

– Eu não seria louco de pregar um truque em ti! – defendeu-se Marcos, elevando as mãos – Disso me abstenho. Não desejo a vingança e o ódio de alguém tão perigoso.

Ele parecia estar zombando de mim.

– Até tu tem medo de mim, meu? – perguntei – É sério mesmo?

– Só idiotas não têm medo de ti. Eu falo sério. Mexer contigo é como puxar briga com uma leoa.

MAL

Eu já estava cansada de pessoas puxando meu saco. Pensei que Marcos poderia se tornar um amigo ou um ficante, e não mais um maldito puxa-saco para a coleção.

– Existem pessoas interessadas em ti – prosseguiu Marcos – pela tua ousadia, pela tua coragem e cara de pau.

– Eu sei, elas estão por toda parte. Só dou atenção para as que merecem.

– Sinto-me lisonjeado por ter um minuto de tua atenção.

Dessa vez era zombaria. Desviei o olhar.

– Se não quer foder, some daqui.

– Não vou implorar pela tua atenção – disse Marcos – também tenho meu orgulho. E eu conheço um grupo que reúne as criaturas mais orgulhosas que já conheci.

– Não daria certo – concluí – seria uma disputa de egos.

– A competição pode estimular a busca da excelência. Mas quando isso falha, pode-se tentar de outra maneira. Até que as engrenagens começam a girar.

– Quem são essas pessoas?

– Ocultistas.

Eu franzi a testa.

– Trouxas que falam sobre o poder das estrelas ou merdas do tipo? Isso é para babacas. Tu acredita nessas porras? É tudo falso.

Marcos tinha encontrado astrólogos que se achavam poderosos magos e ficou impressionado. Decidi que iria mostrar a ele que todas aquelas pessoas só queriam enganá-lo. Eu iria desmascará-los, pois eu sempre desmascaro e humilho todos que encontro. Depois disso, eles iam parar de posar de fodões e donos do universo.

– Eles pensam que sabem segredos escondidos? – desafiei-o – Pois não existe nada escondido! Até o interior de uma buceta pode ser revelado quando uma mulher abre as pernas.

– Não faço parte desse grupo – disse Marcos – mas estou tentando entrar. Estou sendo treinado nesse momento.

– Parabéns – zombei – eu não quero me envolver em nenhum grupo universitário ridículo, pois tô ocupada.

– Com o quê?

– Não é da tua conta.

Wanju Duli

Tudo mentira. Eu não estava ocupada merda nenhuma. Mas também não tinha interesse em participar de um negócio daqueles.

– Eu tenho um mestre, que tá me treinando – explicou Marcos – não conheço nenhum outro membro, a não ser ele. Eles mantêm a identidade em segredo. Só depois que tu entra pode conhecer o resto do pessoal.

– Eles só tão fazendo cena com esse mistério – esclareci – quem é o teu mestre? Ele tá em que curso?

– Desculpa, mas não posso revelar essas informações.

– Foda-se, eu nem queria saber mesmo!

Cruzei os braços. Eu estava ligeiramente aborrecida. Aquele grupo com certeza era uma besteira. Os membros se escondiam apenas para impressionar os novatos. Devia ser bem chato lá. Eu disse isso tudo para Marcos.

– Como pode saber se é chato? – ele me desafiou – Tu não faz parte, e não sabe nada sobre eles além do que te contei. Eu não tenho autorização para contar certas coisas. Mas se quiser, depois que eu entrar posso te convidar. Só é possível entrar se alguém de dentro te convida.

– Não me diga que é uma dessas fraternidades que ensinam princípios éticos do cacete? Odeio essas regrinhas. Não quero ninguém impondo como devo agir.

– Não é.

– Eu realmente não tô interessada. Por que pensou que eu estaria?

– Eu já disse – falou Marcos – meu mestre comentou que há pessoas na Ordem que souberam ao teu respeito. Eles tão interessados.

– Se estão interessados em mim, que venham me procurar. Eu não vou atrás deles!

Eu iria teimar até o final. Eu não me curvava diante de ninguém, nem mesmo no sexo. Não ia admitir que um palhaço aleatório me treinasse e que eu tivesse que chamá-lo de mestre.

Marcos levantou-se.

– Tu que sabe. Eu apenas te informei da existência desse grupo. Pode ser que tu não tenha outra oportunidade de entrar no futuro. As vagas são limitadas e nem sempre estão abertas. Muito menos para qualquer um.

MAL

– Eles são arrogantes. Quem eles pensam que são para julgar se uma pessoa é especial? Eu sempre me achei especial, mesmo que eu não vá bem nos estudos e não tenha nenhuma habilidade específica. Eu sou importante para mim mesma. As pessoas acabam se aproximando de mim, e de repente sou tudo, mesmo sem ser nada.

– Foi exatamente isso que impressionou o pessoal – disse Marcos – a tua personalidade. Pessoas interessantes desejam se aproximar de outras pessoas interessantes. E o que era uma guerra de egos se transforma numa associação de poder, com membros fortes, ousados e unidos. Irmãos que lutam pelo outro na vida ou na morte.

Lá estava Marcos de novo, pensando que estava dentro de um jogo. Essa mania que os guris têm de transformar tudo numa batalha épica de vida ou morte...

Para mim a vida era um concurso de beleza. Barbaridade!

– Bueno, isso não me atrai – insisti – pode brincar de cavaleiro medieval, se quiser. Esses grupos de magia, espiritualidade, ou o raio que parta, geralmente são construídos num formato para atrair membros do sexo masculino. Meninas se interessam por outras coisas.

– E se eu te disser que há magia sexual nessa sociedade?

– Opa, sexo? – eu despertei – Onde eu assino?

– Há mulheres no grupo também. Por que está sendo tão teimosa? Tu apenas não quer ter um mestre, não é? E se for uma mestra?

– Não me importa o sexo, eu sou dona do meu nariz.

– Certo – Marcos abriu a porta – vou achar outra pessoa pra te substituir.

Ele ia sair do meu dormitório. Eu devia deixá-lo ir?

– Espera – chamei-o – se a gente trepar, eu entro pra esse grupo.

Marcos levantou uma sobrancelha.

– Tu quer tanto assim me comer? – ele perguntou – Isso não é brincadeira, sabia?

– E tu que aceitou comer a Elaine por um pastel!

– E onde ela tá agora, posso saber? Eu já disse que não vou devolver tua grana.

– Pera.

Peguei meu celular e liguei para Elaine. Marcos fechou a porta e sentou-se outra vez.

Wanju Duli

Não consegui ligar para elas. Que merda! Eram mais de onze horas. Baixei os olhos.

– Olha, Gabriela – começou Marcos – eu te convidei para o grupo, mas se não quer, não posso fazer nada. Eu não faço tanta questão que tu entre. Se for para encher o saco, melhor não entrar mesmo.

– Sim, eu só encho o saco de todo mundo! – exclamei – Só critico e vejo defeitos.

– Também acho. Por isso ninguém veio nessa tua festa. E se não fosse por mim, estaria aqui sozinha comemorando.

Não ia demorar muito para que eu ficasse completamente sozinha. Era só questão de tempo. Marcos estava me convidando pra uma porra que eu não tinha o menor interesse em ir. Talvez eu devesse aceitar, apenas para tentar algo novo, numa vida que permanecia na mesmice.

– Tchau.

Ele levantou-se outra vez.

– Tá indo embora de novo? Para de fazer cena e senta aí pra eu te comer.

– Só quer saber de sexo, puta. Eu te chamo pra uma parada séria e tu só faz piada. Tomar no cu!

– Como se tu fosse muito diferente de mim, palhaço.

Ele bateu a porta ao sair. Dei o dedo. Eu esperava que ele tivesse visto.

Senti-me tentada a deitar na minha cama e dormir. Eu não tinha dormido praticamente nada na noite anterior. Mas aquele era meu aniversário. Eu não podia permitir que um ou dois idiotas estragassem tudo.

Já era mais de meia-noite. Fui dar um passeio pelo campus. Quem sabe eu visse alguma festa rolando.

Eu estava tão linda naquele vestido longo e vermelho que seria um desperdício apenas tirar a maquiagem e ir dormir. Mesmo caindo de sono e meio bêbada, fui vagar por aí. Gastei tanto para ficar bonita. Não tinha mesmo nenhum cara a fim de me comer?

Não, não tinha. Eu precisava aceitar isso.

Sentei-me num banco. Apreciei a noite. Esparramei-me no banco e coloquei a cabeça para trás. Acho que cochilei.

MAL

Fome, sono, cansaço... não era assim que eu havia imaginado minha festa de aniversário. Ao mesmo tempo, eu me sentia mais viva que nunca.

Fitei as estrelas. Talvez tivesse mesmo um sentido naquilo tudo. Ou se a vida fosse apenas um caos completo, fazia diferença?

Uma pessoa sentou ao meu lado no banco. Levei um susto. Pensei que pudesse ser Carla ou Elaine. Ou pior: Melissa. Mas era um cara.

– Marcos?

Estava meio escuro. Olhei pro lado. O sujeito estava com um manto negro. Encapuzado. Eu não conseguia ver o rosto dele.

– Marcos, para de brincar – comentei, cansada daquilo – tu não vai me assustar.

– Eu não sou o Marcos. Você não me conhece.

Eu fiquei quieta. Ele era de outro estado. Bastou ele falar duas frases, usando “você”, que eu já confirmei isso. Nenhum gaúcho usava “você” e quando alguém dizia aquilo me soava estranho pra cacete.

– É o mestre do Marcos então – concluí.

– Não vou dizer quem sou e no momento isso não importa. Quero falar com você.

“E se eu não quiser falar contigo?” pensei. Ele se encontrava comigo à noite, no escuro e escondia o rosto. Se tivesse coragem, me fitava frente a frente.

Mas se eu insistisse em perguntar a identidade dele e exigisse que mostrasse o rosto, isso só lhe daria mais satisfação. Estava óbvio que o jogo dele era ser misterioso. Eu iria fingir que não estava curiosa, para desapontá-lo.

– Não falo com homens. Chama uma mulher aqui e continuaremos o papo em seguida.

Ele não respondeu de imediato. Eu o encurrei.

Eu só disse aquilo para encher o saco. Afinal, eu não havia conversado com Marcos por horas? Eu queria ver o que o sujeito ia responder. Será que ele acharia minha exigência infantil?

– Seu nome é Gabriela, certo? Eu não escolhi nascer homem e você não escolheu nascer mulher. Por que acha que uso esse capuz? Para que não me julgue. Pessoas estão sempre julgando umas às outras. Se eu lhe disser meu nome, onde nasci, se mostrar meu rosto, você possuirá opinião formada a respeito de todas essas coisas. Irá me achar melhor ou

pior. Em nossa sociedade secreta, somos cuidadosos. Não desejamos trazer ignorantes e preconceituosos para cá.

Essa resposta me deixou sem fala. Eu não podia aceitar.

– Tu também tá me julgando ao achar que sou ignorante ou preconceituosa apenas porque pedi a presença de uma mulher. Talvez eu tenha minhas razões.

– Eu imagino que você tenha. As pessoas estão cheias de razões. Pensam mais com o cérebro antes de sentir com o coração. Eu sinto que, apesar de você ser assim tão orgulhosa e rude quanto faz parecer, é uma pessoa extraordinária. Me corrija se eu estiver errado.

Ele queria me comprar com elogios. Não ia funcionar.

– Muitos já tentaram atrair minha atenção me elogiando – revelei – tentaram se aproximar me bajulando. E todos eles falharam. Não possuo uma única pessoa que posso chamar de amigo.

– Ainda assim, ofereço minha amizade – propôs o desconhecido – considero-me à altura para o desafio. A questão é: você se considera à altura para ter minha amizade? Também sou altamente seletivo.

Mentiroso. Ele só estava tentando fingir ser semelhante a mim, assim como Marcos. Pois eu fazia questão de mostrar-lhe o quanto éramos diferentes.

– Não tenho amigos homens. Apenas transo com eles. Quer trepar comigo? Tu tem um pau aí embaixo dessa capa, certo?

Eu me segurei para não rir quando perguntei isso. O sujeito falava em tom formal, se fazendo de sério e importante. Eu apenas queria quebrar aquele clima ridículo de sociedade secreta, fazendo perguntas cretinas. Assim eu poderia testar a inteligência dele. Se eu o irritasse, eu daria pulinhos. Faltar com o respeito era o caminho. Eu sabia como as pessoas funcionavam. Eram sempre óbvias.

– O seu senso de humor é admirável e eu o compartilharia, se o tema de hoje não fosse outro.

– Não foi uma piada. Eu falo sério.

Tentei tocar nele. Eu pretendia tocar no lugar que provavelmente ficava o pau, mas o sujeito levantou-se. Ah, como eu era aterrorizante! Será que ele havia se aborrecido dessa vez? Ele ia notar como eu era perigosa e ia pedir reforços para os outros “magos”.

MAL

– Gabriela, você está escondendo a sua falta de inteligência através desses seus atos impulsivos? Eu irei compreender se assim for.

Aquilo foi um desafio. O filho da puta me chamou de burra.

– Então é esse o teu jogo. Me pergunta o que quiser. Prometo que não tentarei encostar em ti ou ver teu rosto.

Ele sentou-se outra vez. Eu não me senti mais com o controle da situação.

– Quer ser minha amiga?

– Não sei – respondi – o que eu ganho com isso?

– Dias e noites menos solitários. As pessoas se aproximam umas das outras por isso. É insuportável estar só, mesmo que você seja a pessoa mais extraordinária do mundo.

– Hoje foi meu aniversário – confessei – talvez o pior que já tive.

– Porque você está sozinha.

Eu não queria confessar que era por isso. Eu me virava muito bem sozinha. Mas não em todos os dias da minha vida. Só de pensar nisso, senti uma agonia.

– Você se considera poderosa agindo desse jeito. Falando de sexo e insultando os outros, como se não se importasse. Mas há sangue correndo em suas veias, como em todos nós. E todos sabemos do que o ser humano precisa.

– Amor? Eu duvido. As pessoas são parecidas apenas em algumas coisas. Nunca completamente.

– Correto. Então você pretende ser uma eremita?

– Não, eu curto ter pessoas ao redor, para que eu as mande fazer coisas para mim.

– E onde estão essas pessoas agora? Para onde elas foram?

Quem estava ficando irritada era eu. Ele queria jogar na minha cara que eu era uma perdedora, apesar de eu agir como se fosse a melhor de todas.

Não precisava ser um psicólogo para saber que eu agia assim por medo de ser machucada. É claro que eu tinha medo de me aprofundar em amizades ou relacionamentos pelo temor de me desapontar. De confiar em alguém demais, de amar demais, e essa confiança ser quebrada. Isso seria imensamente doloroso.

Wanju Duli

– Todas essas coisas que tu diz são tão óbvias – retruquei – eu sei que preciso de amigos, de amor, de todas essas merdas.

– E por que mesmo assim você foge?

– Porque eu sou orgulhosa, covarde, fraca. É isso que tu quer ouvir de mim, palhaço? E sabe o que mais? Perdi a vontade de trepar contigo. Mesmo que me implorasse, eu não aceitaria.

Eu me sentia uma criança falando essas coisas. Eu queria que todos vivessem aos meus pés. Por mais absurdo que fosse, algumas pessoas realmente me davam o que eu queria. Mas eu nunca ficava satisfeita. Nem mesmo aquilo me fazia feliz. Porque não era daquilo que eu precisava.

– Eu não sou a mais esperta, a mais bonita, a mais poderosa – confessei – eu apenas finjo ser tudo isso. Mas depois de tanto fingimento, eu me tornei tão foda que atraí até a atenção de vocês, mascarados ridículos, que se acham tão sábios.

– Você está enganada. Nós não nos consideramos sábios. Somos apenas amigos com interesses em comum, como em qualquer outra sociedade.

– Então por que as capas? Por que todo esse teatro?

Comecei a ficar intrigada. Por que tinha um imbecil de capa conversando comigo de madrugada, num banco da universidade? Ele era um aluno mesmo?

De repente, eu fiquei com medo. E se ele fosse um cara perigoso, que estivesse escondendo a identidade porque era um criminoso ou algo assim? Mas por que ele estaria caminhando normalmente pelo campus? Isso fazia menos sentido ainda.

– Por que está com esse vestido longo, Gabriela?

– Porque é meu aniversário e quero estar linda, é claro!

– As pessoas escolhem suas vestimentas pelos mais variados motivos. Nós da sociedade usamos esses mantos negros, ou outros tipos de roupas dependendo da ocasião. Essa capa negra é boa para se camuflar à noite e para ocultar o rosto. Nós a usamos para conversar com candidatos a membros. Mas quando realizamos rituais em espaço reservado, as roupas podem ser outras.

MAL

– Vocês me consideraram interessante porque tenho coragem de bater em pessoas, de humilhá-las, de gritar idiotices em público e porque tenho o poder de mandar nos outros?

– Não. Nós apenas desejamos ajudá-la. Concluímos que só irá fazer amizades se encontrar outras pessoas à sua altura. Mas o seu critério é estranho e duvidoso. Por isso, queremos arrancá-lo de você.

– O quê? Como assim?

– Você só será autorizada a ser membro quando aprender a enxergar os outros seres humanos no mesmo nível que você. Quando parar de dividi-los em superiores e inferiores. Pois você não é melhor que ninguém. Ninguém é melhor ou pior. Lembre-se disso.

– Tu é apenas um canalha moralista. Não tenho interesse em tuas regras. Não pensa que possui a verdade.

– Não possuímos verdade alguma. Mas se eu fui capaz de fazer amigos e você não, significa que sei algo que você não sabe. É esse algo que quero te ensinar.

– Tu não é melhor que eu por ter amigos – retruquei.

– Você está, novamente, tentando classificar as pessoas como melhores ou piores. Todos apenas querem ser felizes. Se você corre da felicidade o tempo todo e foge dela, não posso fazer nada.

Eu não tinha nada a perder entrando naquele grupo. E se eu fosse rude demais, eles poderiam desistir de mim. Eu não queria chegar ao ponto de ter que correr atrás deles. Eu já tinha sido convidada. Não era suficiente?

– Tu parece ser um cara legal – concluí – mas eu não queria ser treinada por ti. Eu queria ser treinada por uma mulher. Há membros mulheres na tua Ordem, não é mesmo?

– Sim.

– Uma delas pode aplicar meu teste?

– Por que, Gabriela? Fui eu a pessoa que requisitei sua entrada. Alguns membros foram contra. Você quer ser treinada por um desses?

– Todas as mulheres foram contra? Então elas estão com inveja de mim, porque sou bonita. Que piranhas!

– Nem todas foram contra sua entrada. Não tire conclusões precipitadas. Alguns homens foram a favor, outros contra. O mesmo em relação às mulheres. Você precisa aprender a não olhar para o mundo

achando que tudo se divide em questões de gênero. Eu vou treiná-la nisso também. Cada pessoa precisa de um treinamento único, porque cada um tem questões diferentes perturbando a mente, e impedindo-as de desfrutar uma vida normal e saudável.

– Ninguém é normal. Por que eu preciso ser colocada numa caixinha e agir como todos os outros?

– Ninguém quer fazer isso com você. Nós apenas queremos te ajudar a aproveitar as suas potencialidades únicas, retirando algumas barreiras que podem estar te aprisionando.

– Não quero amigos psicólogos.

Aquela sociedade era estranha. Eu já tinha ouvido falar de ocultistas, mas não sabia que eles eram assim tão chatos.

Ainda assim, eu me sentia atraída. Aquele cara não era burro. Eu estava um pouco curiosa para saber quem eram as outras pessoas que andavam com ele. Eu provavelmente escutaria outras coisas interessantes.

Marcos ainda não era um membro oficial. Ele era chato pra cacete, assim como eu. Talvez a sociedade deles selecionasse os lobos para transformá-los em ovelhinhas comportadas. Se fosse assim, eu iria resistir.

Ou será que eles reuniam todos os lobos? Mesmo solitários, poderiam formar uma alcateia. Uma parte de mim curtia essa ideia.

– A escolha é sua.

Ele ia desistir assim tão fácil? Queria que ele implorasse um pouco mais para eu entrar...

Eu precisava acordar. Se eu falasse algo estúpido ou fizesse outra brincadeira imbecil, o cara podia apenas desistir de mim e sair. Ele não parecia ser do tipo que se ofendia facilmente, mas era melhor não arriscar.

Se ele me deixasse de lado, eu ainda podia entrar para a sociedade do churrasco... mas depois de ouvir tudo aquilo, eu não queria mais.

– Qual o nome do grupo de vocês? – perguntei.

– Você saberá em breve.

– E vocês fazem magias? Pode me mostrar uma?

– Nós trabalhamos com técnicas admiráveis, que alguns chamam de magia. Há outros nomes. Essa conversa que tivemos tinha vários toques de magia escondidos, extremamente sutis.

MAL

- Então vocês acham mesmo que são magos, hã?
- Nós não achamos. Há vários livros sobre isso. Você devia ler alguns deles para tentar entender.
- Odeio ler. É melhor não me mandar ler nada. Eu não vou precisar te chamar de mestre, certo?
- Não.
- Mas tu vai ser meu mestre?
- Sim. Um instrutor ou professor, como queira.
- Isso significa que tu ostenta uma posição superior a mim – concluí, sem gostar disso.
- Os professores do seu curso também – respondeu ele – isso não significa que eles são melhores que você como pessoa. É apenas uma hierarquia com propósitos de organização. E nada mais.
- Mas a palavra “mestre” é muito forte.
- Os oculistas gostam dela, assim como gostam de capas e você de vestidos. Coisas fortes nos agradam.
- Tu parece estar muito interessado no meu vestido – observei – talvez tu tenha te interessado em mim para membro porque quer me comer. Se for isso, não seja tímido. Eu aceito. Não precisa se dar todo esse trabalho de me treinar, se quer apenas meu corpo.
- O sujeito era todo certinho e formal, por isso eu me divertia falando aquelas coisas. Às vezes ele demorava para responder. Sorte dele que estava de capuz, mas eu adoraria ver a expressão dele nesses momentos.
- Eu costumo ser uma pessoa direta. Nesse instante, estou interessado em treiná-la. Não é por ser seu instrutor que exijo mais respeito que o normal, mas a sua noção de respeito é altamente duvidosa.
- Amigos podem ter intimidade. Vou falar um monte de palavrões na tua frente.
- Não me incomodo. Apenas quero confirmar com você: ainda exige ser treinada por uma moça? Se esse for realmente seu desejo, posso providenciar.
- Mudou de ideia?
- Apenas porque sou um homem e você uma mulher, não significa que tenho sentimentos ou desejos por você – explicou ele – peço que não confunda as coisas. Talvez, no seu caso, uma instrutora mulher lhe ajude a enxergar com mais clareza esse fato evidente. Por outro lado,

Wanju Duli

exatamente por você ter essa obsessão com questões de gêneros, ao conversar comigo você poderá aprender que o mundo não é apenas preto e branco, mas um mar de cores.

Ele tinha razão. Eu não convivia muito com homens. Na minha cabeça, quando um guri via uma guria queria comê-la; e vice-versa. Mas eu sabia que não era bem assim. Afinal, eu não desejei comer Carla uma vez? E apesar de eu ter desejado Marcos naquela noite, ele tinha me dito tantas coisas irritantes que perdi o tesão por ele em diversos momentos.

– OK, eu concordo em ser treinada por ti – decidi – por quanto tempo tu vai me treinar até que eu tenha autorização de entrar para a sociedade?

– O tempo que cada um leva para entrar é diferente.

– Tu é o mestre do Marcos?

– Já disse que não posso responder essa pergunta.

– Por que não? Marcos vai saber informar, se eu perguntar. Nós vamos descobrir.

– No momento em que vocês aceitam ser treinados, precisarão seguir nossas regras. Como membros oficiais terão mais liberdade. Por enquanto, não poderão informar o conteúdo da conversa de seus respectivos instrutores.

– Que seja – falei.

– Isso é tudo por hoje. Obrigado, Gabriela, por sua cooperação.

– Disponha. Quando conversaremos novamente?

– Amanhã nesse mesmo horário e local?

– Pode ser às onze? – perguntei – Não posso dormir muito tarde.

Combinamos isso. Ele levantou-se e foi embora. Eu, ainda sentada no banco, acompanhei-o com os olhos.

Para estar àquela hora no campus, era mais provável que ele também morasse na Casa do Estudante. Mas eu estava com muito sono para pensar nisso. Também não me animei em segui-lo. Eu só queria dormir.

Quando voltei para o dormitório, apenas tirei a maquiagem e o vestido. Apaguei rapidinho.

Acordei de brinco e colar. Atrasada outra vez. Eu não podia perder mais essa aula.

Coloquei a primeira roupa que encontrei. Jeans, sandálias, camiseta. Nem deu tempo de fazer a chapinha matinal. Saí toda descabelada e tropeçando. Essa imagem não ficava bem para a maravilhosa Gabriela.

Cheguei um pouco atrasada, mas a professora não foi tão vaca a ponto de me impedir de entrar na sala. Essa outra professora era mais legal.

Assim que me sentei, risquei uma folha do meu caderno e passei para Carla e Elaine. Eu dizia na folha: “Por que não foram para minha festa, putas?”

Cada uma deu uma desculpa diferente. Elaine disse que ficou até tarde procurando a roupa perfeita, não encontrou e teve medo de ir para minha festa com roupa feia, por medo de ser xingada. Já a resposta de Carla foi ainda mais surpreendente.

– Um guri me pediu em namoro. Eu aceitei!

Eu fiquei branca de susto. E depois vermelha de raiva.

– Que guri? Que merda é essa?

– O nome dele é Lucas. É da minha idade. Ele está cursando sociologia.

– Que ele se foda! Não me diga que faltou na minha festa só pra trepar com esse infeliz?

– Bem, as coisas foram ficando mais quentes, e aconteceu. Desculpa, Gabriela.

Aquilo não tinha perdão. Eu não queria que minhas duas seguidoras arransassem namorado. Era uma tragédia! Carla começaria a dar mais atenção pra esse putado do que pra mim! Aquilo era impensável. E ela já tinha me trocado por ele no dia do meu aniversário.

– Quer conhecê-lo?

– Até parece – respondi.

Marcos também estava interessado em saber porque as duas não tinham ido pra minha festa. Naquele dia ele tinha arrepiado os cabelos com gel e por alguma razão aquilo me irritou.

– Elas não foram porque são vadias – respondi para ele no final da aula – Elaine não teve capacidade mental de escolher um vestido e Carla foi trepar com um cuzão que ela está chamando de namorado. E tu é um putão, por ter recusado meu corpo depois de eu me arrumar tanto. Agora eu nem te quero mais, ouviu?

– Foi mal, eu tinha enchido a cara e fiquei meio enjoado.

– Tu bebeu meia garrafa de vinho e já ficou bêbado, cacete? Essa desculpa não cola. Só ficou falando merda sobre a porra da sociedade.

– Ah, aquilo.

Ele ficou quieto. Eu também. E aí? A gente podia falar alguma coisa a respeito? Será que ele sabia sobre meu encontro com o encapuzado que falava “você”?

Eu era péssima para reconhecer sotaques. Eu duvidava que eu fosse descobrir de onde ele era, até porque eu apostava que ele não fosse usar muitas gírias.

Por que eu concordei que aquele cara me treinasse? Eu ainda não tinha uma resposta para aquela pergunta, mas deixei assim. Talvez eu a tivesse nos próximos dias.

Decidi que não iria papear com Marcos, para não falar o que não devia. E eu nem fazia tanta questão de falar com ele.

Quando fui almoçar no restaurante universitário, não deixei de lembrar que o meu “mestre” poderia estar almoçando por lá também. E não só isso: todos os outros membros da tal sociedade poderiam estar lá.

A princípio, não me importei. O próprio sujeito tinha mencionado que eles eram pessoas normais, se reunindo para ter bons momentos, certo?

Mas devia haver algo mais. Por que aquela dificuldade para entrar e aquela obsessão em esconder a identidade?

Ele já tinha me explicado um pouco a respeito. Eles preferiam não ser julgados, então escondiam o rosto. Quase como um simbolismo, mas também literalmente. E provavelmente não desejavam ter membros imbecis avacalhando os troços deles, para criarem tantas barreiras anti-idiotas. Por isso o longo período de entrevista e testes.

Naquela noite o cara ia conversar comigo outra vez. Surpreendi-me ao dar-me conta de que eu estava meio ansiosa pela entrevista. No final, eu iria me lembrar de segui-lo, para tentar descobrir algo sobre sua identidade.

Não que eu estivesse tão interessada assim em saber quem ele era, mas... porra, ele estava pedindo para ser seguido, escondendo o rosto tão descaradamente. Era um gesto oficial para que eu ficasse mais curiosa do que deveria.

MAL

– Gostou de usar meu dinheiro, Gabriela?

Virei-me. Eu tinha ido para o banheiro escovar os dentes, após almoçar. Melissa me aguardava na porta.

– Adorei – respondi.

– Só queria te avisar que Gustavo voltou a namorar comigo.

– O quê? Por quê?

– Porque ele me ama.

Ela sorriu ao dizer isso e foi embora. O imbecil continuava apaixonado pela maldita sapata! Eu precisava acabar com aquele romance dos dois de uma vez por todas.

Liguei para Elaine.

– Ela, descobre agora mesmo a localização do Gustavo. Avisa para ele ir pro meu dormitório imediatamente, pois quero trepar com ele outra vez.

Nem deixei que ela respondesse e desliguei o celular. Voltei para meu dormitório, perfumei-me e me despi. Deitei na minha cama, aguardando a minha visita.

Porém, eu acabei dormindo. Quando acordei, já era noite.

Liguei para Elaine, xingando-a. Mas ela me contou que Gustavo entrou no meu quarto, que eu deixei destrancado, me viu dormindo e voltou.

– Por que o trouxe não me acordou?

– Ele disse que tu tava roncando muito alto. Ele perdeu totalmente o tesão com teus roncões e avisou que não quer mais fazer sexo contigo.

– Mas que porra é essa? Eu não ronco! Pois avisa ao Gustavo que vou espalhar para todos que ele tem pau pequeno.

– E ele tem?

– Não, mas se eu espalhar o boato, ninguém vai acreditar nele.

Arranjei uma festa fantástica para ir: uma festa da agronomia, que era cheia de gatinhos. Foi então que me lembrei da conversa que marquei com o meu instrutor.

– Bosta!

Eu o guardei no banco, toda produzida. Ele chegou às onze horas em ponto.

– Boa noite.

Wanju Duli

– Quer ir pra uma festa comigo? – convidei – Pode ir assim mesmo, de capa. Eu não me importo.

Seria meio estranho o cara chegar lá de capuz, sendo que não era festa de Halloween nem nada do tipo. Mas era a universidade... o pessoal já estava acostumado com essas doideiras. Iam levar na boa.

– Você não está levando a sério o treinamento – observou ele, sentando-se ao meu lado.

– A gente só vai conversar, certo? Podemos fazer isso enquanto dançamos.

– Não vamos escutar nada. Isso está fora de cogitação.

– Quando me convidou para o grupo, tu já sabia que eu era desse jeito.

– Se quiser ir para a festa, vá. Marcaremos essa conversa para amanhã. Mas se desmarcar outro de nossos encontros nessa semana, o seu treinamento estará cancelado.

– Merda.

E deixei de ir para a festa para conversar com ele. O que estava acontecendo comigo? Eu tinha deixado de trepar com um homem para conversar com outro. Troquei uma foda por conversa! Era bom que ele tivesse algo ótimo para me dizer.

– Como foi o seu dia? – ele perguntou – Pensou nas coisas que lhe falei?

Meu dia tinha sido uma palhaçada. Tratei todo mundo mal, como de costume. Os conselhos dele não adiantavam. Eu não mudaria de um dia para outro.

– O que meu dia tem a ver com o treinamento?

– Tudo. Você deve aplicar os ensinamentos para o dia a dia. Nas pequenas coisas. É assim que a transformação interna se inicia.

– A pessoa que te treinou mudou tua vida? – perguntei – Eu duvido disso. São só palavras.

– Eu diria que mudou o suficiente. Ainda sou o mesmo, mas agora tenho novos objetivos. Palavras podem ser poderosas quando afetam o coração.

– Não tenho coração.

– Pelo que você vive?

– Vivo por mim mesma. Tem funcionado até hoje.

MAL

– É o bastante?

– Provavelmente não – respondi – eu acharia interessante ter novas metas. Eu estava pensando em largar meu curso, mas fazer parte do grupo de vocês pode ser um motivo para seguir em frente.

– Isso é bom. Você já consegue enxergar um efeito positivo. E não vai parar por aí. Somente o fato de você desistir de sua festa para conversar comigo já é um avanço.

– As festas não são ruins.

– Não estou dizendo que são. Mas o dia tem 24 horas e não dará tempo de fazer tudo se não se programar. É preciso abrir mão de algumas coisas para alcançar seus objetivos.

– Qual o teu curso?

– Eu já disse que não vou responder isso. Nem meu nome e nem outros detalhes da minha vida. Se for aceita como membro, você saberá isso e muito mais.

– Qual o tamanho do teu pau?

Eu ri quando perguntei isso. Eu me achava muito engraçada.

– É a única coisa que quero saber – esclareci – se responder isso, não precisa responder nenhuma outra pergunta. Eu nem preciso ver teu rosto.

– Vou criar uma nova regra. A partir de agora você está proibida a falar qualquer coisa relacionada a sexo na minha frente.

Eu fiquei chocada.

– Por quê?

– É um teste – ele explicou – para vermos como se sente. Quando alguém possui um vício em dose elevada o suficiente a ponto de prejudicar sua vida, é preciso moderação. Primeiro começaremos com essa regra para conferirmos se você é capaz de cumpri-la. Para entrar na Ordem você deve ter um mínimo de disciplina.

– O que o grupo de vocês tem contra o sexo?

– Nada. Iremos aplicar essa regra apenas no seu caso, porque você precisa. Eu aceitei as suas brincadeiras iniciais. Não sou uma pessoa rigorosa. Mas se eu der corda para você, pode ficar fora de controle.

– Não poderei praguejar também?

– Pode sim. Irei vetar tais manifestações somente se elas se tornarem excessivas.

Então o treinamento ia ocorrer dessa maneira? Com proibições. Ele iria tirar de mim todas as coisas que eu mais amava, para ver o que sobrava. Ele queria provar que eu não tinha nada na vida. Só meu precioso sexo e minha boca suja. Que filho da puta.

– Você tem um monte de manias que alimentam sua má educação – ele observou – o sexo e os palavrões em si não tornam ninguém melhor ou pior. Qualquer coisa pode se tornar um manjar dos Deuses ou um veneno dependendo da forma que é usada. O bem e o mal não são intrínsecos às coisas.

– Não posso ser má educada?

– Não demais. Não a ponto de isso prejudicar seu relacionamento com as pessoas. Não quero destruir a sua personalidade, mas apenas colocar-lhe limites. Não veja isso como um aprisionamento e sim como uma libertação dos ditames de sua própria mente.

Eu não gostei daquele discurso.

– Disciplina como liberdade – ele disse – já ouviu falar?

– Não tenho certeza. Não faz muito sentido para mim. Por que regras me libertariam?

– As regras são úteis num primeiro momento, para que você se acostume. Posteriormente é possível eliminar várias delas. Primeiro você precisa de ajuda e apoio, até que consiga caminhar sozinha. Mas não estará sozinha. Entende?

– Mais ou menos.

Acendi um cigarro. Ele não reclamou.

– Esse é o princípio da magia – ele explicou – comandar a mente. Ou apenas observar enquanto ela se manifesta, sem atribuir valores. Há várias vias. Você apenas abre as portas da mente e liberta as energias. A partir daí, elas percorrem caminhos misteriosos para a compreensão humana. A lógica só alcança uma parte.

– Magia é comandar a si mesmo? – perguntei.

– Um pouco. Mas também entender que você nunca possui o controle completo da situação. Todos fraquejamos. Isso é o ser humano. Todos morremos. É o destino do corpo. Já à nossa mente estão reservados os mais espetaculares destinos. Que tipo de mente você deseja ter, Gabriela?

Eu parei para pensar.

MAL

– Um que não fique no meu caminho – decidi – eu não quero uma mente que sinta pesar, medo ou arrependimentos. Isso pode frear várias coisas que desejo fazer.

– Você já é uma pessoa assim. Mas não está feliz o bastante. Isso significa que sua mente precisa de reparos. Não faz mal um pouco de medo. Ele aumenta a adrenalina.

– Quem tu pensa que é para decidir se estou feliz ou não? – desafiei-o.

– Ninguém é feliz o tempo inteiro, mas você me parece particularmente infeliz. Você age de forma tão extrema que destrói a si mesma e a todos ao seu redor.

– Eu sou uma pessoa ruim, mas não sou o Diabo.

– Todos precisam de um pouco de Diabo e de Deus dentro de si. Podemos chamar por outros nomes. Pitadas de escravidão e libertação. Cada um possui seu equilíbrio ideal.

– Tu pensa que eu tô doente e que somente tu possui a cura pro meu problema – soprei a fumaça – mas isso é só um monte de merda. Eu tô ótima. Nossas definições e caminhos da felicidade são diferentes.

– Pode ser. Então me mostre. Você se sente bem agora?

– Estou OK.

– Sentiu-se bem no resto do dia?

– Na maior parte não. Foi uma bosta.

– Por quê?

– Porque eu estou rodeada por imbecis – respondi – as pessoas são tão... cretinas.

– Bem, isso não pode ser evitado. Todos somos.

– Tu não é cretino – afirmei – tu é legal.

– Obrigado. Quando me conhecer melhor, vai mudar de ideia.

Eu dei um sorriso de canto. De repente desejei conhecê-lo melhor. Não apenas sexualmente. Eu nem estava pensando nisso. Ele tinha um tipo de inteligência analítica que me deixava intelectualmente molhadinha.

“Não tão educadinho na vida real, aposto”. Ele só estava fazendo pose de fodão porque estava me treinando. Se fôssemos amigos ele poderia me revelar seus podres. Seria divertido.

– Então é assim que vocês fazem magias? – perguntei – Pela supressão de prazeres?

– Funciona, mas não é a única maneira. Há formas quase infinitas de libertar a magia que há dentro de você. Ela se encontra com a magia do mundo para produzir efeitos lá fora. Nas pessoas ao nosso redor. Em todo o universo.

– Se essa tal magia tem um lado psicológico tão forte, então estamos todos fazendo magia o tempo todo, mesmo que inconscientemente – concluí.

– Isso é verdade. A diferença é que costumamos realizá-la de forma descontrolada. Um mago passa a estar ciente do efeito de suas emoções sobre si mesmo e sobre os outros. Das energias geradas. De diversos efeitos possíveis.

– Significa que magos são pessoas boazinhas? – eu fiz uma careta – Isso é tão chato! Não quero salvar o mundo nem nada assim.

– Eu mencionei anteriormente que não são as coisas ao redor que tornam alguém bom ou mau, seja o poder ou uma capacidade invejável de controlar as emoções. Magos são pessoas normais como qualquer outra. Há magos gentis e rudes, assim como qualquer pessoa que você conheça.

– Então tu não quer tirar a minha rudeza de mim. Vai me dar poder. Mesmo ciente de que posso fazer coisas realmente desagradáveis com esse poder.

– Exato. Eu tenho amigos magos que são imensamente poderosos e cruéis. Isso são escolhas que cada um faz. Não cabe a mim julgar. Meu consolo é que ninguém é 100% bom ou 100% ruim. Você poderá escolher que caminho quer seguir.

– Há somente dois caminhos? Deverei escolher entre a luz e a sombra? Tornar-me uma maga branca ou uma maga negra?

Parecia realmente um jogo. Mas ele tratava do assunto com seriedade. Talvez os jogos tivessem sido baseados na magia do mundo real, e não o contrário. Fazia mais sentido dessa forma.

– Há incontáveis caminhos – ele respondeu – o seu nunca será igual ao caminho de nenhum outro, pois cada ser humano é único. Você não segue um caminho já pronto, mas constrói o seu, através da inspiração de outros caminhos. Até porque um ato bondoso na visão de um pode ser um ato de maldade na visão de outro.

MAL

– Eu concordo com isso – decidi – tô empolgada com essa magia. Como faço para obter esse poder? Eu preciso estudar psicologia? O funcionamento da mente humana?

– Não exatamente. Cada mago possui um método diferente. É possível extrair magia de absolutamente qualquer coisa. São os fundamentos. Você pode construir as bases da sua magia com a moda, por exemplo.

– De que forma?

– Isso você mesma terá que desvendar, através de seu estudo. A moda não lida com filosofia estética, com a questão do belo e do feio? Que não são absolutas.

– A moda é muito mais que isso – respondi – muito mais complexa do que parece. Existem diversos estilos, nas mais variadas épocas e lugares. Há moda para diferentes idades, a busca de harmonia. É quase como um cálculo intuitivo.

– Eu aprecio esse pensamento. É possível fundamentar o seu sistema mágico na arte, na filosofia, na ciência, dentre as opções mais diversas. Como estamos na universidade, aproveitamos as propostas dos cursos, embora não seja uma regra. Uma pessoa pode escolher seguir uma área na qual ela não seja especialista ou combinar mais de uma, que ela possua conhecimento moderado. Você disse que não gosta de ler, certo?

– Exato. Isso me torna uma maga menos poderosa?

– Não, de forma alguma. Há outras formas de aprender que não seja nos livros. Porém, às vezes você precisa abrir mão dos seus gostos e desgostos. No seu curso você já teve que ler algum livro?

– Um – respondi – mas preciso ler apostilas o tempo todo. Não leio sempre, mas creio que eu tenha aprendido algo que valha a pena.

– Nós possuímos vários condicionamentos mentais. Um bom truque para se descondicionar de nossas noções cristalizadas de gostos é abandonar coisas que gostamos e fazer as que não gostamos por uma semana, por exemplo. E anotar os resultados.

– Parece chato e inútil – observei.

– Então invente outro desafio. Eu irei te propor alguns.

– Eu pensava que o ocultismo era completamente diferente – confessei – com pessoas lendo cartas ou mãos.

Wanju Duli

– Essa é a divinação, uma das áreas da magia – ele explicou – cartomancia e quiromancia, respectivamente.

– Então tu entende disso.

– Relativamente. Essas áreas fazem parte da magia tradicional. Você as estuda em livros, mas também exige muita prática, treinamento, alteração de estado de consciência.

– A magia de vocês é o quê?

– Magia do Caos.

– Nunca ouvi falar – admiti.

– Basicamente, na magia tradicional você estuda métodos consagrados e no caoísmo cria os seus, seja baseando-se nesses outros métodos ou em qualquer outra área que exista. Mas essa é apenas uma sistematização grosseira. A magia não é dividida apenas nessas duas áreas. Ela é múltipla. Usamos esses termos somente para facilitar o entendimento.

Eu bocejei. Já estava ficando com sono. Estávamos conversando há um tempão.

– Quando tu vai me mandar fazer algo emocionante? – perguntei – Ou o meu treinamento será apenas ficar aqui sentada conversando contigo? É um teste de disciplina, para ver quanto tempo aguento?

– Já que tocou no assunto, sua capacidade de disciplina e cumprir horários mostra sua determinação para entrar no grupo, então isso também faz parte. Qualquer pessoa é capaz de realizar esses pequenos sacrifícios pelas coisas que realmente se interessa. Você sacrifica muito de seu tempo e sono por sexo. Veremos se pode fazer o mesmo para outras coisas.

Ele estava questionando minha capacidade e força de vontade? Devia achar que eu era apenas uma preguiçosa vagabunda que só queria saber de trepar. Isso em parte era verdade. Mas eu também sabia que conseguia fazer mais que isso.

Ele deu um excelente argumento. Mostrou um ponto forte em mim que nem eu sabia que possuía: eu me esforçava bastante indo naquelas festas e procurando parceiros. Eu gastava pra caralho em roupas, arrumando meu cabelo, perdia um tempão me maquiando, me produzindo.

MAL

Isso não era simples. Olhando de fora, parece fácil. Mas eu dedicava pelo menos algumas horas por dia àquele ritual.

Ritual. Ele mencionou essa palavra. Será que eu poderia extrair poder mágico de tudo isso? De todo meu esforço e dedicação? Magia do sexo. Magia da beleza.

Em vez de me livrar das coisas que eu gostava, eu poderia torná-las fontes de poder. Mencionei isso a ele.

– Então você entendeu a Magia do Caos – ele concluiu – ela se chama assim porque se agarra a poucos princípios fixos. Você os molda conforme funcionam. E nem sempre é possível explicar com clareza como funcionam... porque na vida nem tudo faz sentido. As causas não possuem necessariamente consequências; ou não são as que imaginamos. Coisas que não combinam podem se encaixar misteriosamente. Ou mesmo quando desencaixam pode haver beleza.

– Então vocês se sentem confortáveis com o fato de as coisas não fazerem sentido?

– Sim. Porque nós não somos capazes de desvendar todos os sentidos. Desejar que tudo seja medido e desvendado pode levar à frustração. Às vezes é preciso ceder, e, em vez de nadar contra a correnteza, mergulhar no caos do universo e sorrir diante dessa realidade.

– Então como saber se uma magia deu certo?

– Não existe uma régua astral para medir isso – ele respondeu – você sente aqui.

Ele tocou o próprio peito.

Eu fitei a mão dele. Ele era mulato. Tinha um tom de pele um pouco mais escuro que o meu. A minha pele era morena clara, ou um branco bronzeado. Mas houve outro elemento na mão dele que chamou ainda mais minha atenção: havia uma aliança no dedo médio.

Eu fiquei impressionada quando vi isso. Aliança na mão direita. Ele tinha uma namorada.

Não soube explicar, mas eu me senti estranhamente triste. Ele era uma das únicas pessoas que já tinha sido gentil comigo, apesar da minha imensa falta de educação.

Existiam caras legais como ele. Era óbvio que um cara bacana assim já tinha namorada.

– Tua namorada tá na Ordem?

Wanju Duli

– O quê?

– Tu tem uma aliança.

– Combinamos de não debater sobre questões pessoais.

– Não me lembro de ter combinado isso – respondi – além do mais, tu só me faz perguntas pessoais. Por que não posso saber nada a teu respeito?

– Pensei que estivesse com sono.

Eu estava. Mas ele não poderia me responder pelo menos aquela pergunta antes de ir embora?

– Você terá muitas outras coisas ainda mais importantes que essa para me perguntar no futuro – garantiu ele – quando souber mais a meu respeito, terá um mar de perguntas.

– Então tu é importante na sociedade.

– Todos os membros são importantes.

– Tu entendeu o que eu quis dizer.

Ele se levantou do banco. Quando eu começava a encurralá-lo com perguntas inconvenientes, ele ia embora. Típico.

O que eu sabia sobre ele? Quase nada. Já era nosso segundo encontro e, somando os dois dias, já tínhamos debatido por longas horas. Ele usava um manto longo e largo. Eu sequer sabia precisar se ele era gordo ou magro, embora eu pudesse conferir sua altura. Eu apenas conseguia fitar as mãos dele em alguns momentos e ainda não havia observado o suficiente para checar de relance o rosto; nem mesmo o queixo. Apenas vi um pouco do pescoço. Ele nunca olhava para mim. Era proposital.

Mas da forma que ele sugeriu, havia coisas muito mais interessantes sobre ele do que a aparência. Será que ele possuía um passado obscuro? Era um mago extraordinário? Possuía um papel fundamental na sociedade?

Essas especulações prosseguiriam pelo menos por mais algumas semanas, pois eu tinha certeza de que não seria aceita no grupo tão cedo. Até aquele momento, estávamos apenas conversando. Ele ainda não tinha me dado nenhuma tarefa desafiadora. Talvez ainda não confiasse em mim o bastante.

Pela segunda vez, eu estava com sono demais para segui-lo. Senti raiva de mim mesma.

Mas o dia seguinte seria um sábado. Eu não tinha aula, dormiria até tarde e conseguiria ficar bem acordada para o próximo encontro.

Naquele terceiro dia eu já não estava tão preocupada com festas. Eu estava ansiosíssima para saber o que aquele cara teria a me dizer.

E eu não podia conversar com ninguém sobre isso. Eu me encontrava com o sujeito tarde da noite, num banco meio afastado. Ninguém passava por ali àquela hora.

E com Marcos... preferi não abrir a boca a respeito. Se o meu instrutor soubesse que eu e Marcos conversamos sobre nossos mestres, capaz de ele me colocar para fora. O cara que estava me treinando era calminho, e talvez por isso mesmo eu temesse que ele explodisse de repente se eu traísse sua confiança.

Eu queria tentar fazer alguma coisa certa na minha vida. Quem sabe, pela primeira vez, algo de bom viesse daquilo tudo.

Mesmo que aquele fosse um grupo normal e monótono, a ideia de fazer amigos daquela maneira formal me agradava. Era um pretexto para conversar, para saber da vida e das ideias de outras pessoas que não fossem as minhas próprias.

Eu me achava inteligente o bastante, poderosa e engraçada pra caralho. A ponto de me tornar cega para descobrir o quanto as pessoas anônimas ao meu redor poderiam ser extraordinárias.

Quando acordei no sábado, já era mais de meio-dia. Marcelina entregou a bandeja com meu almoço na minha cama.

– Esse bife nojento de novo – reclamei – odeio essa comida da universidade.

E sentei-me para comer. Marcelina já estava acostumada a me ver andando nua pelo quarto e nenhuma de nós se importava com isso.

– Acha que eu devia me depilar hoje? – mostrei a ela a minha perna – Quería usar um vestido.

Ela analisou.

– Se vai usar com meia-calça escura e com fio grosso, não precisa – ela sugeriu – mas se for usar sem nada, acho melhor depilar.

Depois do almoço, resolvi fazer uma depilação completa, nas pernas, na virilha e nas axilas. Embora eu não fosse sair para transar naquela noite, eu me encontraria com um charmoso misterioso e comprometido.

Resolvi fazer duas tranças no cabelo. Coloquei um vestidinho simpático e uma das minhas sandálias favoritas.

Eu tinha uma tatuagem no ombro esquerdo: um boto cor-de-rosa. E gostava de usar vestidos ou blusinhas sem mangas para que a tatuagem aparecesse, para dar um ar meio verão.

Nos dois dias anteriores eu tinha ido conversar com meu instrutor fantasiada de puta: usando vestidos de festa curtíssimos e totalmente ousados, além de sapatos com salto tão fino que era difícil caminhar. Ele nem devia ter visto direito o meu rosto de tanta maquiagem pesada que eu havia enfiado na cara.

Por isso, naquele sábado optei por um visual mais leve. Será que ele me acharia bonitinha daquela forma? Ia comentar alguma coisa sobre minha aparência? Provavelmente não, porque ele tinha uma companheira e não era muito de fazer comentários pessoais.

“Mas ele gostou do meu vestido vermelho”. No primeiro dia que conversamos ele o mencionou duas vezes. Era no mínimo suspeito.

Quando me encontrei com Carla e Elaine de tarde, elas elogiaram minha roupa. Na verdade, elogiaram tanto que até achei exagerado. Elas sempre puxavam meu saco mais do que deveriam.

– Eu queria ficar assim linda como tu com esse vestido! – comentou Carla, sorrindo.

“Tu já é mais bonita que eu em todos os sentidos” pensei, aborrecida. Eu vi no Facebook de Carla que ela tinha arranjado um namorado bem bonitinho. No meu caso, não importava o quanto eu me arrumasse: eu era tão assustadora que os rapazes tinham medo de se aproximar de mim. Só para trepar, embora até nisso eles fossem cuidadosos.

Na adolescência eu já tinha recebido alguns pedidos de namoro, mas fiz questão de dispensar os caras, simplesmente porque eu me achava suprema demais para qualquer pessoa.

– Amei teus sapatos! – elogiou Elaine.

– Eu já usei eles duas vezes – retruquei – vê se presta mais atenção!

Eu simplesmente não conseguia resistir. Eu as tratava mal naturalmente.

– Meninas, eu tenho um plano para foder outra vadia – informei, orgulhosa – não literalmente. Metaforicamente. Conhecem a Sabrina? 2º semestre da farmácia. Ela está namorando um cara muito gostoso, mas

que é completamente puto. Ele olha pro rabo de qualquer guria, mesmo quando está junto com ela. Eu vou trepar com ele, para humilhar Sabrina.

– Que plano maravilhoso! – comemorou Carla, toda sorrisos, como se tivesse recebido uma bala.

“Carla é retardada?” Em vez de ela fazer um comentário maldoso e dar um sorriso malicioso, ela batia palmas e dava pulinhos, como se estivesse num parquinho.

– Eu irei coletar informações sobre esse cretino – garantiu Elaine.

E essa foi minha diversão da tarde. Ficou decidido que eu me encontraria domingo com Henrique, para comê-lo.

Quando chego a noite, fitei-me uma última vez no espelho. E saí para aguardar meu mestre no banco.

Na verdade ele ainda não era meu mestre. Era o cara que estava me treinando e aplicando meu teste. Eu ainda não era parte do grupo.

Surpreendi-me ao dar-me conta de que eu estava nervosa ao aguardá-lo.

Avistei uma figura de capa negra se aproximando. Porém, a silhueta era menor, um pouco mais baixa. Tez branca. O que estava acontecendo?

Sentou-se ao meu lado. Uma voz suave pronunciou:

– Gabriela, certo?

Era uma menina! Mais baixa que eu, e com voz relativamente aguda e tranquila.

– Quem é?

– A pessoa que tu aguardavas não pode vir hoje. Ele está doente.

– O que ele tem? – perguntei, com urgência – Ele tá bem?

Surpreendi-me com minha preocupação.

– Sim. Amanhã ou segunda ele já poderá vir.

Fiquei aliviada.

– Ele tá gripado, ou...?

– Não posso dar essa informação.

Eu já imaginava algo assim.

Fiquei um pouco desapontada por não vê-lo. Eu tinha me arrumado apenas porque pensei que ele viria...

– Ele mencionou para mim que tu querias uma instrutora do sexo feminino – começou ela – por isso, se desejares, também existe a opção de prosseguir comigo a partir de agora.

“Essa guria conjuga o ‘tu’ corretamente. Que metidinha”, observei. Naquela Ordem havia um monte de pessoas exóticas. Primeiro o sujeito que usava “você”. E agora a mocinha que dizia “tu querias”. Pelo menos seria uma forma de identificá-los posteriormente.

Eu não sabia se a queria como minha instrutora. Eu só havia me encontrado duas vezes com o outro cara, mas estava começando a ficar à vontade e acostumada com ele. Aquela troca repentina não me agradava.

Eu já não fazia questão de ser treinada por uma mulher. Pensando bem, não fazia muita diferença o sexo da pessoa, e sim se era alguém bacana e interessante.

– Posso dar uma resposta no final da nossa conversa de hoje? – perguntei.

– É claro. Assim poderemos nos conhecer melhor.

Ela também parecia simpática. Subitamente, dei-me conta de uma coisa: podia ser a namorada do cara.

Fitei a mão direita dela. Não havia aliança. Suspirei aliviada. Por que aquela porra toda estava me afetando tanto?

– Hoje vou falar um pouco a respeito de técnicas para alteração do estado de consciência – começou ela – existem os métodos de excitação e os de inibição.

– Quero os de excitação – falei, de imediato – posso usar sexo?

– Pode sim. E também emoções poderosas, danças, álcool...

Eu não gostei da outra técnica, que baseava-se em retirar vários prazeres, como fazer jejuns. Se bem que eu costumava pular algumas refeições para emagrecer. Eu aproveitaria essas ocasiões para testar uma alteração de consciência.

– Vou te mostrar uma coisa. Segura minhas mãos.

Ela virou-se para mim, embora mantivesse a cabeça baixa, para eu não enxergar seu rosto. Peguei nas mãos dela. Ela indicou que eu acompanhasse o ritmo de sua respiração.

Eu relaxei e respirei, pausadamente e profundamente, seguindo o ritmo. Concentrei-me nisso por alguns instantes. Eu já estava ficando

inquieta. E o fato de eu estar segurando nas mãos dela me distraía, embora me desse diferentes emoções.

– Agora abre os olhos.

Eu obedeci.

– Não aconteceu nada – reclamei.

– É uma sensação sutil. O teu estado de consciência alterou-se ligeiramente. É possível obter alterações muito mais profundas. Eu só queria te mostrar o que era.

– Já experimentei sensações parecidas com essa muitas vezes.

– Sim. Mas agora tu estarás muito mais consciente quando acontecer e poderás moldar tal sensação.

Ela também me explicou a respeito de sistemas de crenças. Eu poderia criar um sistema meu, ou usar um já pronto. E poderia realizar mudanças de paradigmas, saltando de um para outro.

– Não é preciso ser uma única coisa durante toda a vida. O ser humano está constantemente transformando-se. E essa capacidade de mudar que é preciosa. Assim aprendemos a enxergar o mundo de diferentes perspectivas.

Parecia que aquela guria tinha engolido um livro. Ela começou a usar termos completamente desconhecidos por mim e a citar trechos de autores renomados na área.

Eu não sabia o que era gnose, um sistema de crença, mudança de paradigma, sigilo, usar a crença como ferramenta, banimento ou Teoria do Caos.

Ela era uma merda para explicar. Ainda assim, eu simpatizei com a guria. Ela estava se esforçando. Devia ser mais nova que eu. Eu notei que ela ficou nervosa em alguns pontos, ficou em silêncio ou gaguejou. Ela não devia ter experiência em treinar novatos.

Meu instrutor anterior, embora não fosse totalmente experiente, era muito melhor e mais natural para explicar. Em várias partes da explicação dela eu me distraía. Já as minhas conversas com ele fluíam de forma tão boa que às vezes eu nem via o tempo passar. Ele ia encaixando um assunto no outro, enquanto ela precisava interromper seus discursos o tempo todo para iniciar outro, sem nenhuma relação com o anterior.

Wanju Duli

Não falei muito naquele dia. À meia-noite em ponto ela anunciou que o encontro tinha terminado. Ela era muito sistemática. Nos dois dias anteriores tínhamos prosseguido noite adentro.

Quando ela foi embora, eu não sentia sono nenhum, tanto por termos finalizado cedo como por eu ter dormido até tarde. Por isso, resolvi segui-la.

Eu estava com coragem para fazer isso. Ela não parecia ser muito assustadora. Ela devia ser nova tanto na Ordem quanto na universidade.

Mas para qual direção ela estava indo? Para o meio do mato? Não havia prédios da universidade por lá. Os dormitórios dos estudantes ficavam em outra direção.

Fui me escondendo por trás das árvores conforme a seguia. Até que ela parou.

Ela chegou num local no qual havia mais duas pessoas com o mesmo manto negro e capuz. O mesmo símbolo na manga e nas costas. Eu ainda não havia analisado o símbolo o suficiente, mas não era hora para isso. Eu estava mais interessada nos outros dois.

– Terminaram?

Quem perguntou isso foi uma mulher de voz mais grave. Não tão alta quanto eu, mas mais alta que a menina.

– Agora mesmo – confirmou a guria de voz aguda.

– O que achou dela?

– Surpreendentemente comportada. Eu estava esperando algo completamente diferente pelos relatos do Suaten.

Suaten. Quem era Suaten? Seria meu instrutor? Dei-me conta que eles não se referiam uns aos outros pelo nome de batismo. Eles usavam codinomes. Eles eram cuidadosos a esse ponto.

– Como ele está? – a moça mais alta perguntou para a outra pessoa de capuz – Ele já saiu do hospital?

– Não.

Quem respondeu isso foi um cara.

Fiquei apreensiva. Se ele estava no hospital, devia ser grave.

– Por que estão interessados nessa tal de Gabriela? – ele pronunciou meu nome com muito desagrado – Ela só vai causar problemas.

– Ela me pareceu simpática – comentou a minha instrutora substituta.

MAL

– Tu tá brincando, né? – ele disse – Ela é extremamente mal educada e só arruma barraco na universidade. Honestamente, não sei o que Suaten viu nela.

– Precisamos conhecê-la melhor. Dê uma chance.

– Zraba tem razão – comentou a moça de voz grave – não vale a pena chamar gente pra bagunçar. Ousadia é uma coisa. Rudeza é outra completamente diferente.

O sujeito chamado Zraba deu um chute num monte de galhos no chão. Fez barulho naquela noite silenciosa. Eu levei um susto.

– Eu tô muito puto com isso. Suaten está muito estressado lidando com essa guria. Se duvidar, foi por isso que caiu doente.

– Não foi por isso – disse minha instrutora – tu sabes bem o motivo.

– Mas isso tudo só piorou a situação! – exclamou Zraba – Não vem defendê-la, Balaza. Ela é tua namorada?

– Claro que não – queixou-se Balaza – para de ser inconveniente.

Eu já havia descoberto o codinome do meu instrutor e da minha instrutora: Suaten e Balaza. O sujeito zangado era o Zraba. Só faltava saber o nome da outra.

Aquele cara estava me assustando. Eu normalmente não me assustava com muita gente, mas ele me passou uma impressão ruim. Até porque estava me xingando. Eu geralmente gostava que as pessoas ficassem com raiva de mim, mas aquela situação me desagradou.

Suaten estava estressado por minha causa. Que merda. Prometi a mim mesma que eu não iria dar-lhe mais motivos para se estressar com o meu comportamento imbecil.

Eu não queria perdê-lo como instrutor. E nem que parassem com meu treinamento. Descobri aquilo naquele momento.

Eu ainda não estava tão interessada assim com aquelas paradas estranhas de ocultismo. Só curiosa. Mas eu gostei do Suaten e da outra guria, a Balaza. Pena que os outros dois não iam com a minha cara.

– Suaten já confrontou a MAL duas vezes – prosseguiu Zraba – falou inclusive com o vice. Ele deu a Suaten um ultimato. Eu espero que, se continuarem treinando essa guria histérica, coloquem outra pessoa como responsável.

– Eu me prontifiquei – informou Balaza – mas no final da reunião de hoje, Gabriela disse que ainda prefere o Suaten como instrutor.

Wanju Duli

– Não interessa o que ela quer – disse Zraba – ele não está em condições de prosseguir com essa pressão psicológica. Ela o desprezita o tempo todo. Ele disse que ela até tentou agarrá-lo no primeiro dia. Que merda é essa? Ela é completamente maluca?

– Está com ciúme? – perguntou a moça de voz grave.

Zraba soltou uma gargalhada.

– Sabe de uma coisa, Brisgrar? Acho que quem devia treiná-la sou eu. Eu iria colocá-la na linha imediatamente. Ela jamais iria levantar a voz para mim. Eu exigiria que só me chamasse de senhor.

– Bem, todos os novatos que tu treinou até agora se assustaram – comentou Brisgrar – talvez tu seja o único capaz de domar a fera.

– Ou Madame Mua. Mas é evidente que não vamos envolvê-la nisso.

Senti um frio na espinha. Se aquele cara chamado Zraba me treinasse, eu estaria completamente ferrada.

– A propósito, trouxe o livro que te pedi? – perguntou Zraba.

Balaza tirou de dentro do manto um livretinho bem curto. Eu fiquei muito curiosa para saber que livro era aquele. Mas devia ser de magia.

Zraba alcançou o livro e analisou-o.

– Onde conseguiu?

– Com Mioae.

– Então só pode ser lixo.

Após uma curta análise da contracapa e do conteúdo, Zraba ergueu o livro na mão.

– Prometi uma resenha da obra. Pois bem, aqui está.

Ele arrancou várias páginas com violência. Depois jogou o livro longe, que caiu dentro de uma moita.

– Estou lendo muitos livros de caoísmo ultimamente e fazendo muitas resenhas – explicou Zraba – envia esta última para Mioae, com meus cumprimentos.

– Ele vai adorar – confirmou Balaza.

– Vamos embora de uma vez – disse Brisgrar – odeio ficar no meio do mato. Não faz bem pra minha pele.

E os três foram embora. Eu ainda observava a cena boquiaberta.

Depois que eles saíram, eu iniciei uma busca no meio do mato, naquele escuro. Eu precisava localizar o maldito livro.

MAL

Levei longos minutos para encontrá-lo. Eu já estava quase desistindo, mas tive sorte. Localizei até algumas das folhas arrancadas, mas não todas. Reuni tudo e levei para meu dormitório, como se portasse um grande segredo.

Encaixei as folhas no lugar, deitei-me na minha cama e analisei o livro. Parecia ter sido escrito por um dos membros da sociedade. Na página inicial constava a sigla “MAL: Magos Acima da Lei”. Eu me perguntava qual era o significado daqueles dizeres. Não podia ser literal.

Li as primeiras páginas. Era um livro esquisito pra cacete. Não entendi porra nenhuma.

Eu provavelmente o teria deixado de lado na hora. Porém, eu sabia que estava proibida de lê-lo. Por isso mesmo fiz questão de ler até o fim, até porque era curtinho.

Algumas passagens eram misteriosas. Outras completamente malucas. Eles realmente pensavam que eram magos de verdade! Eles falavam de todas essas coisas ao mesmo tempo com tanta zombaria e seriedade. Tinha um certo encanto.

Eu era uma guria má. Tinha espiado a conversa dos caras, mesmo sabendo que eu estava proibida de fazer isso. E tinha lido um livro secreto.

Eu já sabia de coisas que eu não estava autorizada a saber. Não era emocionante?

Mas eu precisava tomar mais cuidado. Agora eu sabia que havia um sujeito na Ordem que me odiava mortalmente. Eu não queria comprar briga com ele. Pelo menos não enquanto não fosse membro oficial. Depois de entrar, eu compraria a briga com o maior prazer. Ele parecia um inimigo digno.

No domingo, eu tinha até me esquecido que combinei de trepar com um imbecil aleatório. Eu nem me lembrava do nome dele.

No fim da tarde, produzi-me. Passei um óleo pelo corpo inteiro, principalmente nos peitos, na bunda e na buceta. Eu estava irresistível. Iria adorar ser chupada.

Deixei a porta do dormitório destrancada e deitei-me na minha cama, de barriga para baixo, completamente nua.

Wanju Duli

Ainda bem que Marcelina só retornaria tarde da noite. Eu não queria ninguém atrapalhando minha foda. Eu já estava há alguns dias sem trepar e isso me deixava de mau humor.

A porta se abriu. Estranhei, pois ele tinha chegado mais cedo que o previsto.

Nem levantei. Aguardei que ele chegasse em mim e me comesse por trás.

Percebi alguém ao lado da minha cama. Por que o idiota não se deitava comigo?

Meu coração disparou.

– Mas que merda...? – eu soltei.

Eu tentei me virar, para ver quem era. O cara estava de capuz.

– Fica quieta. E me ouve.

Eu reconheci a voz. Desisti de me virar para tentar espiar o rosto dele. Eu só queria que aquilo terminasse.

– Hoje tu vai receber de volta o teu instrutor, mas eu sugiro que se porte de acordo. Ele ainda está doente. Não torna a situação pior.

– Já entendi. Agora, sai daqui.

Ele abaixou-se e aproximou o rosto. Senti vontade de socá-lo na cara, mas se eu fizesse isso estaria comprando a minha expulsão da sociedade, sendo que eu nem era parte dela ainda.

Ele sussurrou alguma coisa no meu ouvido. Eu não me movi. Consegui ver apenas uma parte do queixo e da boca dele. Ele tinha barba.

– Eu não vou sair porque tu mandou. Só vim pegar de volta o que tu roubou.

Ele segurou o livro rasgado que estava ao lado da minha cama.

– Tu jogou ele fora.

– Da próxima vez que escutar uma de nossas conversas escondida, eu vou te lançar uma prova de fogo.

Ele caminhou para fora do meu dormitório. Saiu e fechou a porta.

Finalmente eu consegui respirar de novo. A culpa era minha por ter deixado a porta aberta. Mas custava ele ter batido? Ou ter dito alguma coisa, em vez de se aproximar sorrateiramente?

Então ele tinha visto que espiei. E que peguei o livro. Ele devia estar com muita raiva de mim.

MAL

O fato de ele ter me visto nua não me incomodava. Porém, no momento em que ele se aproximou para sussurrar aquela ameaça, eu não curti.

O cara com quem eu ia transar chegou dez minutos depois. Ele parecia bem perturbado.

– O que era aquele sujeito de capa? Eu o vi saindo daqui.

– Meu outro ficante – menti, só para me fazer de poderosa – ele usa capuz para a namorada não descobrir. Tu devia fazer o mesmo, sabia? Alguém pode contar pra ela.

– Não te preocupa. Ela não vai ficar sabendo.

Aquela foi uma foda bem violenta, porque eu tava completamente puta com o que Zraba tinha feito. Ele não podia simplesmente entrar no meu quarto, porra! Descontei todo meu ódio fodendo o guri bem forte.

Assim que ele foi embora, peguei meu celular e liguei para a namorada dele para contar o que tinha acontecido.

– Sabrinaaaa queridaaaa adivinha quem acabei de comerrrr?

Houve uma grande confusão depois disso. Sabrina apareceu e, depois de ter espancado o namorado, agora ex-namorado, me espancou também. A gente se pegou pra valer. Houve puxões de cabelo, socos e chutes. Saí de lá com um olho roxo. Nem estava mais com raiva de Zraba depois de descontar meu ódio na cadela.

Nem a maquiagem disfarçou o olho roxo e meu lábio cortado. Coloquei uma roupa qualquer para me encontrar com Suaten, pois estava cansada demais para me produzir.

Sentei-me no banco e aguardei por ele. Pela primeira vez, meu instrutor chegou atrasado. Ele parecia bem agitado.

– Gabriela, eu sinto muito pelo que aconteceu. Você está bem?

Eu que havia ferrado com tudo. Por que ele estava sendo bonzinho comigo?

– Estou ótima – respondi, sem me importar.

– Eu ouvi falar que um membro da Ordem foi te procurar.

– Desculpe dizer, mas ele pareceu um completo babaca.

– Você está enganada. Ele apenas quis me defender.

– Ele é um filho da puta! Por que ele foi se meter? Ele é teu irmão, por acaso?

– É meu namorado.

Wanju Duli

Eu fiquei quieta quando Suaten disse isso.

No segundo seguinte, eu comecei a rir. Juro que foi sem querer.

– Talvez ele tenha razão – comentou Suaten – você não é apropriada para entrar no grupo.

– Tu é gay? Sério? E aquele cara... também? Tu já deu o cu pra ele?

Suaten levantou-se.

– Você está dispensada do treinamento – ele informou – e votarei contra a sua entrada, caso outro se disponha a continuá-lo.

– Por que está defendendo aquele estúpido? Sabia que ele me bateu?

Mostrei meu olho roxo. Era mentira pura. Eu estava desesperada.

– Ele não faria isso. Vá se foder, Gabriela.

Suaten falou isso com firmeza. E foi embora.

Eu oficialmente havia estragado tudo. Minha única esperança era que Balaza ficasse do meu lado, mas eu sabia que aquilo não iria acontecer.

Suaten confiou em mim e eu traí essa confiança. Foi um dos únicos a me defender, enquanto a maioria era contra a minha entrada.

Por que eu só sabia foder com minha vida e com a vida dos outros?

Na segunda-feira, após a primeira aula da manhã, fui falar com Marcos. Conteí para ele tudo o que havia acontecido.

– Uau! Desculpa dizer, Gabriela, mas tu é uma puta!

– Obrigada, querido. Eu já sei disso desde que nasci.

– Pretende deixar assim?

– Eu não vou implorar para voltar. Quem está te treinando?

– Tu sabe que não posso revelar. Não ferra com o meu treinamento também.

Acendi um cigarro.

– Eles são só uns palhaços – concluí – fazem todo esse mistério apenas para nos deixar ainda mais curiosos. Não mostram o rosto, não dizem o nome, não revelam suas atividades... eu sinceramente não teria interesse em saber de nada disso. Fiquei interessada apenas porque eles escondem!

– Conheço esse sentimento – confessou Marcos – meu mestre já está me treinando há mais de um mês. Tenho muita vontade de saber quem ele é.

– Eles pensam que sabem mais que nós? Não sabem porra nenhuma!

MAL

É claro que eu não aceitava o fato de ter sido dispensada. Eu nunca ia aceitar.

Eu era especialista em destruir pessoas. Eu poderia espalhar muitos boatos sujos sobre a Ordem. Podia ferrar com o tal de Zraba, insistindo que ele havia mesmo me batido. Mas o desgraçado nem mesmo tinha encostado em mim.

“Vá se foder, Gabriela”.

Senti um aperto no coração ao lembrar disso. Suaten tinha dito isso pra mim. Eu o havia empuetecido a esse ponto. Era inacreditável.

Ele era legal pra caralho. Provavelmente o cara mais legal com quem eu já tinha conversado. Eu devia ter sérios problemas por tratá-lo mal. Eu também não tratava mal as minhas melhores amigas?

Até cheguei a pensar em foder com o namorado da Carla. Tive que reunir toda minha força de vontade para não ir procurá-lo. Mas eu duvidava que ele fosse ceder aos meus encantos. Ele parecia bacana também. Não ia trair Carla de jeito nenhum.

“Existem pessoas bacanas no mundo”. Muitos homens e mulheres confiáveis. Aquilo era extraordinário.

Um dia eu pensei que todos eram filhos da puta. E eu só conseguiria sobreviver nesse mundo se eu fosse mais canalha que todos.

Que grande mentira eu inventei para justificar os meus atos odiosos. Será que eu ainda poderia mudar? Será que eu teria coragem de fazer isso?

Naquele dia saí com Carla e Elaine. Fomos juntas numa sorveteria. Aquilo levantou meu ânimo um pouquinho.

– Tu parece triste, Gabriela – comentou Carla – está tudo bem?

– Cala a boca, Carla – retruquei, de forma grosseira – isso não é da tua conta.

– Desculpe...

Eu senti pena de Carla. Ela me admirava tanto. Admirava as bobagens que eu fazia. E eu só sabia chutá-la.

– Não, eu que peço desculpas – resolvi dizer – estou estressada. Tô de TPM.

Eu estava de óculos escuros. Assim eu podia disfarçar mais minha expressão desapontada. E meu olho roxo.

Wanju Duli

– Se eu estivesse ao teu lado quando Sabrina chegou, juro que eu a teria espancado até a morte – disse Elaine.

– Não precisa chegar a tanto – avisei – bastava mandá-la para o hospital.

– Como ela tem coragem de bater numa diva como tu?

Ao mencionar hospital, me lembrei de Suaten. Eu esperava não tê-lo deixado ainda mais doente. Eu não queria receber outra visita enfurecida do namorado dele.

Na terça-feira, Marcos veio falar comigo.

– Meu mestre me disse que tem muita gente na sociedade falando a teu respeito. Estão todos putos.

– Que merda. Não tem chance de me aceitarem, né?

– De jeito nenhum. Mas eu vou te mostrar uma coisa.

Ele tirou da mochila um livro grosso.

– O que é isso? Uma Bíblia?

– Todos os novos membros precisam ler – explicou Marcos – todos os codinomes são tirados dos personagens desse livro.

– Que fantástico! E tu vai ler pra escolher o teu?

– Já li. Eu sinto que serei aceito no grupo em breve. Estou otimista. Se isso ocorrer, terei minha iniciação, que promete ser fantástica.

Então eu não teria mesmo a menor chance de entrar. Nunca que eu lería um livro daquele tamanho.

– Vou te emprestar – ele passou aquele calhamaço para mim – o livro é meu. Eu comprei.

– Não, obrigada. Parece chato.

– Pelo menos tenta ler.

– Bah.

Acabei aceitando. Fui até a biblioteca e iniciei minha leitura, já que eu não teria nada melhor para fazer naquela tarde.

Eu li bastante. Depois dei um intervalo. Continuei lendo. Talvez eu não tenha lido tanto porque o livro estava interessante, mas porque eu precisava esquecer de todo aquele desconfortável mar de emoções que me invadia. Quando eu lidava com os personagens assassinos e filhos da puta do livro, eu não me sentia a pior pessoa do mundo.

Proseguí a leitura nos próximos dias. E não é que aquela distração estava funcionando?

MAL

Fiquei encantada quando localizei o personagem chamado Suaten. Ele e Zraba eram namorados no livro. Achei muito bonitinho. Os dois eram super meigos juntos.

Também achei Balaza e Brisgrar. Adorei particularmente Brisgrar e perguntei-me se a personalidade daquela guria era parecida com a do personagem.

– Madame Mua...

Eu tinha ouvido aquele nome. Achei o personagem. Cara... se eu entrasse para a Ordem, eu já sabia quem eu iria ser: Gizwa Situa, sem sombra de dúvida. Foi a personagem que mais amei. Ela era fantástica, assim como eu. Combinava certinho.

Liguei para o celular de Marcos, tarde da noite, assim que finalizei a leitura daquela coisa gigantesca. Eu não podia acreditar que eu tinha conseguido. Eu e Marcos estávamos cada vez mais amiguinhos ultimamente. Mas era melhor mantermos nossa amizade à distância, pois eu poderia fodê-lo por acidente.

– Por que me acordou, caralho? Tá me ligando a essa hora por que, porra? Que que tu quer, Gabriela? Cacetaõ!

– Cala a boca e me escuta, velho! Eu terminei de ler!

– Terminou de ler o que, cara?

– A bosta do livro que tu me emprestou!

– Ah, saquei. Te falei que era massa.

– Falou nada. Cuzão.

Eu estava estranhamente feliz. Eu andava fazendo coisas completamente fora da minha rotina, como conversar com cretinos encapuzados e ler livros. E não é que aquilo era empolgante?

– Acho que eu tô começando a entender melhor essas paradas de magia. É uma viagem sem tamanho.

– Que bom pra ti. Agora me deixa dormir, vadia.

– Me escuta, depravado! Liguei só pra perguntar qual codinome tu escolheu.

– Sremino.

– Sério? E não é que combina? Ele é um bostinha. Eu escolheria Gizwa.

– Quem? A perua que fode o manolo?

– Essa mesma!

Wanju Duli

– Sabe que eu pensei imediatamente em ti quando tava lendo? “Mas como essa vaca se parece com a Gabriela”.

– Ah, vai chupar um pau! Que máximo!

Eu estava rindo, toda contente, falando com ele no telefone. Marcelina até estranhou minha alegria. Quando desliguei o telefone, ela me perguntou:

– Tava conversando com teu namorado?

– Eu não tenho um puto, coração – respondi.

– Vê se arruma um. É tudo de bom. Amo meu putão.

Mas o que eu mais queria no momento era entrar para a MAL. Principalmente depois de ler aquela história.

No livro, a sociedade secreta chamada Magos Acima da Lei reunia os melhores magos do mundo. Aquilo não era pouca coisa. Somente magos extremamente fodas entravam lá. Como Taha Vorta.

Eu estava apaixonada por Vorta. E também por Fuopaj. A batalha entre os dois tinha sido memorável.

Eu nunca tinha me apaixonado por caras reais. Eu só os fodia. Então que porra era aquela? Eu estava apaixonada por um infeliz de um personagem? Bem, pelo menos eles não podiam me desapontar.

Era estranho, pois eu estava começando a relacionar os personagens com os membros reais da MAL. Eu estava muito curiosa para descobrir os codinomes dos demais membros.

Seria tão legal se Carla e Elaine também pudessem entrar para o grupo! Eu já tinha até escolhido os codinomes delas: Laelia e Leilen.

Emprestei o livro para elas também, sem nem consultar Marcos. Obriguei-as a ler em poucos dias. Quando devolvi para Marcos, o livro estava todo detonado, depois de ter sido lido por três pessoas.

– Tu destruiu meu livro!

– Que nada. Só tá um pouquinho amassado na borda.

– Fala sério, Gabriela. Eu ia usar pra praticar magia literata, com os trechos da história.

– Que da hora! Eu quero praticar magia estética.

– Eu sei que tu quer. Também vou tentar.

Comecei a testar algumas magias do Grimório dos Gênios. Arranjei um gênio e um chiclete. Mas o que eu queria mesmo era um gênio maligno.

MAL

A partir daí, em vez de conversar sobre moda ou sobre punir vadias, eu só falava sobre a Fábula dos Gênios com Carla e Elaine.

Ou melhor... ainda falávamos sobre moda, mas de outra maneira. Agora era magia estética. E parei de punir vadias fodendo os namorados delas ou espancando-as. A partir de então, comecei a lançar maldições.

Eu não acreditava naquela bobagem de magia no começo. Mas passei a seguir o princípio “Finja, até que atinja”. Comecei a testar magias na brincadeira, sem compromisso. Como se fosse um jogo. Até que a diversão começou.

– Essa porra funciona!!

Marcos já estava ficando acostumado a receber ligações frequentes minhas.

– É tão surpreendente assim? – riu Marcos – É claro que funciona. O que conseguiu fazer?

– Eu não sei! Mas o meu coração tá disparado, meu! Eu atingi um estado alterado estranho ou o caralho.

– E o que fez com ele?

– Eu mesma não entendo muito bem. Eu joguei um monte de sentimentos meus em outra dimensão. Coloquei dentro de um saco preto e chutei. Me sinto tão leve!

– No duro?

– Tão duro quanto uma pica ereta!

Eu ainda ia a festas. Estava experimentando alterar o estado de consciência no sexo. Eu estava fazendo tudo isso sozinha, com a ajuda de livros e dos conselhos de Marcos.

– Eu sinto que iria avançar tão mais rápido se eu fizesse parte da MAL!

– A MAL tem livros exclusivos que eles não liberam para o público, sabia?

– Eu sei. Tipo aquele que eu li. Que o Zraba estraçalhou. Foi a “resenha” dele, ou uma merda parecida.

– O Zraba tem um parafuso a menos na cabeça, sinceramente. Não liga para o que ele diz.

– Tu o conheceu? – perguntei, impressionada.

– Já participei de um ritual com ele uma vez. Todos de capas, sabe? Não vi o rosto de ninguém ainda.

Wanju Duli

– Eu sei porque eles não mostram o rosto. Pra o pessoal não ir no diretório do curso deles chorar para ser readmitido na MAL. Quando se mantêm anônimos, não há meios de contatá-los.

– A verdade é que a maioria é orgulhosa demais para solicitar readmissão.

– Tipo eu. Isso é o ser humano, cara. Tenho o mínimo de dignidade.

– A tua dignidade já foi pro lixo há muito tempo – disse Marcos – eu realmente acho que tu devia tentar de novo.

– Como?

– Fala com meu mestre, sei lá. Vou tentar pedir permissão.

– Eu te amo, Marcos.

– Eu sei. Tu sempre me diz coisas lindas.

Eu fiquei pirada quando Marcos me revelou alguns títulos da MAL: Arcano Vida Brilhante; Grimório dos Gênios de Sacrifício; Arcano da Morte; Grimório da Excelência; Grimório dos Corações Eletrônicos.

– E olha que eu não gosto de ler. Mas eu devoraria o GCE – confessei.

– Tu é ligada em magia robótica?

– Eu sou ligada no Vorta.

– Checa o Joshua Madara na internet. E o Electronomicon. É do caralho.

Eu estava cansada com a quantidade de informações na minha cabeça. Nunca tinha lido tanto na minha vida. E nunca tinha feito tanto sexo para alterar o estado de consciência. Meu cérebro e minha buceta estavam fervilhando.

Mesmo depois de tanta leitura, eu ainda me negava a admitir que eu gostasse de ler. Se houvesse outras formas de obter aquelas informações, eu iria optar por elas. Eu queria um instrutor me explicando coisas, para eu tirar dúvidas, debater. Participar de rituais de grupos para sentir as energias, a egrégora, a vibe.

Fui checar a sugestão de Marcos na internet. Liguei para ele em seguida, enfurecida.

– Meu inglês é uma merda! Eu não consigo entender esse link que tu me deu, cara.

– Tem umas traduções do Peter Carroll. E de espanhol, tu manja?

– Experimenta. Me passa aí.

MAL

– Mas tem autor brasileiro também. Lê o Liber PPP. Satisfação garantida.

Um dia depois, Marcos me veio com a mensagem do mestre dele.

– Ele disse que te encontra hoje à tarde pra conversar. Tu vai curtir o cara. Ele é gente fina.

Fiquei satisfeítíssima com o convite. Eu iria realizar um esforço fenomenal para não falar merda perto do mestre do Marcos. Aquela poderia ser a minha última chance.

Ele combinou de se encontrar comigo num local da universidade relativamente movimentado. E aí, o cara ia aparecer de manto negro? Ia chamar a atenção.

Sentei-me numa mesa no local combinado e fiquei observando a galera nas mesas próximas, nos barzinhos, fumando um baseado...

Até que um cara se sentou na minha frente. Ele estava vestido normalmente, de jeans, tênis e camiseta. Se bem que a camiseta dele tinha uns símbolos bem esquisitos. Aquilo atraiu minha atenção. Era como nos livros, nos grimórios! Eu estava vendo um mago ao vivo. Depois de ler tanto, eles me pareciam seres quase lendários. Antigamente eu os achava um bando de imbecis.

Ele usava um boné verde. Um pano amarelo na boca. Óculos escuros. Ou seja: eu não via porra nenhuma do rosto dele.

– Fala, Gabriela. Firmeza?

Ele estendeu a mão direita, que tinha duas pulseiras de tecido e uma aliança. Apertei a mão dele.

– Vou pegar um refri. Quer alguma coisa?

– Sim, um copinho de Matte Leão, de limão.

Ele levantou-se e, poucos segundos depois, retornou com uma latinha de Pepsi e com meu copo. Pegou um canudinho e bebeu a Pepsi por baixo do pano. Que mané! Eu quase ri com aquela besteira.

– Valeu – eu disse.

– Às ordens.

Abri o meu copo. Dei o primeiro gole. Eu não estava exatamente nervosa, mas ansiosa. Ele me deixou à vontade o suficiente.

– O pessoal tá fulo contigo. Tu sabe disso, né?

– Tô sabendo – respondi.

Wanju Duli

– Principalmente por causa daquela história de que Zraba te bateu. Ninguém curtiu essa mentira.

– Tu me chamou aqui pra me acusar?

– Não. Só queria deixar isso claro. Que a galera não tá satisfeita. E que tu vai precisar te puxar pra compensar isso.

Eu suspirei. Já esperava algo parecido.

– O Suaten tá bem?

– Ele tá.

– O que ele tem?

– Diabetes. Ele fica bem na maior parte do tempo. Mas ele anda estressado demais com os estudos da faculdade, às vezes fica acordado até tarde fazendo trabalho e esquece de comer. É foda. Ele foi pro hospital daquela vez porque juntou tudo isso.

– E mais o estresse de lidar comigo – completei.

– De fato, não há como negar.

– A vida é estressante mesmo – concluí, para tentar amenizar o que eu tinha feito – existe uma magia para lidar com o estresse?

– É claro. Técnicas de relaxamento. Alterar ligeiramente a visão de mundo. Mas principalmente aceitar o fato de que, como tu falou, a vida em si é estressante. Não há como evitar. Merdas acontecem o tempo todo. É impossível um ser humano portar-se de forma ótima diante dessa porra toda.

– Exatamente.

– Quem tenta se manter calminho e tranquilo o tempo inteiro, vai se frustrar. A vida não é feita pra ser calminha. E nem a mente humana. Mas voltando ao assunto...

Ele passava os dedos em sua própria latinha de refri. Vez ou outra a equilibrava de lado. Era um movimento quase hipnótico.

– Tu quer mesmo entrar na MAL?

– Eu quero.

– Marcos me disse que tu leu o FG e o GG.

– Tudinho – confirmei – até já sei qual vai ser meu codinome: Gizwa.

– Uma escolha ousada. Eu sou o Míoaé.

Eu tive que rir.

– Isso me sugere bastante sobre a tua personalidade – concluí – tu curte andar pelado por aí?

MAL

– Eu estou parcialmente pelado, nos termos da sociedade. Eu deveria estar usando um manto negro. Mas não curto muito o preto e nem mantos. Por isso vim fantasiado de traficante. O caoísmo é uma parada mais atual. Quero estar na moda.

– Beleza. Parece justo. E lógico.

– É essa a ideia. Olha, eu vou te arrumar um novo mestre. Tu aceita?

Eu não estava mais em posição de escolher. Estava topando qualquer coisa. Com uma única exceção.

– Só não quero Zraba.

– Não te preocupa. Isso não vai acontecer. Poucas vezes ele ficou tão puto com um candidato a membro antes. Não vamos te jogar pro leão. E nem pra leoa.

– Quem é a leoa?

– A mestra.

– E quem é o vice?

– Sou eu.

Porra! Eu tava falando com o vice.

“E daí?” Senti-me meio boba em me agitar por causa disso. Era só um grupinho de jovens inexperientes. Somente universitários metidos a besta, se reunindo para curtir um pouco de vida e um pouco de magia.

Mesmo assim, até me endireitei na cadeira depois de ouvir isso. Ainda bem que ele levou na boa minha pergunta sobre andar pelado.

– Marcos é tão importante assim para ser treinado pessoalmente por ti?

– Eu não sou melhor que nenhum dos outros membros – ele esclareceu – minha função é meramente administrativa, assim como a da líder. Não há nenhum magista absolutamente foda na MAL. Existem especialistas em áreas específicas. Marcos curtia uma área que sei bem, então fiquei responsável por ele.

Função administrativa, hã? Ele decidia quem ficava ou saía do grupo. A meu ver, era uma função puta importante.

– E que área é essa?

– Magia dimensional de magos fantasmas, ou magia do infinito. Se leu os livros, vai se lembrar de uns caras que curtem arrastar dimensões na coleira.

– Saquei. E vocês têm o Grimório do Infinito?

– Não me lembro pra quem emprestei esse. Desde que Zraba picotou o grimório que escrevi, estou pensando duas vezes antes de emprestar livros pras pessoas.

– O Livro do Susto é teu?

– Sim, magias para assustar e maldições.

– Já usei várias das tuas maldições. São tri legais.

– Muito obrigado.

– Por que Zraba rasgou teu livro?

– Era uma piada interna. Pedi a ele uma resenha, mas fiz uma paródia de uma fórmula evocatória que ele criou, logo nas primeiras páginas. Ele não gostou muito da minha homenagem. Felizmente não me processou por plágio, mas da próxima não escapo.

Mioae era bacana. Super tranquilo. Se eu tivesse a aprovação do vice, estava feita.

– Pode me treinar? – propus.

– Eu poderia, mas já estou responsável por três candidatos. Caliderina será a tua mestra.

– Vou adivinhar: é a tua namorada?

– A própria. Vejo que a tua leitura foi frutífera.

Mioae levantou-se. Jogou a latinha na lixeira. Voltou-se para mim novamente e estendeu-me a mão.

– É um prazer te conhecer, Gabriela. Espero que se acerte com tua nova instrutora. Amanhã, nove da noite, naquele banco velho que vocês adoram.

– O prazer é meu, Mioae. Prometo que não irei desapontá-los.

E assim nos despedimos. Mioae retirou-se, com as mãos nos bolsos. Observei-o ir embora.

No segundo seguinte, eu já estava ligando para Marcos, para contar-lhe a boa nova.

– Eu te disse que ele era gente boa – disse Marcos.

– Tu é um sortudo por tê-lo como instrutor, cara. Vou ser treinada pela namorada dele.

– Ah, eu não a conheço. Adoraria conhecer. Dessa vez a sortuda é tu. Ouço falar bem dela. Acho que vai ser de boa.

Contei a notícia para Carla e Elaine, que me deram calorosos parabéns. Se eu conseguisse entrar na MAL, iria solicitar o treinamento

das duas. Eu só não queria que elas entrassem antes de mim! Eu ficaria morrendo de inveja. Já bastava a inveja que eu estava do Marcos, que devia se tornar membro oficial no máximo na próxima semana.

A partir de então, ele seria o Sremino. Eu não via a hora de me tornar Gizwa. Marcos mencionou que, além do nome que carregamos, é solicitado que treinemos algumas magias básicas usadas pelo nosso personagem. Isso significava que eu teria que estudar magia estética seriamente, e não somente testá-la.

Eu estava evitando faltar aulas nos últimos dias. Estava dando duro nos estudos, porque eu não queria ser jubilada da universidade. Seria um timing péssimo.

Toda vez que eu pegava um livro para ler, eu me perguntava: “O que tá acontecendo contigo, Gabriela? Não é a Gabriela que eu conheço”.

Eu fiquei ansiosíssima para conhecer Caliderina no dia seguinte. Até Marcelina me desejou boa sorte, pois eu mencionei para ela que estava tentando fazer parte de uma sociedade universitária. Só não dei detalhes.

Quando eu ia me encontrar com um guri, eu precisava usar roupas que me fizessem parecer gostosa. Já para me encontrar com uma guria, eu devia optar por uma roupa de marca, com tecido de qualidade, não importando muito se minhas coxas ou meus peitos fossem aparecer. Os guris ligavam para a carne. As gurias para o tecido.

Usei um vestido de mangas curtas que batia no meu joelho. Os sapatos e a bolsa foram cuidadosamente selecionados.

Depois de uma chapinha caprichada e de uma maquiagem leve, senti-me pronta para sair.

Sentei-me no banco e observei a paisagem noturna do campus. No fundo, eu não queria ser treinada nem por Mioae e nem por Caliderina, e sim por Suaten. Infelizmente, aquilo não seria mais possível. Eu só torcia para que, após minha entrada na Ordem, ele me desculpasse.

Tinha alguém chegando. Um monstro.

A mocinha usava um longo vestido azul rodado. Na cabeça havia uma espécie de chapéu de frutas com um abacaxi no topo. Ela estava mascarada. A máscara tinha penas, brilhos... meu Deus! O que era aquilo?

No mesmo instante, perguntei-me porque me dei ao trabalho de escolher uma roupa decente para sair. Estava absolutamente claro que

aquela guria não tinha o mínimo senso de estilo. O que Mioae viu nela? A minha mestra seria uma pessoa que assassinava o mundo da moda. Era no mínimo um insulto.

– Nossa, que linda! – exclamei, assim que ela chegou – Adorei esse abacaxi! Super fashion!

Eu não consegui segurar a língua. Putz. Eu sempre dizia essas coisas quando viu uma guria com roupas particularmente escandalosas e ridículas.

Felizmente, Caliderina não percebeu a ironia. Ou percebeu e eu não notei, pois eu não podia ver o rosto dela.

– Obrigada, Gabi. Posso te chamar de Gabi?

“Vadia”. Eu quase falei aquilo em voz alta. Ainda bem que não saiu.

– Claro que pode.

Eu devia estar mesmo querendo entrar para a tal sociedade, para dizer aquilo.

Cada vez mais eu estava me dando conta do quanto eu me importava com coisas absolutamente estúpidas. Eu precisava aprender a deixar de ser fresca.

– Tu sabe que já estudei alguns livros?

– Mioae me contou.

– E testei algumas magias. Isso já me torna uma maga? No que mais vocês precisam me treinar?

– Na nossa metodologia – respondeu Caliderina – nós estamos sempre experimentando novas formas de fazer as coisas. Mas é bom que tu conheça os métodos que nos agradam mais, como grupo.

– Será que podemos começar a nos encontrar num lugar mais movimentado, como fiz ontem com o Mioae? Nos encontramos a tarde num bar. Se tu vestir algo mais discreto...

– Eu tenho aula a tarde, mas se for de tardezinha eu topo. E agora eu vou tirar cartas pra ti.

Ela tirou um baralho da bolsa e me mostrou as imagens.

– Eu mesma as desenhei e inventei os simbolismos. Vou embaralhar. Tu deve te concentrar e escolher uma delas.

– Não é apenas questão de sorte o fato de eu tirar uma carta ou outra? – perguntei – Qual é a diferença se eu me concentrar?

MAL

– A nossa vontade tem algum efeito no mundo. Nós não sabemos até que ponto. E também o fato de tu acreditar que a concentração possui poder te fará confiar ainda mais na mensagem da carta. Todos esses procedimentos pré-ritualísticos são importantes. Se quiser se livrar deles, substitua-os por outros que funcionem. Pode ser uma explicação sagaz ou uma emoção.

Ela tinha boas respostas. Conseguiu me convencer e resolvi me concentrar de verdade.

Retirei uma carta com o desenho de um coração alado coroado, com uma fechadura. Ele estava dentro de uma gaiola.

– Essa carta se chama Soberana dos Segredos. O teu coração está trancado com uma fechadura poderosa. É preciso desvendar o arcano para abrir as tuas emoções e libertá-las, para que voem livres e sem medo.

– Bobagem.

– Por quê?

– É apenas uma carta.

– É possível formar várias frases interessantes usando a palavra “apenas” – respondeu Caliderina – Observa. É apenas a vida. É apenas a morte. É apenas um arranhão. É apenas um buraco na cabeça.

– Mas essa é uma mensagem genérica recebida por qualquer pessoa que tira a carta.

– Quem lê a carta pode interpretar de forma diferente, dependendo do dia, do humor, do tempo, da pessoa para quem a mensagem é direcionada. Se desejar algo mais específico, é recomendado tirar uma sequência.

– OK, parece razoável. Posso tentar tirar pra ti, para ver se consigo?

– É claro. Que divertido!

E passamos aquela noite brincando com as cartas. Combinamos que nos encontraríamos no dia seguinte num barzinho da universidade, no fim da tarde.

Nessa ocasião, Caliderina levou mais material. Depois de me explicar alguns princípios da divinação, ela iria me treinar em evocação.

– Vamos evocar alguma coisa aqui, no bar? – perguntei.

– Primeiro vou explicar como funciona.

Ela pegou uma folha de papel e uma caneta. Começou a desenhar. Fez uma guriazinha no meio da folha, com cabelos longos divididos no lado.

– Essa é tu.

“Que desgraça de desenho é esse?” Depois de fazer figuras tão bonitinhas nas cartas, ela me vinha com bonequinhos palito? Pelo menos eu estava bem magrinha como uma anoréxica.

Ela fez um círculo ao meu redor.

– Esse é o círculo de proteção, ou Círculo da Arte. É geralmente aí que ocorre a magia. Ou que ela é projetada. Ele te resguarda, para que não seja afetada por energias externas.

– Por quê? É só um traço no chão. A maior parte do meu corpo fica de fora.

– O traçado é feito em duas dimensões. Mas tu deve imaginar uma esfera de energia envolvendo todo teu corpo, em 3D. Ela paira acima da tua cabeça e atravessa o chão. O desenho é feito para impressionar a mente. Um simbolismo material do propósito, que estimula tanto a mente consciente quanto a inconsciente.

– Por que um círculo?

– Tu quer a resposta curta ou a longa?

– A curta – resolvi.

– É uma boa escolha. Para obter a longa tu teria que estudar a magia tradicional. Existe uma série de significados clássicos para as formas geométricas. Em poucas palavras, o círculo é usado para proteção por tradição. Mas tu pode usar outras formas geométricas ou mesmo um desenho aleatório ao teu redor. A ideia é simplificar.

– Por que eu usaria um desenho aleatório?

– É o princípio da escrita automática: permitir que o inconsciente atue. Spare usava isso bastante.

– O cara que inventou os sigilos?

– Isso – ela respondeu.

– Por que os sigilos se tornaram tão populares na Magia do Caos?

– Provavelmente porque são simples de entender e fáceis de usar. São efetivos e bonitos. Sigilo é um termo genérico para uma série de símbolos. Mas se estamos falando especificamente sobre a técnica de sigilização de Spare, é apenas mais um sistema. Eu imagino que os

MAL

caoístas se encantaram tanto com sigilos e servidores porque eles possuem um forte aspecto criativo: tu mesmo bola teus símbolos e entidades. Mas é possível obter esse efeito criativo com outras técnicas.

Ela desenhou um símbolo na folha de papel.

– Uma entidade costuma possuir um selo de poder, que tu usará para ativá-la. Ela pode revelar qual é esse símbolo em sonhos, por escrita automática ou por outros métodos divinatórios, como visões pela água ou pelo fogo.

– Por que eu preciso de tudo isso para chamar uma entidade?

– Não precisa. Esse é apenas um método clássico. Por que eu desenhei minhas cartas em retângulos e não em losangos ou quadrados? Porque estamos acostumados com retângulos e funciona. Mas se pensarmos sempre dessa forma, nunca vamos bolar algo novo.

– Então tu também não precisa embaralhar as cartas – concluí – pode jogá-las para o ar. E eu posso pisar em uma delas.

– Exato. Tu pode inventar qualquer método, contanto que ele seja prático, interessante e efetivo. E, acima de tudo, que gere as emoções necessárias.

Resolvi rabiscar no desenho dela.

– Então eu não preciso de círculo ou de símbolo. De nenhuma dessas coisas. Nem de espada, nem de bastão. Nenhuma fórmula mágica.

– E vai substituir pelo quê?

– Não posso apenas me concentrar para que a entidade venha? Ou para que eu vá até ela?

– Exemplos disso seriam sonhos lúcidos, projeções astrais e meditações. Magia de mãos vazias. A forma mais simplificada disso é projeção de energia. Pelas mãos, por exemplo.

Ela estendeu a palma da mão diante de mim.

– Estende a tua, mas sem tocar na minha. As nossas mãos ficarão separadas por poucos centímetros. Te concentra e sente a energia que eu projeto. E depois me manda a tua energia.

Eu tinha a impressão real de que algo estava acontecendo naquele exercício. Mas uma parte daquilo ainda me incomodava.

– Por que essas regras de tocar ou não tocar?

– Elas não são fixas. A arte do caoísmo é moldar esses princípios e inventar a tua forma de magia.

Naquela tarde Caliderina usava um lenço em volta da cabeça e da boca, além de óculos escuros. Parecia uma muçulmana.

A ideia era falarmos sobre evocação, mas acabamos debatendo sobre criação de sistemas. Eu poderia criar minha própria forma de magia, quase como uma religião particular, livre de regras absolutas. Eu escolheria os rituais, as formas, as cores, os cheiros, isso tudo.

– Se podemos inventar nossas próprias religiões ou fórmulas mágicas, por que as pessoas optam por utilizar coisas já prontas? – perguntei.

– Por vários motivos. É mais fácil seguir uma receita de bolo. É mais seguro, existe uma maior probabilidade de dar certo, pois já foi testada muitas vezes antes. Criar a tua receita é como partir rumo ao desconhecido. Haverá muitas falhas antes de os acertos ocorrerem. Quando pegar o espírito da coisa, haverá mais acertos que falhas. Mas isso não significa que tu deva sempre utilizar ingredientes e métodos altamente malucos e improváveis, como criar um bolo de lama e batê-lo com uma britadeira. Por mais criativo que o caoísta seja, ele pode tirar lições valiosas do estudo da magia tradicional.

– É por isso que tuas cartas são retangulares?

– Sim. E por isso que ainda faço banimento com círculos e gargalhadas.

O encontro daquele dia foi imensamente inspirador. Cada vez mais eu entendia porque tudo aquilo era tão fascinante.

Os caoístas eram como artistas do mundo dos espíritos. Fortemente criativos, sua arte atravessava as fronteiras do espaço-tempo; da mente e do mundo.

– Uma última pergunta antes de irmos – eu falei, antes que ela se levantasse para ir embora – existem mesmo espíritos? E vida após a morte?

– Eu não sei.

Eu me espantei com a resposta.

– Tu não sabe? – perguntei, esperando uma resposta mais complexa – Como não? Pensei que todos esses mergulhos dimensionais servissem para alguma coisa.

Se bem que, seguindo essa linha de raciocínio, usuários de drogas seriam os sujeitos mais sábios do mundo.

MAL

– Cada magista dará uma resposta diferente se tu perguntar isso – respondeu Caliderina – porque cada um enxerga a realidade sob um ponto de vista. E se a realidade só existir por intermédio da impressão dos sentidos, existem várias verdades e possibilidades.

– Então os espíritos podem existir e não existir ao mesmo tempo? E o pós-morte também?

– Eles podem existir para quem acredita e não existir para quem não acredita. A crença é uma ferramenta poderosíssima. É capaz de criar e destruir mundos em segundos. Mas se tu quiser saber mais detalhes sobre toda essa construção mental, eu sugiro que vá conversar com um estudante da filosofia. Muitos pensadores já bolaram respostas inteligentes para essas perguntas. Ninguém chega a uma conclusão definitiva. Cada um escolhe sua explicação favorita.

– Então os filósofos são magos poderosos? Pensei que eram os psicólogos.

– Ou os cientistas, os cozinheiros, os artistas. A magia está em todo lugar. Cada um possui sua forma favorita de interpretar o mundo. E nenhuma é melhor que outra.

– Certo – concordei – estou começando a entender toda essa viagem.

– Quando sentir que está começando a entender, é porque não está entendendo – observou Caliderina – afinal, ninguém entende a magia de verdade. As pessoas constroem apenas modelos, que são aproximações grosseiras de nossa maneira de sentir o mundo, que nunca será absoluta. Porque não somos Deuses.

– Porra. Acho que estou satisfeita por hoje. Se debatermos isso por mais tempo, meu cérebro vai virar guisado.

A namoradina do Míoe era assustadoramente inteligente. Mas talvez eu fosse assustadoramente inteligente também e não soubesse. Eu apenas sentia o mundo por outro ponto de vista.

Será que a Caliderina era da filosofia mesmo? Eu estava cada vez mais curiosa para saber que curso cada um fazia.

Na noite anterior Caliderina usou uma máscara. Eu pude ver os olhos dela, mas só de relance, já que ela não olhou muitas vezes na minha direção.

Minha intuição me sugeria que ela era uma pessoa completamente maluca. Ou quem sabe o abacaxi tivesse me sugerido isso. Se o Míoe e a

Caliderina reais fossem que nem os personagens da história, eles seriam um casal absolutamente louco, feliz e animado. Esse pensamento me divertia.

Eu estava gostando cada vez mais de Caliderina. A cada novo encontro, eu descobria um pouco mais sobre ela. Até reparar no esmalte que ela usava era um deleite para mim. Ela estava usando um na cor roxa.

Mas não era só isso. A cada vez que conversávamos, eu descobria mais coisas sobre sua vida. Ela soltava um ou outro detalhe.

Eu a achei muito mais interessante do que minhas outras duas amigas. Talvez porque eu fosse tão controladora que não permitisse que elas fossem elas mesmas. Devia haver muitas coisas fantásticas sobre Carla e Elaine que eu desconhecia.

Caliderina me emprestou um livro muito estranho e ridículo chamado Agracamalas. Quando concluí a leitura, liguei para Marcos.

– Que merda foi essa que eu acabei de ler?

– Depois de ler toda a Fábula dos Gênios, tu ainda te perturba com o Agracamalas? – perguntou Marcos – E a partir de agora, me chama de Sremino.

– Não me diz que...

– Com orgulho.

– Meus parabéns, miserável! Deixa estar, que já te alcanço!

Não pude ver a iniciação dele. Ele já devia ter visto o rosto de todos os membros. E não ia me contar nada. Eu tinha vontade de matá-lo!

Quando conversei com Caliderina sobre isso, ela me confirmou.

– Inclusive jogamos Agracamalas com o Sremino ontem – ela revelou.

– Vocês jogaram... Agracamalas? – perguntei, incrédula.

Aquilo parecia surreal demais para ser verdade.

– Chamaram um espírito para mexer?

– O Curupira das Casas, é óbvio. Quando entrar, tu joga com a gente.

Meu rosto se iluminou. “Quando entrar”, ela disse. Caliderina já estava me treinando há mais de uma semana. Isso significava que minha entrada já estava garantida? Seria apenas questão de tempo?

O próximo livro que ela me emprestou foi o Grimório da Insolência. E depois uma série de artigos em sites. Ela estava me passando um monte de leituras em português, para que eu pudesse acompanhar.

MAL

– Meu inglês é melhor que o teu, mas também não é assim tão bom – comentou Marcos no telefone – não consigo ler livros em inglês. Detesto quando os membros começam a comentar sobre o autor tal e o livro tal. Só tem filhinho de papai nessa universidade. Todos devem ter feito curso de inglês.

– Não é bem assim, cara – falei – tem um pessoal na universidade que passa dificuldade até pra comer. E tu sabe disso. Eles dependem da comida do RU. Eu mesma, se não fosse uma ajuda da minha tia tava ferrada. Tu sabe que meus pais moram em outra cidade.

Aquele era realmente um problema. Meus pais não estavam mais dando conta de me sustentar. Eu tinha muitas despesas extras, principalmente em xerox na universidade. Eu gastava horrores naquilo. O tempo todo!

Eu provavelmente teria que trabalhar em breve. Eu pegaria qualquer emprego que aparecesse. Seria difícil conciliar os estudos com o trabalho. E com as atividades da MAL, quando eu fosse membro...

Mas eu não podia deixar de fazer parte da sociedade por causa disso. Depois de me esforçar tanto, eu não podia apenas colocar o rabo entre as pernas.

– Já ouviu falar dos lendários encontros da MAL no barzinho? – perguntou-me Marcos um dia.

Falei com ele no final de uma aula que fazíamos juntos. Ele me sussurrou isso.

– Não. E tu não devia estar falando disso comigo.

– Ah, essa frescura de não revelar informações é só pra assustar os novatos. Eles sabem que sou de confiança e que tu vai entrar em breve.

– Tá, então fala logo aí.

Ele só estava se gabando pra me deixar com inveja. Era um cuzão.

– Eles se reúnem todas as quintas à noite.

– ... porque sexta-feira é dia de festa – completei – todo mundo sabe que quinta é um dia clássico para o encontro semanal dos membros de sociedades. Qual é a novidade?

– Assim que tu calar a boca eu continuo. Eu fui nesse encontro pela primeira vez. Às vezes eles jogam Agracamalas. Outras vezes Magimáquina. E em outras há disputas de magia.

Wanju Duli

– Eles fizeram uma Magimáquina? – perguntei, ansiosa – Eu adoraria testá-la! E como são essas disputas de magia?

– Geralmente duelos. Quando são três ou mais costuma dar bagunça. Saca os truelos? Fica parecendo Agracamalas: uma porra de um caos.

– Assim que é bom, meu.

– Mas bah, boa é aquela ceva. Tu tem que ir naquele bar. Por isso mesmo eles vão lá. E pela localização.

Lançar magias bêbado. Perfeito.

– Onde é?

– Tu acha que eu vou te dizer, pra tu espiar o próximo encontro?

– Merda.

Ele tinha descoberto meu plano. Era tão óbvio?

– Tu leu a Fábula da Eloquência. Sabe como ocorrem duelos de magia literata. O magista pronuncia uma fórmula mágica na forma de poesia e o outro tem que rimar para ativar ou quebrar um feitiço. Quem perde tem que beber mais. É uma tragédia. No final da noite, os versos são um terror. As rimas mais estúpidas que seria possível conceber. Uma vergonha!

Eu ri.

– Vergonha é como eles se vestem. Não me diga que eles vão para o bar com aqueles mantos negros?

– Usamos outras roupas. Me inclui no meio, agora sou membro! Mas às vezes são roupas da Ordem também. Os mantos negros são para se camuflar na noite e assustar neófitos. A camuflagem é diferente para o dia. Quando usamos roupas comuns, tem que ter o broche.

– Tô sabendo – respondi, lembrando-me dos trajes do Mioae e da Caliderina.

Pelo menos eles não precisavam esconder o rosto no bar.

– Quando tu entra pra MAL, ganha um manto e um anel com o símbolo da Ordem.

– Ganha nada – falei – cada membro manda fazer.

– Ou isso.

– Vou ter que gastar mais grana. É foda. Se tiver outro gasto extra já me diz, pra eu economizar.

MAL

– Que eu saiba é isso. Eles não cobram. Só quando tem que tirar cópia de algum livro ou se eles organizam uma festa, retiro ou ritual no qual há gastos, aí todos dividem.

Mais xerox. Eu já devia ter sido responsável pela destruição de uma floresta, de tantas pilhas de apostilas que havia no meu dormitório. Considerando que eu não havia lido metade delas.

Eu precisava me formar logo. Arranjar um emprego e sumir de lá.

– Pena que não dá pra continuar na MAL depois de formado – comentei.

– A mestra já vai se formar daqui a pouco. Eu não faço nem ideia do que vai acontecer depois.

No próximo encontro, eu e Caliderina faríamos uma evocação. Eu estava ansiosa. Seria minha primeira. Ao menos formalmente, já que eu tinha tentando umas coisas menores sozinha.

Fomos para um local reservado, no meio do mato. As velas não duravam muito tempo acesas, com o vento. Por isso também levamos lanternas.

– Magos contemporâneos usam lanternas – comentei – velas são para posers.

Ou isso era somente uma desculpa para o fato de eu não conseguir manter uma vela acesa na ventania? Cobrir com os grimórios não ajudava muito.

Mas rituais ao ar livre era tudo de bom. Até meditar, que era algo que eu odiava, ficava melhor ao relento.

Como eu reclamei do círculo, Caliderina resolveu traçar outra forma no chão. Foi uma forma bem complicada, que continha o selo da entidade. E em vez das espadas, usamos outras armas brancas: pequenas foices cerimoniais.

A oferenda para a entidade foi um punhado de grama cortada com nossas foices. Nós montamos um servidor exatamente com esse propósito: manifestar-se para nós naquela noite, despertando fortes emoções.

O nome do servidor era Grafo: uma junção de grama e foice. Algo óbvio, simples e efetivo. Decidimos que a grama o alimentaria e seria sua fonte de força. A foice seria sua fraqueza, que poderia feri-lo e intimidá-

Wanju Duli

lo. Portanto, nós o atrairíamos com a grama na mão esquerda e o ameaçaríamos com a foice na mão direita, caso ele se rebelasse.

Trouxemos um espelho conosco, que inverteria o feitiço: através da pronúncia de “Maice”, a grama se tornava um veneno e a foice uma força.

Nós afiamos ligeiramente as foices para cortar a grama, embora não fosse recomendável afiar utensílios cerimoniais, para o magista não se machucar.

Iniciamos com uma meditação. Meu coração estava acelerado. Eu respirava com força e ouvia o som do vento.

Alguns minutos depois, Caliderina tocou um sino. Nos levantamos e erguemos as foices.

Pronunciamos “Grafo” muitas vezes seguidas. Logo após, começamos a chamá-lo por diferentes dizeres, uma depois da outra.

– Aparece, Grafo! – Caliderina clamou aos ventos – Surge aqui! Vem a mim!

– Maldito Grafo, não nos faz esperar mais! – gritei – E vem comer teu alimento, patife!

– Uma bela noite, perfeita para a dança do vento e da foice, da foice e do vento, o ar é seu elemento.

Rimas? Certo. Eu pegaria pesado.

– Canalha, a navalha é pouco pra ti! – berrei – Vem, meu escravo, tão bravo, o louco se encontra aqui. Ensanguentado, quebrado, repleto de porra, clamando para que morra!

Criamos uma história de base para Grafo. Ele era uma entidade violenta e levada, que já havia visto o mal e feito o mal, mas poderia ser redimido. Era a noite do julgamento.

Nos inflamamos com muitas emoções e continuamos gritando. Nos instantes em que o vento aumentava, eu sentia um arrepio.

Para aumentar a adrenalina, cortamos o selo de proteção em dois, transformando-o em túneis. Dessa forma, poderíamos caminhar e nos mover nos arredores, cortando cada vez mais grama, até que Grafo viesse.

Fizemos isso até o ponto da exaustão. Estava frio à noite, mais fiquei suada e com o braço dolorido com os movimentos repetitivos.

Por fim, caí deitada no chão. Tive uma visão.

MAL

Grafo vinha do céu e me circundava, num golpe de vento, devorando toda a grama que cortei. Num susto, levantei-me e cortei o ar ao redor com a foice.

– Filho da puta! Grafo miserável!

Caliderina também estava ali perto, dançando e saltando no vento, em seu túnel dimensional. Foi uma visão memorável.

Grama no ar, vento na terra. Estava tudo ao contrário. Senti a cabeça pesada. As formas estavam distorcidas. Puta que pariu! E eu não tinha bebido nada. Aquilo era magia pura. A fusão da gnose excitatória com a inibitória.

Quebrei o espelho. No mesmo instante, eu e Caliderina gritamos:

– Maice! Maice!!

O servidor, depois de devorar tanta grama, passaria mal com esse veneno. Ele queria a lâmina das foices.

Eu e Caliderina nos apressamos em enterrá-las.

A lanterna se apagou. Tudo ficou escuro. Eu fiquei com medo pra caralho.

Demorou um pouco para encontrarmos a lanterna outra vez. Quando Caliderina acendeu-a, olhei para meu próprio braço e vi uma mancha vermelha.

– Merda, eu me cortei. Caliderina, mata o Maice e manda o puto pra outra dimensão, antes que ele me foda mais!

A função de Grafo-Maice era nos ferrar. Foi para isso que o chamamos: para uma batalha. Para sentir a magia, as emoções, despertar desejos escondidos.

Que porra inútil, não é mesmo? Sorte que só saí com um pouquinho de sangue dessa. E com um pouco de tontura.

Em compensação, nos cagamos de rir no final. Depois do susto. Saiu um pouco mais de sangue do que seria aceitável. Ainda bem que não montamos um vampiro e sim um servidor bostinha da grama.

Então os caoístas eram esse tipo de pessoa. A maioria não estava nem aí em fazer feitiços para obter dinheiro, saúde ou o caralho. Queriam mesmo era curtir, se ferrando. Porque era massa pra caralho. Se ferrar com estilo. De uma forma divertida, engraçada, lendária.

Wanju Duli

E criamos mais uma lenda. Caliderina me contou que espalhou as fofocas do nosso ritual no encontro seguinte do barzinho. Gerou muitas risadas e foi registrado no grimório.

Meu nome estava no grimório oficial da MAL. Era uma boa maneira de começar.

– Brisgrar e Balaza vão usar Grafo-Maice num ritual – contou-me Caliderina – o pessoal curtiu.

O servidor que eu tinha inventado com minha instrutora. Outros magos iam usá-lo. Isso não era fantástico?

Uma das maiores atrações de estar numa sociedade de caoísmo era criarmos feitiços e usarmos as magias originais uns dos outros. Uma verdadeira honra. Lermos os materiais dos companheiros. E concluirmos o quanto éramos fodas, celebrando nossas próprias lendas vivas.

Vem, aventureiro, desvenda o segredo
Que guardo, te torna a lenda viva
O primeiro, o vencedor, o rei da magia
Supera a mim, sem medo do fogo
Da tua ambição, pois todas as ternuras
Encontram seu ninho na superação
Da dualidade do fim
E na verdade do paraíso
Existente no choro e no riso
Perdido no calor de um sorriso
Temente de amor

O poema da grande farsa do mundo. Eu o ouvi um dia. Da boca dos magistas. E eu o cantei.

Por que nos achávamos tão grandiosos? Eu sentia saudade de estar na sociedade de churrasco. Pelo menos assim eu não tinha tanta dor de cabeça. Eu estava me tornando outra pessoa e aquilo me assustava.

Após o almoço, deitei-me embaixo de uma árvore. Suspirei fundo.

“Eu sou idiota ou o quê?”

Eu estava levando tudo aquilo muito a sério. Mas não era assim que eles queriam? Eles eram sérios. Dedicavam-se em seus projetos, em suas

MAL

amizades. Enquanto eu não fazia o menor esforço nem mesmo para ter uma amizade normal e uma vida normal.

Ao mesmo tempo, eles eram um bando de palhaços. Escreviam livros ridículos, cheios de piadas escrotas, e depois faziam paródias dos livros uns dos outros. Dos feitiços, das magias. Eu, uma maga? Aquele termo era realmente estúpido.

“Gabriela está mudando”.

Os dias estavam passando. No fundo eu sabia que não estavam passando por acaso. Sorri sozinha ao constatar isso. Enquanto puxava um fumo. Com óculos escuros, para ninguém enxergar meu olhar sonhador.

Uma parte de mim considerava tudo aquilo uma brincadeira. Talvez porque tudo fosse uma brincadeira para mim: meu curso, meus amigos, minha vida. Tudo era descartável.

Se aquele pessoal descobrisse que eu era uma pessoa assim poderiam desistir de mim. Minhas professoras já tinham desistido. Meus pais também já não ligavam. Eu mal falava com eles.

E no dia em que Carla e Elaine também desistissem de mim, o que eu faria? Senti um frio na espinha só de pensar nisso. Elas não pareciam ser importantes. Mas talvez fossem tudo o que eu tivesse.

Lembrei da sensação desagradável que senti quando Suaten me deixou para trás. Tudo o que eu queria era poder me redimir com ele. E o único meio seria entrar para a MAL.

Acho que eu queria entrar no grupo apenas para fazer as pazes com ele. E se ele me perdoasse, será que eu avacalharia com ele de novo? Eu não confiava em mim.

Fui até uma banca de revista e comprei uma revista de putaria e uma carteira de cigarros. Voltei pro meu dormitório e fui me masturbar com aquilo tudo. É, com o cigarro também.

Eu nem ligava se Marcelina estava presente ou não quando eu batia uma. Ela já estava acostumada com meus vídeos. Uma vez até trepei com um gostoso burro como uma porta que se chamava Gilberto ou Geraldo, enquanto ela estava do lado fazendo um trabalho da uni.

Já fazia duas semanas desde que Caliderina tinha começado a me treinar. Nesse meio tempo, já tínhamos conversado sobre muita coisa, principalmente sobre magia, mas também sobre questões envolvendo

minha pessoa, já que ela queria conhecer mais sobre mim e sobre minha maneira de pensar. Confesso que minhas respostas raramente eram sinceras. Minha verdadeira face era monstruosa e ela não podia saber disso. Eu mentia, curtia humilhar pessoas, maltratá-las, xingá-las. Em suma, eu era uma merda. O tipo de pessoa que ninguém quer perto.

Mas então por que havia tantas gurias me admirando e me seguindo? Algumas só me admiravam de longe, como umas colegas da moda, e não tinham coragem de se aproximar.

Porque eu era foda. Eu não era apenas uma “guria má”. Era uma mulher extremamente cruel. Às vezes eu era ainda mais filha da puta do que eu normalmente seria, apenas para manter minha imagem.

Para minha sorte, os caoístas não eram babacas moralistas. Mas eu duvidava que a galera da MAL curtiria uma merda de pessoa como eu, que só queria esculhambar. Eu só estragava tudo o que eu tocava. E era exatamente isso que eu amava em mim. Por isso seria tão desafiador me livrar dessa porção de mim mesma, que estava tão poderosamente impregnada como a pele que colava em minha carne.

Quando deu seis horas, fui para o local de encontro. Sentei-me numa das mesas e guardei a chegada de Caliderina. Porém, não foi ela que veio.

Essa que chegou usava um chapéu de abas largas. Lenço no rosto e óculos escuros grandes. Saía longa e roxa, tocando nos tornozelos, e uma blusa verde de mangas compridas.

Notei as botas de salto alto. Eu curti o visual dela. E era raro que eu aprovasse as roupas de uma mulher. Ela tinha uma noção de moda muito maior do que Caliderina, que não sabia combinar sequer duas peças de roupa.

Reparei também nos colares que ela usava. Cara, eu queria que ela fosse minha amiga. Quando eu via uma mulher que sabia se vestir bem, eu queria andar com ela. O importante não era ser bonita e sim ter estilo, meu. Eu só não sentia vergonha de andar por aí com Caliderina porque eu a respeitava pra caramba.

A mulher que chegou parecia ser mais velha que eu. Embora eu não visse quase nada, podia ver um pouco da forma do corpo, as mãos e pequenas porções do rosto.

MAL

Ela tinha a pele num tom um pouco mais escuro que o meu. Mas não era negra, talvez nem mesmo mulata. Brasileiros possuem uma variedade tão imensa de tons de pele e tanta mistura de étnicas que era foda conseguir classificar um tom de pele. Eu mesma, quando pegava um bronze, me transformava numa mulata, quase negra.

Fitei-a novamente. Podia ver um pouco dos cabelos, que eram negros e crespos. Eu já tinha visto um pouco dos cabelos de Caliderina, que eram ondulados e castanhos. Como sempre, eu normalmente não daria a mínima para isso tudo. Eu tentava prestar mais atenção porque elas queriam esconder.

Mas para o esmalte eu sempre olhava: o esmalte dela era marrom claro, e havia alguns detalhes em marrom escuro. Unhas longas e quadradas. Um anel dourado numa das mãos. Será que ela poderia ficar mais estilosa que isso? De onde aquela mulher super fashion tinha saído? Até a bolsinha que ela carregava tinha uma alça de correntes douradas que me encantou.

Quando ela sentou-se diante de mim, confesso que fiquei um pouco intimidada. Meu coração até bateu mais forte.

Isso porque, lá no fundo, eu sentia que ela era a líder da MAL. Algo em seu porte e em sua elegância sugeriam isso.

Aguardei que ela falasse. Havia um motivo especial para ela ter aparecido no meu encontro em vez de Caliderina.

Será que, após apenas duas semanas de treinamento, sem contar os outros dias que conversei com Suaten, Balaza e Mioae, eu receberia um convite formal para ingressar na sociedade?

Aquela perspectiva me assustava, mas também me atraía. Eu não queria fazer nenhuma merda que estragasse aquela oportunidade.

– Boa tarde, Gabriela. Tua instrutora não pode comparecer no dia de hoje, devido à apresentação de um seminário. Estou aqui para substituí-la. Meu nome é Brisgrar Valonde.

Putaquepariu. A líder escolheu o codinome da autora do Grimório dos Gênios. Mas eu já tinha ouvido esse nome antes.

Eu a conhecia! Eu a vi naquele dia, usando um manto negro, junto de Suaten e Balaza.

– A senhorita... senhora – como eu deveria chamá-la, porra? – é a líder?

– Não sou a líder.

Isso me deixou aliviada. Então a líder real era ainda mais imponente que ela? Eu não me sentia nervosa diante de muita gente. Eu zombava das minhas professoras, até da orientadora do curso. Então por que aqueles malditos criavam todo aquele teatro para me intimidar? Surpreendentemente, alguns deles conseguiam.

– Tu veio só hoje, certo? – perguntei, para me certificar – A partir de amanhã Caliderina voltará?

– Não te preocupa. Não terá que me aguentar por muito tempo. E eu não terei que aguentar a senhorita.

Lembrei que ela disse que não gostava de mim, ou algo assim. Aquele prometia ser um encontro desagradável. Eu me perguntava se deveria colaborar ou comprar briga.

– Usarei essa oportunidade para dizer coisas que desejo te falar há muito tempo – ela disse – coisas que penso ao teu respeito.

– Prefiro que me fale de magia – retruquei, apenas porque eu não estava muito a fim de escutar ofensas gratuitas, embora eu amasse ofender os outros gratuitamente.

– Encara isso como um treino. Para a vida. Para todas as coisas.

Eu não podia ver o olhar dela, mas sabia que ela estava suficientemente puta comigo para não segurar a língua.

– Eu ainda não entendi porque isso continua – começou Brisgrar – isso: teu treinamento. Já devia ter acabado há muito tempo. Tu já foi dispensada por Suaten. Eu sugiro que tu mesmo solicite ser dispensada agora. Porque se conseguir entrar, não será bem recebida.

– Sei disso. Estou acostumada a ter inimigos. Por toda a minha vida aconteceu. Isso nunca me impediu de fazer nada.

– Aí está: tu faz questão de ter pessoas putas contigo. Porque te satisfaz. Alguns são gentis o suficiente para deixar passar. Outros não são trouxas. Eu e Zraba não somos. Suaten também abriu os olhos.

– Eu recebi a autorização de Míoe para continuar.

– Nós consideramos a decisão do vice extremamente ofensiva. O fato de ele te apoiar em vez de defender os membros que foram afetados por tuas brincadeiras de mau gosto foi mal recebido por muitos de nós.

MAL

– Eu conheço vários membros da MAL que são a favor do meu ingresso – comentei – além de Míoe, há minha tutora Caliderina, Balaza e Sremino.

– Caliderina é a namorada do vice e vai concordar com qualquer merda que ele decidir. Balaza é uma novata que não sabe de nada. Sremino também, e ainda por cima é amigo teu. Portanto, nenhum deles conta.

– Mas que porra...?

Eu ia contar para todos o que Brisgrar andava falando deles pelas costas, para ferrar com ela. Falar mal de alguém na minha frente era a mesma coisa que pegar um microfone e clamar para a universidade inteira. Eu até costumava fazer isso, literalmente.

– O problema de Míoe é que ele gosta de ser gentil com todos e dar uma segunda chance – disse Brisgrar – mas até a gentileza, quando em excesso, pode ser um veneno. No momento em que ele é gentil com uma idiota que ofendeu um amigo nosso, é altamente questionável. Míoe é um excelente magista, mas não é um bom administrador.

– Isso tudo está acontecendo só porque eu disse que o estúpido do Zraba havia batido em mim? – perguntei, indignada.

– Não é só isso. No momento em que mente assim, as pessoas passam a não confiar em ti. Eu mesma não vou acreditar em absolutamente nada que me disser. Além do mais, Suaten ameaçou sair da MAL se tu for aprovada.

Eu não senti uma sensação boa ao ouvir isso. De que ia adiantar eu entrar se ele ia sair? Eu não teria sequer a oportunidade de me desculpar. Mas esse ato dele provava que ele não estava disposto a aceitar qualquer tipo de desculpa.

– Qual a opinião da líder?

– A teu respeito? Não sabemos – respondeu Brisgrar – ela está ocupada com a preparação da dissertação. Não quisemos preocupá-la com uma questão menor como essa. No momento, ela nem sabe da tua existência. E não precisa saber.

Eu provocava todo aquele barraco e a líder sequer piscava um olho? Pelo jeito ela já estava acostumada com idiotas criadores de caso e deixava que o vice lidasse com eles. Afinal, não valia a pena se estressar por causa de alguém como eu, certo?

Eu jamais colocaria a mão no fogo por mim mesma. E eu zombava daqueles que colocavam. Eu não era mesmo uma bosta?

Ela foi embora depois disso. Mudei de ideia sobre querer andar com ela. Era uma vadia!

Eu gostava mais das minhas duas putinhas que faziam tudo o que eu mandava. Ou será que eu achava mais emocionante uma super vaca como aquela, que me desafiava?

Pensando melhor, eu gostava de ser desafiada, se fosse por uma adversária digna assim. Comprei a briga.

– Se meteu com a mina errada, galinha...

No outro dia fofoquei para Caliderina que, em vez de me treinar, Brisgrar havia apenas ido lá para me xingar.

– Eu não queria te contar isso agora, mas tem muita gente na MAL que é contra tua entrada – informou Caliderina – inclusive pessoas que não te conhecem. Para tua sorte, Míoe te deu uma chance. Tudo vai depender do que acontecer nas próximas semanas.

Eu me sentia muito tentada a contar o que Brisgrar tinha falado dela e dos outros membros. Mas naquele instante consegui me segurar. Se eu os fizesse brigar entre si, eu poderia piorar ainda mais minha situação, que já estava por um fio.

Caliderina me deu vários papéis para preencher. Era um tipo de questionário. Eu teria que responder e entregar para ela no dia seguinte.

Voltei para a Casa do Estudante quando o encontro daquele dia terminou. Avistei um envelope por baixo da porta do meu dormitório, endereçado a mim.

Eu o abri, curiosa. Havia uma mensagem completamente incompreensível. Era um amontoado de letras embaralhadas escritas à mão, numa tinta marrom.

– Merda...! Eu não acredito.

Uma mulher sabe reconhecer sangue seco a dois metros de distância, depois de passar por tantas menstruações.

Aquilo foi escrito em sangue. Sem sombra de dúvida. E por outra mulher.

Por que eu sabia disso? Porque uma mulher tem sangue sobrando para jogar fora. Nenhum cara ia se dar ao trabalho de arrancar o próprio sangue para fazer uma maldição, a não ser que fosse muito estúpido.

MAL

Em poucas palavras, eu não valia a pena o esforço. Mas ali estava uma mocinha que havia jogado sangue menstrual num papel e endereçado a mim, para mostrar que estava cagando para a minha pessoa. Ela não devia ter levado mais de cinco minutos para preparar aquela bosta.

Finalmente consegui ler o quebra-cabeça. Visualizei distintamente as letras “V”, “A”, “D”, “T”, “A”.

Eu gargalhei. Não conseguia parar de rir.

Aquilo não tinha sido preparado por Brisgrar, de forma alguma. Ela era do tipo que viria cuspir na minha cara e não jogar bilhetinhos por baixo da porta, como uma maricas.

Tinha que ser alguém da Ordem. Nenhuma pessoa normal escreveria uma mensagem com sangue, a não ser que tivesse visto muito filme de terror ou tivesse sérios problemas mentais. Aquilo era coisa de ocultista. E de um ocultista extremamente infantil.

A folha da mensagem estava cheia de curvas, por causa do sangue. Rasguei em pedaços e joguei no lixo. Eu poderia queimar, mas, novamente, eu não me importava o suficiente para me dar esse trabalho.

Então havia uma guriazinha besta na MAL que me odiava por absolutamente nenhuma razão específica? Já que eu não conhecia a vaca, para que fazer aquilo? Para me fazer rir? Nesse caso eu iria agradecê-la.

E não é que tentar entrar praquela porra estava me dando uma diversão adicional? Eu não precisava mais comer o namorado alheio para me distrair.

Meus dias andavam emocionantes. Eu queria que continuassem assim. Então eu não podia simplesmente escrever no muro: “Na MAL só tem sapatas e bichonas”, ou gritar isso no restaurante universitário. Eu precisava continuar fingindo que estava levando a sério para que, uma vez lá dentro, eu pudesse brincar mais um pouco.

Eu estava curtindo de verdade a MAL. E tinha um pessoal lá que era tri massa e poderoso. Eu tinha vontade de me associar a eles. Mas eles eram amigos de uns imbecis! E era com esses imbecis que eu queria zoar. Mas os massas e poderosos ficariam zangados. Então eu não sabia o que fazer.

Para complicar ainda mais a situação, alguns rapazes e mocinhas massas e poderosos eram ao mesmo tempo imbecis.

Acendi um cigarro. Ah, cara...! Eu podia lançar uma maldição na Brisgrar. Ela se encaixava perfeitamente na categoria das pessoas que eu admirava e odiava ao mesmo tempo.

Resolvi que eu seguiria Caliderina no final do encontro do dia seguinte.

Entreguei os papéis devidamente preenchidos para ela e portei-me exemplarmente na entrevista. Ela mostrou-me outro método divinatório que ela tinha inventado e eu fingi estar muito interessada. Ou talvez estivesse mesmo.

O mote “Finja até que atinja” encaixava-se como uma luva na minha situação. Eu comecei a me envolver com eles para brincar, e a testar magias apenas por distração. Aos poucos, eu estava gostando de verdade daquilo tudo.

Caliderina, trajada em suas roupas bregas, caminhou numa direção. Eu não levantei-me imediatamente. Comecei a segui-la de forma discreta. Eu era boa nisso. Eu jurava que não tinha sido vista naquela vez que segui Balaza. O problema era que Zraba tinha uma capacidade anormal de captar bisbilhoteiros. Eu torcia para que ela não fosse para um local em que esse filho da puta estivesse presente.

Ela estava caminhando demais. Pelo jeito, não pretendia se encontrar com ninguém da Ordem. Voltaria para sei lá onde.

Será que eu deveria continuar a segui-la? Eu já tinha ido tão longe. Decidi que não voltaria até descobrir para onde ela ia.

Ela foi até o prédio de artes cênicas. Aquela era uma pista muito forte. Ou ela apenas podia ter uma amiga que estudava lá. Era melhor eu não reunir muitas esperanças de desvendar algum grande segredo.

Quando ela entrou no prédio, apressei-me em ir até lá. Eu precisava entrar também ou corria o risco de perdê-la de vista.

No interior do prédio, Caliderina sentiu-se segura o suficiente para remover o disfarce. Tirou o longo véu que enrolava sua cabeça e seu pescoço, revelando cabelos ainda mais longos que os meus, passando de sua cintura.

Eu não esperava que ela tivesse cabelos assim tão longos. Nunca a imaginei dessa maneira. Cabelos castanhos e ondulados, como eu havia suspeitado. Não muito bem penteados e um pouco quebrados. Uma

pessoa como ela não devia cuidar dos cabelos. Ela apenas os deixava crescer, sem nem cortar as pontas. Achei um tremendo absurdo.

Infelizmente não consegui ver o rosto dela direito, pois ela estava de costas. Parecia estar com pressa.

Ela se encontrou com alguém lá na outra ponta do corredor. Como eu estava espiando na ponta oposta, só consegui ver de longe.

Era um cara. Ela estava conversando com ele. Um pouco depois, eles se abraçaram. Trocaram um beijo na boca.

Eu não podia ter ficado mais satisfeita. Caliderina estava traindo o namorado. E eu havia flagrado. Fiz questão de tirar uma foto com meu celular. Porém, ela logo se virou para voltar, e eu apressei-me em sair do prédio antes que ela me visse.

Lá fora, fiquei escondida aguardando que ela saísse. Ela continuava com pressa. Olhou para os lados. Atitude típica de uma galinha que está fazendo o que não deve. Eu era especialista nessas coisas.

Ela correu até o estacionamento. Entrou num carro. Anotei a placa no mesmo instante.

Havia um cara dirigindo, mas eu só consegui avistar a parte de trás da cabeça, bem de longe. Ele usava uma touca. Com certeza devia ser Mioae, o namorado dela. Ele curtia usar chapéus. Eu o tinha visto de boné quando o conheci.

Eu estava tão empolgada! Pela minha vida toda, eu ferrei com várias gurias e ali estava minha oportunidade para destruir Caliderina.

Mas... espera. Ela era minha mestra. E, apesar de se vestir horripelantemente, eu gostava dela.

Ora, quem mandou ela fazer o que não devia? Ia pagar por isso.

No dia seguinte, fui procurar Marcos, para que ele me colocasse imediatamente em contato com Mioae, pois eu tinha algo urgente para dizer.

O safado estava agarrando uma guria, para variar.

– Marcos, vê se larga essa vadia e vem falar comigo – falei, na frente dela, inclusive – tenho algo importantíssimo para te pedir.

Marcos parou de beijá-la. Os dois estavam se pegando na escadaria. Normalmente ele teria jogado a vaca para o lado e a mandado embora de forma bem mal educada. Diria algo como: “Fora, puta, me cansei de ti, vou pegar outra”.

Em vez disso, Marcos me fitou com irritação. Por que ele estava levando aquilo tão a sério?

– Essa é Nicole, minha namorada – ele revelou – é melhor respeitá-la. Se não fizer, irei te ignorar. Pede desculpas.

Eu desatei a rir. Observei a putinha. Era um tipinho comum, com cabelos pretos divididos no meio. Ela usava uma saia jeans, uma blusa branca de mangas curtas e tênis. Carregava uma mochila de carteiro no ombro. Não tinha nada de especial nela.

– Para de mentir, otário – falei – tu não namora. Só come. Tu é como eu. Então não vem inventar merda.

– Bem, eu mudei, OK? – disse Marcos – As pessoas mudam. Larguei a minha vida de ficante. Agora vou namorar sério.

Eu estava quase chorando de rir. Ouvir aquilo de Marcos era quase a mesma coisa de ouvi-lo dizer que tinha feito voto de castidade. E ele dizia aquilo num tom tão sério que era impossível não rir. Provavelmente só estava dizendo porque tava na frente da guria. Quando ela fosse embora, ia xingá-la, como sempre.

– E logo com essa menina feia? – eu ainda estava dizendo isso na frente dela – Fala sério! Tu já pegou um monte de gostosas peitudas que eu sei, e trocou todas por essa tábua de passar? Inclusive trepou com uma mulata ultra turbinada que te fez o melhor boquete da tua vida, que tu me contou! Tu me disse assim: “Depois desse boquete, o meu pinto encostou no teto e a minha porra atingiu as estrelas!”

Eu estava me deliciando ao ver a expressão irritada de Marcos com o que eu dizia. E a menininha que ele agarrava apenas me fitava sem acreditar no que estava ouvindo. Coitadinha. Depois do que tinha ouvido, provavelmente sairia correndo.

E era tudo verdade o que eu estava contando. Marcos não seria cretino de negar.

– Vê se cala a boca, Gabriela! – exclamou Marcos – Sai daqui! A tua vida é uma merda e tu só quer ferrar os outros, por inveja. Não pode ver ninguém feliz e já quer destruir. Deixa de ser infantil. Vê se cresce, cacete! Se não quer namorar, deixa em paz os que querem!

– Sabia que eu já comi teu homem? – contei para a guria, com um sorrisinho malicioso.

MAL

– Que mentirosa! – dessa vez Marcos ficou enfurecido – Me comeu porra nenhuma! Eu já trepei com um monte de gurias, Nicole sabe disso. Mas eu disse que agora só vou ficar com ela. Sei ser fiel, caralho! Mas eu nunca te comi, merda.

OK, eu estava mentindo. A gente só tinha dado uns amassos naquele dia, no meu dormitório. E a gente só se tocou por cima da roupa. Nem chegamos a nos beijar. Foi algo tão sem graça que nem era digno de ser chamado de amasso.

– Deixando isso de lado, preciso falar contigo em particular – lembrei – tem a ver com a sociedade de... tu sabe o quê.

– Se for sobre a MAL, pode falar na minha frente – disse a gurua que estava com ele – também sou membro, Gabriela. E tu me conhece.

Certo, por essa eu não esperava.

Mas quem seria ela? Com certeza não era Brisgrar. E nem Caliderina, que tinha cabelos completamente diferentes. Seria a menina anônima que me enviou a carta? Mas a voz dela não me era estranha.

– Sou Balaza – revelou Nicole – a gurua que te entrevistou uma vez, no dia que Suaten foi pro hospital e teve que faltar.

– Ah...!

Um dos poucos membros que apoiava minha entrada. Pelo jeito, não apoiaria mais.

– Sabia que ocorre uma votação para admissão de novos membros, Gabriela? – perguntou Marcos – E tu acabou de perder meu voto.

– É sobre essa questão que preciso tratar com Mioae – informei – tem como me colocar em contato com ele?

– Não sei – disse Marcos – não tenho o celular dele e nem nada assim. E se tivesse, não te daria.

– Eu faço isso – prontificou-se Nicole – eu também já tô ficando estressada com a questão da tua admissão. O quanto antes acabarmos com isso, melhor.

Perdi dois votos naquele dia. E se eu mostrasse a droga da foto, provavelmente perderia a porra do apoio de Caliderina e de Mioae também.

Mas eu não ia perder a oportunidade de falar pessoalmente com Mioae outra vez. Nicole me arranjou um encontro com ele naquela noite.

Wanju Duli

Nos encontramos nos bancos do restaurante universitário, depois da janta. Ele usou roupas parecidas com as da outra vez.

– Algum problema, Gabriela?

Resolvi mostrar a foto. Talvez Mioae aprovasse meu senso de justiça, de querer revelar-lhe que Caliderina era uma puta.

– Tua namorada tá te traindo – contei – com esse cara aqui.

Passêi meu celular para ele. Ele segurou o aparelho e analisou a foto.

– Parece que está traindo – comentou Mioae – comigo mesmo.

– O quê?

– Sou eu aqui na foto.

Ele devolveu o celular para mim, despreocupadamente.

De repente, eu senti-me muito idiota. Eu sequer havia cogitado aquela possibilidade. Não vi direito o cara que estava lá no fundo. Num olhar rápido, não me pareceu com as roupas de Mioae. Obviamente, ele devia ter outras roupas além daquelas...

Mioae riu da minha confusão. Pelo menos ele não havia ficado brabo por eu tê-los seguido.

– O que estava fazendo no prédio do teatro? – perguntou ele – Anda seguindo Caliderina após os encontros de vocês? Não sabia que tu tava interessada e curiosa a esse ponto.

Eu corei. Putz! Eu não queria deixar transparecer que eu estava assim tão interessada na MAL a ponto de sair por aí coletando informações.

Mioae era um cara que não se importava que eu visse o rosto dele. Ele já tinha dito que não ligava muito para os mantos. Também não devia ligar para todo esse segredo e mistério de Ordens tradicionais. Só cobria o rosto provavelmente porque a líder exigia isso dos membros.

Parecia quase impossível ofendê-lo com alguma coisa. Mas talvez tenha sido bom eu ter mostrado a foto. Era uma prova de que eu estava mesmo interessada no grupo deles, e não apenas fingindo.

Mas e o sujeito do carro? Quem era? Ainda havia uma pequena possibilidade de Caliderina o estar traindo.

Será que eu queria tanto assim flagrá-los fazendo coisas erradas? Talvez Marcos tivesse razão: eu tinha raiva de casais. Queria separá-los. Por inveja. Porque eu mesma não era capaz de amar e sentia inveja dos que amavam de verdade.

MAL

Eu também pensava que só existiam pessoas desonestas no mundo. Tornei-me desonesta também, para sobreviver, e sentia raiva dos honestos.

Para minha surpresa, existiam pessoas fiéis e honestas! Eu queria destruí-las. Porque eu não era capaz de ser como elas...

Como eu continuei quieta, Mioae falou comigo.

– Tu tá a fim mesmo de entrar para a MAL? – ele perguntou – Pode ser sincera comigo. Não irei te criticar se não estiver.

– Eu tô – confessei – acho que nunca estive tão a fim de conseguir algo antes.

– Tu pode conseguir, mas não sem esforço. De minha parte, já está aprovada. Mas não sou só eu que decido isso. Tem uma galera que está louca pra te jogar pra fora.

– Sei disso. Então por que ainda me defende?

– Porque eu não acho que será o fim do mundo se tu entrar, avacalhar e tivermos que te colocar pra fora. Essas coisas acontecem e sempre vão acontecer. Eu não ligo muito pra segredos. Por mim, nem precisaria existir testes de admissão. Tu entra e se gostar fica. Se não gostar sai. Acho que todos merecem uma chance de experimentar.

– E tu não liga se eu avacalhar com teus amigos e com tua namorada?

– Eu me importo com eles. Preferia que tu não criasse problemas. Mas não acho que tu seja o demônio, e sim um ser humano confuso, como todos nós. Orgulhosa como o inferno, mas essa é uma característica tua. Só que às vezes precisamos ceder. Apenas um pouco. O suficiente. As coisas vão dar certo.

Eu conseguia entender um pouco porque ele era vice. Ele sabia lidar até com uma pessoa como eu.

Ele conseguia me deixar à vontade falando assim. Eu brigava com quem me desafiava. Queria derrubá-los.

Mas não tinha o que derrubar em Mioae. Ele não estava armado. Largou todas as defesas. Se eu pedisse para ele tirar o pano da boca e os óculos escuros, capaz de ele tirar mesmo.

Senti que ele responderia qualquer coisa que eu perguntasse. Quis testar.

– Tu é do curso de teatro?

– Sim.

Wanju Duli

– Semestre?

– Penúltimo. Acho que em um ano eu me formo, ou um ano e pouco. Talvez eu atrase, pra ficar mais. Acompanhar Caliderina e o pessoal. Vou pegar umas disciplinas optativas por aí, pra ficar ao redor.

Ele era pirado? Eu queria pular fora daquela universidade o quanto antes e ele, mesmo tendo acabado as disciplinas obrigatórias, queria ficar mais um pouco...

– Caliderina também é do teatro?

– É sim. Entrou um ano depois de mim.

– Tu tem que idade?

– 23.

– A mesma que a minha – observei.

Gostei que ele tivesse minha idade. Sei lá porquê.

– Mas não pergunta muitas coisas sobre os outros membros – ele avisou – tem uns que não vão gostar se eu disser.

– Suaten ainda tá puto comigo, né?

– Ele tá.

Que merda. Pelo jeito não haveria meios de resolver isso. Se eu entrasse pra MAL, ele pularia fora na hora.

Eu geralmente tratava mal pessoas que eu não gostava. Eu estava descobrindo que tratar mal as que eu gostava doía um pouco.

Mioae, pelo jeito, tratava bem todo mundo. Suaten também tentou fazer isso, mas chegou um ponto em que ele se sentiu ridículo me apoiando. Poxa, eu tinha sido considerada como membro por sugestão dele! Era graças a ele que tudo aquilo tinha começado. Por causa dele Marcos me deu o recado.

Aquela conversa com Mioae foi muito legal. Era bacana mesmo ter um amigo. Éramos quase isso. Mas a amizade ia terminar rapidinho se eu não entrasse pro grupo.

Mas e se Caliderina estivesse mesmo traindo Mioae com o cara com quem tinha pegado carona? Por alguma razão, eu coloquei aquilo na cabeça: que Caliderina estava agindo como alguém que estava escondendo alguma coisa.

Eu não tinha tirado foto, mas havia anotado a placa do carro. Eu ainda poderia achar o cara.

Nos dias que se seguiram, procurei o carro naquele estacionamento e não achei. Mas eu não iria desistir. Aquele carro tinha que estar em algum lugar.

Foi somente uma semana depois que eu encontrei. Era aquela placa. Estava em outro estacionamento do campus.

Ao longo da última semana, Caliderina tinha me treinado normalmente. É claro que Míoe devia ter contado da foto. Ela sabia que eu a tinha seguido. E mesmo assim nem comentou sobre isso.

Caliderina era legal. Por que eu queria tanto assim encontrar um defeito nela? Mas eu teria todas as respostas assim que o dono do carro voltasse. Resolvi esperar.

Sentei-me no meio fio e observei o carro outra vez. Decidi que eu daria em cima do proprietário. Eu conversaria com ele e tentaria convencê-lo a me comer. Perguntaria por Caliderina, como quem não quer nada. Eu era expert em descobrir essas coisas. Senti que iria conseguir.

Avistei no carro um adesivo escrito “Engenharia” e o nome da nossa universidade.

– Aff.

Eu ia ter que comer um nerd? Eca. Provavelmente o dono do carro era um cara de óculos enormes e com calça de moletom, que chegaria cheio de livros, todo atrapalhado.

No instante seguinte, questionei-me se o dono do carro era realmente o amante de Caliderina. Era mais provável que fosse um amigo virgem dela, ou amigo gay, que só estivesse dando uma carona.

E eu tirei todas essas conclusões por causa de um adesivo. Eu provavelmente tinha talento para divinação.

Fiquei mais de três horas sem fazer nada, esperando o cara aparecer. Àquele ponto, eu já estava curiosa pra caralho.

Quando o sujeito apareceu, já era cinco e meia. Eu o observei de longe. Para a minha surpresa, ele se vestia bem. Ou melhor, ele não era nenhum especialista do mundo da moda. Não se vestia tão bem quanto Marcos, mas eram roupas normais. Não eram folgadas ou desarrumadas.

Ele tirou o alarme do carro e abriu o porta-malas. Colocou lá dentro uma pasta e outras coisas que carregava nas mãos. Pelo menos nisso eu tinha acertado: ele estava carregando livros pesados.

Resolvi me aproximar um pouco mais para vê-lo melhor. Fiquei boquiaberta quando notei o quanto ele era atraente. Tinha queixo quadrado, barba e bigode. Sobrancelhas grossas. Cabelos negros e curtos, pele morena. Ele tinha um rosto sério, uma aparência meio árabe que me atraíu de imediato.

É claro que eu queria comer aquele gostosão. Queria experimentar todas as posições com ele. Fazer um boquete gostosinho naquele cacete, apertar aquelas bolas... eu estava com o olhar fixo entre as pernas dele, e mordi os lábios.

Era hora de falar com ele. Inicialmente me intimidei um pouco com a gostosura e a seriedade, mas eu já tinha trepado com caras com uma aparência muito mais assustadora e selvagem. Quando estivesse na cama, aquela cara de mal dele ia sumir rapidinho diante do meu poder, e eu o transformaria num cordeirinho.

Apareci de repente diante dele. Ele pareceu um pouco surpreso com minha aparição repentina. Será que eu perguntava direto se ele queria me comer, ou eu enrolava um pouco?

Porém, eu não consegui pronunciar uma única palavra depois disso. Quando cheguei tão perto, reconheci aquele queixo e aquela barba.

“Putá que pariu”.

Ele não me fitou com bons olhos. Reconheceu-me de imediato. Estava ao mesmo tempo surpreso e levemente zangado.

Eu não conseguia me mover. Fiquei apenas parada diante dele, sem dizer nada.

Ele apenas lançou-me um último olhar de reprovação, sem pronunciar uma palavra.

Entrou no carro. E foi embora.

Eu ainda precisava me recuperar do choque.

Fiquei furiosa. Dei um soco no poste. Chutei o banco.

– Merda, merda, merda!

Eu tinha acertado: era o amigo gay de Caliderina, dando uma carona. Mas era o amigo gay da Ordem.

Se eu soubesse que tinha sido Zraba a dar aquela carona para Caliderina, eu não o teria seguido. Eu sabia que ele estava puto comigo depois da minha mentira desgraçada sobre ele ter batido em mim.

MAL

E se ele contasse para Suaten que eu ainda tive a cara de pau de persegui-lo, apenas para parar na frente dele com cara de tonta, capaz de Suaten ficar ainda mais irritado.

Eu queria fazer as pazes com Suaten, mas estava estragando tudo. Eu não ligava para Zraba, ele era um merda. Mas eu não podia mexer com ele se quisesse que Suaten me perdoasse.

Quando os membros da MAL falavam comigo encapuzados ou mascarados, eles pareciam malucos numa festa à fantasia. Mas olhá-los nos olhos me trazia um sentimento muito diferente. Eles eram seres humanos completamente normais, como eu. Ou provavelmente melhores que eu, já que eles não curtiam ferrar com a vida dos outros, mas ajudá-los, oferecendo diversão e amizade naquele grupo estranho.

Eles apenas queriam ter bons momentos juntos e eu só sabia jogá-los uns contra os outros e irritá-los.

Provavelmente foi bom eu ter visto Zraba frente a frente. Assim eu descobri que eu também podia me sentir mal por tratar de forma rude uma pessoa que eu odiava.

Quando eu o fitei, quase pude ver em sua face os seguintes pensamentos “Essa é a vadia mentirosa que ferrou com a pessoa mais importante para mim”.

Era isso que eu merecia: desprezo. Ele nem quis me xingar. Eu não valia o trabalho. Eu merecia apenas ser ignorada.

Surpreendi-me quando vi meus olhos molhados. Sequei-os com as mangas, antes que as lágrimas caíssem.

Eu não queria chorar. Não depois de tudo o que eu tinha feito. Seria hipocrisia.

Faltavam vinte minutos para meu encontro com Caliderina. Tomei uma decisão: eu iria comunicá-la que tinha desistido de fazer parte da MAL.

Afinal, eu não era digna de estar com eles. E eu não ia obrigar Suaten a se retirar, apenas por causa da minha presença.

Aguardei-a no mesmo lugar de sempre, com a cabeça baixa. Assim que Caliderina chegou, contei pra ela.

– Eu encontrei Zraba no estacionamento da engenharia. Não foi intencional. Eu não sabia que era ele. Fiquei curiosa, porque tu pegou carona com ele uma vez...

Wanju Duli

Parei de falar. Mas Caliderina não fez nenhum comentário.

– Já faz quase um mês que tu tá me treinando – prossegui – e agradeço por tudo que me ensinou. Mas desisto de entrar para a MAL.

– Por quê?

– Tu sabe porquê. Todos sabem. Sou só um estorvo. Uma chata. Uma pessoa desagradável. Não quero atrapalhá-los com minhas... crises de identidade, inveja e vingança. Vocês provavelmente não querem uma maníaca sociopata como membro.

– Se tu entrar, poderá mostrar aos membros que tu não é essas coisas.

– Mas eu sou. Não queria ser, mas eu sou.

– Se não quer ser, não precisa ser. Vem, a gente te ajuda.

Ela estendeu a mão. Eu a segurei.

– Obrigada por acreditar em mim, sendo que nem eu mesma acredito.

– Tu não tá sozinha.

Voltei para meu dormitório naquela noite com o coração aquecido. Deitei-me na minha cama e fitei o teto.

Isso era ter amigos? Era bom. Era uma confusão dos diabos, com brigas e discussões. Mas compensava.

Marcelina entrou no dormitório.

– Quer vir jantar comigo, Gabriela? Ou vai jantar com a Carla e com a Elaine?

– Que tal jantarmos todas juntas? – propus.

E foi isso que fizemos. Fomos juntas para o restaurante universitário.

Foi super bacana. Conversamos sobre várias coisas idiotas e rimos bastante.

– Aquela namorada do Marcos parece um ratinho – comentou Elaine – tem voz de criancinha, nem tem bunda ou peito. Como é que ele consegue trepar com ela? Aposto que quando tenta enfiar o pau a rasga toda.

Eu tinha as acostumado a falar mal de todo mundo e era engraçado demais fazer isso. Seria complicado perder esse costume.

– Até que ela é legal – comentei – é menos burra do que parece.

– Ela é legal sim – confirmou Carla – já conversei com ela.

– O pessoal da moda parece ser interessante – disse Marcelina – no meu curso nunca acontece nada de mais. Não tem barracos legais.

MAL

Era ótimo papear com as gurias. Eu precisava fazer isso mais vezes. Geralmente, quando eu me encontrava com Carla e Elaine, só eu falava e elas só concordavam.

Eu queria mudar. Naquele dia descobri que Carla estava fazendo um curso de cerâmica e Elaine tinha um blog. Porra, eu não sabia nada mesmo sobre a vida delas.

Quando voltei para meu dormitório, resolvi checar o blog de Elaine. Li umas postagens antigas e descobri que ela se chateava mais com as coisas que eu dizia para ela do que eu pensava. Ela não me xingava diretamente, mas ficava claro que ela não curtia o que eu fazia. E mesmo assim, ela até me apoiou numa das postagens. Ela me admirava de verdade, embora me achasse uma pessoa complicada e difícil de lidar e agradar.

Resolvi que no dia seguinte eu iria realizar uma cerimônia de iniciação privada, para mim mesma. Eu não iria aguardar a cerimônia oficial da MAL. Afinal, senti que meu renascimento tinha ocorrido naquele dia.

De tarde, me enfiei no mato. Fiz uma meditação breve, embaixo de uma árvore, na qual refleti sobre todas as coisas que eu queria deixar para trás e as que eu ainda queria levar comigo.

No final da meditação, cavei um buraco. Enterrei lá dentro o espelho quebrado que roubei de Melissa. Enquanto colocava a terra por cima, eu imaginava que todo aquele meu passado sombrio tinha ficado para trás.

Antes de enterrá-lo, fitei-me firmemente no espelho. Eu não queria ser mais uma pessoa quebrada, como naquela imagem distorcida.

Após enterrar o espelho, caminhei um pouco, sentindo o ar no rosto, e deitei-me na grama. Tentei absorver todas as energias boas que havia lá.
– Grafo... Maice.

Segurei a minha pequena foice junto ao peito. Cortei o ar com ela.

A partir dali, Grafo-Maice seria um servidor que me mostraria a luz em momentos de trevas e as trevas em momentos de luz, apenas para conciliar as energias dos opostos. Porque eu precisava daquilo tudo: do meu ódio e do meu amor. Não uma overdose de amor e de ódio, mas um compasso dançante.

No final do ritual, fitei meu rosto no meu espelho de maquiagem. Dei um sorriso.

Continuei lá por um tempo. Era maravilhoso.

Wanju Duli

Quando me encontrei com Caliderina no horário de sempre, contei a ela, orgulhosa, a auto iniciação que eu havia feito.

– Isso é excelente, Gabriela. Que tal participar de um ritual conosco?

– Eu posso?

– Todos vamos vestir capas. Teremos um amanhã à noite. Alguns de nós estarão presentes.

Eu fiquei ansiosa. Caliderina até me emprestou um manto negro, com o símbolo da Ordem na manga e nas costas.

Eu também não curtia muito aquele manto, era meio fora de moda. Mas quando usávamos todos as mesmas vestimentas eu me sentia verdadeiramente parte de um grupo.

Geralmente já estava meio escuro quando eu saía dos encontros com Caliderina. E logo naquele dia resolvi pegar um caminho meio deserto para voltar ao meu dormitório.

Eu estava tão distraída, pensando em como seria o ritual do próximo dia e tentando adivinhar quem estaria presente, que não notei quando alguém se aproximou.

Fui jogada contra o muro. Uma mão no meu pescoço. Um canivete tocando minha pele.

Alguém estava em cima de mim. E era uma pessoa forte.

Reconheci o rosto, mesmo no escuro.

– É divertido trepar com o namorado dos outros, não é mesmo, Gabriela? Aposto que vai adorar trepar com o meu canivete.

Era Sabrina. Ela tinha uma força desgraçada nos braços. E também havia me prendido completamente com as pernas. Eu não conseguia me mover.

– Tá louca, guria?! – gritei – O que tu quer?

– Cala a boca, ou vou cortar o teu clitóris!

Eu estava de saia. Ela baixou minha calcinha. Estava tentando enfiar a merda do canivete na minha buceta.

Aquilo não era brincadeira. A porra do canivete era grande. E afiado.

Ela estava conseguindo meter. Eu tentava afastá-la, mas eu não sabia o que era pior. Se eu desse um empurrão nela, ela podia me cortar toda sem querer.

Eu estava nervosa. Tremendo. Senti uma dor aguda. Comecei a gemer. Mas eu não queria gritar. Não ia dar a ela essa satisfação.

MAL

Subitamente, senti um puxão e dei um grito. O canivete estava lá fora. E Sabrina havia sido lançada no chão.

Uma figura enorme e imponente surgiu. Grande e alta. Muito mais forte que Sabrina.

Sabrina levou um soco na cara. Mais de um soco. A figura que batia nela era tão assustadora que me encolhi. A força era admirável.

Até que Sabrina conseguiu escapar e saiu correndo de lá o mais depressa que conseguiu.

– Gabriela, tu tá bem?

Eu ainda estava surpresa demais com tudo para dar uma resposta. Eu sentia meu corpo tremer involuntariamente. Porra, que susto...!

Tinha terminado. Ainda assim, meu coração parecia que ia saltar pela boca. Quando o susto passou, eu finalmente tive consciência da dor.

Coloquei a mão por baixo da saia. Quando a olhei, ela estava vermelha. Eu senti tontura. E eu não estava menstruada.

Minha mão estava tremendo mais que nunca. A mão vermelha.

– Gabriela! Fala alguma coisa!

Elaine abaixou-se e me segurou, pois eu pendi para frente e quase desmaiei.

Senti meus olhos marejados, mas, novamente, segurei as lágrimas. Eu odiava mortalmente chorar na frente das pessoas. E eu não ousaria derramar lágrimas na frente de Elaine. Eu era um símbolo de força e ousadia para elas. E estava passando por aquela humilhação.

Elaine tinha me salvado da puta da Sabrina. A putinha tinha enfiado um canivete na minha vagina apenas porque fodi com o namorado dela, com a permissão dele, e ela achava que a culpa da traição dele era minha, que dei em cima dele mesmo sabendo que ele tinha namorada.

Não que eu fosse uma santa por ter feito aquilo, mas... cacete! Eu me considerava uma sociopata, mas Sabrina já estava um grau acima: era uma psicopata.

– Eu vou te levar pro hospital – disse Elaine – com licença.

E, com a maior facilidade, e sem minha permissão, ela me carregou nos braços.

Eu fiquei braba. É claro que eu não queria que ela fizesse algo assim. Tentei gritar “Me larga!”, mas eu estava tonta demais para isso. E ainda meio trêmula.

Wanju Duli

– Porra, Elaine – foi tudo o que consegui balbuciar.

Não disse nem mesmo um “obrigada”.

Ela me levou para o hospital da universidade. Lá eu fui atendida.

Felizmente, os cortes não eram graves. Ela não tinha cortado nenhuma parte importante. Apenas um pouco dos lábios menores, mas não chegou a arrancar nenhum pedaço.

Porém, eu teria que ficar um bom tempo sem trepar. Eu não sabia quanto tempo, mas não seria pouco.

Acabei ficando internada no hospital naquela noite. Mais por insistência de Elaine, porque eu não achava que fosse necessário. Eu já me sentia bem.

Eu sempre considerei Elaine a minha segurança, por ela ser gordona, alta e forte. Mas ela nunca tinha precisado me defender antes. Eu a mandava bater numas gurias de vez em quando. Algumas já tinham me socado ou me dado um tapa na cara. Mas nunca uma agressão daquele tipo havia acontecido comigo.

Eu ia me lembrar de não mexer mais com Sabrina. Mas eu duvidava que ela fosse me procurar de novo. Não depois de ter sido espancada por Elaine daquele jeito.

Resolvi não dar queixa, porque eu não queria confusão. Eu podia ser expulsa da universidade a qualquer momento se chamasse mais atenção para a minha pessoa. Eu provavelmente só não tinha sido expulsa porque a universidade tinha “se esquecido” de fazer isso, pois se olhassem a quantidade de disciplinas que eu já havia rodado e as confusões que eu havia arrumado, eu já estaria fora.

Elaine estava super preocupada comigo. Queria passar a noite no hospital.

– Ah, qual é – falei pra ela – que besteira isso. Nem aconteceu nada. Foi só um arranhão.

– Se eu cruzar de novo com aquela égua por aí, irei socá-la outra vez – disse Elaine.

– Valeu mesmo, Elaine. Por ter quebrado a cara dela e tal.

– Foi um prazer.

Elaine parecia muito feliz por ter encontrado uma oportunidade de me salvar. Acho que ela sempre quis fazer isso. Provar para mim o que faria para me defender, pela nossa amizade.

MAL

Ela queria que eu a amasse mais. Mas eu já a amava. Sempre amei minhas duas amigonas. Eu só não tinha coragem de confessar.

A amizade de gurias é um troço estranho. Ao mesmo tempo temos tanta liberdade e somos tão orgulhosas! Querendo provar uma para a outra que somos mais bonitas, mais inteligentes, mais poderosas. É uma guerra de fama e beleza.

Elas estavam satisfeitas em me ter como líder do grupinho. Elas queriam estar bonitas e poderosas para mim, mas ao mesmo tempo não podiam me superar, ou eu as odiaria, assim como eu odiava todas as outras vadias que eu considerava uma ameaça.

Mas eu só queria que tudo aquilo fosse para o inferno. Não queria mais competir com ninguém. Queria ficar em paz. Admirar minhas amigas, e não invejá-las.

Faltei aula no dia seguinte. Eu não me sentia disposta. Eu estava ferrada. Não podia matar mais aulas. Matei logo a aula da Lurdes, a professora que não ia com a minha cara e não deixava entrar os alunos atrasados.

Pela manhã eu ainda sentia dor. A médica tinha feito algo na minha buceta que eu não sabia o que era. Talvez uma mini cirurgia ou o caralho.

Por que raios eu estava sentindo mais dor ainda do que no dia anterior? A tendência não era diminuir a dor?

Eu descobri que tinham me dado um analgésico. Tomei outro.

Eu já devia ter saído do hospital há muito tempo. Só fiquei por causa do drama que Elaine fez, dizendo que eu certamente devia repousar.

Mas talvez tenha sido bom eu ficar no hospital. Se eu tivesse ido embora logo em seguida, eu não teria descansado tanto. Ia sair por aí pra fumar.

Doía um pouco para caminhar. Não era nada preocupante, mas incomodava.

Na hora do almoço, Carla ficou sabendo do ocorrido e xingou Sabrina bastante. Fiquei satisfeita de escutar os xingamentos.

Eu só não curtia muito que as gurias me perguntassem o tempo inteiro se eu tava bem. Por que elas não deixavam que eu mesma me preocupasse com minha buceta? Que elas cuidassem de suas próprias.

Resolvi não contar para Calderina o que aconteceu. Eu não precisava de mais gente espalhando o boato. Eu não queria que fizessem piada

com isso depois. Até porque eu sabia que havia várias pessoas na MAL que ficariam muito felizes de saber que eu tinha sido cortada e teria que ficar um tempo sem trepar.

Eu compareci no ritual daquela noite. Além de Caliderina, notei que Marcos e Nicole também estavam presentes. Mas lá eu deveria chamá-los de Sremino e Balaza. Ninguém se importaria com isso, mas havia outro candidato a membro na cerimônia. Pela regra, era exigido sigilo.

Todos estavam de mantos negros, inclusive eu. Mas eu podia ver os rostos, pois estávamos de frente uns para os outros e havia iluminação de velas. Naquela ocasião não estava ventando e conseguimos usá-las.

Eu não prestei muita atenção no novato. Não estava interessada nele. Sequer observei seu rosto direito.

Quem eu queria ver mesmo era Caliderina. Ela era a única pessoa dali cuja face eu desconhecia, com exceção do novato desinteressante.

Eu nunca conseguia vê-la por inteiro. Na outra ocasião eu tinha visto os cabelos sem ver o rosto. E ali via o rosto sem ver os cabelos, já que ela estava de capuz.

Até que Caliderina era bonita. Tinha olhos castanhos e um nariz longo. Uma expressão amável. Ela me fitava com gentileza.

Ela era, obviamente, a mestra de cerimônia. Afinal, os outros presentes eram dois candidatos a membro e dois recém-chegados na MAL.

– Explicarei o procedimento – começou Caliderina – cada um irá traçar um círculo de proteção ao seu redor... ou outra forma geométrica.

Ela sorriu para mim ao dizer isso. Eu sorri de volta. Normalmente se traçava um círculo grande ao redor de todos. Aquilo seria interessante e exótico.

Resolvi traçar um quadrado ao meu redor, com minha foice. Caliderina traçou um losango, e portava um martelo. A maioria traçou círculos, mas cada um segurava uma arma diferente: Sremino um bastão, Balaza um chicote. E o novato erguia um machado. Aquilo parecia perigoso. Eram espíritos, caramba. Queríamos cortar o quê?

De qualquer forma, a ideia era que nos sentíssemos fodas enquanto segurávamos aquilo. Um dia eu queria tentar realizar aquele procedimento com tochas ou com alguma arma bem fodona, contanto

MAL

que não fosse muito perigoso. O perigo me atraía, mas eu ainda queria viver mais um pouco.

– Cada um irá evocar uma entidade diferente – prosseguiu Caliderina – vocês irão formá-las agora. Elas terão o nome mágico de vocês, mas ao contrário.

Então a minha entidade se chamaria Awzig. Seria divertido pronunciar.

– Primeiramente faremos uma meditação em pé por dez minutos. Colocarei meu celular para despertar. Durante esse tempo vocês irão fortalecer o círculo magicamente, pronunciando mentalmente o nome da entidade. Passado esse tempo, começarão a pronunciar o nome em voz alta, repetidas vezes. Todos juntos.

E assim foi feito.

Após pronunciarmos os nomes em voz alta por alguns minutos, silenciámos e erguemos ao alto nosso utensílio mágico, trazendo a entidade para o interior do instrumento.

O silêncio durou um tempo. Até que Caliderina começou a falar.

– Usem os utensílios para desfazer o círculo de vocês. E depois venham todos para esse círculo de pétalas de flores que preparei no centro.

No meio das pétalas havia uma pequena fogueira. Ela solicitou que passássemos nossos utensílios pelo fogo, um de cada vez.

Depois disso, nós enterramos nossos instrumentos por baixo das flores. Aquele monte de pétalas ficaria por ali para sinalizar o local que os enterramos.

– Nós nos encontraremos aqui novamente, nesse exato local. Pela manhã, antes do nascer do sol.

Putá merda. Eu teria que acordar cedo pra cacete.

Fazia muito tempo que eu não acordava antes de o sol nascer. Foi uma experiência incrível.

Levei uma lanterna para saber para onde eu estava indo, pois estava tudo muito escuro. Eu ainda estava bocejando.

E as pessoas de mantos negros se encontraram no círculo de pétalas antes do nascer do sol. Porém, observei que Caliderina vestia um manto branco dessa vez.

Wanju Duli

Ela solicitou que recuperássemos nossos utensílios. Com um jarro, ela derramou uma pequena quantidade de água em cada um deles. Depois, amarramos fitas coloridas em cada um.

– Fogo, terra, água – pronunciou ela – agora só falta o ar... e o espírito. Corram por aí com o instrumento, para que as fitas coloridas dançam no vento. E pronunciem o mantra enquanto o fazem. Vão!

Ela levantou seu martelo de fitas ao alto quando disse isso.

Eu corri, carregando minha foice e pronunciando o “Awzig”.

Enquanto o fazia, sentindo o vento batendo no rosto, vi o sol vermelho nascendo no horizonte. Foi realmente mágico.

Nos reencontramos no mesmo local, após algum tempo. Passamos os utensílios pela fumaça de um defumador. E depois Caliderina jogou purpurina e lantejoula por cima.

– Que tal passar um batom, tinta, cuspe e depois arremessar longe? – sugeri.

– Acho melhor não corrermos o risco de matar alguém sem querer – respondeu Caliderina, embora tenha apreciado minhas sugestões.

O objetivo daquele ritual foi explicar como se montava uma entidade e se consagrava um utensílio mágico. Fizemos os dois ao mesmo tempo. De quebra, ela propôs alguns métodos exóticos em meio a técnicas tradicionais, para exemplificar as possibilidades criativas do caoísmo.

Oficialmente, aquela foice passou a ser o meu utensílio mágico principal. Presente de Caliderina.

Eu me sentia diferente após aquela cerimônia. O mundo também parecia mudado. Aquele sol parecia algo de outro mundo. Mas, surpreendentemente, era o meu mundo mesmo! Eu não me lembrava que era tão belo.

E tão feio também, cheio de pessoas que cortavam vaginas. Mas eu me certificaria de usar a minha foice somente para cortar dimensões e não carne. Eu já rasgava sentimentos e precisava cortar aquela vontade.

Eu quase me sentia parte da MAL. Já tinha participado de rituais, usado um manto, consagrado meu utensílio de poder, construído entidades... o que faltava?

Resolvi conversar sobre isso com Caliderina naquela tarde. Ela já tinha me passado várias coisas para ler, proposto atividades e tivemos

MAL

inúmeros debates sobre os mais variados assuntos. Eu já me sentia preparada para me envolver com os demais magistas.

Eu não tinha provado minha disciplina e determinação? Comportei-me devidamente. Já estávamos treinando juntas por mais de um mês. Não faltei sequer um dia de treinamento diário. Isso somava mais de 30 horas, além de algumas atividades extras de magia que ela me mandava fazer para o dia seguinte.

Aquela era uma sociedade universitária. Não fazia sentido exigirem um tempo de preparação de seis meses ou um ano. Afinal, a maioria ali permanecia em torno de quatro ou cinco anos, e não descobria o grupo assim que ingressava na uni.

Eu mesma possivelmente só continuaria lá por mais um ano e pouco, se eu me esforçasse nos estudos. E podia ser jubilada a qualquer momento. Por isso eu sentia essa urgência para entrar, e fiz questão de comparecer aos encontros todos os dias. Havia casos de candidatos ocupados que só se encontravam com o mestre uma vez por semana, levavam um tempo bem maior para entrar e recebiam mais deveres extras. Mas no meu caso, eu fui perfeita! Com exceção da confusão que causei no começo... era um detalhe importante. Talvez o mais importante.

– Realmente, tu já fez um monte de coisas e já conhece vários membros – concordou Caliderina – mas ainda haverá um teste final. Amanhã te darei detalhes sobre ele.

Fiquei animada. E naquela noite tive uma ideia óbvia, que eu não sabia porque não tinha tentado antes: olhar o Facebook de Marcos e ver a lista de amigos. Ele podia ter adicionado alguém da MAL.

Porém, aquele inútil tinha uns 4 mil amigos. Assim eu nem me animava para procurar.

– Aposto que teus “amigos” são as 4 mil gurias que tu já comeu, folgado...

Para minha sorte, ele havia adicionado a Nicole, que estava marcada no perfil dele como um relacionamento sério. Até eu estava começando a acreditar nisso. Talvez até Marcos soubesse ser sério.

Nicole tinha umas cento e poucas pessoas em sua lista. Seria bem mais fácil procurar. Mas antes de fazer isso, dei uma fuçada no perfil dela também.

Ela cursava engenharia cartográfica. Por isso escolheu Balaza como nome mágico. E ela tinha 22 anos.

Eu nem me dava ao trabalho de checar o perfil de Marcos, porque ele só colocava bobagem. Atualizava aquela merda de minuto em minuto. Por isso eu já o tinha removido da minha página de atualizações há muito tempo. Desde que eu o adicionei, para ser mais específica.

Resolvi procurar por fotos dos dois juntos no perfil de Nicole, que era menos bagunçado. E eu encontrei!

Eram fotos realmente bobas, com os dois sorrindo... e sorrindo. Um colado no outro. Não fazendo absolutamente nada, além de rir como dois imbecis.

OK, eu confesso: fiquei morrendo de inveja. Por isso fiquei com raiva ao ver as fotos. Ardendo de raiva!

Sinceramente, se eu soubesse que Marcos era um ser humano capaz de namorar, eu já o teria pedido em namoro há muito tempo. Foi um desperdício. Eu nem mesmo tinha comido ele, achando que sempre estaria disponível o tempo todo, a qualquer momento que eu estivesse a fim.

Talvez ele não tivesse me pedido em namoro pelo mesmo motivo: tinha medo de levar um fora meu, e que eu risse da cara dele por estar querendo algo sério.

Na frente um do outro nos portávamos como pessoas supremas demais para se importar com essa besteira de amor. Que monte de mentira.

Interrompi o meu devaneio e retomei minha tarefa. Eu não entrei no Facebook para espiar as fotos dos pombinhos e sim para checar a lista de amigos deles e procurar a galera da MAL.

Pelos nomes não valia a pena procurar, pois eu não fazia a menor ideia dos nomes deles. E nem pelas fotos, já que não vi os rostos. A não ser que eu achasse uma foto de Calderina por lá.

Outra pista era ver se eles estudavam na nossa universidade, caso eles dessem essa informação.

Eu não sabia que ia ser tão fácil encontrar. Eu era realmente estúpida por não ter tentado aquilo antes.

Achei a foto de Calderina. O nome real dela era Gisele. E ela estava num relacionamento sério com Dmitri.

MAL

Meu rosto se iluminou.

“Peguei vocês”.

As demais informações conferiam. Ambos no curso de teatro. Dmitri com 23 anos. Caliderina com 22. E ambos nasceram em Porto Alegre e moravam na mesma cidade.

Sim; a cidade. Esse seria um elemento evidente para identificar os demais. Prossegui a minha busca. Não sem antes dar uma boa olhada na foto de Dmitri. Se isso fosse possível, pois além da foto de perfil ele não tinha nenhuma outra. E no perfil ele colocou uma foto tão ruim, mal tirada e torta, que eu mal conseguia vê-lo.

Felizmente, Gisele tinha praticamente um book dos dois juntos em seu álbum de fotos. Assim pude vê-lo claramente.

Era um cara realmente alegre. Tinha um sorriso enorme. Eu sorri só de olhar. Cabelos pretos e curtos, olhos pretos, pele bronzeada. Os dois ficavam muito bonitinhos juntos.

Dessa vez, não senti raiva de olhar. Eu curtia os dois pra caralho. Então eu fiquei sinceramente feliz olhando as fotos.

Numa foto em que Dmitri estava numa praia com Gisele e usava uma blusa regata, pude ver uma tatuagem no ombro dele. Mas não identifiquei o que era. Parecia ser algo de ocultismo.

Aquilo estava ficando interessante. Na lista de livros preferidos dele havia alguns exemplares de magia tradicional e caoísmo.

Eu já conhecia Gisele o bastante, após ser treinada por ela por tanto tempo. Então poucas informações de seu perfil eram novidade. Achei interessantes umas fotos dela interpretando personagens em peças de teatro.

Mas havia outros membros que eu desejava encontrar. Continuei olhando as listas de amigos.

Suspeitei que eu não fosse encontrar a líder da MAL de jeito nenhum. Afinal, eu não sabia absolutamente nada a seu respeito. Por isso, eu nem tentei localizá-la.

Além dela, havia Brisgrar, e também a guria misteriosa e infantil que tinha me enviado a carta com sangue menstrual. Porém, mesmo após muito tempo de busca, não consegui encontrar ninguém vagamente semelhante.

“Nem todo mundo usa Facebook, Gabriela”.

E nem todo mundo colocava foto, nome real ou revelava cidade e local em que estudava. Mesmo assim, eu precisava arriscar.

Meu coração deu um pulso quando achei na lista de Dmitri um cara de Porto Alegre que estudava engenharia mecânica na nossa universidade.

Será que eu queria ver aquele perfil? Talvez fosse melhor eu não olhar. Desliguei o computador, antes que eu não resistisse à tentação.

Deitei na minha cama e afundei a cabeça no travesseiro. Aquele cara me levaria diretamente ao perfil do Suaten. Ele era a pessoa que eu tinha mais vontade de conhecer.

Tive até dificuldade para dormir naquela noite, pensando se eu devia levantar e olhar. Mas eu consegui vencer o meu desejo e não levantei.

Quando acordei para a aula, perguntei-me se eu devia dar uma espiada no meu Facebook antes de sair. Eu tinha enviado convite de solicitação de amizade para Gisele e Dmitri. Será que eles tinham aceitado? Eles não estavam putos comigo por eu tê-los localizado, certo? Eu não conseguia imaginar nenhum dos dois com raiva.

Dei uma checada rápida no computador. Não tinham aceitado. Eles ainda não deviam ter visto. Só podia ser isso. Eu não via motivos para que não aceitassem.

Eu não consegui tirar o Facebook da cabeça durante a aula inteira. Assim que terminou, fui conversar com Marcos.

– Tu tem membros da MAL adicionados no Face – falei, assim que o vi – por que não me contou?

– Sei lá. Por que eu deveria? Culpa tua não ter procurado.

– Me mostra o perfil de todos os membros?

– Eu não! Vai me dar o que em troca?

– Meu cu!

– Não, obrigado. Tenho namorada agora. Não te faz de besta.

Ele foi embora e me ignorou. Que putolo!

“Ai, eu tenho namorada, tenho namorada”. O bostinha não parava de repetir. Estava se achando o máximo por causa disso. Também, era a primeira namorada dele. Eu mesma nunca tive namorado. Era mesmo a porra da última bolacha do pacote?

De tarde, Caliderina revelou que meu teste final, que iria garantir minha admissão na MAL, seria uma entrevista com a líder. Ela ia me

MAL

fazer uma série de perguntas e, para finalizar, me lançar um desafio. Se eu pudesse cumpri-lo, estava dentro e teria minha iniciação.

Meu, ficar frente a frente com a mestra da MAL seria foda. Principalmente porque eu sabia que tudo o que eu tinha lutado para conquistar até ali dependia desse encontro. Era ela quem dava a palavra final. Nem Dmitri poderia me salvar agora.

– Eu te adicionei no Facebook... – comentei, incerta se deveria mencionar.

– Está certo. Vou checar quando chegar em casa.

A reação dela me deixou mais tranquila.

À noite, fiquei muito satisfeita quando ela e Dmitri aceitaram meu convite.

Depois disso, reuni coragem e resolvi olhar o perfil do Zraba. De qualquer forma, ele não iria ver que o espiei.

Cliquei e observei a foto do perfil. Era ele mesmo, sem sombra de dúvida.

E que nome era aquele? Mustafá. Então ele era descendente de árabes mesmo? Meu palpite tinha acertado em cheio?

Olhei o mapa dele, para ver os locais que ele já tinha visitado. Outro palpite correto: ele já tinha viajado para o Líbano.

Ele tinha a irmã adicionada. Ela era bem gatinha. Estudava letras na nossa universidade.

“Será que ela é da MAL?”

Esse pensamento me ocorreu. Talvez eu estivesse ficando paranoica. Bastava ter o nome da nossa cidade e da nossa universidade no perfil que eu já começava a desconfiar que era membro da Ordem.

Mustafá tinha 25 anos. Enchia o perfil com coisas de política. Bah... nem me deu vontade de olhar. Pessoas que faziam isso raramente falavam de política e sim fofocavam sobre partidos e candidatos, xingando a oposição.

Ele não revelava se estava num relacionamento. Que azar. Eu não ia conseguir localizar Suaten. Resolvi desistir. Talvez ele não tivesse Facebook. Ou eles preferissem não divulgar o relacionamento na internet.

Wanju Duli

Já que eu tinha ido tão longe, resolvi fazer uma coisa completamente maluca: enviar uma solicitação de amizade para Mustafá. De manhã eu checaria se houve resposta.

Eu já ia desligar o computador para dormir quando, para minha surpresa, vi que Mustafá tinha respondido. Poucos minutos depois. Porém, ele não respondeu minha solicitação. Me enviou uma mensagem privada, dizendo o seguinte:

“Sério?”

Só isso. Era apenas isso que dizia a mensagem.

Ele queria tirar com a minha cara? Me desafiar? Ou achava que eu estava tirando com a cara dele?

Resolvi ser cortês. Mais do que cortês:

“Por favor”

Foi isso o que escrevi. Só assim, quem sabe eu tivesse uma chance de ele me aceitar. O simples fato de ele ter entrado em contato comigo, em vez de apenas me ignorar, já era fantástico. Significava que ele estava considerando.

Mas a próxima mensagem dele foi:

“Não”

Aquela conversa de frases curtas estava ficando chata. Perdi as estribeiras e digitei:

“Então te fode”

Eu estava conversando online com o Zraba. Não dava pra acreditar que ele estava dando corda pra mim.

Dessa vez ele demorou um pouco mais pra responder. Tinha se ofendido? Ia me ignorar agora?

Mas a resposta seguinte dele foi irônica:

“Vou mostrar para a mestra”

OK, agora ele estava sendo infantil. Era como dizer: “Vou mostrar pra mamãe que tu me xingou, e tu vai levar umas palmadas”. Ora, poupe-me!

Evidentemente, ele tinha sido sarcástico. Ele não ia mostrar porra nenhuma. Só estava me testando, pra ver se eu tinha medo daquela ameaça imbecil.

“Mostra. Não tô nem aí”

Eu escrevi isso. Mas na hora de enviar a mensagem, eu me segurei.

MAL

Eu seria entrevistada por ela no dia seguinte. Eu queria mesmo estragar tudo?

“Quero falar com Suaten e não contigo. Me põe em contato com ele”

Não foi um pedido e sim uma ordem. Eu sabia que não ia funcionar.

“Não”

E a conversa terminou por aí. Eu não teria como convencê-lo. Desisti.

Em vez de continuar aquela conversa sem sentido, enviei a seguinte mensagem privada para o Dmitri:

“Poderia me colocar em contato com o Suaten? Eu preciso muito conversar com ele”

Ele já tinha me dito que Suaten continuava chateado comigo, então eu duvidava que minha mensagem fosse surtir efeito. Mesmo assim, não custava tentar.

Pela manhã, recebi a resposta de Dmitri:

“Infelizmente, Gabriela, não posso fazer isso. Mas se entrar para a MAL, pode ser que consiga conversar com ele”.

E eu respondi:

“Se eu entrar, ele vai sair. E agora? O que eu faço?”

Após escrever isso, fui para minha aula.

Perguntei para o Marcos se ele tinha o Facebook do Suaten ou outro tipo de contato.

– Tenho. Mas não vou dar.

Ele ainda estava puto comigo por eu ter xingado Nicole e dito todas aquelas coisas. Cacete.

E lá fui eu checar o Facebook, quando cheguei da aula:

“Fala sobre isso hoje com a Madame Mua”.

A resposta de Dmitri me encheu de esperança.

Então esse era o codinome da líder. Eu já os tinha ouvido mencionar uma vez.

Eu estava muito ansiosa para essa entrevista. E um pouco nervosa. Muitas coisas importantes seriam decididas naquele dia.

Dessa vez o encontro seria num lugar completamente diferente. Numa parte do campus que eu nunca tinha ido.

Tive que caminhar bastante para chegar lá. Combinei de me encontrar com ela depois do almoço.

Wanju Duli

Avistei várias quadras de esportes. Aguardei-a embaixo de uma árvore. Nossa, que calor!

Tirei meu casaco e amarrei na cintura. Pelo menos ali tinha uma sombra.

Observei o pessoal nas quadras. Parecia divertido. Fazia um tempão que eu não fazia atividades físicas. Desde que terminei o ensino médio. Até me deu saudades.

Alguém estava chegando. Em passos apressados. Ela estava uns quinze minutos atrasada, mas ela podia se atrasar,oras. Eu não.

Levei um susto quando ela jogou uma mochila enorme ao meu lado. A mochila fez um barulhão. Devia estar super pesada.

E lá estava ela. Usando roupas de esporte: uma calça pescador colada no corpo, tênis esportivos brancos, uma blusa regata de barriga de fora. Ela tinha os cabelos presos num rabo de cavalo e uma fita prendendo a franja.

Fiquei intrigada, pois ela não usava máscara, capuz e nem nada assim. Apenas óculos escuros. Ela estava suada e recuperando o fôlego.

Os cabelos dela eram negros, bem crespos e cheios. Ela era negra; negra mesmo: uma das peles mais escuras que eu já tinha visto. Eu não via pessoas assim tão negras com frequência. Ela era bela e exótica.

– Então aí está a criadora de caso.

Ela sentou-se do meu lado, tirou uma garrafa d'água da mochila e bebeu.

– Quente. Vou comprar algo gelado. Volto já.

E ela saiu com a mesma velocidade com que chegou.

Eu ainda estava confusa demais com a velocidade dela. Ela falou tão rápido que eu nem entendi direito, cara.

E já estava de volta! Com uma latinha de energético. Ela deu um gole.

– Quer? – ela ofereceu.

– Não, obrigada – eu disse.

E ela continuou bebendo.

– Vou dar um telefonema, rapidinho. Trinta segundos.

Porra. E foi trinta segundos mesmo. Ela pegou o celular e já estava falando.

Mas ela falava de um jeito... meu Deus! O que era aquilo? Era outro idioma? Eu fiquei em dúvida se era português ou não, sinceramente.

MAL

Quando ela desligou, me disse:

– Pronto, agora não teremos mais interrupções. Podemos começar.

– Tu tava falando português no telefone? – perguntei.

– Crioulo.

– Nossa, parece português.

– Sim, é crioulo afro-português.

Eu senti como se tivesse feito um comentário meio idiota. Algo me dizia que eu devia saber daquilo.

– Tu não é brasileira? – perguntei, com receio de estar fazendo outra pergunta ridícula.

– Nasci em Cabo Verde. Mas já moro no Brasil faz um tempão.

– Qual teu curso?

– Terminando mestrado em educação física. Mas agora vamos falar de ti. A entrevista é contigo.

Pensei que eu fosse ficar tri nervosa falando com ela. Mas não fiquei. Parecia apenas uma conversa totalmente normal.

– Guria, tu quer entrar pra MAL por quê? – ela me perguntou – Quero um ótimo motivo.

– Acho que há um pessoal bacana na tua sociedade – respondi – e eu tô curtindo Magia do Caos. No começo achei totalmente doido e inútil.

– E agora?

– Totalmente doido e inútil.

Ela riu.

– Eu também acho – ela comentou – coisas úteis são determinadas e previsíveis. Elas já nascem com um destino. Eu curto aquilo que veio não sei de onde, não sei por que, e sai por aí pairando no ar, para onde o vento e a vontade levam. Tanto o vento como a vontade mudam tantas vezes de intensidade que sinto um arrepio.

Notei que ela tinha peitos grandes. Ah, espere: eu devia prestar atenção no que ela estava dizendo?

– Então posso entrar pro grupo sem motivo? – resolvi perguntar – Ou preciso apresentar um motivo para não ter um motivo?

– Eu acho que tu precisa de um tapa na bunda pra aprender a te comportar! – ela concluiu – menina, eu realmente não sei o que pensar de tudo que aconteceu. Só me contaram esses dias.

Isso me fez lembrar de algo importante.

– Eu queria muito pedir desculpas pro Suaten.

Ela sorriu e desviou o olhar.

– Ah, o Suaten... ele é complicado. Ele gosta de ser simpático com todos, mas tem altas expectativas. Ele espera muito em retorno. Dá tudo de si por uma pessoa e se frustra quando não recebe gratidão em troca. Mas a vida não é feita de trocas... ou melhor, ela é, mas não é um cálculo tão exato.

Fiquei meio impressionada com a confissão. Ela parecia conhecê-lo bem. E definiu a situação com rapidez e precisão.

– Ele é daquelas pessoas que entrega a vida por alguém. E quando percebe que a pessoa por quem ele se sacrificou não está nem aí, ele subitamente a rejeita. Ele é 8 ou 80: tudo ou nada. Ele quer ter ou grandes amigos ou nenhum.

Eu não me encontrava à altura para uma amizade como aquela. Em poucas palavras, eu estava me fodendo para meus amigos. Eles que tinham que correr atrás de mim se queriam a bênção da minha amizade. Precisavam se esforçar muito.

Suaten fez isso. Notou que era difícil e aceitou o desafio. E depois sentiu-se idiota por tentar.

– Ele vai sair se eu entrar?

– Sim. Não há nada a ser feito.

Se a líder estava me dizendo isso, então não havia realmente nada a fazer.

Eu baixei os olhos.

– Então não quero entrar.

– Depois de toda a confusão que arranjou? Entende uma coisa: no fundo, Suaten não é contra a tua entrada. Ele apenas quer criar uma situação incômoda; como se tivesse dado a vaga dele pra ti. Ele é muito dramático. Eu acho que ele vai voltar depois disso. Ele só precisa de um tempo. Dê esse tempo a ele.

Suaten queria fazer com que eu me sentisse culpada. Porque ele tinha desafiado a todos para me fazer entrar. E ia sair por minha causa. Esse era o tamanho do sacrifício dele por mim. E eu me veria obrigada a correr atrás dele e me desculpar depois de tudo.

Em poucas palavras: ele estava puto comigo. E ia continuar puto até que eu retribuísse o favor que ele me fez.

MAL

Eu não era uma pessoa de retribuir favores. Carla e Elaine faziam coisas para mim simplesmente porque eu era uma pessoa totalmente demais! E seria uma honra para elas me ajudar.

Eu estava cedendo e baixando a cabeça pela primeira vez para conseguir entrar para a porra daquele grupo. Mas isso não era o bastante.

– OK, que seja. Vou entrar.

Eu não precisava entrar naquele grupo para seguir a minha vida. Eu poderia seguir muito bem sem isso.

Acho que eu poderia seguir sem muitas coisas. Sem pernas, sem braços... mas eu não queria arrancar as minhas pernas por vontade própria, por medo de que elas me levassem para um lugar assustador.

Eu queria enfrentar meus medos. Principalmente o medo de conhecer outras pessoas tão extraordinárias quanto eu.

Eu não conseguia aceitar o fato de que eu não era a criatura mais extraordinária do mundo. Mas era um alívio descobrir que eu não era a única. Eu apenas não conhecia o suficiente as pessoas para notar uma das duas alternativas: ou éramos todos extraordinários, ou éramos todos apenas humanos. E as duas perspectivas me atraíam, pois eu não precisaria enfrentar sozinha a minha condição de deleite ou desgraça.

Ela levantou-se.

– Vem correr comigo.

– O quê? Agora?

Eu tinha sido avisada para comparecer à entrevista de tênis, com roupas confortáveis e leves. Eu estava descobrindo o motivo naquele instante.

A guria disparou para a pista de corrida. Eu fui atrás dela, ainda meio confusa.

Eu era uma das pessoas menos atléticas que eu conhecia. Eu não ia aguentar correr por muito tempo.

Começamos num ritmo moderado. No começo pensei que seria relativamente fácil. Mas após poucos minutos eu já estava sem fôlego.

Eu precisava continuar. Se aquele era meu teste, eu não podia apenas dizer que eu havia me cansado.

Longos minutos se passaram. Talvez meia hora. Ela não dizia uma palavra. Apenas continuava correndo.

Decidi que eu não iria abrir a boca tampouco. Ia ficar quieta, correndo ao seu lado, até que ela parasse.

Mas e se... ela não parasse? Ela devia conseguir correr pra caramba. E se fosse uma atleta profissional ou algo do tipo? O corpo dela, com panturrilhas grossas e braços fortes, parecia completamente treinado para aguentar atividades físicas intensas.

Acho que entrei em transe no meio da corrida. Aquele sol na minha cabeça. O suor escorrendo no rosto. Eu não podia acreditar que aquilo estava acontecendo. Ia estragar minha chapinha. Eu teria que lavar o cabelo e arrumá-lo tudo de novo assim que eu voltasse para o dormitório. E isso tudo depois de ter me produzido tanto para a entrevista.

Minhas pernas estavam doendo. Até respirar estava difícil. Será que estávamos lá há mais de uma hora? E pelo jeito não íamos parar tão cedo.

Eu queria parar e não queria. Decidi que só pararia quando minhas pernas não aguentassem mais me sustentar.

Aquela maldita estava me testando. Eu sabia eu que tinha toda a liberdade para dizer que estava cansada e parar. Ela não estava me obrigando a correr. Apenas me convidou e eu a acompanhei.

Mas eu era teimosa. Eu não iria dar-lhe essa satisfação de pedir para parar. Eu era mais forte que isso.

Muitas coisas se passaram na minha cabeça ao longo da corrida.

Eu me sentia orgulhosa por estar aguentando tanto. Sentí que assim que terminasse aquela corrida, eu seria reconhecida como membro da MAL.

Aquilo não era praticamente nada. Aquela sociedade não era famosa na universidade. Devia ser um grupo de umas vinte pessoas; ou nem isso.

Então por que eu corria tanto? Quem sabe para provar a mim mesma que poderia. Que eu tinha força de vontade para fazer as coisas. Que eu era capaz de lutar por algo que eu realmente queria. Que eu realmente me importava com a vida e com a realidade ao meu redor, e não apenas com minha buceta rasgada e com meu orgulho ferido.

Senti que eu iria cair. Meu corpo estava no limite.

Foi então que, vindo não sei de onde, senti uma grande força. Exatamente no momento que eu estava para desabar. Quase como se meu corpo guardasse uma reserva final que me salvaria no momento da morte.

MAL

Que energia fenomenal era aquela? Escondida dentro de mim. Eu nunca a conheci antes. Apenas naquele dia.

Eu não senti mais as minhas pernas. Eu era como um robô. Estava voando. Aquela não era mais eu. Onde se escondeu a Gabriela?

Aquele era um transe profundo. Um transe do cacete. Eu via o mundo a minha volta de uma forma diferente.

Meu corpo se movia sozinho. Eu não comandava mais meus movimentos. As pernas automaticamente davam as passadas. E que passadas! Eu estava correndo muito mais rápido do que antes. Mais veloz do que jamais pensei que eu poderia ser.

Perdi a noção do espaço. Do tempo. Eu apenas corria. Mas não era mais eu. Gabriela apenas observava tudo de longe, como se estivesse apenas pairando no ar.

Não doía mais. Aquele corpo não parecia ser meu. Todas as dores foram embora. As dificuldades. E eu tornei-me uma com o mundo.

Aquilo continuou por um longo tempo, que eu não soube precisar quanto. Tentei acelerar, para ver o que acontecia. E consegui.

Até que eu tropecei. Caí com força no chão, ralando os joelhos e os pulsos.

Nem senti o momento da dor, quando aquele corpo que não era meu esborrachou-se no chão. Meu coração estava saltando. O suor não era mais suor. Era um jato d'água caindo do meu corpo. Eu sentia meu sutiã completamente colado nos meus seios, mergulhados na água de mim mesma.

E o transe acabou. Voltei a mim e tomei consciência da dor.

Saiu um pouco de sangue do meu joelho esquerdo e da minha mão. Não jorrou sangue. Estava apenas um pouco vermelho, perto da pele descascada.

A líder foi até mim. Não estava nem de longe tão suada quanto eu. E ainda parecia cheia de energia. Mesmo assim, me fitava com um pouco de admiração.

– Que boa corredora eu encontrei – ela comentou – aguentou mais do que eu esperava. Tu te machucou?

– Não foi nada – falei – nem te preocupa.

Ela me ajudou a levantar.

Wanju Duli

– Gostei de ti, Gabriela – concluiu a líder – não sei bem porquê. Deve ser porque simpatizo com os desajustados. Costumam ter capacidades latentes. Não vejo a hora que as tuas desabrochem. E parece que já começaram.

– Entrei num transe do caralho!

Eu não conseguia parar de rir. Aquela tinha sido praticamente uma experiência sobrenatural. Será que eu tinha visto Deus ou uma merda dessas?

Antes eu não tinha entendido a relação. Por que a líder estudava educação física? Mas agora eu entendia completamente.

Ela devia ser foda. Muito foda. Eu a admirei no mesmo instante. Queria que ela me ensinasse a fazer aquilo de novo. E muitas outras coisas. Me explicar o que era, para que servia e o que seria possível fazer de posse daquele estado e daquele poder.

Ela tirou o celular do bolso e deu uma olhada.

– Meu calendário está complicado essa semana. Mas podemos marcar tua iniciação pra semana que vem. Pode ser na quinta? Aí tu já vem com a galera pro barzinho em seguida. Que tu acha?

– O quê? Iniciação? Eu fui aprovada mesmo?

Aquilo ainda não tinha entrado na minha cabeça.

– Exato, Gizwa Situa. Troquei um pouco a ordem das coisas, mas vamos às apresentações. Muito prazer. Eu sou Madame Mua.

Ela estendeu a mão. Eu a apertei, me sentindo imensamente feliz.

– Fui informada – respondi – é um imenso prazer te conhecer. Tu és, tipo, mil vezes mais massa do que eu imaginei. E olha que eu já imaginava muita coisa.

– Ih, quando me conhecer melhor, ainda vai se maravilhar e se desapontar bastante. As duas coisas. Tenho muitos lados. E tu também, guria. Tu é tri legal. Eu já te disse isso, né?

– Valeu.

A líder puxando meu saco. Dessa vez eu curti. Achei que foi sincero.

Mas ela não soltou minha mão após o aperto. Ela apertou-a ainda mais forte no final. Fitou-me firmemente.

– Mas não avacalha, tá? Eu sou totalmente tranquila na maior parte do tempo. Mas quando alguém me enfurece, eu surto. Só pra avisar.

– Ah, tá... legal.

MAL

Legal o caralho. Era melhor eu tomar cuidado redobrado. Eu torcia para jamais vê-la enfurecida. Depois que ela disse aquilo, imaginei-a tendo um chique, quebrando tudo e xingando todos. Eu não queria estar perto para presenciar.

Eu queria compartilhar com todos aquela excelente notícia. Quando voltei pro meu dormitório, mandei mensagem privada para Marcos, Gisele e Dmitri, avisando que a mestra tinha me aprovado. Ahhh moleque! Eu tava podendo.

Logo meu Facebook fez barulho, sinalizando a nova mensagem.

“Parabéns, gurá. Conseguiu falar com o Suaten?”

Por que Marcos tinha que estragar a minha alegria perguntando isso?

“Ainda não, mas a mestra acha que ele vai sair da Ordem e depois voltar. Ou algo do tipo”.

E Marcos respondeu:

“Não conta com isso”

Resolvi interromper a conversa. Marcos passava o dia inteiro no Facebook. Enquanto eu respondesse, ele ia continuar digitando.

Gisele e Dmitri não responderam imediatamente, porque não viviam 24 horas por dia na internet. Ora, eu tinha mais o que fazer, como pegar guris em festas. Eu tinha uma vida social lá fora para manter. E eu iria retomá-la assim que minha buceta estivesse totalmente pronta para voltar à aventura.

Como eu já tinha sido aprovada, eu não precisava mais me encontrar com Gisele todas as tardes. Mesmo assim, enviei uma mensagem pelo Facebook, pedindo para nos encontrarmos no dia seguinte para uma conversa informal.

Combinamos numa cafeteria ali perto, que eu costumava ir. Ela apareceu usando roupas comuns, jeans e camiseta. Com os cabelos soltos, sem nada no rosto. Era a primeira vez que eu a via assim ao vivo.

Ela me abraçou e me parabenizou, com um largo sorriso. Pegamos cafés e depois nos sentamos para conversar.

– E aí? – perguntou-me Gisele – Tá ansiosa?

– Pra quê? Pra iniciação, pro encontro no barzinho ou pra ser membro da MAL?

– Isso tudo.

Wanju Duli

– Bah! É muita coisa. Só tô preocupada se Zraba e Brisgrar vão estar no bar.

– Provavelmente sim.

Aquilo seria complicado. Eu já os imaginava soltando piadinhas irônicas ou xingamentos diretos durante o encontro inteiro. Isso se eu fosse considerada importante o suficiente para ser assunto.

Lembrei de perguntar uma coisa.

– E o que aconteceu com o guri do machado, o novato que participou do ritual da consagração?

– Foi iniciado ontem. Ele queria falar contigo.

– Por quê?

– Ele é contra tua entrada.

Há! Mais um para a coleção. Era quase um prazer ser tão odiada.

– Motivo?

– Não especificado.

A guria da carta também não foi específica. Era melhor que no barzinho todos falassem na minha cara porque não gostavam de mim. Não saber o motivo e não poder me defender era incômodo.

Prestei mais atenção em Gisele. Ela era bonitinha mesmo. Apesar de usar roupas que não combinavam, ela conseguia ser graciosa.

Ela usava o anel da MAL. Eu geralmente não prestava atenção nesse anel. Quando eu fitava as mãos das pessoas que me entrevistavam, meu primeiro impulso era procurar por uma aliança. Eu cometi o erro de não prestar atenção no anel.

Eu ia começar a olhar para as mãos das pessoas por aí. Se bem que a MAL era tão pequena que encontrar um membro por acaso seria como dar um tiro no escuro. De qualquer forma, em uma semana eu conheceria a todos. Ou quase.

Ao longo daquela semana, estudei algumas apostilas de magia da Ordem e treinei exercícios básicos de respiração e visualização. Até que chegou o grande dia.

Na quinta-feira, após o almoço, encontrei-me com Gisele e Madame Mua, que iriam me iniciar. Fui vendada e tive que vagar por um tempo às cegas em meio às árvores, onde costumávamos fazer os rituais, pois era um local relativamente reservado.

MAL

Minha missão seria encontrar um tesouro escondido. Mas eu já devia estar vagando por pelo menos meia hora e nada.

Recordei-me da ocasião da corrida. Será que iam fazer a mesma coisa comigo? Iam me deixar lá até a beira da exaustão.

Eu não sabia o que era mais incômodo: correr com sol queimando na cabeça ou vagar às cegas no meio do mato. Uma opção enchia meu corpo e meu cabelo de suor e a outra deixava minhas mãos cheias de terra e minhas pernas pinicando com galhos, folhas e insetos.

De vez em quando eu rastejava pelo chão, tentando encontrar uma pista. As minhas duas instrutoras não deviam estar muito longe. Provavelmente estariam conversando despreocupadamente sobre qualquer coisa, enquanto eu estava naquela situação desconfortável que me deixava agoniada. Se um dia eu fosse uma tutora da MAL, eu me lembraria de dar tarefas bem desagradáveis para os novatos. Na verdade, seria uma excelente oportunidade para aplicar bullying, que era algo que eu sempre amei fazer, e ser elogiada por isso.

Chegou um ponto em que eu pensei em desistir. E se elas me deixassem lá até a noite? Eu teria que aguentar longas horas naquela situação?

Eu gostava de estar no controle da situação. Mas eu estava vendada. Aquilo era uma merda. Estava de quatro procurando a porcaria de uma caixa ou algo do tipo. Era um tesouro, certo? Imaginei que estaria dentro de um baú. Minha imaginação era assim tão limitada?

Por um momento, deitei-me na terra para descansar. Respirei fundo. O que eu estava fazendo?

“É por ti, Suaten. Tudo isso é por ti. Porque a culpa foi tua, em primeiro lugar”.

Eu não sabia se eu deveria agradecê-lo ou xingá-lo. Por causa daquele bastardo, minhas calças estavam sujas. Havia pessoas me mandando fazer coisas. Já bastavam minhas professoras.

Ele me convidou. Mostrou-me o paraíso e depois o retirou de mim. Aquilo era bastante cruel. Ele tinha feito um jogo cretino de sentimentos.

Segurei um monte de folhas secas e as apertei contra a palma. Depois lancei-as longe.

– Droga...

Wanju Duli

Era como estar morrendo. Enterrando a mim mesma, e não a um tesouro.

Escuridão. Cheiro de terra.

Eu me sentia bem. Estranhamente viva. Muito mais do que se eu estivesse confortavelmente deitada na minha cama.

Uma parte de mim precisava daquilo. De todos aqueles atos estúpidos. Sujar o corpo, embaralhar a mente. Uma porção de mim acordava quando aquilo acontecia. Era um grande mistério.

Notei diferentes partes da Gabriela. Algumas dormentes, outras semidespertas.

Quanto tempo mais? Eu senti que algumas horas já tinham se passado. Eu queria escapar daquilo. E se... me deixassem lá noite adentro? Não. Entrar para aquela Ordem não valeria o sacrifício.

Eu poderia encontrar amigos em outros lugares. Podia encher a cara pra me divertir, em vez de rastejar no mato.

Que tesouro era esse? Procurei no chão, até toquei as árvores para ver se havia algo pendurado lá. Eu não sabia mais onde eu estava ou para onde eu deveria ir.

Foi então que me lembrei de algo: peitos. Peitos grandes. E isso me fazia recordar de... palavras.

“Eu curto aquilo que veio não sei de onde, não sei por que, e sai por aí pairando no ar, para onde o vento e a vontade levam”

Era isso. Eu não teria um caminho a seguir. O tesouro não estava num destino determinado.

Talvez ele estivesse comigo o tempo todo.

Elas apenas me vendaram. Ninguém me disse que eu não teria autorização para retirar a venda.

Porém, nem isso foi necessário. Bastou que eu tocasse no pano que cobria meus olhos que achei alguma coisa.

Era um broche. Estava por dentro da venda, na minha nuca. Meus cabelos cobriram.

– Encontrei!

Continuei gritando isso, até que ouvi passos se aproximando. Elevei o broche ao alto.

Aparentemente, era aquele mesmo o tesouro. E mesmo se não fosse, eu o tinha tornado meu tesouro. Aquilo seria o suficiente.

MAL

Senti uma lâmina no pescoço. Depois de sentir uma na buceta, aquilo não era praticamente nada.

– Tu, Gizwa Situa, aceita renunciar a tua vida anterior por um novo mundo, desconhecido, perigoso e repleto de possibilidades? Saíste hoje do conforto do lar somente para morrer. Isso te agrada?

– Muiússimo! – clamei – Adoro morrer!

Não era isso que eu deveria dizer. Elas me passaram frases prontas, mas também me disseram que eu poderia falar qualquer outra coisa que desejasse. É claro que eu não ia perder a oportunidade.

– Essa lâmina no teu pescoço tem gosto de paraíso? – desafiou Madame Mua, com um grito.

Ela estava começando a ficar histérica. Perfeito. Ainda bem que fazia parte do teatro. Ou ao menos eu assim esperava.

– Tem sim! Passa a faca!

Cacete, será que eu estava esculhambando muito minha iniciação?

– Morre, morre, morre!!!

Madame Mua se empolgou na atuação. Ela me pegou pelos cabelos e enterrou minha cara nas folhas secas.

“Vaca malhada, vou me vingar belamente!” Ah, Madame Mua não sabia com quem estava mexendo! Eu ia me certificar de comprar uma briga bonita com ela assim que entrasse na MAL.

Para completar, ela jogou um balde de água gelada na minha cara!

– Puta que pariu!

Essa eu soltei sem querer, mas foi bem merecido. Ela havia mencionado que iria derramar algumas gotas na minha cabeça, como num batismo, e não me deixar encharcada. Bem, eu já estava precisando tomar um banho mesmo, depois de me arrastar naquela terra fedida.

Finalmente, a minha venda foi retirada. Gisele, cheia de sorrisos, colocou uma coroa de flores na minha cabeça.

– Seja bem-vinda à Ordem dos Magos Acima da Lei, sempre com muita graça e elegância!

Aquela puta queria apanhar, né? Eu devia estar parecendo um monstro, cheia de terra e água, que se transformou num monte de lama. Eu estava louca para dizer onde ela devia enfiar a elegância, mas segurei a língua.

Observei meu broche. Tinha o símbolo da MAL. Elas me explicaram que eu poderia colocá-lo na roupa enquanto estivesse no campus.

Ainda ia demorar algumas horas para o encontro no barzinho. Daria tempo de tomar um banho, trocar de roupa, fazer chapinha e maquiagem.

Eu me dediquei a essas árduas tarefas. A mais difícil foi escolher uma roupa. Eu não fazia a menor ideia do tipo de roupa que eu precisaria usar. Perguntar para Gisele seria inútil. Enviei uma mensagem no Facebook para Nicole.

“Socorro, preciso de um conselho de moda! Que tipo de roupa as vadias da MAL vão usar hoje à noite, querida?”

Agora eu também era uma vadia da MAL. Que orgulho!

A resposta dela foi surpreendentemente normal:

“Cada uma usa o que quer. Eu vou colocar uma roupa mais arrumada, como se fosse sair para jantar, mas não roupa de festa”

OK, entendi o recado. Optei por uma mini saia preta e uma blusa de alcinha com umas frescurinhas. Sapato de salto alto, é claro, para ficar um pouco mais elegante. Bolsinha pequena de mão. E usei uma maquiagem mais suave do que a de festas, mas mais caprichada do que a do dia a dia.

Caprichei no cabelo. Eu me sentia pronta para arrasar. É claro que eu queria estar linda para conhecer a galera pessoalmente. Eu já conhecia vários deles, mas sempre havia a possibilidade de topiar com um gatinho solteiro que quisesse me comer.

“Então é nesse bar que eles se encontram”.

Gisele me passou o endereço pela internet. Eu já tinha ido para lá algumas vezes. Mas como havia vários bares ao redor do campus, eu não tinha conseguido adivinhar.

Quando entrei, meu coração bateu mais forte.

“Por favor, tomara que Zraba não esteja presente...”

Eu queria que ele estivesse bem longe de lá. E que Suaten comparecesse. Mas eu sabia que iria acontecer o oposto: Suaten já devia ter pulado fora da Ordem, e por alguma razão Zraba não tinha saído com ele.

Não demorou muito para eu avistar a longa mesa. Era no segundo piso.

MAL

Reconheci Marcos e Nicole de imediato. Fui me sentar perto deles, pois ainda havia algumas cadeiras vazias. Eu teria chegado cedo demais?

Não. Já havia vários presentes. Inclusive desconhecidos.

– E aí? – cumprimentou-me Marcos.

– De boa – respondi.

Sentei-me ao lado de Marcos. Do outro lado dele estava Nicole. Logo também vi Gisele e Dmitri, e cumprimentei-os. Era a primeira vez que eu via o rosto de Dmitri pessoalmente.

– Olha só quem chegou.

Quem disse isso foi uma moça que eu não conhecia. Mas pela voz, pude identificar: era Brisgrar.

– Parabéns por teu ingresso na MAL, Gizwa – cumprimentou-me Dmitri.

– Muito obrigada, Mioae.

– Por que está dando os parabéns? – perguntou Brisgrar, com uma taça de vinho na mão – Daqui a pouco ela será expulsa de qualquer forma.

Observei-a melhor. Brisgrar tinha os cabelos pretos nos ombros, em pequenos caracóis perfeitamente assentados. Usava um batom muito vermelho. E a roupa dela estava mais elegante que a minha.

Por que fui aceitar o conselho de Nicole? Ela havia comparecido no bar com uma calça social toda larga e feia. E prefiro nem comentar sobre as roupas de Gisele. Parecia que ela tinha ido fazer um piquenique no parque, com um vestidinho de quadrados brancos e verdes. Na verdade, ela se parecia com a toalha do piquenique.

Sobre as roupas dos rapazes, nem me dei ao trabalho de analisar em mais detalhes. Era evidente que Marcos era o mais bem vestido, como sempre.

– Quem vai me expulsar? – desafiei Brisgrar – Tu?

– Indiretamente.

Ela iria criar situações nas quais eu poderia ser expulsa? Bem, não precisaria muito esforço para me induzir a falar merda. Eu já falava sem ajuda nenhuma.

– Gostou da minha cartinha, Gizwa? Tu não me respondeu de volta. Fiquei tão triste...

Wanju Duli

Quem disse isso foi uma guria de cabelos castanhos chanel. Eu não fazia nem ideia de quem seria.

– Adorei tua cartinha, querida – respondi, com um sorriso – queria muito ter respondido, mas tu te esqueceu de colocar o endereço, coração.

– Eu estava testando tuas capacidades divinatórias.

Que resposta mais ridícula. Eu odiava discutir com menininhas burras. Arruinavam a nobreza do meu diálogo inteligente.

– Tua maldição me atingiu em cheio – comentei – eu, tipo, quebrei minha unha. Mas agora já a restaurei com meus poderes psíquicos.

Mostrei minhas unhas de cor vinho, caprichosamente pintadas.

– Anda comendo muitos namorados alheios para se vingar? – perguntou a guria.

– Atualmente prefiro bater nas galinhas diretamente. Qual o teu nome, cadela?

– Lipsei.

Eu ri.

– A “namorada” do Vorta? – perguntei, em tom irônico – Isso que é coragem!

– Tem um Vorta na MAL. Não sabia? Acho que não. Afinal, tu acabou de entrar e não sabe de porra nenhuma.

Ela deu um gole num suco de laranja. Por que tinham tantas putas naquela mesa?

Porém, assim que Madame Mua chegou, calamos a boca. Mioae não se importava que fôssemos boca suja. Talvez Madame Mua também não se importasse, mas era melhor não facilitar.

Ela já chegou fazendo escândalo. Usava um vestido longo e escuro, com um decote... Deus meu, o que era aquele decote cintilante? Deixava metade dos peitões redondos daquela negra gostosa à mostra.

Os cabelos de Madame Mua estavam super volumosos e soltos. Achei fashion. Ela começou a dar beijinhos em todo mundo.

– Amei teu sapato, mestra! – exclamou Lipsei – É tão tudo!

– Obrigada, amada – respondeu Madame Mua, graciosamente.

Meu, como eu amava aquele sotaque dela.

Madame Mua segurou Lipsei num abraço apertado.

MAL

– Ela parece uma bonequinha, não acha, Gizwa? – disse Madame Mua – A minha bonequinha de porcelana que eu quero jogar na parede e quebrar.

Aquilo foi meio assustador.

Pelo jeito, Lipsei era a puxa saco oficial da mestra. Depois dos sapatos, começou a elogiar a maquiagem e os cabelos dela.

Eu achei aquilo bem desagradável. Lipsei era uma nojentinha metida. Eu queria esganá-la.

– Quantos anos tem essa porra de Lipsei? – sussurrei para Marcos.

Ainda bem que eu havia sentado do lado dele. Eu realmente precisava de outro fofoqueiro perto para poder falar mal de todo mundo.

– Parece que tem dezoito – respondeu Marcos.

– Essa putinha devia voltar pro colégio, que é o lugar dela – sussurrei de volta pra ele – que bastarda atrevida.

– Tu ainda não viu nada – observou Marcos – ela fala coisas bem piores. Vai ser divertidíssimo ver tuas expressões quando escutar.

Marcos adorava fofocas tanto quanto eu. Ele também adorava falar mal de todos os nossos colegas da moda. E como naquela mesa havia muita gente mal vestida, não paramos de sussurrar a respeito disso. Acho que Nicole ficou com um pouco de ciúme.

– Vai dar atenção pra tua mulher, traste – dei um tapa no braço de Marcos, em certo momento.

– Ai, não me bate, porra – ele retrucou, aborrecido – Tu não precisa me dizer isso.

Mas até que aquela conversa rendeu. Descobri que o nome verdadeiro de Lipsei era Teresa, e ela era do curso de dança. Tinha acabado de entrar.

Eu também queria saber os nomes reais e idades de alguns outros, especialmente da líder. Mas Marcos prometeu que me passaria os perfis de todo mundo no Facebook quando o encontro no bar terminasse. Aparentemente, ele não estava mais irritado comigo por eu ter chamado a namorada dele de vadia, feia e tábua de passar.

E aquela Madame Mua... ela gostava de dar amasso em todo mundo. Não só na sua bonequinha Lipsei.

Madame Mua sussurrou alguma coisa para Gisele e as duas começaram a rir. Eu adorava fofocar, mas odiava quando via alguém fofocando e não sabia o que era.

Ela dava abraço apertado até nos guris. Marcos pareceu gostar do amasso, mas Dmitri ficou meio sem graça. E olha que ele era o vice. Devia conversar com ela mais vezes. Mas acho que era meio difícil saber como agir quando uma gostosa mete os peitões na sua cara.

Quando o garçom chegou, pedi uma cerveja, que era o que a maioria estava pedindo. Estava recém no início do encontro, mas para aguentar aqueles idiotas eu precisaria de muita bebedeira. Só para me esquecer que eu havia rastejado na lama apenas para sentar junto com aquele bando de paspalhos.

Um pouco depois, dois rapazes se aproximaram da mesa. Eles estavam vindo de dentro do bar.

– Mas que demora foi essa, guris? – clamou Brisgrar – O banheiro estava assim tão emocionante?

– Não fomos ao banheiro. Eu estava trocando libras.

Senti um arrepio ao ouvir a voz. Era Zraba. Merda. A minha pequena esperança de que ele não fosse comparecer havia ido pelo ralo.

– Tavam fazendo o que no banheiro, Zraba? – perguntou Lipsei, chupando o canudinho de seu suco com um sorrisinho matreiro – Dois guris indo juntos? Que exótico! Tinha festinha no banheiro masculino?

– Eu já disse que eu estava trocando libras libanesas por reais – repetiu Zraba, com uma admirável paciência – a gente estava vendo a cotação. Da próxima vez passo numa casa de câmbio antes de vir.

– Ai, que rico! “Eu estava trocando libras” – imitou Lipsei, fazendo uma voz grave.

– Vocês perguntaram o que eu tinha ido fazer, eu apenas respondi! – defendeu-se Zraba.

– E por que levou Taha junto?

– Ele estava vendo a cotação no celular. Esqueci o meu. E o cartão de crédito.

Taha? Quem era o cara ousado o suficiente para usar aquele nome? Taha era, tipo, o maior mago do mundo. E, no livro, o mestre da MAL.

Observei o sujeito. Não o reconheci. Ele estava de cabelos molhados, então era difícil precisar a cor. Talvez loiro ou castanho claro.

Não vi direito o rosto, mas ele tinha um monte de espinhas na cara. Achei ele meio feio. O nariz torto. Ele era meio desengonçado.

Foi então que levei um susto. Meu coração quase parou.

Minha expressão se abrandou. Suspirei fundo. Subitamente, fiquei nervosa. E se fosse... Suaten?

Não. Não era. Eles tinham dito que o nome dele era Taha. Então não poderia ser.

O tal do Taha se sentou, mas eu não estava mais olhando para ele. Em vez disso, acompanhei Zraba com os olhos, para ver se ele me notaria.

E não é que ele estava vindo na minha direção? Que porra era aquela?

– Ei.

Aquele “ei” era pra mim?

– Essa cadeira é minha – Zraba me disse.

– Onde tá teu nome nela? – perguntei.

– Esse copo é meu – ele indicou o copo de cerveja pela metade, que estava na minha frente – eu estava sentado aqui antes de tu chegar. Então sai.

Mas que grosso filho da puta!

– Não vou sair.

Eu disse isso e continuei a encará-lo.

– Não me faz repetir – insistiu Zraba.

Aquela parecia ser a nossa primeira briga após minha entrada oficial na sociedade, dentre muitas que ainda ocorreriam.

Ninguém mandava Gabriela fazer nada. Muito menos com aquele tom de voz autoritário e mal educado.

– Sabe o que meu nome significa? “Enviada de Deus”, em hebraico. Deus me enviou para essa cadeira. E daqui não saio.

Orgulhei-me da minha determinação e sagacidade. Mas a resposta de Zraba foi imediata.

– O meu nome significa “O Escolhido”, em árabe. Alá me escolheu para essa cadeira. Mas antes disso, eu mesmo a escolhi. E agora eu a clamo, não com a justiça de Deus, mas com a justiça humana. Ela é minha, por direito. O copo é a prova. Por gentileza, queira te retirar.

Tomada pela fúria, eu me levantei. Lancei-lhe um olhar mortal.

Wanju Duli

“Venceu essa batalha, Mustafá. Mas essa guerra já está ganha. Eu irei encontrar Suaten. E nem tu poderá me impedir”.

Parte 2

O Poder da Ilusão

MAL

Fui sentar-me do outro lado da mesa, perto de Gisele, onde ainda havia um lugar disponível.

Mustafá tinha me desafiado na frente de todos. E ganhado o desafio. Havia me humilhado perante a Ordem. Devia estar imensamente satisfeito.

E não era só ele. Brisgrar deu um meio sorriso. E Lipsei sorriu de orelha a orelha, escondendo-se atrás do copo de suco, como uma imbecil. Ela estava fingindo segurar o riso, tapando a boca com a mão.

Notei que ela estava sentada ao lado do guri chamado Taha. E ela o incomodava frequentemente. Ele só queria ficar quieto e parecia ligeiramente de saco cheio, embora não demonstrasse abertamente.

Felizmente, o efeito da briga pela cadeira não foi devastador. A própria Madame Mua não deu muita importância. Em vez disso, foi cumprimentar Taha, que não ligou muito pro cumprimento. Aquele sujeito era apático ou o quê? Ficava com a mesma expressão de quem comeu limão e não gostou, não importava o que o pessoal ao redor dissesse ou fizesse. Devia estar a meio caminho de se tornar um Buda, para não se alterar diante dos peitões da líder e da chatice de Lipsei.

A Lipsei da história era tímida e meiguinha, enquanto a Lipsei do nosso grupo era uma putinha atrevida e infantil. Ela tinha escolhido o nome errado. Devia ter optado por Niapam. Seria perfeito.

Depois de cumprimentar Taha, Madame Mua foi dar um amasso no Mustafá, que apenas deu um sorriso amarelo.

“Será que ele tem medo de peitos?” pensei, divertindo-me. Ele não parecia ter ligado muito por ter me visto nua naquele dia. Mas se peitos o desagradassem, eu saberia que um decote pronunciado seria a arma perfeita para mantê-lo longe.

Se bem que... eu ainda ia precisar dele para localizar Suaten. Resolvi perguntar sobre isso.

– Suaten saiu mesmo da MAL?

– É óbvio – respondeu Mustafá – assim que soube que a tua iniciação foi um sucesso. Ele me avisou que não viria para o encontro de hoje e que, desde as últimas horas, está fora.

Ele deixou para sair no último minuto. Isso porque tinha esperanças de que eu não fosse aprovada.

– Houve mesmo a votação para eu entrar? – perguntei.

– Sim – respondeu Madame Mua – e eu dei o Voto de Minerva.

A impressão que eu tinha era que a maioria dos presentes me odiava. Sinceramente, eu achava mais provável que Dmitri e Madame Mua tivessem feito algum esquema obscuro para me colocar lá dentro.

Marcos me disse que Teresa me odiava gratuitamente, apenas porque curti comprar briga e implicar. Até parecia eu.

Outros ali não me curtiavam por causa da mentira que eu disse envolvendo Mustafá, e também porque tratei Suaten mal. Mas Suaten era muito fofoqueiro, por ter contado os detalhes das nossas conversas. Se a intenção dele era que eu entrasse, não sei porque fez isso. Ele possivelmente contou apenas para Mustafá, que espalhou para os outros.

Aquele pessoal era um bando de fofoqueiros. Eu me sentia em casa.

– Que tal falarmos um pouco de ocultismo, pra variar? – sugeri Dmitri, para quebrar o clima tenso – Não que eu não queira debater as questões técnicas e administrativas, mas quinta é o dia de relaxar.

Não se tratava de uma reunião formal para estudar magia. Marcos me contou que eles bebiam e falavam de qualquer coisa, mas tentavam focar em joguinhos caoístas.

Mesmo assim, para ficar um pouco mais organizado, Madame Mua tinha preparado uma programação. Tirou da bolsa um folheto e repassou para Dmitri.

– Querem jogar Agracamalas hoje? – perguntou Dmitri – Ou uma rodada da Magimáquina?

– Que falta de criatividade – reclamou Nicole – parecem até caoístas que só usam sigilos e servidores. Alguém inventou duas merdas novas e agora vocês só usam isso. A proposta não é inventarmos uma novidade a cada encontro?

– Ah, mas isso dá muito trabalho – sorriu Dmitri – é mais fácil montar um meta sistema e depois só mudar os elementos que se encaixam nele.

– Deixa eu mostrar o meu sistema então! – prontificou-se Teresa, levantando a mão.

Ela indicou seu copo de suco.

– Eu vou soprar o meu canudo – explicou ela – até que comece a saltar suco para todos os lados. Quando já tiver saltado bastante suco, faço uma leitura divinatória baseada nas gotas.

– Que coisa mais idiota... – queixou-se Brisgrar.

Teresa começou a soprar o canudo. E continuou soprando, mesmo quando uma quantidade grande de suco começou a saltar.

– Cadela! – gritou Brisgrar – Molhou minha roupa nova, vadiazinha!

Brisgrar jogou seu guardanapo de pano em Teresa. Ela se desviou e o guardanapo atingiu Taha.

– Obrigado – ele disse – assim posso me secar.

E ele, que estava encharcado de suco, pois se sentava ao lado de Teresa, começou a se secar. Se ele ainda não era iluminado, já devia ser pelo menos um Sotapanna.

– Mas assim não posso ler o suco! – reclamou Teresa – Deixa eu ver.

Ela segurou a camiseta dele, sem cerimônia, e começou a espiar o formato que as gotas tinham adquirido.

Eu achei Teresa muito inconveniente. Nem mesmo eu, que gostava de me atirar nos caras, saía pegando neles sem autorização. E os dois não pareciam exatamente íntimos.

– De acordo com minha leitura, essa reunião vai ser uma merda – revelou Teresa.

– Mas isso todo mundo sabe – comentou Brisgrar – principalmente pela tua contribuição.

– Eu acho que pra criar um bom sistema primeiro é preciso mapeá-lo num papel – opinou Nicole – ou no mínimo sistematizá-lo de alguma forma. Lembram dos Protocolos do Liber PPP?

– Mas não é legal quando o sistema nasce espontaneamente e sem previsão? – perguntei – Como uma camisinha que fura e gera um bebê por acidente.

– Eu adoro Protocolos – comentou Mustafá – É imprescindível realizar um estudo e análise.

Ele só estava dizendo isso para me contrariar.

– E também existe a pílula do dia seguinte – comentou Brisgrar – para impedir sistemas cuspidos como um suco estragado.

Aquela discussão estava tomando um rumo perigoso. Era um assunto polêmico. Dmitri notou e achou melhor interromper a discussão por ali mesmo.

– O problema do caoísmo é que caoístas raramente concordam em alguma coisa – observou Dmitri – ou talvez essa fraqueza também seja

uma força. Cada um tem sua forma de fazer as coisas. Nenhuma é melhor ou pior, galera. Todos somos diferentes. E é isso que gera mais beleza, diversidade e criatividade. É daí que nascem sistemas com possibilidades totalmente únicas.

– Tem razão – disse Gisele – não vale a pena discutir sobre a maneira ideal de criar um sistema. Não existe um manual para isso e nunca vai existir. No dia em que um manual assim for adotado por um grande número de caoístas, vira magia tradicional.

– Isso não significa que não vale a pena debater a respeito – completou Dmitri – é legal falar sobre possibilidades de criação de sistemas que geralmente funcionam. Basta não cristalizá-las e não apontar conclusões definitivas.

– Eu acho que a classificação “sistema cuspidor” é muito subjetiva – acrescentou Teresa – Eu amei meu método divinatório, é engraçado, permite um grande número de formações e funciona.

– Funciona para molhar e irritar todo mundo – disse Brisgrar – mas quando se usa uma roupa feia como a tua, é fácil não se importar em molhar.

– “Roupa feia” é subjetivo – retrucou Teresa.

– Tua credibilidade é subjetiva – prosseguiu Brisgrar – e teu rabo.

– A morte é subjetiva – comentou Dmitri – e é com essa esperança que somos magos.

Eu estava começando a gostar de Brisgrar. Na verdade, eu me deliciava em ver as duas batendo boca. Nem precisei fazer nada.

– A questão que está sendo colocada aqui é o papel da análise lógica e da intuição no desenvolvimento de um sistema ou paradigma – observou Madame Mua – ambas sempre desempenham algum tipo de papel na magia. A porcentagem de uma e de outra depende da natureza do sistema em questão e do estilo do mago.

Eu estava enganada. Madame Mua não se importava com palavras. Ou talvez se importasse, se estivesse de mau humor. Mas naquele dia ela parecia contente.

Ela pediu mais uma cerveja. Imaginei que o encontro fosse esquentar de verdade mais tarde, quando todos já estivessem bêbados e a porcentagem de lógica utilizada na discussão fosse próxima à zero.

MAL

Os assuntos saltavam de um para outro. Madame Mua estava concentrada em sua cerveja, e não parecia muito preocupada em colocar ordem naquela mesa. Dmitri se virava como podia, mas nem sempre conseguia controlar o pessoal.

A fofoca rolava solta.

– Eu liguei pro Hugo ontem – comentou Teresa – saca o Fuopaj? Ele ainda tá de cara com a Brisgrar.

– Ele que se foda – disse Brisgrar.

– Querem que eu ligue pra ele agora? Vou colocar no viva voz.

Eu suspeitava que Teresa fosse aprontar. Um cara atendeu do outro lado da linha. Todos ouvíamos o que ele dizia.

– Oi Hugo! – cumprimentou Teresa, alegremente – Quer voltar pra MAL?

– Quer parar de encher meu saco?

Algumas risadas abafadas se fizeram ouvir.

– Todo mundo amou teu grimório, cara – continuou Teresa – principalmente aquela parte que tu diz assim: “Eu acredito que o mundo é formado por um amontoado de cadáveres flutuando na lava. Cada vez que um vulcão entra em erupção, expele uma perna ou um braço derretido de um desses desgraçados. Eu mesmo os matei. Não diria que sou um Deus, mas sou um cadáver um pouco mais vivo, que chicoteia o próprio Deus e o faz gritar: ‘Por favor, me bate com mais força!’”

Teresa estava com um grimório na mão, lendo essa passagem no celular. Quando ela terminou de ler, muitos dos presentes estavam se mijando de rir, e se segurando para não dar uma gargalhada que o cara ouviria do outro lado da linha.

Cada vez que ele ia falar, o pessoal calava a boca pra escutar.

– Fico lisonjeado que tenha apreciado meus escritos, Lipsei. Mas a tua babação de ovo não será o suficiente para que eu perdoe aquela galinha preconceituosa.

Brisgrar fez uma expressão indignada e girou o dedo em volta da cabeça, indicando que o cara do outro lado da linha era bem pirado.

– Que preconceito chamá-la de galinha – retrucou Lipsei – ela sempre cacareja com estilo sobre... paradigmas de comida para a alma. Recentemente ela preparou uma receita que continha todos os

ingredientes de como transmutar alquimicamente a idiotice em genialidade criadora.

– Uma receita perfeita para ti, Lipsei.

Brisgrar deu um soco na mesa nesse instante. E murmurou um “Toma, vaca”, que fez Lipsei fazer cara feia.

– Posso usar as tuas bolas na receita? – perguntou Lipsei – Preciso criar um homúnculo, mas o pote é muito pequeno e não cabe as bolas que eu consegui.

– Minhas bolas estão muito ocupadas no momento, na boca de uma mulher – respondeu o guri – já que nenhum cara quer usar a tua buceta, eu sugiro que crie esse homúnculo com urgência, pois nenhuma porra vai entrar aí.

Brisgrar já estava chorando de rir de onde estava. Mas calou a boca quando o sujeito acrescentou:

– Aproveita e pede para Brisgrar botar um ovo.

E ele desligou. Houve muitos comentários idiotas depois disso. Alguém teve que me explicar que ovos de galinha e sêmen eram alguns dos ingredientes clássicos para criar um homúnculo. Eu às vezes não sacava algumas piadas de ocultismo e tinha que ter alguém me sussurrando as explicações.

Eu curti aquele cara, o Fuopaj. Não sabia quem era e que briga ele teve com Brisgrar para ter saído da Ordem, mas eu torcia para que ele voltasse. Pelo menos ele não teria nada contra mim e não desejaria me colocar para fora.

Eu também descobri que Brisgrar era do curso de nutrição. Por isso a referência à receita. Cara, eu estava perdendo metade das piadas por não conhecê-los direito. OK, eram piadas realmente estúpidas e não faria tanta falta assim entendê-las. Mas depois que eu enchesse a cara um pouco mais, eu passaria a rir tanto das piadas boas quanto das imbecis, então não faria diferença.

– Pode me emprestar esse grimório? – solicitei.

– Claro que não – respondeu Lipsei, de imediato – não gosto de ti.

Mais uma desvantagem de ser odiada: ninguém ia querer me emprestar coisas. Que bosta.

Bom, eu mesma procuraria por esse ex-membro no Facebook. E pediria o grimório emprestado. Eu sabia que na MAL muita gente ia ficar

MAL

de frescura para me mostrar os livros escritos pelos membros. Iam dizer que eu precisaria atingir a porra do grau mais alto para lê-los.

Um pouco depois, um celular tocou. Era o celular de Madame Mua.

– Aposto que é Hugo nos xingando – falou Teresa – vai delatar para a mestra, como se ela não tivesse ouvido...

Ela atendeu o celular lá fora. Nós aguardávamos com ansiedade.

Quando ela retornou, avisou:

– Vou ter que ir embora mais cedo. Era minha orientadora. Eu já tô ficando louca com essa merda.

Ela se despediu de todo mundo, dando mais abraços e beijos. Ah, ela só podia agarrar todos daquela forma porque ela era a líder! Aposto que se eu tentasse me aproximar de vários membros, seria chutada longe.

Quando ela saiu, as besteiras dobraram de tamanho. Eu não queria nem ver o que viria a seguir.

– A mestra está muito ocupada com a dissertação ultimamente – comentou Gisele – isso tá um saco.

– Ela já saiu mais cedo de três encontros – comentou Dmitri – e já cancelou dois. Tive uma conversa com ela sobre isso recentemente. Ela comentou comigo que está pensando em largar a MAL mais cedo do que o previsto.

O pessoal se manifestou um pouco com a notícia. Notei que a galera gostava de Madame Mua. Não queriam perdê-la tão cedo.

– E tu vai assumir como líder? – perguntou Marcos – Seria foda pra caralho.

– Não há nada decidido sobre isso ainda – respondeu Dmitri.

– Ah, qual é – disse Marcos – pra mim tu já é o mestre. Foi tu que me treinou. Seria perfeito te ver liderando a MAL.

– Eu sugiro que façamos uma votação – propôs Brisgrar.

Lembrei que ela me disse uma vez que considerava Dmitri um mau administrador. De minha parte, eu ia curtir se Dmitri assumisse o poder. A perspectiva de ter um membro que eu não gostasse liderando o grupo me assustava um pouco. Eu poderia ser expulsa no ato.

Que chato. Nem daria tempo de eu me vingar de Madame Mua por ela ter amassado minha cara no chão na iniciação. Ela já tava querendo se mandar.

No fundo eu gostava dela. Eu a tinha conhecido há pouquíssimo tempo. Mas sabia que ela tinha dado o voto final que decidiu minha entrada. Aquilo não era pouca coisa.

Gisele começou a tirar as suas cartas para Nicole. O pessoal estava se dispersando um pouco. Alguns liam trechos de grimórios ou debatiam assuntos diversos.

Eu bocejei. Estava a fim de voltar logo para meu dormitório. Tinha sido um dia extremamente cansativo e desgastante: aula pela manhã, iniciação à tarde, me produzir para o encontro no início da noite e depois comparecer ao encontro da MAL.

E eu queria procurar um monte de gente no Facebook. Tinha muita coisa que eu precisava saber. Aquela reunião havia deixado meu cérebro fervilhando de curiosidade.

Eu tentava prestar atenção nas conversas ao meu redor. Levaria muito tempo para eu acompanhar todos os acontecimentos.

– Gizwa.

Gisele me chamou. Eu me virei, curiosa.

– A partir de agora, tu vai ter outro instrutor. Mesmo como membro da MAL, vai ter alguém responsável pra te treinar nesse começo. Pra te apresentar como ocorrem as coisas na sociedade.

– Por que não pode ser tu?

– Já estou responsável por outra pessoa. Dmitri também está.

E Madame Mua saíria em breve, e estava extremamente ocupada. Quem sobrava? Um iniciante não ia me treinar. Fora eles, todos os outros veteranos me odiavam. Eu estava sem sorte.

– Brisgrar e Zraba – pronunciou Gisele – querem treinar Gizwa?

Os dois fizeram que não com a cabeça. Ao mesmo tempo. Porra! O movimento foi tão perfeitamente calculado que foi engraçado.

– Eu já avisei para todo mundo que estou ocupadíssimo essa semana – disse Zraba – não quero ninguém me deixando responsável por nada. Eu até passei uma parte dos meus afazeres para Taha.

– Zraba está usando seu discípulo como um professor que enche o estagiário com todas as tarefas chatas – comentou Dmitri – tu tá conseguindo dar conta, Taha? Não tá muita coisa?

Taha deu uma resposta em voz baixa.

– O quê? Não escutei.

– Tá tranquilo...

Ele respondeu isso com sua voz de peixe morto, olhando pra mesa. Meu, que cara de merda.

– Então fica decidido que Brisgrar ficará responsável por Gizwa – decidiu Gisele.

Brisgrar fez cara feia, mas não se opôs.

Então Zraba não me treinaria. Legal. Achei ótimo. Mas podia ser que Brisgrar me ferrasse ainda mais, se ela realmente desejasse.

Quando o pessoal já tinha bebido bastante, resolveram fazer duelos mágicos de magia literata. Ao estilo da Fábula da Eloquência. Eu curti aquilo, cara. Dei boas risadas.

– “Por aqui é bem visto usar das mesmas armas”! – clamou Dmitri.

– “Das mesmas facas” – prosseguiu Gisele.

– “Do mesmo fogo” – completou Brisgrar.

Eu reconheci o verso. Puta que pariu. Eles iam mesmo fazer aquilo. Eu veria ao vivo.

O princípio da magia literata era basicamente despertar efeitos mágicos com trechos de livros. O objetivo era desencadear emoções. Também havia o truque de usar rimas. Aquele era particularmente engraçado.

– Eu sinto fome aqui no Bar das Capas – pronunciou Teresa.

– Juro em teu nome, vou te deixar marcas – prosseguiu Brisgrar.

– De meu desejo, sede e sofrimento.

– Com minhas facas, bem nesse momento!

Houve uma salva de palmas.

– Vocês apenas decoraram os versos – comentou Zraba – quero ver criarem os seus.

– Eu te desafio, Zraba! – resolvi – Cada vez que um errar ou falar merda, vai ter que beber.

– Será um prazer.

Zraba largou o livro no qual estava com a cara enfiada. E demos início à disputa, com as cervejas na mão.

– Eu aposto uma maldição – falei – da Trinca das Maldições Berrantes de Mioae. Sim, aquela mesma que tu rasgou.

– Que deleite – disse Zraba – quem ganhar as coloca no outro.

Putá merda, aquilo seria divertido.

Eu iniciei, já que lancei o desafio:

- Quero encontrar teu príncipe galante.
- Sonhar com isso é tão emocionante.
- Não apenas um sonho, é esperança – retruquei.
- Quebrada e estraçalhada nessa dança – finalizou Zraba.

Ele fez um movimento, indicando que eu bebesse. Porém, eu segurei meu copo com força.

- Baile de máscaras e sofrimento! – exclamei.
- Que tu mesmo causaste em falso alento.

Ele me fitava com seriedade. Desgraçado.

Ele sabia que eu estava falando de Suaten. Mas ele destruía cada uma de minhas frases, mostrando seu empenho em escondê-lo de mim.

Tive que beber. Eu já havia acrescentado um verso a mais para manter o desafio, quebrando a regra. Então eu não iria mais segurar.

Dmitri passou para Mustafá o Livro do Susto, grimório que Mustafá odiava.

O meu adversário foi para a página da trinca de maldições e pronunciou o verso muitas vezes para mim. Eu apenas fechei os olhos para recebê-lo.

Para finalizar, Zraba segurou o meu pulso e escreveu o símbolo da maldição nele, com uma caneta.

Eu senti um arrepio quando ele tocou em mim. Era a primeira vez que acontecia.

Era impressionante como eu ao mesmo tempo sentia raiva de Mustafá, mas um pouco de desejo. Aquilo tudo só tornava nossa rivalidade mais emocionante.

Infelizmente, ele não sentia o mesmo por mim. Era ódio puro. Mas talvez eu gostasse que fosse assim. Sorri.

– Recebeu a maldição e está sorrindo – observou Mustafá – que apropriado.

– Deliciosamente – respondi.

– Tu me fez a proposta de versos decassílabos. Eu vou preparar para ti um soneto com versos alexandrinos.

– Ah, não! – falei – Só porque acrescentei um verso de desafio no final?

MAL

– Isso mesmo. Combinamos apenas quatro versos inicialmente. Tu aumentou para seis. Em troca, te desafio com sete, o que somará... catorze.

– Bastardo miserável.

É claro que eu errei. Justo lá no final. Não consegui pensar numa rima a tempo.

O resultado foi que recebi a segunda maldição da trinca. Fiz um último desafio, para finalizar. Um grande.

Dessa vez eu venci. Mustafá se indignou. Eu gostei de ver isso.

– O que rima com “esdrúxulo”? – ele perguntou.

– Não precisava ser rima externa – comentei – podia ser interna.

– É agora que vem me dizer? Que jogo sujo.

E lá fui eu colocar o símbolo da maldição no pulso dele, após ler o verso assustador de Dmitri.

E Mustafá teve que beber mais.

Todos curtiram a habilidade de Mustafá e alguns quiseram desafiá-lo. Ele ganhou várias, mas no final já estava bem bêbado, de tantos desafios que recebeu.

Chegou um ponto em que ele cruzou os braços e deitou o rosto na mesa, enquanto a galera se distraía com outros jogos mágicos caoístas. Alguns eles improvisavam na hora e as regras eram tão improváveis que sempre dava briga.

Alguns membros já estavam começando a ir embora. Quando a cadeira ao lado de Mustafá desocupou, eu sentei-me lá. Cruzei os braços também e deitei o rosto ao lado dele.

– Mustafá – murmurei, para que só ele ouvisse.

Ele abriu os olhos. Ele me fitava com uma expressão de sonolência.

– Quantos dedos tem aqui? – mostrei uma mão aberta.

Ele me deu o dedo e virou o rosto outra vez.

– Errou feio. Não era um. Eram cinco!

– O que tu quer, Gabriela? Diz logo. E depois sai daqui.

– Tu sabe o que eu quero.

– Não vai ter. Não insiste.

Que merda. Não haveria meios de convencê-lo.

Talvez o único jeito fosse fazê-lo gostar de mim. Se ele começasse a simpatizar comigo, poderia mudar de ideia.

Mas não naquela noite. Todos já estavam indo embora, ou cochilando em cima das mesas.

– O que é uma prova de fogo? – perguntei.

– Hein?

Ele mal estava prestando atenção no que eu dizia.

– Uma vez tu me ameaçou com isso. Disse que ia lançar em mim.

– Ah – ele esfregou os olhos – é um feitiço que inventei. Imensamente efetivo. E perigoso.

– Como se faz?

– Não sei.

– Aff.

Resolvi deixá-lo em paz. Ele não estava em condições de responder minhas perguntas.

Eu ia sacaneá-lo.

– Tu já comeu o rabo do Suaten? – perguntei.

– Sim.

Caramba! Ele respondeu.

– Como foi?

– Bom.

– Ele tem pau grande?

Subitamente, eu levei um susto. Mustafá agarrou o meu cabelo. Cacete!

– Mioae! – ele exclamou – Arrasta essa guria daqui. Ela está me perturbando!

Ele me soltou. Meu coração estava acelerado.

Que susto da porra!

Dmitri me chamou lá pra fora.

Quando chegamos fora, acendi um cigarro. Ofereci para ele, mas Dmitri recusou.

– Tem alguma coisa acontecendo que eu não sei? – perguntei.

– Eu também não sei detalhes, mas ouvi falar – respondeu Dmitri – Zraba e Suaten estão tendo alguns desentendimentos ultimamente. Envolvendo dinheiro. Parece que Suaten está passando por dificuldades financeiras. Zraba quer emprestar dinheiro para ele, mas Suaten não aceita. E Zraba ficou brabo com ele por causa disso. Mas... não acho que seja algo que a gente deva se meter.

MAL

Então Suaten também era orgulhoso.

– Suaten não tentou fazer um feitiço? – perguntei – Pra conseguir mais grana.

– Não é bem assim – disse Dmitri – tem um autor de Magia do Caos chamado Dave Lee. Ele comenta um pouco sobre a diferença entre ter dinheiro e sentir-se rico. Ele diz que uma das diferenças entre um mago e um não mago é a capacidade de atingir certos estados emocionais úteis conforme a vontade. Ou seja: é mais interessante focar a sua magia para sentir-se próspero do que ter dinheiro. Uma pessoa pode ser realmente rica e não estar satisfeita. E outra pode não ter muita grana e contentar-se.

– Mas dinheiro é necessário – observei.

– Sim, mas nem sempre está ao alcance da magia fazer uma pessoa ganhar dinheiro. Isso inclui também saúde e outras coisas. Quanto mais objetivo e específico for o desejo, é mais difícil atingi-lo. A magia lida com a esfera emocional e espiritual. Tentar modificar matéria com magia às vezes é como tentar rachar uma pedra com água. Para ganhar dinheiro, estudamos e trabalhamos. Para sentir-se satisfeito com o que temos usamos magia. É para isso que ela serve. O erro das pessoas é tentar abrir uma lata de sardinha com os dentes, quando há outros utensílios específicos para isso.

Aquilo fazia sentido para mim. Mostrei meu pulso.

– Tenho duas maldições tuas no corpo – mostrei – elas funcionam?

– Ah, sim, funcionam. Porque atingem a esfera emocional. Magia pode fazer isso.

– Certo. Isso significa que eu também tenho poder para quebrá-la.

– Tu pode tentar – Dmitri sorriu – mas trabalhei duro desenvolvendo-as. Elas são boas o bastante.

O poder combinado do vice da MAL e do Zraba contra o meu? Que merda, cara.

Falando em dinheiro, eu também precisava obter algum. Eu estava pensando seriamente em começar a trabalhar em algum lugar perto da universidade. Pelo menos meio período.

Quando voltei para o dormitório, eu estava quebrada. Mesmo assim, reuni energias e abri meu Facebook. Marcos tinha me mandado os perfis do pessoal.

Wanju Duli

O primeiro que observei foi o de Madame Mua. O nome verdadeiro dela era Georgina, e tinha 29 anos. Ela tinha vários amigos de Cabo Verde adicionados.

Eu torcia para que ela decidisse continuar mais um tempo na liderança. Poxa, eu tinha acabado de entrar e ela já ia sair?

Alguns perfis eu não tive interesse em olhar, como o de Taha e Lipsei. Novatos não me interessavam muito. Será que, por eu ser novata, me olhavam com o mesmo desprezo?

Espiei também o perfil de Brisgrar. O nome verdadeiro dela era Brígida. Tinha 24 anos. Nossa, será que todo mundo tinha Facebook naquela porra?

Decidi que analisaria com mais detalhes os perfis de Brisgrar e Fuopaj no dia seguinte, pois eu já estava caindo de sono.

O dia seguinte foi um pesadelo, porque tinha Gre-Nal. Eu curti futebol, mas eu descobri que alguns membros da MAL eram fanáticos...

A briga começou no Facebook. Cada vez que tinha um gol ou quase gol, a galera postava no perfil.

“GOOOOOOOOOOOOOOOOOL!!!!!”

Ou quando algum jogador fazia algo estúpido, xingavam o cara. Até uns mais quietinhos da Ordem estavam xingando pra caramba.

Depois eles começaram a xingar uns aos outros. Dmitri, que era gremista, começou a bater boca com Mustafá, que era colorado. Naquele dia, Mustafá parou um pouco de xingar os partidos para xingar os jogadores. Eu não fazia ideia que o Zraba era tão viciado em futebol.

Teresa, que era colorada, começou a xingar Dmitri também. E Brígida, mesmo gremista, resolveu fazer o mesmo e xingar o vice, porque não gostava dele.

Em pouco tempo, estavam todos caindo em cima de Dmitri, ele mandou todo mundo se foder e saiu do Facebook por aquele dia.

Um dia depois disso, o pessoal combinou um encontro de tarde pra fazer uma roda de chimarrão. E os membros compareceram a esse encontro com camisetas dos times. Praticamente todos vestidos de vermelho e azul. Eu também fui com a camiseta do Inter, com óculos escuros e jeans.

MAL

E nesse nosso “encontro de ocultismo” só falavam do jogo. Dmitri mencionou que a galera andava com preguiça de fazer rituais clássicos no mato e preferiam se encontrar só pra falar merda.

“Eu mereço”.

– Buenas e me espalho! – exclamou Dmitri, chegando – nos pequenos dou de prancha e nos grandes dou de talho!

Mas curti o encontro. Foi massa ver Dmitri xingando todo mundo. Eu nunca tinha visto o vice tão putó. Ele se sentou.

– Por que vocês estavam tudo me xingando ontem, porra? – perguntou Dmitri, indignado, mas rindo – A culpa não é minha se o manolo chuta o outro.

– Tu tá torcendo pra esses cavalos – justificou Teresa – merece ser xingado.

– Mas todos foram cavalos ontem – disse Dmitri – o juiz que foi um merdinha que não dava falta.

– É uma bichona aquele juiz – concordou Mustafá – o camisa 10 tava impedido. O putó ignorou. Tava favorecendo o Grêmio.

– Tava nada! – disse Gisele.

– Eu acho que o juiz foi imparcial – comentou Nicole.

Todos fitaram Nicole como se ela fosse uma demente.

– Balaza... até eu que sou gremista não acho que ele foi imparcial – disse Dmitri.

Soprei a fumaça do cigarro. Passei a cuia de chimarrão para Gisele.

– Amor – disse Gisele, passando a cuia pro Dmitri – põe mais água?

Dmitri pegou a garrafa térmica.

Brígida já tinha começado a me treinar. Ela era chata pra cacete. Não tinha a menor paciência pra me explicar as coisas.

Ela apenas jogava uma apostila na minha cara e dizia “Lê isso pra amanhã” ou “Senta aí e medita por 10 minutos”. Cara, eu podia fazer isso sozinha. Não precisava dela, se fosse para evitar uma conversa, e me evitar.

E estávamos lá sentados na grama. Queria que minhas duas BFF estivessem lá. Eu ia tentar convencer Georgina a deixá-las entrar antes que ela pulasse fora da MAL. Se eu fosse esperar pelo próximo líder, capaz de ele não deixar nem que eu continuasse.

– Sabe, magia é sobre diversão – começou a falar Dmitri, do nada – não faz sentido torná-la chata. Não precisamos ir pro mato balançar uma espada para alegarmos que estamos “praticando magia”. É muito mais interessante fazer magia com algo que se curte. Como futebol ou ceva. Ela será, além de mais agradável, mais efetiva, pois nos envolveremos mais profundamente de forma emocional. E é isso que ativa o feitiço.

– Tá falando do Somoyol? – perguntou Georgina – Ele criou um feitiço com futebol, lembra?

– Putz, eu me lembro! – Dmitri sorriu – O Fernando, né? Uma figura aquele guri. Quando o time dele fazia gol, ele usava a adrenalina que sentia pra ativar um feitiço. Do livrinho de feitiços do Sablerie. Como era o nome daquilo?

– “Merdas de Feitiços” era o nome do livro – respondeu Gisele – lembra que Qah fez uma paródia do livro dele e criou o “Feitiços de Merda”? A gente sempre confundia os dois.

– Bons tempos aqueles – Dmitri fitou o horizonte – Pena que essa galera já se formou.

– Onde eles tão agora? – perguntei.

– Qah criou a MAL & MIM – respondeu Georgina – Uma Ordem do pessoal que fazia parte da MAL enquanto estudava aqui, e que agora são formados.

– Quem é Qah?

– Um traveco – respondeu Brígida.

– Uau! Que nem no livro? – perguntei, empolgada.

– Sim – respondeu Gisele – ela era do teatro também. Minha veterana quando entrei.

Eu estava achando tudo aquilo o máximo. Mas também me preocupei.

– Isso significa que quem não se forma na uni não é aceito na MAL & MIM depois? – perguntei, com receio.

– Ex-alunos daqui que não se formaram também são aceitos – disse Dmitri – na verdade nem precisa ter estudado aqui pra entrar. Mas ter feito parte da MAL facilita um monte sua entrada.

Isso significava que se eu ganhasse má fama na MAL eu provocaria o efeito oposto. Teria dificuldade de ser membro da MAL & MIM depois,

MAL

que era provavelmente uma Ordem mais interessante, com um pessoal mais velho e mais maduro.

– A gente chama de M&M – disse Dmitri – e tem a Ordem interna, que é a M&Ms. Diz a lenda que eles sempre dividem um saquinho de M&Ms no começo de cada reunião, pra manter a tradição. Aqui na uni nem vale a pena fazer uma Ordem interna. A gente fica poucos anos e mal tem tempo de organizar coisas realmente legais, por causa dos estudos. Na MAL a gente faz alguns testes mágicos, esboços de grimórios e feitiços, relaxa juntos e troca ideias. É como um treinamento pra MAL & MIM depois.

– O que significa o “MIM”? – perguntou Marcos.

– Magos Inabaláveis e Magníficos – respondeu Dmitri, rindo – às vezes a gente só chama de MIM, mesmo.

– Devia se chamar “MIMH” – comentou Mustafá – Magos Inabaláveis, Magníficos e Humildes.

– Já teve uma guria que entrou na nossa universidade só pra fazer parte da MAL – comentou Gisele – e, obviamente, da MIM depois.

Tinha um monte de veteranos da MAL que eu não conhecia. Eu estava realmente por fora. Eu sempre era a patty que estava por dentro de todas as fofocas. Eu ainda levaria um bom tempo para coletar todas aquelas informações.

– Como se lança um feitiço ou maldição? – perguntei – Ou melhor... como se lança eu sei. Ganhei duas maldições no meu pulso e já usei algumas do teu livro, Mioae. Mas qual o princípio por trás disso? Qual o critério para criar os procedimentos de um feitiço, e por que eles funcionam?

Alguns membros suspiraram fundo e outros sorriram. Era uma indicação de que a resposta daria muito papo pra manga.

– Eu respondo ou tu responde, Madame Mua? – perguntou Dmitri.

– Depende da resposta que ela quer – respondeu Georgina – a curta ou a longa?

– Pode ser curta – respondi.

– Então te dou essa honra, Mioae – disse Georgina.

Ele passou a cuia para Nicole.

– Porque uma magia funciona ninguém sabe ao certo – disse Mioae – os magistas tradicionais estudam pra burro pra entender isso: como

encaixar os quebra-cabeças do mundo dos espíritos. Ainda assim, nunca compreendem completamente. Os caoístas estão mais interessados em testar fórmulas malucas para tentar obter resultados improváveis e imprevisíveis. Então, ninguém sabe os princípios por trás do funcionamento dos feitiços. É difícil descrever minuciosamente como giram as engrenagens astrais. Temos apenas modelos grosseiros e aproximações. E os melhores critérios para criar um feitiço ou maldição que funcione? Os magistas tradicionais passam bons métodos, super efetivos. Os caoístas estão sempre mudando esses critérios, para obter maior mobilidade mágica e mental.

– Que resposta de merda, Mioae – comentou Georgina – além de ser longa, não explicou nada.

– Por isso eu perguntei se eu deveria responder – disse Mioae, com impaciência – o que pretende dizer a ela?

– Gizwa – disse Georgina – traduzindo e simplificando a resposta de Mioae, a diversão e o prazer dos caoístas é não ter essa resposta. É não ter resposta nenhuma! Se tu entrasse numa Ordem de magia tradicional, teria que estudar todos os grimórios clássicos, cabala, magia hermética. Eles te passariam feitiços prontos, ou te fariam estudar a correspondência das cores e dos planetas para que usasse essa cartilha para inventar os teus. Mas numa Ordem de Magia do Caos, nós precisamos testar por nós mesmos, investigar, anotar resultados, debatê-los uns com os outros. Um mago tradicional vai te ensinar como respirar, como meditar, como jogar os arcanos do tarot, como chamar espíritos. Os caoístas só estudam as regras para quebrá-las e não para copiá-las.

Mioae bateu palmas.

– Vou anotar isso tudo, escrever embaixo “Madame Mua” e colocar no meu perfil do Face – disse Mioae, pegando um caderno da mochila.

– Não te atreve – disse Georgina.

– Desculpe desapontá-los, mas acho que vocês não entenderam o que eu perguntei – observei – embora eu tenha gostado das respostas. Aprendi muito. Mas digamos que eu queira bolar um feitiço agora. Por onde começo?

– Que tipo de feitiço? – perguntou Gisele.

MAL

– Um feitiço para ficar gostosa, por exemplo – eu disse – para que todos os guris babem por mim e as gurias me invejem. Eu sei, não preciso desse feitiço, já sou linda. Mas só pra saber.

– Primeiro tu precisaria nascer de novo – disse Teresa – faz isso, e depois a gente conversa.

– E como ela faz isso, gênio? – perguntou Brígida.

– Ela morre e espera reencarnar – respondeu Teresa – ou ela pode criar um feitiço para fingir que morreu.

– Vocês não tão me ajudando, queridas – comentei – Sremino, dá tua opinião.

– Além de estudar moda e se produzir, eu iria sugerir fortalecer a autoconfiança, mas a tua já tá lá nas estrelas – ele me disse – o que não deixa de ser um tipo de feitiço.

– Sempre que acordar, te olha no espelho e diz “Sou a rainha do universo, nenhum homem me escapa” – sugeriu Nicole – Tá aí o teu feitiço.

– Segundo a lenda, Castro Alves todo dia, antes de sair de casa, se olhava no espelho e dizia: “Senhoras mães, segurem suas filhas, porque Castro Alves está saindo!” – comentou Dmitri.

– Castro Alves pegava todas – disse Teresa – era um gato. Eu o comeria.

– Eu não o comeria – disse Georgina – ele morreu com 24. Muito novo pra mim.

– Será que eu posso cometer necrofilia? – perguntou Teresa – Onde ele foi enterrado? Vou aproveitar e fazer uma operação de necromancia.

– Eu acho que nós desviamos um pouco o assunto – sorriu Dmitri – será que foi culpa minha?

– Eu acho que vocês falam muita besteira – comentou Mustafá, tomando o mate – há muitos caminhos para criar um feitiço. No momento em que alguém dá uma sugestão por onde começar, já está interferindo com a criatividade espontânea do outro magista. É melhor não dizer nada e mandá-lo criar um feitiço, sem dar nenhuma pista. Mesmo que ele crie uma grande besteira que não funcione, aquela porcaria pode gerar alguma força residual muito mais imprevisível e interessante do que se fossem estabelecidos padrões iniciais.

– É exatamente esse o meu ponto – observou Dmitri – eu não sei se deveríamos mandar que os novatos estudassem os grimórios tradicionais, pelo menos para conhecê-los, ou se deveríamos arrancá-los de suas mãos, para que eles não se contaminem com fórmulas prontas de como fazer ou não fazer as coisas. Esse é provavelmente o dilema da minha vida. Pelo menos no que diz respeito à magia. Pois o meu maior dilema mesmo é se devo preparar ovo frito ou mexido. Eu realmente gosto dos dois.

– Eu não gosto de ler aquelas porras chatas tradicionais, sempre durmo e me entedio – comentou Teresa – e prefiro ovo cozido.

– Mas o feitiço serve somente como autosugestão, para afetar a mente? – perguntei – Ou tem alguma força sobre a matéria?

– Já conversamos isso – disse Dmitri – o enfoque deve ser a mente. Se afetar a matéria, será um brinde adicional. Mas sugiro isso apenas para evitar frustrações, porque é extremamente árduo afetar a matéria. E mesmo quando se consegue isso, se a mente não muda, para aprender a aceitar as merdas que nos acontecem e sempre vão acontecer, não adianta o magista ter o poder de mover o universo inteiro. Não ficará satisfeito.

– Existem vários tipos de caoístas – comentou Gisele – eu uso um método mais moderado. Gosto de mostrar algumas técnicas tradicionais para bolar feitiços e sistemas, para que possamos investigar quais são os elementos que as fazem funcionar.

– Eu sou mais do método do Zraba – disse Dmitri – diga para um iniciante: “chama aí um espírito” e observa o que ele vai fazer. Se ele não souber nada de ocultismo, provavelmente vai imitar algum gesto que viu em filmes. Vai citar o jogo do copo ou tentar procurar um fantasma nos arredores. Mas de vez em quando aparecem uns iniciantes que inventam umas paradas ótimas. Aprendo muito com a imaginação dos novatos.

– Então o objetivo da Magia do Caos é ser cada vez mais criativo e fugir dos padrões? – perguntou Marcos.

– Cara, tu é estudante de moda – respondeu Dmitri – e sabe o quanto originalidade é importante. Mas às vezes ousar demais dá merda. Há momentos em que é preciso ser cauteloso e, por que não, tradicional? A mente também precisa de um chão, senão enlouquece. Precisamos criar

MAL

algumas certezas para a vida, pelo menos para fingir que estamos no controle.

– Vocês estão tão entediadas hoje, falando sobre coisas sérias – disse Teresa – estão realmente falando sobre magia, que viagem!

– Que surpreendente ouvir caoístas falando de caoísmo! – exclamou Brígida, alegremente – Por um momento pensei que eu estava numa Ordem de Magia do Caos, e não numa roda de chimarrão falando putaria.

– Falar em “objetivo da Magia do Caos” até me dá um mal estar – comentou Georgina – há uns magistas por aí que até fazem cálculos para sistematizar logicamente todos os procedimentos mágicos.

– Não conheço ninguém que é... – nesse momento Dmitri tossiu – “Carroll” assim.

– Uau, que piada maravilhosa, morri de rir – zombou Teresa – tava tão boa que até parecia um caoísta tentando ser engraçado.

– Obrigado, igualmente – respondeu Dmitri.

– Não vejo problemas em sistematizar os modelos mágicos com cálculos e com uma base lógica forte – opinou Mustafá – isso não o torna menos caoísta, pelo contrário. O caoísmo possibilita tantos caminhos que até abre espaço para ser “anti-caoísta” paradoxalmente. Tentar localizar e construir padrões na falta de padrões. Basta lembrar da Teoria do Caos.

– Falou o metido da engenharia – comentou Teresa – vamos vaiar o Zraba e a Balaza! Buuuuu!

Porém, só ela vaiou. Parecia uma idiota. Adorei.

– Por que sou metido? – perguntou Mustafá.

– Porque tu só fica criando um monte de sistemas com termos difíceis e cheios de gráficos que ninguém entende! – justificou Teresa – Parece magista tradicional enchendo o texto de vocábulos alquímicos e herméticos, pra ninguém entender porra nenhuma e depois dizer que o autor era muito inteligente, para não admitir a ignorância.

– Me dá orgasmos colocar cálculos e gráficos nos meus modelos de magia – disse Mustafá – me apraz desenvolver sistemas complexos nesse nível, pois além de um fundamento lógico forte, desperto o emocional.

– Que tal colocar um glossário para leigos? – sugeriu Teresa.

– O glossário ficaria gigantesco e dobraria meu trabalho – disse Mustafá – além disso, que graça teria acrescentar a explicação da piada no final? Se fosse para remover completamente o mistério, não teríamos uma Ordem, não usaríamos codinomes ou mantos. Não cobriríamos o rosto. Se querem remover completamente a magia, removam o mistério.

– Achei que os livros de magia explicassem o mistério – comentei – então por que há livros e sistemas em primeiro lugar? Por que se estuda a magia? Se for por amor ao mistério, melhor nem ser mago e não investigar nada.

– Precisamente – respondeu Zraba – nós já chegamos nesse elevado grau de entendimento. Por isso estamos sentados aqui na grama tomando chimarrão e falando de futebol. Embora alguns tenham optado por interromper a nossa nobre conversa falando de... feitiços com futebol. Apenas assistam o jogo e curtam a partida.

– Há uma série de contradições nessa teoria – observei.

– E na vida – respondeu Zraba – e na mente humana. Em todas as coisas. Não é exatamente essa dança de opostos e contradições que gera a beleza? É o caos.

– Nós ao mesmo tempo amamos a explicação e a falta dela – disse Georgina – adoramos a possibilidade do fim com a morte, e também a possibilidade de continuar.

– Eu odeio todas essas teorias – disse Teresa – pra mim a beleza está em parar de querer analisar tudo ao seu redor e simplesmente sentir a magia da vida.

– Então não sejam magos – revirei os olhos – mas apenas pessoas normais.

– Ninguém é normal – disse Zraba – e todos são magos. Nós apenas formalizamos o processo, e o celebramos.

– Se vocês não estudam os sistemas de magia tradicional, fazem o que nessa Ordem além de lançar maldições uns nos outros em versos alexandrinos enquanto estão bêbados? – perguntei.

– É uma boa pergunta – brincou Dmitri – eu acho que nós queremos nos inspirar com as existências extraordinárias uns dos outros. E continuar a montar nossas obras de arte astrais. Não somente nesse mundo, mas também no outro. Que essa arte se immortalize na ordem, e que se quebre no caos!

MAL

Houve algumas palmas esparsas. Apenas dei um sorriso irônico.

– Acho que estou pegando o espírito da coisa – eu falei.

– E onde está essa coisa? – perguntou Dmitri.

– Hein?

– Tu disse que pegou o espírito da coisa – disse Dmitri – Pegou por onde?

– Pelo rabo – respondi.

– Isso respondeu a tua pergunta melhor do que a minha declamação anterior – disse Dmitri – o riso! Queremos levar a vida de forma mais tranquila e despreocupada, mas sem nos sentirmos culpados em explodir de vez em quando. Assim as coisas se tornam mais leves. Com pequenos experimentos e surpresas a cada dia. Não queremos descobrir grandes respostas e segredos do universo. Descobrir os pequenos já está de bom tamanho. E se não descobrirmos porra nenhuma, pelo menos dá pra ativar um feitiço com a porra depois da foda.

Dessa vez fui eu que bati palmas.

– Agora eu entendi – confessei – minha intuição sempre me disse que a foda era o caminho. Ou mais provavelmente a minha buceta. Alguém quer? Ela está disponível. Entrei pra Ordem só pra foder. Tem algum solteiro?

– Eu tô solteira – respondeu Teresa.

– Eu quero um pau, perua – retruquei – e não a tua xana, cabaça.

– Minha xoxota também está disponível para qualquer cara que quiser – declarou Teresa.

– E a minha também – informou Brígida.

Nicole me passou a cuia.

– É a tua vez de chupar, Gizwa. Tu tá precisando. Depois passa pras outras gurias.

– É melhor convidarem mais homens para a Ordem, antes que eu acabe roubando o namorado de alguém! – alertei – Depois não digam que eu não avisei.

Quando o pessoal xingava e fazia piada escrota ninguém ligava. Mas quando era eu, alguns ficavam de olho. Afinal, muitos sabiam que minhas brincadeiras nem sempre eram brincadeiras.

Wanju Duli

Pedi para falar com Georgina no final da reunião. Eu disse a ela que não aguentava mais ter Brígida como instrutora e desejava trocar. Dois dias já tinham sido suficientes para esgotar a minha paciência.

Eu tinha acabado de entrar para a MAL e já estava falando merda e fazendo exigências. Eu não era mesmo uma puta?

– Fala com o Míoe sobre isso.

Era assim que Georgina estava agindo ultimamente. Passando tudo para o vice resolver. Também comentei com ela sobre convidar minhas duas amigas e ela disse que iríamos “resolver isso posteriormente”.

Lá fui eu encher o saco de Míoe, que já estava atolado de abacaxis.

– Brisgrar está se portando como uma vadia comigo – eu disse a ele – me dá outra vadia para substituí-la. Essa eu não aguento mais. Tá fodido isso.

– Nós só temos mais uma opção – disse Míoe – a escolha é tua.

Fui até Mustafá. Toquei no ombro dele. Mustafá virou-se rapidamente.

– Calma, não vou te matar – tranquilizei-o – tu pode me treinar?

– Eu já estou treinando Taha.

– Que tal nos treinar juntos? – sugeri – Eu não me importo se ele estiver presente. Ele não fala nada mesmo.

E talvez com ele presente Zraba pegasse menos no meu pé.

– Talvez ele se importe.

– Ele não se importa com nada – comentei.

Por via das dúvidas, fomos perguntar.

– Ei, guri – chamei-o – posso treinar junto contigo? Sabe, as paradinhas de magia que tu faz com o Zraba.

Ele deu de ombros.

– Não te disse? – falei para Zraba.

Zraba suspirou.

– Não queria te treinar. E não quero que atrapalhe o treinamento de Taha. Mas se eu recusar, tu vai fazer outro barraco, como a criança que é. Então não tenho escolha. Ainda não quero sair da MAL.

– Por que não? – perguntei – Pensei que tu fosse pular fora quando Suaten se mandou, para acompanhá-lo. Ou será que tu quer mantê-lo a par do que tá acontecendo aqui dentro, pra avisá-lo quando a barra

MAL

estiver limpa pra ele voltar? Tu tem planos de me expulsar, como as outras gurias?

– Não possuo nenhum plano maquiavélico no momento, até onde lembro – informou Mustafá – basta não me provocar e serei cortês.

– Legal a tua camisa – voltei os olhos pra ela – sabe por que gosto dela?

– Porque é a camisa do melhor time do mundo.

– Isso também – concordei – mas gosto porque ela é mais justa do que as camisas que tu geralmente usa. Exalta teus músculos. Acha a minha legal? Ela exalta meus peitos, não é?

– O que conversamos antes sobre provocação, Gizwa?

– Foi um elogio.

– Eu sei – disse Zraba – eu gosto de ser elogiado e acho que mereço. Porém, eu prefiro receber certos tipos de elogios e comentários somente de uma pessoa. E essa pessoa não é tu.

– Eu gostaria de falar com essa outra pessoa.

– Te porta exemplarmente nos treinamentos e voltaremos a falar disso em breve.

Meu rosto se iluminou num grande sorriso. Eu o abracei.

– Obrigada!

Mas eu o soltei depressa. Antes que ele ficasse puto.

– Eu não me importo com esses toques, Gizwa – observou Mustafá – se acha que me importo, está muito enganada. Eu não ligo para o que as pessoas fazem comigo. Se me xingam, se me machucam, se me assediam. Eu só não quero que façam isso com ele.

– Tu tem a minha promessa – resolvi dizer.

– Eu ouvi isso – disse Mustafá – e tenho testemunha. Escutou, Mioae?

– Sim.

Mioae estava perto.

– Não ouve a conversa dos outros! – falei.

– Foi mal – disse Dmitri.

Foi mal porra nenhuma! Eu estava sendo vigiada. Notei isso. Ninguém queria que eu fizesse merda.

A tentação de fazer era muito grande. Mas eu faria um esforço super caprichado pra me comportar.

No dia seguinte, combinamos num local do campus: eu, Mustafá e... eu não sabia o nome verdadeiro do outro.

– Hoje faremos um exercício de ataque e defesa – explicou Mustafá – um usará a vontade para atacar o outro, que responderá com um escudo psíquico. Colocarei um diante do outro, para que se fitem firmemente.

– É como o jogo do sério? – perguntei, entediada com o exercício.

– Vocês não precisam ficar sérios – disse Mustafá – mas preferencialmente em silêncio. Taha irá te atacar. Tu tentará captar a energia e defender-se dela. As circunstâncias internas e pequenos adendos externos envolvendo o procedimento cabe a vocês decidirem. Através desse exercício, vocês testarão diferentes métodos, analisarão como se sentirão e me relatarão os resultados no final. Enquanto fazem isso eu vou fumar. Daqui a pouco eu volto.

E Mustafá se mandou. Eu estava acabando de descobrir que ele era um mestre tão merda quanto Brígida. Ia nos soltar uma tarefa padrão e desaparecer. Não porque ele não fosse capaz de propor algo melhor. Ele só não estava a fim. Especialmente comigo presente. Queria mostrar seu desprezo ao fato de eu ter sido jogada para ser treinada por ele.

Mustafá, obviamente, colocou-me em posição defensiva. Queria que o novato me atacasse. Até parece que eu ia deixar.

De qualquer forma, nós dois éramos iniciantes. Íamos ficar só olhando para a cara do outro e nada ia acontecer. Nenhum de nós teria capacidades psíquicas escondidas ou algo parecido.

Eu e o guri estávamos numa mesa. O local em que estávamos era meio vazio. Mesmo assim, de vez em quando passava alguém ou o pessoal se sentava nas mesas próximas.

Eu não iria me distrair. Iria fitá-lo fixamente e defender, ou quem sabe até jogar de volta, as emoções que ele me passasse.

Era isso. Um jogo de emoções. Com um simples olhar, poderíamos transmitir um ao outro sensações poderosíssimas.

Não tinha prestado atenção nele direito. Só me lembrava do nariz torto e das espinhas.

Nós dois nos fitamos firmemente. Comecei a analisá-lo com mais calma.

Taha tinha cabelos loiros e curtos, lisos na maior parte e ondulados nas extremidades. Ele não parecia pentear o cabelo e não devia fazer um

corde decente há muito tempo. Apenas Gisele era mais desleixada que ele nesse quesito. Para mim o cabelo era o principal, então eu me escandalizava vendo essas aberrações. Eu me dedicava tanto para que meu cabelo ficasse perfeito e eles nem deviam perder cinco segundos diariamente passando um pente.

Ele usava uma camisa branca com detalhes azuis. Nada de mais nela. Não tinha pulseira, relógio, pingente ou qualquer tipo de acessório legal, que me contasse um pouco sobre sua personalidade.

Pensando melhor, não havia nada para observar nele. Ele era simplesmente uma pessoa sem atrativos. Não havia nada interessante em seu rosto.

Talvez os olhos. Eram de um azul meio cinzento e sem graça. Não havia nenhuma outra cor misteriosa misturada.

Os meus olhos eram castanhos escuros. Dependendo da luz, pareciam completamente negros, ou de um castanho mais vivo. Quando pareciam negros, havia lindos pontos de luz. E quando eram castanhos, havia um tipo de vida e magia.

Eu tinha muitas fotos minhas, pois depois de tanto esforço para me arrumar, seria um desperdício não fotografar. A maioria delas eram tiradas no celular.

Eu não tinha olhado direito o perfil do novato no Facebook. Só lembro que não tinha nenhuma outra foto dele, além da foto de perfil, completamente feia e mal tirada. Eu sequer lembrava seu nome.

Por algum motivo, eu não gostei dele. Ele me pareceu uma pessoa invisível. Ou será que ele mesmo escolheu passar essa impressão para as pessoas? Através dos seus atos, da sua atitude, de suas vestimentas comuns.

O tom amarelo do cabelo dele não era um tom que eu gostava. O amarelo que eu usava para colorir o meu era bem diferente. E eu impliquei até com o tom de azul dos olhos do guri.

Parecia que estava tudo errado ali! Não achei sequer uma parte nele que eu gostasse.

Até aquela pele tinha um tom de... sopa estragada. Meio doentia.

Ele me fitava firmemente, mas eu não via nada. Ele estava tentando mesmo me atacar.

Resolvi observá-lo com uma expressão intimidante. A que eu usava quando eu encontrava uma vadia que eu não gostava. Um olhar meio nojentinho e poderoso, séria, com os olhos levemente estreitos. Prestes a fazer uma ligeira careta de repúdio.

Ele continuava me olhando. Que tipo de emoção estaria jogando em mim?

Espere. Ele não era o novato do machado? Gisele tinha mencionado que ele não me curtia muito. E que queria conversar comigo, sabe-se lá porquê.

Eu realmente não estava me concentrando naquele exercício. Não estava me esforçando. Ele era fraco demais para me gerar qualquer impressão mental.

Senti uma dor aguda no pulso. Lembrei das duas marcas de maldição. Será que Mustafá tinha mandado que ele fizesse alguma coisa para ativá-las?

Não. Isso era só impressão. Mas por que eu estava com medo?

Eu não achava que os magos da MAL eram poderosos de fato. Mas sempre restava a dúvida. Eles podiam estar escondendo alguma coisa. Todos temos segredos.

Eu entrei num covil de feras. Eu estava cercada por pessoas interessadas por magia. A coisa real, e não ficção. Eles realmente liam pra caramba e faziam testes diversos envolvendo aquilo. Era óbvio que alguns deles tinham topado com coisas extraordinárias por acidente. A possibilidade era muito alta.

E o guri na minha frente era um novato na Ordem. Isso não significava que ele fosse necessariamente novato na magia.

Subitamente, meu coração bateu mais forte. A dúvida gerou medo. Talvez o idiota diante de mim pudesse realmente fazer algo comigo. Talvez ele e outros magos já estivessem fazendo.

E, pensando bem, tinham feito! Como uma pessoa como eu, que sempre amou importunar os outros, estava, de repente, se esforçando para ser uma boa garota? Só podia ser magia negra!

Bem, não importava a cor da magia, mas estava me fodendo. Eles estavam me ensinando que símbolos podiam ter poder, quando são escritos com concentração e emoção; com um propósito firme em mente. É possível desencadear um segredo.

Cadeados. O universo estava repleto deles. Correntes, gaiolas. Aquelas pessoas estavam me entregando chaves e eu tinha medo.

Eu me assustei quando fitei os olhos dele de novo. Havia alguma coisa diferente neles. Pareciam lágrimas prestes a cair.

Ele estava olhando fixamente para mim, quase sem piscar. Essa devia ser a razão das lágrimas. Mas a dúvida confundia meus sentimentos.

Eu quase caí para trás quando alguém bateu as duas mãos na mesa onde estávamos. Foi um baque repentino e forte. Nós dois nos assustamos.

– Terminaram?

“Filho da puta!” Mustafá fez de propósito. Ele me deu um susto da porra.

– Estávamos quase terminando – resolvi dizer – mas tu chegou e estragou tudo.

– Eu estava apenas verificando se estavam mesmo concentrados.

Ele sentou-se na mesa conosco. Desisti de discutir esse assunto. Mustafá era meu mestre agora e, tecnicamente, era ele que mandava e teria o direito de fazer o que quisesse e de estar certo quando desejasse.

– Como se sentiram? – ele perguntou.

– Foi um exercício inútil – respondi – apenas olhamos um pra cara do outro.

– Eu acho que foi bem útil – disse Mustafá – para que tu aprenda a ver as pessoas ao teu redor de vez em quando, e entenda que elas são seres humanos com vontades e sentimentos. Não um de teus brinquedos.

– Odeio lições de moral. Já sou bem grandinha. Sei cuidar da minha vida.

– Talvez esse seja o problema de quase todas as pessoas: não fitam com atenção os olhos dos outros. Se fitassem, não teria como não chegar ao coração. Seriam menos egoístas. O mundo seria um lugar mais justo. As pessoas não iriam ajudar as outras por mero dever. Mas por vontade pura. Porque desejariam enxergar sorrisos e olhos brilhantes não somente em suas próprias faces no espelho.

– Puta que pariu, Zraba! – exclamei – Já bastam as tuas besteiras de política no Facebook! Não vem dar uma de moralista e salvador da humanidade até na porra do treinamento, cara! Vê se te toca!

Wanju Duli

– Que tipo de sentimento acha que Taha te enviou? – perguntou Zraba – E como se defendeu dele?

– Não me defendi, só não me importei – respondi – tava pensando em outras coisas.

– E tu, Taha? Como te sentiu?

Ele demorou um pouco para responder. Parecia estar pensando.

– Não sei...

E ficou nisso. Eu estava de saco cheio.

Nos dias que se seguiram, tive que passar por mais sessões chatas de treinamento com aqueles dois babacas: um só me xingava e o outro parecia uma múmia.

Até o tesão que eu sentia por Mustafá estava indo pelo buraco, quanto mais eu descobria o quanto ele era chato. Não tenho palavras para explicar. Ele dava discursos óbvios sobre ser gentil ou o caralho, quando ele mesmo estava muito longe desse perfil utópico que defendia. Parecia um pastor fodido ou um político corrupto. Um bando de clichês fedorentos se amontoando sobre a minha cabeça. Eu estava doida pra dar um chute no saco de Mustafá e riscar o carro dele, pra ver se ele continuaria assim tão pretensamente humanitário.

– O nome da porra da Ordem não se chama “Magos Acima da Lei”? – desafiei-o – Isso significa que podemos questionar e desafiar as regras. Não preciso ser boazinha pra ser uma maga foda.

– De fato, se optar por se isolar numa montanha ou numa floresta e jamais ver um ser humano de novo, não precisa se preocupar com as outras pessoas que estão no mundo além de ti – concordou Mustafá – mas enquanto estiver aqui, terá que lidar com os outros idiotas. E para tornar essa convivência mais suportável, nada melhor do que tentar ser cortês uma vez na vida. Mas caso não se preocupe em ser tratada feito lixo, a escolha é tua. Só não vai fazer isso dentro da MAL.

– Por que não? – perguntei, só pra implicar.

– Porque isso me irrita. Não me importa que Mioae e outros pseudo santos da sociedade aguentem a tua chatice. Eu não vou sair só pela tua presença. Ou tu aprende a ser um ser humano minimamente suportável, ou te chuto pra fora.

OK, ele não estava exigindo que eu entregasse minha vida para salvar a humanidade. Somente que eu tivesse um pouco mais de respeito pela existência alheia.

– Quero treinar magia sexual – informei – quem vai me ensinar?

– Magia sexual é imensamente excitante – observou Mustafá – lê isso daqui e depois conversamos.

Ele colocou diante de mim um livro enorme. Grosso e pesado. Falava de sexo na magia, aparentemente, embora eu não tivesse me dado ao trabalho de ler a sinopse.

– É pra eu enfiar isso na buceta? – perguntei, de braços cruzados, sem nem olhar o título – Por que estava com isso na mochila?

– Por que, eu me pergunto – foi a resposta de Mustafá.

Taha apenas observava as nossas conversas. Já fazia mais de uma semana que Mustafá tinha começado a me treinar. Eu e ele só falávamos merda! Taha raramente fazia algum comentário. Dava respostas breves quando alguém perguntava alguma coisa. No resto do tempo, ficava com aquele olhar vago, de quem não dá a mínima pra porra nenhuma. Mas eu notava que às vezes ele sorria ou disfarçava um riso com as merdas que eu e Mustafá dizíamos.

Apesar das minhas brincadeiras ridículas, eu me portei relativamente bem. Não disse nada realmente ofensivo e segui as atividades que Mustafá passou para mim e para Taha.

No final de duas semanas de treinamento, Mustafá pediu para conversar comigo em particular. Estranhei o pedido.

Taha já tinha ido embora após um exercício bem chato que fizemos, um tipo de divinação com dados. Mustafá tinha inventado aquela merda e explicou qualquer coisa sobre probabilidade e ângulos para lançar os dados, que eu nem prestei atenção.

– O que tu quer? – perguntei, com maus modos.

– Apesar da má educação costumeira, tu tem te portado razoavelmente – reconheceu Mustafá – tem interrompido pouco minhas explicações e tem realizado as atividades reclamando menos ainda. Por incrível que pareça, até Taha está simpatizando contigo.

– Calderina me disse uma vez que ele não gostava de mim – informei – e que queria conversar comigo.

– Ele não gostava porque Suaten ficou brabo contigo, e ele o conhece – disse Mustafá – queria falar contigo pra te mandar ficar longe de Suaten. Mas agora, tanto eu como ele achamos que já chegou a hora de tu tentar te desculpar com ele. Se as desculpas serão aceitas, é outra história.

Aquilo foi inesperado.

Eu não estava acreditando. Eu finalmente iria obter autorização para me desculpar com meu primeiro mestre de magia! Que me treinou por apenas três dias.

Suaten não era particularmente extraordinário. Ou talvez eu não o conhecesse o suficiente para julgar isso, mas por que tanta gente o defendia?

No fundo eu sabia porque. Ele era um cara legal. Tentou ser gentil comigo, mesmo sabendo que eu era um porre. Independente de ele não ter nenhuma outra habilidade, as pessoas iam gostar dele.

– Mas já tá acabando o semestre – lembrei.

– Muita coisa vai mudar a partir do próximo semestre – disse Mustafá – novos membros entram, velhos membros saem. E parece que Madame Mua vai largar mesmo a liderança. É uma questão delicada.

– Não me referia a isso. Como posso encontrar Suaten se estaremos de férias?

Mustafá pegou um pedaço de papel da carteira e me entregou um endereço escrito à mão.

Porém, quando fui segurá-lo, ele o puxou de volta.

– Façamos um trato – decidi Mustafá – quando encontrá-lo, além de se desculpar, terá que convencê-lo a aceitar uma oferta que fiz a ele.

Aquilo estava difícil demais. Mustafá já tinha escondido Suaten por muito tempo. Mandou que eu me comportasse durante o treinamento. E agora havia ainda mais essa condição para vê-lo?

Eu não o valorizei o bastante enquanto ele estava me treinando. Depois de todo aquele período de provação, eu não ia mais fazer bobagem. Pelo menos não na frente dele.

Eu concordei. Sabia a que Mustafá se referia. Ele queria que Suaten aceitasse um dinheiro que ele queria lhe emprestar. Eu sequer sabia se Suaten concordaria em me dirigir a palavra, e já havia mais essa barreira?

Mustafá me deu o endereço. Segurei aquilo como se fosse ouro.

MAL

– O que é isso? – perguntei – Um restaurante?

– Ele trabalha como garçom – explicou Mustafá – já faz um tempo.

Entendi o jogo de Mustafá. Ele não ia me dizer onde Suaten morava nem nada assim. Afinal, se eu o infernizasse, no máximo ele teria que trocar de emprego para fugir de mim.

Naquela mesma tarde, fui tentar conseguir emprego naquele restaurante. Afinal, eu estava mesmo pensando em pegar um trabalho de meio período. Iria aproveitar a oportunidade. Assim, não ia parecer que eu estava indo lá perturbar Suaten, e sim que ocorreu uma coincidência.

Eu imaginava que Mustafá não tinha contado nada sobre minha presença. Seria uma surpresa. Provavelmente desagradável, mas eu torcia para que ele não sáísse correndo ou se aborrecesse, e ao menos escutasse o que eu tinha para dizer.

Eu iria finalmente conhecer Suaten pessoalmente no dia seguinte. Eu estava ansiosa e nervosa.

Tudo o que eu me lembrava de Suaten era aquele guri de capa negra com voz suave, pele morena e aliança no dedo. Ele era calmo, paciente. Mas eu tinha realizado o feito que poucos conseguiram: deixá-lo puto.

Suspirei fundo. Era quinta-feira. Naquela noite tivemos mais um encontro no bar, no qual Madame Mua comunicou sua saída oficial da MAL.

– Mioae irá me substituir nas próximas semanas, até que decidam o novo líder.

Suspeitei que aquilo fosse dar uma polêmica fodida. Eu tinha entrado pra MAL num mau momento.

Eu já tinha mandado fazer meu manto e meu anel com o símbolo da sociedade. Até então, eu só tinha o broche, que todos usavam obrigatoriamente nos encontros, quando estávamos com outras roupas.

Além disso, eu estava tirando xerox de grimórios da Ordem, muitos deles escritos por membros ou ex-membros. Os gastos não paravam! Ainda bem que eu começaria a trabalhar no dia seguinte. Ia aproveitar as férias para trabalhar em período integral e fazer uma graninha. Quando as aulas recomçassem, eu trabalharia em meio período.

Na manhã seguinte, matei aula e fui no cabeleireiro. Eu já estava pensando em mudar a cor do meu cabelo, mas concluí que aquela seria a ocasião ideal. Suaten poderia demorar um pouco para me reconhecer e

isso me daria mais tempo para que eu o observasse em silêncio. Havia o risco de ele se irritar comigo e desaparecer outra vez. Antes disso, eu queria dar uma boa olhada nele.

Eu sempre mudava a cor do meu cabelo de tempos em tempos. Já tinha pintado de castanho escuro, castanho claro, castanho com luzes, até rosa quando era adolescente.

Decidi experimentar uma cor que eu nunca tinha usado: ruivo. Para não ficar tão diferente, peguei um tom laranja ligeiramente puxado para o amarelo.

Amei o resultado. Assim que fiquei pronta, fui almoçar, e logo segui até o restaurante.

Eu tinha sido contratada e já ia começar meu serviço. Dei muita sorte.

Fui até o banheiro do restaurante e coloquei meu uniforme. Era um vestido azul claro. Tive que prender os cabelos, mas ficou bonitinho mesmo assim.

Apresentaram-me a outras duas gurias que também trabalhavam como garçonetes naquele restaurante. Eu dei um sorriso amarelo para elas, como se dissesse “Olá, putas!”. Acho que elas entenderam o recado, porque também me lançaram olhares nojentinhos.

Era um restaurante grande e tinha muita gente trabalhando lá. Não era a primeira vez que eu trabalhava como garçonete. Já tinha feito uns bicos, muitos anos atrás. Mesmo assim, eu estava fora de forma. A quantidade de clientes que o restaurante recebia era grande, principalmente por volta de meio-dia e uma da tarde.

Fiquei correndo para lá e para cá. Havia outras gurias e gurus atendendo. Eu observava os outros garçons, sem ter a menor ideia de onde começar a procurar Suaten. Podia ser qualquer um deles!

Cheguei perto de dois garçons, para tentar ouvir a voz deles enquanto anotavam os pedidos. Nenhum deles me lembrava a voz de Suaten. Mas será que eu me recordava mesmo da voz dele? A possibilidade de Suaten ser um dos dois não era zero.

Mas eu não tinha tempo de ficar parando nas mesas para espia-los. Pessoas me chamavam o tempo inteiro. Algumas pedindo coisas totalmente ridículas e desnecessárias. Elas não viam que eu estava super ocupada? Por que me incomodavam com trivialidades? Às vezes até me esquecia qual mesa tinha pedido o quê.

MAL

Após duas horas de correria, eu já estava pensando em largar o emprego. Sinceramente, eu me senti mal. Alguns imbecis das mesas me tratavam como se eu fosse um lixo. Eu não estava acostumada a ser tratada dessa forma.

Agora eu entendia porque tinham me contratado tão depressa. O restaurante enchia facilmente e estavam com falta de pessoal. Havia até uma fila de clientes esperando lá fora para entrar.

Mas o pior foi quando a galera se acalmou. Quando a quantidade de clientes diminuiu e havia alguns garçons parados sem fazer nada, nos mandaram lavar os pratos. Era prato que não acabava mais.

E olha que eu estava responsável por secar os pratos. Um guri os lavava, outro passava água e ele passava para mim para que eu os secasse.

Até que ouvi o som de um prato se espatifando no chão. Virei-me imediatamente para olhar.

Um dos garçons tinha deixado cair o prato no chão. Ele estava lavando pratos numa outra pia.

– Presta atenção, Timóteo! – disse um senhor que passava – Pega a pá e a vassoura nos fundos.

O garçom obedeceu. Voltou com pá e vassoura e começou a recolher os cacos. Eu resolvi ajudá-lo. Estava com uma desconfiança muito forte.

– Deixa que eu faço.

Eu me ofereci para segurar a pá. Ele acabou me dando a vassoura também e saiu de lá.

Assim que coloquei os cacos na lixeira, fui atrás dele.

Ele tinha corrido lá pra fora. Puta que pariu. Era ele.

O garçom se encostou no muro. Baixou a cabeça e respirou fundo. Afrouxou a gravata borboleta.

Ele tinha cabelos negros e lisos. Eram longos, mas um pouco mais curtos que os meus, e os prendia num rabo de cavalo baixo. Os olhos também eram profundamente negros. A mesma pele meio morena que eu me lembrava. Tinha um traço indígena, com os olhos ligeiramente repuxados.

Aproximei-me com cuidado.

– Suaten? – perguntei.

Ele não respondeu.

Resolvi ir até a frente dele. Fitei-o diretamente. Dessa vez ele me olhou nos olhos.

Logo após, ele desviou o olhar.

– Que está fazendo aqui?

Era ele. Era a voz dele. Eu não podia acreditar.

Eu esperei tanto por esse dia. E quando finalmente chegou, eu não sabia o que fazer. O que dizer. O que pensar.

– Vim pedir desculpas.

Eu nem sabia mais pelo que eu estava me desculando. O que exatamente eu tinha feito que o tinha irritado tanto? Eu me lembrava de ter dito muitas coisas naquele dia. Mas provavelmente o que mais o aborreceu foi o meu descaso. Com ele, com a Ordem, com tudo.

Ele continuava sem dizer nada! E agora?

Resolvi aguardá-lo. Mesmo que eu tivesse que ficar lá de pé o dia inteiro.

Ele me olhava e depois desviava os olhos. Fez isso algumas vezes. Será que ele estava pensando se devia aceitar as desculpas?

Ele não parecia exatamente brabo. Na verdade eu não soube identificar o que ele sentia.

Lembrei do que Mustafá tinha me dito sobre olhar nos olhos de uma pessoa. Quando fitei Suaten firmemente, eu senti que ele era alguém que eu não gostaria de machucar.

Ele tinha uma aparência meiga e indefesa. Como alguém que precisava ser protegido. Era magrinho e um pouco mais baixo que eu.

Ele era o completo oposto de Mustafá, que era alto, forte e com uma expressão séria e dura, até meio assustadora.

Suaten tinha um olhar inocente. Bem, ninguém é completamente bom ou mau e eu me recordava muito bem que Suaten tinha mandado que eu me fodesse. Foi a última coisa que disse pra mim quando nos separamos. Mas...

– Como me achou?

Ele perguntou isso sem olhar pra mim.

Eu sabia que aquele momento seria difícil. Seria complicado lidar com ele, ter aquela conversa. Mas eu não imaginava que seria tanto.

Um mar de sentimentos havia me invadido. Eu estava com pena de Suaten. Arrependida pelo que eu tinha feito, o que quer que fosse.

MAL

– Mustafá me contou que tu trabalhava aqui – respondi.

Acho que ele não gostou de saber disso.

E passou mais um tempão sem dizer nada. Que merda.

– Tu vai me desculpar? – insisti.

Ele deu de ombros.

– O que quer que eu diga, Gabriela? – ele perguntou – Se eu disser que desculpo, você vai parar de me procurar? Vai me deixar em paz?

– Eu quero ser tua amiga – eu falei.

Mais silêncio. Caralho!

É claro que ele não queria saber de mim. Eu estava enganada. Ele não estava fazendo cena. Ele estava realmente se sentindo mal pelo que tinha acontecido.

– Eu gosto de fazer amigos – disse Suaten – sou afortunado e tenho muitas pessoas especiais e importantes na minha vida. Mas eu não consigo manter todos os amigos que faço.

– Por que não?

– Eu não consigo ficar perto de pessoas com certos tipos de personalidade. Acho que sou sensível demais. Eu começo a me sentir mal. Isso afeta minha saúde, de tão preocupado e estressado que fico.

Então era isso. Ele sabia que, se fosse meu amigo, eu acabaria tratando-o mal cedo ou tarde, fazendo piadas inapropriadas. Simplesmente porque eu fazia isso com todas as pessoas que eu conhecia.

Suaten se irritaria comigo, se estressaria e pararia no hospital outra vez. Mustafá iria me culpar, ia me xingar, me mandar longe.

O Mustafá era um grande imbecil. Como ele queria que eu falasse de dinheiro com Suaten, logo quando eu e ele estávamos naquela situação tão delicada?

– Eu entendi – falei – mas será que não pode me dar uma última chance? Prometo que vou mudar.

– Perdão, Gabriela. Não estou me afastando para puni-la. É pela minha saúde e para não preocupar Mustafá.

Mesmo que eu insistisse muito, ele não ia ceder. Podia até me perdoar, mas não queria falar comigo nunca mais.

Que porra! Eu não sabia que eu o considerava tão importante. Queria que ele falasse comigo outra vez.

Eu não queria perdê-lo. Apenas porque ele escapava de mim.

Wanju Duli

– Por que me convidou para a MAL? – perguntei – Por que se interessou por mim?

– Porque eu acreditei que poderia te ajudar a mudar – respondeu Suaten – mas depois dessa experiência, eu aprendi que há pessoas que nunca mudam. Não importa o que se faça. Então eu vou sofrer, vou me sacrificar por nada.

– Não é por nada! Depois que eu te conheci, eu mudei. Me tornei outra pessoa!

– Mudou mesmo? – perguntou ele, desconfiado – Mustafá me disse que você continua a mesma de sempre. Então por que comigo seria diferente?

– Porque, assim como tu descobriu através de mim que há pessoas que nunca mudam, eu descobri através de ti que posso mudar – respondi – e eu só consegui entender isso depois que te conheci... e nesse exato momento...

Senti meus olhos molhados. Dessa vez, eu não consegui segurar as lágrimas. E nem queria segurar.

Elas escorreram em grande quantidade pela minha face.

– Por favor, me perdoa, Suaten!

Eu disse isso sinceramente. Do fundo do coração. Acho que ele entendeu isso ao olhar para mim. Parecia impressionado e tocado por minhas lágrimas.

– Eu te perdoo, Gabriela – ele respondeu – mas não poderemos mais nos falar a partir de agora. Por favor, entenda.

Eu não aceitava isso. Não queria aceitar. Eu não queria um mundo em que as coisas não acontecessem conforme minha vontade.

Não era para isso que servia a magia? Para moldar o mundo conforme a minha vontade? Ou a minha mente.

Então por que, mesmo depois de tanto treinamento, eu não conseguia mudar a única coisa que queria?

Pensando bem, cumpri meu objetivo: recebi o perdão de Suaten.

Era a primeira vez que eu chorava assim diante de um homem. Eu raramente chorava na frente das pessoas, mas derramar lágrimas na frente de um cara... para mim seria ainda mais humilhante.

E lá estava eu. Chorando como uma criança na frente de Suaten. Sendo teimosa como uma criança.

MAL

Ele também era teimoso. Mas não estava sendo razoável? Justo?

Ele cedeu diante de minhas lágrimas. Me perdoou. E mesmo depois disso, eu ainda queria mais.

– Eu vou mudar! – exclamei, ainda em lágrimas – Sei que consigo! Eu finalmente confio em mim. Confia também.

– Não me coloca nessa situação – disse Suaten, com os olhos ligeiramente molhados – Não estarei falando contigo. Não é uma escolha!

Ele me disse isso de forma muito dura, embora os seus olhos me dissessem outra coisa.

Ele até elevou o tom de voz para que eu entendesse.

Eu não queria a derrota. Ia lutar até o fim.

Eu não conseguia mais me manter sobre as minhas duas pernas. Era uma tarefa além das minhas forças. Eu sentia um mal estar por dentro que estava me derrubando.

Caí sentada no chão, ao lado de Suaten. Apoiei as costas no muro, e nele também. Segurei na blusa dele. E desatei a chorar.

Esse foi o ápice da minha humilhação.

Eu estava tocando nele. Não deveria tocar. Suaten tentou se afastar de mim, mas eu continuava a segurar-lhe a blusa.

– Gabriela...

– Eu sei! – exclamei – Mas um dia a gente vai morrer. Essa minha pele que toca a tua estará enterrada alimentando os vermes, ou consumida pelo fogo. Então qual é a diferença? Por que tanto medo...?

E eu segurei na mão dele.

Eu estava fazendo o maior drama da minha vida. Dizendo todas as coisas mais idiotas e bregas que conseguia pensar, dignas de uma novela.

Eu estava agindo como se fôssemos amantes apaixonados, eu o tivesse traído e estivesse clamando seu perdão.

Mas, que merda, ele era meu mestre de magia, ou foi por três dias. Éramos algo como amigos, ou era isso que eu queria que fôssemos. Eu estava pedindo tanto assim? Que ele se dignasse a falar comigo a partir dali? Havia tantos seres humanos no mundo. Então por que tinha que ser exatamente ele?

Wanju Duli

A verdade era que eu não conseguiria carregar esse peso na consciência pelo resto da vida. Ou mesmo que eu quisesse esquecer, não conseguiria.

O ser humano é realmente estúpido. Passa por coisas horríveis e depois se esquece facilmente. Pessoas importantes caem mortas, ele chora um pouco e depois passa.

Então por que raios eu achava que o fato de um palhaço que falou comigo três vezes iria me assombrar até o dia da morte?

Porque na verdade a palhaça era eu. Estava transformando a minha vida num circo de comédias e tragédias. Ele, mesmo sem saber, me fez despertar.

Eu não queria que o meu salvador, o meu Deus, me abandonasse.

Agora eu sabia porque Mustafá e Taha se importavam com Suaten. Havia algo nele... aquela postura e atitude, que me deixavam ver um facho de esperança na vida e no mundo.

Existiam pessoas como ele, hã? Um cara teimoso, infantil, que se emburrava com idiotas e se afastava deles. E por que isso o tornava tão extraordinário?

Porque ele foi a primeira pessoa que realmente me desafiou daquela forma. Naquele nível. Eu chutava imbecis o tempo todo. Eles se enfureciam comigo e eu não ligava.

Mas com ele eu me importei. Merda! Suaten era meu pior inimigo. O mais cruel e impiedoso. Criou toda aquela situação; a única capaz de me derrubar.

Ele estava me ignorando, cacete! Eu, a suprema Gabriela, admirada e invejada por tantos, estava me humilhando ao seu lado, derramando minhas preciosas lágrimas em sua mão, e ele só ficava parado sem dizer nada.

– Por que fez isso? – ele perguntou – Por que está fazendo eu me sentir um monstro?

Do jeito que eu chorava, era como se ele tivesse feito algo realmente cruel comigo. Mas era exatamente o contrário.

Eu estava completamente ciente da minha hipocrisia. Eu sentia raiva das minhas lágrimas.

– Suaten, por favor, me ajuda a mudar – pedi – tu é a única pessoa capaz de fazer isso.

Ele se sentou ao meu lado.

– Não sou – disse Suaten – somente você pode mudar a si mesma. Não coloque esse peso nas minhas costas.

Ele segurou a cabeça nas mãos. Quando olhei para ele outra vez, notei que Suaten estava chorando também.

– Não me procura de novo, Gabriela – ele disse – essa é minha palavra final.

Era isso. Eu tinha sido derrotada. Não havia mais nada a ser feito.

Eu me levantei. E fui embora de lá.

Nem dei satisfações para o restaurante. Saí de lá com o uniforme. Somente depois tive que voltar para devolver. É claro que eu não pretendia continuar trabalhando lá.

Eu sabia que teria toda a liberdade de fazer isso. E talvez Suaten não pudesse sair do emprego logo em seguida. Eu ainda teria a chance de pedir perdão mais algumas vezes, mas eu não vi mais sentido em fazer isso.

Ele deixou bem claro que não voltaria atrás.

Quando voltei para o dormitório, Marcelina assustou-se ao ver o meu estado.

– O que aconteceu?

– Briguei com um amigo – respondi.

– Eu não sabia que tu tinha amigos.

Essa resposta não me fez sentir muito melhor.

– Tu não é minha amiga? – perguntei para ela, ligando o computador – Também tenho Carla e Elaine.

– Sim, mas às vezes nem parece... – respondeu Marcelina.

Eu já estava ignorando Carla e Elaine por alguns dias, por causa dos troços da Ordem.

Quando chequei o Facebook, havia uma mensagem de Mustafá.

“Eu te disse”

Ele me disse o quê? Que Suaten continuava puto comigo? Todos me diziam isso. Só que eu tive que ver com meus próprios olhos a gravidade da situação e a dimensão que isso tomou.

“Preciso conversar contigo urgentemente. Pode se encontrar comigo agora?”

Quando perguntei isso, a resposta dele foi:

“Eu não fico matando aulas como tu. É fim de semestre e estou cheio de provas e trabalhos”.

Mas Mustafá não era como Suaten. Se eu insistisse bastante, ele podia ceder, mesmo que me xingasse depois.

“Tu tá na universidade agora?”

E ele respondeu:

“Tu não vai parar de encher meu saco até eu dizer que me encontro contigo hoje, né? Que seja. Nove da noite na merda do barzinho”

Fiquei aliviada. Meu dia teria sido destruído se tanto Suaten como Mustafá tivessem me ignorado completamente.

Mandeí SMS para Carla e Elaine, convidando-as a jantar comigo no RU. Mas ambas estavam ocupadas.

Peguei uma bandeja e fui jantar sozinha. Meu primeiro pensamento foi “Eu não preciso daquelas gordas”, mas eu sabia que isso não era verdade.

Para minha surpresa, encontrei Melissa sentada em uma das mesas. Ela estava sozinha.

Sentei-me na frente dela. Melissa ficou estupefata.

– Oi.

Melissa deu um sorriso irônico com o cumprimento.

– O que tá tramando agora, Gabriela? – ela me perguntou.

– Queria pedir desculpas – decidi – avacalhei contigo. Toma de volta tuas coisas. A camisinha eu usei. Foi mal.

E devolvi o rímel, o batom e a bolsinha.

Ela me fitou rindo.

– Tá de brincadeira, né? Pode ficar com isso daí.

E ela saiu da mesa, levando sua bandeja para outro lugar.

– Vaca – falei, baixinho.

Por que as pessoas eram tão mal agradecidas?

Eu já tinha jantado sozinha muitas vezes. Mas particularmente naquela vez me senti extremamente solitária.

Imaginei-me uma velhinha ranzinza e completamente só. Talvez uma bruxa numa maloca, enchendo um caldeirão de baratas e amaldiçoando o mundo inteiro. Se eu não iria obter um bom emprego com o auxílio da universidade, já que eu estava me fodendo pro meu curso, no mínimo meu tempo lá teria servido pelas maldições que aprendi na MAL.

MAL

Foi uma visão meio deprimente. Lavar tantos pratos não foi o fim do mundo. Trabalhar como garçonete era legalzinho. Porém, se houvesse a opção, eu ia tentar me esforçar para fazer outra coisa. Por isso eu tinha que me dedicar mais ao meu curso. E principalmente nas minhas amizades. Eu sentia que não estava fazendo o menor esforço em nada daquilo.

Às nove fui até o bar no qual ocorriam os encontros da MAL às quintas. Mustafá se atrasou um pouco. Chegou nove e vinte.

– Tá atrasado – foi a primeira coisa que eu disse.

– O interesse é teu e não meu – ele retrucou – já fiz muita coisa vindo até aqui.

E ele sentou-se na minha frente na mesa. Pediu um drinque para o garçom.

Garçom... cara, eu não conseguia parar de pensar nisso.

– O que tem de tão importante a me falar que não poderia ser dito pela internet? – perguntou Mustafá.

– O teu namorado é complicado, hein – comentei – como foi que vocês deram certo? Vocês são tão diferentes!

– Já parou para pensar que provavelmente tu não conhece o suficiente nem a mim e nem a ele?

Eu nunca tinha visto os dois juntos. Era evidente que Mustafá não devia ser rude com Suaten, da forma que era comigo.

– O nome dele é Timóteo, certo? – perguntei.

– Exato. Mas espero que não tenha vindo apenas para fazer esse questionário. Seria inútil. Ele deixou claro que não quer mais falar contigo.

– Eu nem fiz nada tão terrível assim com ele, poxa!

– Uma pessoa mais sensível pode se machucar com pouco – disse Mustafá – então, começa a tomar cuidado com tua língua. A propósito, perguntou sobre o dinheiro?

Senti vontade de mandá-lo tomar no cu. Era óbvio que aquilo não tinha a menor relevância na ocasião.

– Eu me esqueci, e não achei que seria apropriado falar disso naquele momento.

– Bem, o Timóteo está com um problemão por causa disso. Ele precisa fazer uma cirurgia para retirar um tumor.

Dessa vez eu fiquei assustada. Na verdade fiquei sem fala.

– Ele tem câncer...?

– Não. É um tumor benigno. Os médicos recomendam cirurgia. Não é urgente fazer, mas o quanto antes for feito, melhor.

Fiquei mais aliviada. Mesmo assim, eu não estava tranquila.

– Eu disse que poderia ajudá-lo financeiramente para que ele fizesse essa cirurgia agora – disse Mustafá – mas Timóteo não aceitou minha ajuda. Ele sabe que estou economizando para outras coisas, mas essas outras coisas podem esperar.

Timóteo era teimoso e orgulhoso. Muito mais do que eu imaginava. Se ele negava até ajuda nisso, era óbvio que não ia voltar atrás com sua decisão de não falar mais comigo.

Por que eu continuava importunando todos ao meu redor? As pessoas podiam ficar doentes e morrer a qualquer momento, sofrer um acidente ou outra merda assim.

Pensando bem, eu era realmente estúpida por não ter levado nenhuma daquelas coisas em consideração.

– E agora? – perguntei – O que vai acontecer?

– Eu já te dei a tua chance – disse Mustafá – agora, deixe-o em paz, como ele quer. Ele está envolvido com outras coisas agora e incomodá-lo com isso só irá prejudicá-lo.

Eu concordei.

Eu continuava me sentindo terrivelmente mal. Eu estava precisando de um ombro amigo ou coisa parecida. Nunca precisei tanto de algo assim antes.

– Viver e morrer por dinheiro – pronunciei – eis nosso destino.

– A tua briga com o Timóteo não tem nada a ver com dinheiro – disse Mustafá – então não vem com essa história.

Ele terminou de tomar o drinque e levantou-se.

– Se era tudo o que tinha a me dizer, agora vou embora. Vou precisar acordar cedo amanhã.

– Valeu por vir – eu disse – eu tava precisando conversar com alguém.

– Eu espero que todas essas situações te gerem boas reflexões. Quando nos reunimos numa Ordem de magia, nós não nos reunimos somente para estudar os mistérios ocultos, mas também para lidar com as questões fundamentais da existência. A amizade é um grande mistério,

MAL

Gabriela. E esse arcano só é desvendado por quem deseja retirar o cadeado de um coração de pedra.

Mustafá retirou-se de forma soberba, após dizer essas coisas legais. Eu estava rodeada de pessoas que gostavam de pronunciar frases de efeito. E eu estava precisando urgentemente de algumas dessas, já que eu me negava a seguir conselhos úteis e evidentes, apenas por não admitir que eu estivesse errada.

Eu queria me negar a viver como as pessoas costumavam viver. Mas essa forma de vida podia funcionar. Um pouco de gentileza não ia me matar.

Ao retornar para o meu quarto, eu pretendia procurar o perfil de Timóteo no Facebook. Mas os membros da Ordem estavam agitados com uma coisa que me distraiu.

Eram os boatos sobre o novo mestre. Diziam que o mestre anterior da MAL, que estava liderando a sociedade antes de Georgina, iria retornar. Muitos o odiavam, outros o admiravam ou o temiam. Era um amontoado de emoções por todos os lados. O cara devia ser foda, pois a notícia gerou um alvoroço.

O fato gerou uma reunião de urgência. Eu estava achando tudo aquilo um saco. Eu tinha entrado para aquele grupo para fazermos rituais juntos, brincar de lançar maldições, de declamar fórmulas mágicas na forma de poemas ruins e outras merdas. E não para lidar o tempo todo com questões administrativas.

– Eu já disse que não quero assumir a liderança – insistiu Dmitri – não é que eu esteja ocupado, mas prefiro ficar como vice.

– O Mioae não gosta do poder – comentou Marcos.

– Não é que eu não goste. Eu só acho estressante. Quantas vezes Madame Mua já explodiu de raiva e quase virou a mesa? Uma vez ela deu um soco na mesa que virou três copos de cerveja.

Agradei aos céus por não ter presenciado isso. Eu nem queria imaginar Georgina realmente zangada.

– Por isso mesmo que tu devia ser o líder, tu tem uma invejável paciência – insistiu Marcos.

– Não estou muito a fim de perdê-la.

– Ela andava jogando todos os pepinos pra ti ultimamente, de qualquer forma – comentou Brígida – virar o líder seria apenas mera

formalidade. Tu já estava cumprindo as funções do mestre da MAL nos últimos meses.

– Mas é exatamente por esse motivo que prefiro não assumir esse posto! – disse Dmitri – porque eu vi como é chato, complicado e exige muita responsabilidade.

– Mudou de ideia agora, Brisgrar? – desafiei-a – Tu não era a favor de ter o Mioae como líder antes.

– Agora que a opção é o bastardo do Edzgarran, estou apoiando Mioae.

Então era ele.

Subitamente, eu entendi tudo. Eu tinha presenciado a “simpática” conversa pelo celular na primeira reunião no barzinho que compareci. Aparentemente, ele tinha saído da MAL por causa de Brisgrar, então era natural que ela não o quisesse perto.

– Eu vou curtir se Edzgarran voltar – comentou Teresa – porque é mais divertido quando ele fica com raiva. Quando Madame Mua se enfurecia, todo mundo calava a boca na hora. Quando Edz fica brabinho, todo mundo ri, ou não dá a mínima.

– Não há outra opção melhor? – perguntou Brígida – Vai ter que ser ele?

– Ele é muito bom – disse Mioae – eu respeito um monte o Edzgarran. Não sei porque alguns aqui não fazem o mesmo.

– Eu te respeito porque tu é legal – disse Brígida – o Edz é chato pra caralho.

– Eu sou a favor da volta do Edzgarran – disse Gisele.

Brígida tinha razão. Gisele só concordava com tudo o que Dmitri decidia.

– Eu acho que ele vai colocar mais ordem na casa – disse Mustafá – isso aqui está uma bagunça.

Eu e Marcos não tínhamos como opinar, pois não conhecíamos o cara. O lendário Edzgarran Fuopaj.

Nicole não foi ao encontro. Ela estava se formando e não continuaria conosco no semestre seguinte. Ela permaneceu na MAL por apenas um semestre e a seguir já entraria para a MAL & MIM. Sortuda.

E Taha só ficava quieto.

Pelo menos eu teria o intervalo das férias. Eu estava exausta.

MAL

Eu ia trabalhar durante as férias sim. Mas só de não precisar assistir aulas e fazer provinhas imbecis eu já ficava aliviada.

No dia seguinte, Mioae já confirmou conosco pela internet que o antigo mestre assumiria. E assim que recebi essa confirmação, cacei o perfil do cara no Facebook.

Eu havia dado apenas uma olhada rápida no meu primeiro dia na MAL. Dessa vez eu iria dissecar aquele perfil. Eu fiquei interessada nessa novidade.

Não havia nenhuma foto dele no perfil. Mas havia um monte de outras informações interessantes.

Ele era estudante de geologia. Tinha 26 anos. Uma vez ouvi alguém da sociedade mencionar que ele já estava na universidade há um tempão e não terminava o curso nunca. Aparentemente ele trabalhava e estudava ao mesmo tempo, e fazia poucas disciplinas por semestre.

Nas bandas preferidas dele só havia rap. Nos filmes preferidos só gore, pornô ou os dois juntos. Na lista de livros, um monte de títulos que eu não fazia a menor ideia do que era.

Ele vivia procurando vídeos mostrando pessoas reais sendo torturadas ou assassinadas. Cara, eu fazia isso com as minhas amigas quando eu era adolescente. Ele ainda não tinha se cansado de ver essas coisas?

Ele colocava um monte de coisas sobre isso na página do perfil. Vivia compartilhando links e comentando com os amigos no Twitter “Ih, isso tá muito fraco! Nem mostra as tripas saindo”.

Passei para Marcos o perfil do nosso novo mestre por mensagem privada. Ele achou engraçadíssimo.

“Mas foi massa aquele vídeo do cavalheiro fazendo sexo com os intestinos da guria”.

Marcos ainda se deu ao trabalho de ver? Ele inclusive favoritou alguns links do cara! Embora Marcos tenha rido do perfil dele, aposto que curtiu. Ele só não queria admitir. Provavelmente estava vendo todos os vídeos. Babaca.

Eu curtia vídeos de sexo com tortura, fossem falsos ou reais. Não S&M, tortura pesada mesmo, de arrancar pedaço. Mas eu tinha outras fantasias com as quais eu me excitava mais. No caso do carinha, ele parecia ser totalmente obcecado por isso.

O nome real dele era Hugo. Ele já estava discutindo com Brígida pelo Facebook. E de repente postou alguma coisa no próprio perfil, em público.

“Brisgrinha está oficialmente expulsa. Cadela”

Aquilo estava ficando emocionante. Marcos me enviou a seguinte mensagem em seguida:

“Uau, ele já tá abusando do poder e mandando todo mundo pra fora. Cuidado, hein, Gabriela!”

Por um momento pensei que aquilo fosse brincadeira. Mas, porra, Hugo tinha expulsado Brígida de verdade! Eles deviam ter batido bastante boca por mensagens privadas.

“Teresa será a próxima”

Marcos me enviou mais essa mensagem. Eu concordei. E não via a hora de acontecer.

Em pouco tempo havia mais uma mensagem pública do mestre:

“Lipsei está suspensa pela primeira semana. O próximo filho da puta da MAL que me enviar mensagem privada, com exceção de Mioae, será imediatamente expulso. Chupem”

Mas que porra?

Marcos estava se divertindo a valer. Ele escreveu pra mim:

“Nossa, que excelente administrador. Isso vai ser divertido. Contanto que ele não me chute da Ordem. Pois se for comigo vou ficar putto. Com os outros é engraçado”

Eu também estava me matando de rir acompanhando as discussões idiotas pelo Face. Hugo se estressava com qualquer idiotice. Parecia uma vadia de TPM. Putz, como eu queria chamá-lo disso! Tive que segurar meus dedos no teclado.

“Vou escrever pra ele: ‘mestre, com todo o respeito, o senhor parece uma putinha de TPM’”

Mandei isso para Marcos, que me respondeu com um “akskosdkopskdofkdpokfdpfdpdkfd”.

Velho, aquilo era insano. Dmitri havia dito “Ele é muito bom. Eu o respeito um monte”. Mas, cacete? Ele era bom em que mesmo, em expulsões e ameaças?

Resolvi mandar mensagem para Dmitri, perguntando que merda era aquela. Mas ele me deu uma resposta que me impressionou:

“Depois falo contigo. Edzgarran acabou de expulsar Caliderina, só porque ela enviou mensagem pra ele. Estou tentando reverter a situação”.

Marcos disse que ia ficar acordado até tarde, só para acompanhar o desfecho das discussões. Eu resolvi dormir, pois, apesar da minha curiosidade, suspeitei que aquela discussão ainda fosse longe.

No outro dia, tanto Dmitri quanto Gisele estavam brabos. Edzgarran havia apenas aplicado uma suspensão em Gisele em vez de expulsão, por insistência de Dmitri. Mesmo assim, eu nunca vi Gisele tão puta.

Segundo Hugo, se ele não cumprisse o que prometeu iria perder a credibilidade, mesmo que isso implicasse em expulsar a namorada do vice. O cara era realmente foda. Tanto no bom quanto no mau sentido.

Mustafá, como não foi afetado em nada, também estava se divertindo muito com tudo aquilo. Eu e Marcos não éramos os únicos.

Eu nem tinha coragem de me aproximar daquele sujeito furioso. Imagine se eu enviasse uma mensagem para ele e fosse expulsa? Será que ele expulsava também se eu enviasse pedido de amizade? Era melhor eu tomar cuidado. Ele não parecia muito a fim de fazer novos amigos naquele momento.

Quando comentei isso com Marcos, ele me escreveu:

“Com pedido de amizade, além de expulsão ele envia uma bomba de brinde”

Mas ele já parecia mais calminho no dia seguinte, compartilhando seus links favoritos de homens enfiando o peru nas tripas das super putas turbinadas, com peitões podres e cadavéricos e rabos expelindo diarreia voadora.

Uau, que sexy. Bem, eu já tinha visto fantasias muito mais bizarras. Até que as dele estavam dentro da normalidade.

Marcos tinha virado fã do Hugo, sem nem conhecê-lo. Confesso: eu também. Não tanto quanto ele, mas eu estava doida para conhecer Hugo.

“Ele tem ficante/namorada/amiga colorida?”

Enviei essa mensagem para Marcos. Ele riu ainda mais.

“Mas já tá querendo pegar o mestre, Gabriela? Tá devagar, hein! Não pegou ninguém da Ordem ainda. Precisa ser mais rápida. Até eu peguei”

Eu me senti ofendida com o comentário. Como é que ele queria que eu traçasse os caras da MAL quando estavam todos de olho em mim, criticando qualquer merda que eu falava ou fazia?

Mandeí mensagem para vários membros da Ordem, perguntando se Hugo tinha namorada. Gisele se sentiu ofendida com a pergunta e não respondeu. Ela provavelmente achava absurdo que eu sentisse tesão pelo cara que tentou expulsá-la.

Atualmente os membros da MAL se dividiam em duas categorias: os que estavam putos com Hugo pela histeria dele, e os que achavam tudo aquilo muito engraçado. E os que achavam engraçado estavam se cagando de medo que o mestre descesse seu punho divino em nós.

Não houve encontros da sociedade durante as férias. Eu aproveitei aquele período para procurar várias informações sobre Hugo na internet.

Não muito surpresa, descobri que ele tinha perfil em vários sites de vídeos gore. Será que era só isso que ele fazia na internet?

Ele também comentava nuns vídeos de pornografia comuns. Eu queria mandar pra ele uns links de vídeos eróticos super bons que eu tinha. Mas eu estava com medo de fazer isso e ser expulsa. Não por causa do conteúdo dos vídeos, mas porque o simples ato de mandar uma mensagem para ele naqueles tempos poderia ser fatal.

Portanto, antes de fazer isso, chequei com Dmitri para conferir se a barra já estava limpa. Quando ele me deu o OK, enviei os links dos vídeos para Hugo, e fiquei com o coração na mão.

Eu olhava meu Facebook de minuto em minuto para ver se ele já tinha respondido. Marcos riu da minha cara. Mas também admitiu que fui corajosa em falar com ele. E que ele mesmo ainda estava com receio.

Ele demorou um monte pra me responder. Mas felizmente, me enviou retorno. Ele escreveu o seguinte:

“Muito bons os vídeos. Fiquei de pau duro. Valeu. Tem mais desses?”

Ele tinha assistido. E gostado. Pelo visto, tinha valido a pena todos aqueles anos pesquisando altas merdas na interwebz.

Enviei muita coisa pra ele. Das boas. Entulhei ele de merda. Aos poucos eu estava entendendo exatamente os tipos de porcaria que ele curtia. Eram meio diferentes das minhas. De acordo com os comentários que eu recebia dele, ia enviando coisas na linha que ele apreciava.

E ficamos assim até altas horas da noite. Só enviando bosta um pro outro. Falando das putarias da internet. Eu estava até começando a curtir mais um pouco gore por causa disso. Vi as coisas que ele me passou e comentei com mais empolgação do que eu normalmente comentaria.

MAL

“Guria, tu é incrível”.

Ele me escreveu isso. E por alguma razão, senti um sentimento diferente.

Eu sabia o que era. Eu não era idiota. Eu já senti tesão por muitos caras. Mas por aquele cara ali... eu senti um frio na barriga.

Era sentimento mesmo. Essa porra toda. Até senti meus olhos marejados e o coração batendo forte.

“Putá merda. Agora fodeu”

Eu não ia contar pra Marcos. Ele ia me zoar. Em vez disso, resolvi conversar com o próprio Hugo.

Gabriela: Tu tem namorada?

Hugo: Atualmente não, mas já tive algumas. Por quê?

Gabriela: Por nada. Só fiquei curiosa pra saber se vocês trepavam vendo isso. E aí, tá animado pra voltar pra MAL?

Hugo: Não, acho uma merda. Só tem perdedores lá e palhaços com complexo de superioridade.

Gabriela: Acho que sou uma dessas palhaças.

Hugo: Eu também. Por isso sempre acabo voltando. De vez em quando surgem umas figuras e lendas.

Gabriela: Tu é uma dessas lendas?

Hugo: Sempre fui uma lenda da MAL. Querem me fazer voltar a ser lenda viva. É a dança dos cadáveres. A dança macabra, saca?

Gabriela: Como no último poema da fábula.

Hugo: Eu realmente não sei o que aqueles bastardos querem de mim. Mioae é o rei dos palhaços, embora não seja do tipo convencido. Ele me chamou porque é um putão. Ele queria rir um pouco, mas eu avacalhei com a namorada dele e ele ficou puto. Bem feito.

Gabriela: Que tipo de magias tu cria?

Hugo: Eu escrevi um livro só com feitiços de sexo, com visualizações de podridão absoluta.

Gabriela: Aquela porra enorme? Zraba me emprestou uma vez! É esse mesmo o título?

Hugo: O título é “Podridão Absoluta do Prazer Escatológico”. É só putaria mágica. Surubão astral.

Gabriela: Que lindo! Vou querer ler tudinho.

Hugo: Fico lisonjeado. Sabe, eu já fiz sexo com merda na vida real. Uma vez uma guria topou fazer comigo. Mas nunca fiz um com tripas e sangue. A não ser trepar com minas menstruadas. O que eu queria mesmo era arrancar as tripas, mas eu não sou louco, saca? Eu sou uma pessoa normal, não sou criminoso.

Gabriela: Relaxa.

Essa conversa mexeu comigo.

Naquela mesma noite eu tive um sonho, que foi ao mesmo tempo maravilhoso e horrível.

Sonhei que eu estava comendo o mestre da MAL. Eu não tinha visto o rosto dele no Facebook, mas minha mente inventou um.

E, no meio da transa, ele sussurrou no meu ouvido que queria comer minha merda.

Isso foi fácil. O difícil foi quando ele disse que queria comer as minhas entranhas.

Ele pegou um bisturi e começou a cortar a minha barriga. Perguntou-me se estava tudo bem para mim, e eu disse que sim. Eu falei que aguentava e que ele poderia me matar naquela foda. Aquilo me daria muito prazer.

Ele me cortou por baixo, cortou o cu e a buceta. Saltou merda para todos os lados, vieram os ovários e os intestinos, parecendo macarrão.

Eu estava viva vendo tudo. E então eu disse que não era justo somente ele fazer em mim.

Amarrei um cordão firme na pica dele e o arrastei pelo chão. Puxei-lhe o intestino pelo cu e foi saindo tudo. Saíram todas as vísceras. Estávamos os dois fodidos no chão e morrendo juntos, em meio à bosta e aos pedaços de carne e órgãos vermelhos.

E eu achei o mundo perfeito naquele momento. Finalmente a vida estava maravilhosa.

Porque a vida sem isso não merece ser vivida. A vida de plástico, cheia de laços de fita. Não era essa a vida que eu queria.

Eu precisava de um pouco de desespero, quando tudo fica negro. Quando os seres humanos começam a morrer e choram. Eu queria sorrir. Queria entender que essa bosta não é assim tão fedida. E que esse Deus é feito de fezes.

MAL

Eu acordei com uma sensação de paz. De esperança. Descobri que tudo estava exatamente como deveria ser.

Abracei meu travesseiro. Em apenas dois dias, Hugo havia virado meu mundo de cabeça para baixo.

Eu estava perdidamente apaixonada por ele. Hugo mostrou-me uma realidade completamente nova. Agora eu entendia porque ele era o mestre da MAL. Porque Dmitri tinha o indicado e porque o achava tão profundamente foda.

“As coisas sujas do mundo. Na verdade elas são lindas”.

Ele me disse isso enquanto conversamos. E essas palavras ainda brilhavam.

“Não sou criminoso”

Ele não estava defendendo crimes. Estava apenas celebrando nossos crimes naturais. Todos os crimes que cometemos para continuar vivendo, como tomar uma vida para servir de alimento. E depois cagar essa mesma vida. Isso era fantástico, puro, perfeito.

“Nós somos, naturalmente, criminosos e foras da lei. E nos orgulhamos disso. Cometemos crimes contra a natureza, que são, ironicamente, profundamente naturais. Como um animal que devora o outro vivo, e o estraçalha. Somos os Magos Acima da Lei. Eu criei a MAL, Gabriela. Sou o fundador”.

Aquelas palavras soavam como mel nos meus ouvidos. Eu queria tê-lo perto de mim. Beijando meu pescoço, mordendo minha orelha. Acariciando meus cabelos, descabelando-os. Me chamando de sua vadia.

Eu queria ser a puta dele, e a de ninguém mais. Antes eu era a puta do mundo. Eu me tornaria a cadela de um só cachorro. Orgulhosamente só dele, e ele só meu.

Durante aquelas férias, conversamos bastante. Ele me falou coisas fantásticas sobre a MAL, e sobre a MAL & MIM. De como ele não aguentava mais estar na universidade. De como ele queria ir logo para a MIM. Ele falou que a líder, Qah, era fantástica. Lendária. E elogiou-a como o inferno.

Nesse momento, senti um ciúme repleto de fogo. Eu queria destruir aquela vadia. Prometi a mim mesma que iria acabar com todas as putas com as quais Edzgarran já tinha fodido. E ele seria só meu.

Mas eu não podia mais ser uma pessoa assim, tão filha da puta. Timóteo me fez mudar. Eu ainda tinha esperanças de falar com ele de novo. Eu não podia fraquejar agora, apenas pelo fogo de uma paixão que eu nem mesmo sabia se era possível.

Procurei Qah no Facebook. Eu não a encontrei.

A única coisa que eu sabia sobre ela era que era uma mulher que se vestia de homem. Hugo riu de mim quando eu disse que a procurei.

“Ela é sapata. Sempre tive o sonho de trepar com aquela mulher poderosa de cabelos curtos e calça folgada. Mas esse sonho nunca será realizado. Ela é suprema demais para mim”

Aquela confissão me partiu ao meio.

Eu me esforçava tanto para manter meus cabelos perfeitos, para estar sempre na moda. E uma puta de calças folgadas era mil vezes mais desejável que eu.

Eu entendi tudo. Fiquei braba. Por um momento, senti raiva de Hugo.

Peguei meu celular e chequei todos os nomes masculinos nele. Eu queria comer um homem imediatamente. Eu não era do tipo que ficava fantasiando pela internet. Queria um cara real na minha frente, e não iria esperar mais.

Vi o número de Taha e liguei.

– Quer me comer? – perguntei.

– Tanto faz – ele respondeu.

– Tá. Vou te dizer onde fica meu dormitório.

Dei o endereço para ele.

Marcelina não estava na Casa do Estudante durante as férias, então o quarto era meu. Assim que Taha chegou, puxei-o para dentro, pela roupa. Joguei-o na minha cama, subi em cima dele e dei-lhe um beijo na boca.

“Toma Marcos! Agora não vai poder dizer que nunca peguei ninguém da MAL”

Mesmo que não fosse o mestre, eu queria traçar alguém. Podia ser qualquer um, até o feio de nariz torto.

Comecei a tirar a roupa dele. Arranquei a camisa dele e a minha. Aquele cara era extremamente passivo. Achei o máximo. Eu curtia homens passivos na trepada. Eu iria domá-lo e cavalgar nele.

Se bem que, se fosse Hugo... somente ele eu permitiria que me fodesse como desejasse.

MAL

Eu fazia movimentos violentos com a buceta. Eu conseguia mexer minha buceta com tanta safadeza que qualquer um afirmaria que eu usava uma magia negra poderosa.

Babei Taha todinho. Fechei os olhos e fingi que ele era Hugo.

Tirei as calças dele. O pau de Taha já estava bem duro. Mas quando fui tirar a cueca, comecei a rir.

– O que foi? – perguntou Taha.

– Foi mal – eu disse – é que teu pau é todo torto. Será que entra na minha buceta?

– Entra sim.

– É meio grande essa porcaria que tu tem aí. Não vai me machucar, ouviu, otário? Ou quebro tua cara e teu pau. Vou deixá-los mais quebrados do que já são.

– Eu sei fazer direito. Só fica quieta e mete.

Eu meti o pau dele no meio dos meus peitos. Taha gemeu bastante. Passei a língua para prová-lo. Aquela piroca era bem gostosa.

Mas era realmente torta. Eu já tinha visto paus de muitos tipos, mas nunca uma coisa daquelas! Ele não virava pra esquerda. Parecia com o nariz dele, quebrado para várias direções.

Taha ficava apenas deitadão. Nem mexeu nos meus peitos, caramba. Ele era passivo até em excesso.

Resolvi sacaneá-lo.

– Mudei de ideia, não quero mais foder – eu disse – cai fora daqui.

Ele se levantou. Colocou a cueca. Eu joguei a calça e a blusa em cima dele.

– Te veste lá fora, imbecil – eu falei – não te quero aqui.

– Vai tomar no cu – ele disse – vadia.

E saiu do meu dormitório. No segundo seguinte, espalhei para todos os membros da MAL, e também para a lista de amigos dele no Face, que ele tinha um pau tão enorme e torto que parecia defeituoso e doente, que o fazia parecer um deficiente fodido.

Passei a mensagem até para Brígida, que já tinha sido expulsa da MAL. Ela e Teresa começaram a implicar com Taha pelo Facebook e o perturbaram bastante, fazendo piadinhas inconvenientes sobre seu pau.

Por que eu tinha feito tudo aquilo? Porque eu queria sentir o poder. Eu adorava humilhar as pessoas e ridicularizá-las.

Wanju Duli

No entanto, as consequências disso seriam muito maiores do que eu imaginava.

Dmitri exigiu encontrar-se comigo imediatamente. E precisava ser pessoalmente.

Lá fui eu me encontrar com o vice, me fingindo de desentendida.

– Gabriela... o que foi que tu fez?

– Sexo com o Taha, com a permissão dele – informei – isso é crime?

– E depois expulsou-o do teu dormitório? E fez piadas sobre o caralho dele na internet?

– Isso é problema meu! – aleguei – A Ordem não tem nada a ver com isso. Nós tivemos uma discussão durante a transa, então interrompi no meio e o mandei embora. Fiquei tão braba que espalhei esses rumores.

– Falando assim não parece tão grave, mas é só impressão – comentou Dmitri – o Alex tá no hospital agora.

– Quem é Alex? – perguntei, confusa.

– O Alexandre. Tu nem sabe o nome dele? Nem isso? É sério, Gabriela?

Porra.

– Eu não o machuquei! Juro que não fiz nada.

– Eu sei – disse Dmitri – ele fez em si mesmo. E agora está internado. Vai se recuperar. Mas isso foi foda. E sabe de quem é a culpa?

– O que ele fez? – eu perguntei, com receio – Ele tentou cometer suicídio?

– Não. Depois que tu o ridicularizou na internet, ele tentou cortar o pau fora. Ele não conseguiu, mas se machucou feio.

Se eu tivesse ouvido aquilo em outro contexto, teria rido até me dobrar no chão. Mas eu não ia rir enquanto o vice me fitava como se eu fosse uma completa vaca.

– Não é culpa minha se o cara é um idiota! – exclamei – Se ele é sensível, ou algo assim. Eu só fiz uma piada.

– Zraba quer conversar contigo. Uma última vez, antes de tu cair fora da MAL.

– Eu vou ser expulsa?! – perguntei, escandalizada – De jeito nenhum! Tu não é o mestre, Mioae! Quem decide isso é Edzgarran.

– Ele já decidiu. Tu tá fora, Gizwa.

Eu empalideci. Não podia ser verdade.

MAL

– Só pode ser algum engano. Eu conversei com o mestre ontem mesmo pela internet e ficamos muito amigos. Ele não me expulsaria!

– Infelizmente tu foi longe demais nessa brincadeira – disse Dmitri – usou os termos “deficiente fodido”. Sabia que o mestre tem deficiência física?

Não. Eu não sabia.

– Ele se sentiu ofendido. Ele brigou com Brisgrar pelo mesmo motivo. Foi por isso que saiu da Ordem nos velhos tempos. Ela fez uma piada sobre a deficiência dele.

– Mas...

Como eu ia saber? Eu não era adivinha, cacete!

Mas aquilo não importava mais. Eu não teria como me defender. E em breve viria a pior conversa: com Mustafá.

Ele quis conversar comigo em particular.

Assim que me avistou, Mustafá bateu palmas.

– Parabéns, Gizwa. Tem se esforçado para ser expulsa desde antes mesmo de entrar para a MAL. E finalmente conseguiu.

– Eu só fodi com um membro! Não sabia que era proibido, porra!

– Vejo que o fodeu em todos os sentidos – comentou Mustafá – isso porque, mesmo depois de treinarem juntos, tu não te preocupou em saber mais sobre Taha. Sabe por que ele entrou para a MAL?

– Não faço ideia. Por que eu saberia dessa merda?

– Ele entrou porque tinha baixa autoestima e queria fazer amigos. Ele se definia como tímido e inseguro.

– Tímido e inseguro o caralho! – exclamei – Me xingou pra cacete, o puto!

– Agora, Gabriela, vê se cala a boca uma vez na vida e me escuta!!

Mustafá gritou isso pra mim. Eu fiquei quieta na mesma hora. Ele estava enfurecido. Aquilo era péssimo.

– Timóteo me contou que tu chorou quando estava com ele – disse Mustafá – chorou como um bebê e estava muito arrependida. Isso por uma situação que tu mesma criou. Agora, tenta te colocar no lugar do Alex. Ele era virgem, queria amigos e uma namorada. Ele até mencionou uma vez pra mim que achava que estava gostando um pouco de ti, mas como tu é uma guria super confiante, ele preferia não se aproximar. E agora, o que tu faz? Simplesmente arruína a primeira foda dele, o

humilha em público e o traumatiza para o resto da vida. Ele tentou arrancar o pau, mas podia ter tirado a vida. É engraçado?

Eu não disse mais nada.

– Não existe mais a menor possibilidade de tu voltar pra MAL – comentou Mustafá – e, veja só. Eu ouvi dizer que tu foi jubilada da universidade. Nós ainda iríamos debater a respeito disso, para decidirmos se ainda a deixaríamos ficar na MAL mesmo assim, caso se comportasse. Mas agora há duas razões bem justificadas para te manter fora.

Eu achava mesmo que tinha sido jubilada. Eu ainda ia tentar chorar na coordenação do meu curso, mas estava desconfiando que não teria jeito.

E não adiantava chorar pra MAL também. Eu tinha feito merda.

– Posso visitar Taha no hospital para pedir desculpas?

– Não vai visitar o Alex. Ele não quer. E nem nós te queremos perto. Sugiro que fique bem longe a partir de agora. Já chega. Tentamos de tudo pra te ajudar, e tu não fez o menor esforço. Nem depois de falar com Timóteo! Eu simplesmente não acredito.

E foi assim que Gabriela foi destruída.

Fui expulsa tanto da universidade como da sociedade universitária.

Quem estava sendo ridicularizada na internet agora era eu. Teresa estava particularmente feliz com a minha situação.

Agora sim eu teria que arranjar um emprego fixo. Tive que voltar para minha cidade, Bento Gonçalves. Trabalhei lá, enquanto estudava sozinha para o vestibular.

Eu ia tentar de novo. Se eu fosse aprovada no vestibular outra vez, poderia retomar meu curso de onde parei. E dessa vez iria me dedicar. Tentaria voltar para a MAL.

Dessa vez... dessa vez.

Eu sempre dizia isso. Que ia mudar. Que dessa vez ia dar certo. E nunca acontecia.

Por quê?

Até Marcos achou realmente idiota o que eu fiz. Ele costumava rir das besteiras que eu fazia, mas dessa vez achou que eu tinha sido realmente estúpida.

MAL

Eu tentei falar com Hugo pela internet. Mas ele se negou a conversar comigo. Tinha aceitado meu pedido de amizade no Facebook antes, mas depois daquilo ele me tirou.

Finalmente resolvi fazer uma coisa que ainda não tinha feito: olhar os perfis de Timóteo e Alexandre. As duas pessoas que me odiavam mortalmente.

Descobri que Timóteo era do curso de letras. No perfil havia fotos dele junto com Mustafá. Só de vê-los juntos, senti vontade de chorar de saudades.

Já fazia alguns meses desde que eu tinha sido expulsa. Eu nunca vi nada de especial na MAL. Era só uma sociedade inútil na qual os membros bebiam cerveja enquanto declamavam poemas ridículos e fingiam que jogavam magias uns nos outros.

Talvez tivessem mesmo jogado uma magia em mim, e logo a mais importante: a magia de amá-los.

Eu só valorizei a amizade de Timóteo quando ele se negou a me ver. E só estava valorizando a MAL agora que já estava fora dela.

Marcos me contou algumas fofocas. Disse que a Ordem estava divertidíssima, mas extremamente assustadora, agora que Hugo tinha assumido.

Logo na primeira reunião, ele tinha obrigado todos a vestirem os mantos. Exigiu que a partir dali seria proibido encontros sem usar os mantos da sociedade. Que não tinha essa de só usar o broche por cima da roupa. Isso era pra usar pela universidade, enquanto estivessem em aula ou passeando pelo campus, para mostrar a todos que eram orgulhosos membros da MAL.

Marcos: Ele é extremamente foda. Tu não faz ideia o quanto, Gabriela. Ele bola atividades fantásticas. As reuniões estão maravilhosas.

Gabriela: Só está dizendo isso pra me deixar com inveja. Aposto que estão uma merda!

Marcos: Estão hilárias como o Diabo! Logo no primeiro dia, ele teve uma discussão enorme com Teresa e expulsou-a também.

Gabriela: Eu não sabia disso!

Marcos: E Timóteo voltou para a MAL.

Gabriela: Puta que pariu!

Marcos: Entrou uma super gatinha na Ordem. Caloura de estatística. Ela e o Alex tão namorando.

Gabriela: Tá de sacanagem que ele pegou a gatinha?

Eu estava totalmente por fora. Mais do que nunca.

Espiei novamente o perfil de Timóteo. Descobri que ele era de Santa Catarina. Ele estava atualizando frequentemente o seu perfil, mas eu não quis olhar. Doía.

Espiei o perfil de Alexandre também. Descobri, surpresa, que ele era inteligente pra caralho e curti várias coisas legais. Músicas, filmes...

Realmente, as pessoas eram muito mais fantásticas do que eu pensava. E a guria nova da MAL com quem ele estava namorando era tão linda, mas tão linda, que eu senti vontade de parti-la em mil pedaços.

Descobri, com certo alívio, que Hugo ainda estava solteiro. Ou pelo menos ele não informou no perfil se estava namorando.

No final do ano, fiz o vestibular novamente. Fui aprovada no curso de moda.

Meus pais me deixaram claro que se eu ferrasse dessa vez, eu não teria uma segunda chance. Por isso, dediquei-me integralmente ao meu curso. Eu não me permitiria distrações.

Quando chegou o dia do meu aniversário de 24 anos, lembrei-me que aquele era exatamente o dia em que Marcos tinha me convidado para a Ordem dos Magos Acima da Lei.

Achei que já era hora de contatá-los. Eu nem me lembrava mais com quantas pessoas eu tinha que me desculpar. Alexandre tinha que ser o primeiro. Eu ainda precisava convencer Timóteo a voltar a falar comigo. Pedir perdão a Hugo, por ter usado o termo que ele não gostou.

Carla me deu uma notícia: ela estava sendo treinada por Marcos para entrar para a MAL.

Normalmente eu a teria mandado sair imediatamente. Afinal, eu odiaria que ela estivesse dentro enquanto eu estava fora.

Porém, eu não fiz isso. Tanto porque eu estava tentando ser mais legal com ela, como porque ela também não deixava de ser uma fonte adicional de informações.

Eu me dei conta de uma coisa: eu poderia ir escondida espiar um dos encontros de quinta-feira. Era só eu ir disfarçada. Eles ainda deviam se encontrar no mesmo local.

Lembrei de como Gisele se vestia quando estava me treinando. Fiz o mesmo: enrolei o rosto e a cabeça com um véu, como se eu fosse uma muçulmana. E compareci ao bar na hora costumeira.

Sentei-me numa mesa próxima o suficiente para que eu pudesse ver e o ouvir. Eu tentaria ao máximo não levantar suspeitas. Agiria o tão normalmente quanto possível.

Eu ainda não conhecia Hugo pessoalmente, então aquilo seria emocionante. De quebra, ainda conheceria todos os novos membros.

Por que agora que eu estava fora tudo parecia mais emocionante? Aquilo era uma merda. Não porque estivesse mais emocionante de fato, mas porque era inacessível para mim. E eu desejava aquilo que não tinha.

O pessoal estava começando a chegar. Vários desconhecidos. Prestei atenção especialmente num cara gordo que deixava à mostra um barrigão no manto. Ele era obviamente iniciante, pois eu não me lembrava dele.

Sim, essa era uma das diferenças: todo mundo usou o manto oficial com o emblema da Ordem para comparecer ao encontro. Fazia parte das novas exigências do líder. Vi também o anel brilhante no dedo de todos eles.

Eu ainda tinha os meus. Mas não poderia usá-los.

E aparentemente eles voltaram a usar o sistema de graus. Os veteranos indicavam o grau em que estavam com uma fita bordô na manga. Alguns tinham uma, duas ou três fitas. Os novatos não tinham fita nenhuma.

Então era isso: Georgina tinha removido a necessidade de usar mantos, cobrir o rosto ou dividi-los por graus, pois achou desnecessário. Hugo, que tinha inventado tudo isso, retomou os velhos costumes. Tudo parecia mais organizado com a hierarquia e havia menos papo furado rolando nos arredores.

Mas eu ouvi uma fofoca: Dmitri tinha se formado. Mais cedo que o previsto! Ele havia mencionado que continuaria por mais um ano, mas só ficou por um semestre.

Wanju Duli

Então ele não era mais o vice! Não entrava na minha cabeça que pudesse haver outra pessoa com o papel de vice que não fosse Dmitri. Era quase como se ele tivesse nascido para ser o vice da MAL.

Agora havia duas pessoas extremamente fodas que já estavam na MIM: Georgina e Dmitri, a ex-líder e o ex-vice. Cada vez mais esse grupo misterioso ficava mais lendário na minha mente.

Quando vi Mustafá chegando acompanhado de Timóteo, senti um aperto no coração. Timóteo estava lá, finalmente! Eu o veria dialogar com os demais, no ambiente da sociedade.

E lá estava Alexandre com a namoradinha gostosinha. Ele parecia bem contente. Acho que fiquei feliz por ele dessa vez. A guria que estava com ele parecia bacana.

Marcos estava sozinho porque Natália já tinha saído desde o semestre anterior. Mas naquele semestre Marcos se formaria na uni e finalmente poderia se reunir a ela na MIM.

Gisele era outra que não estava acompanhada. O caso dela era o mesmo.

Caramba, pensando bem, estava cheio de casais na MAL! Eu era a única que não tinha conseguido um namorado lá somente porque não queria. Não consegui nem uma porra de um amigo. Só perdi os que quase fiz.

Notei que, além dos mantos e da atitude mais comportada, eles precisavam levar cadernos e livros de estudo para os encontros. Hugo tinha simplesmente destruído as diversões de quinta-feira à noite, nas quais o pessoal falava descontraidamente sobre uma série de temas, e novos sistemas nasciam e morriam aleatoriamente.

Hugo devia apreciar um formato mais tradicional e um conteúdo caóista. Eu estava ansiosa para testemunhar como essa reunião rolaria.

Finalmente Hugo tinha chegado. Cara, eu fiquei fascinada. Não conseguia tirar os olhos dele.

Hugo chegou numa cadeira de rodas. Parecia um rei num trono ou alguma merda assim. Principalmente porque estava usando o manto da MAL.

Ele usava óculos enormes. Era negro. Mas não com a pele extremamente negra de Georgina. Hugo era uma mistura bem

brasileira, mas com traços inconfundivelmente afro-brasileiros. Tinha cabelos curtos e encaracolados. Os olhos escuros e brilhantes.

Assim que chegou, já foi dizendo:

– Excelente conversa! Mas agora enfiem no cu e calem a boca. A reunião vai começar, seus merdas. Quero todo mundo com o livro aberto na página... -0,8-bosta.

O nome da página era literalmente “menos zero vírgula oito traço bosta”. Ele havia dado nomes totalmente ridículos para cada uma das páginas, que não pareciam fazer o menor sentido. E para achar a página que o mestre mandou, todos tinham que folhear o livro inteiro até localizar. Porque no livro o 8 não ficava depois do 7 ou algo do tipo. Aparentemente havia algum sentido na ordenação, mas ele era tão obscuro que, na prática, não havia sentido nenhum.

Parecia com o mundo mesmo: podia até ter algum sentido, mas era obscuro demais. Então aquilo era um pouco profundo, saca?

Ele tirou da mochila uma pilha de livros e colocou-os com um baque na mesa.

– Vamos ver o que estudaremos hoje... – ele foi segurando cada um dos volumes – Agracamas? Merda. Grimório da Insolência? Merda. Livro do Susto? Merda. Grimório dos Corações Eletrônicos? Merda. Feitiços de Merda? Merda. Merda de Feitiços? Merda.

E ele foi separando o que não prestava em sua pilha. No final, não sobrou livro nenhum.

Ele colocou outra pilha na mesa, com autores internacionais. Também xingou todos eles. E depois fez uma lista de autores nacionais e internacionais que eram bons.

– Eu fiz uma encomenda – informou Hugo – de livros que prestam. Eles chegarão em breve. Enquanto não os tenho em mãos, irei selecionar alguns trechos online.

Ele abriu um laptop. A mochila dele era uma casa? Ele lia trechos, dava explicações e ia mandando os membros abrirem em certas páginas do livro de estudos. Esse livreto havia sido organizado por ele mesmo, e ele já tinha decorado em que página ficava o quê.

– Vocês dois aí – Hugo apontou para Mustafá e Timóteo – calados.

Eles estavam sussurrando alguma coisa. A expressão de Mustafá quando Hugo mandou que ele se calasse foi no mínimo hilária. Ele deu um olhar de descaso, mas obedeceu.

– Eu tenho uma dúvida – disse Gisele.

– Pode falar, Caliderina – autorizou Hugo.

– Poderia me explicar o gráfico da página um milhão e meio elevado ao cubo traço buceta?

– Não.

E ficou nisso. Eu estava me segurando para não rir vendo a expressão dos membros quando Hugo dava aquelas respostas secas. Gisele ficou com cara de parede com a resposta.

Posteriormente Hugo teve a bondade de esclarecer que aquele não era o tema da reunião daquele dia.

Depois que Hugo se acalmou um pouco, após xingar vários autores caoístas – e seus próprios textos também – algumas pessoas tomaram coragem e pediram algumas bebidas. Acho que só enchendo a cara dava para aguentar aquilo.

Eu, mesmo sendo eu, teria ficado assustada com aquela reunião. Eu não teria coragem de desafiar Hugo.

Mas notei que Gisele tinha. Em vários momentos ela fez perguntas. Algumas bem ousadas, questionando a validade dos sistemas do mestre, de uma forma que ficava claro que era um desafio.

O pior era que cada vez que ela fazia isso, ele dava um discurso dos diabos. Parecia um louco, defendendo ardentemente seus sistemas. Mas quando era ele mesmo que criticava seus feitiços, estava tudo ótimo. Hugo podia chamar seus sistemas de merda, mas os outros não podiam.

Ele explicou o modelo de seu sistema e depois distribuiu folhas de papel ofício para que cada um fizesse um desenho esquemático no formato de seu novo meta sistema.

Nenhum desenho ficou parecido com o outro. Alguns apenas rabiscavam qualquer coisa, tentando adivinhar que raios ele queria que eles fizessem.

Mas Hugo ficou feliz depois desse exercício. Elogiou os desenhos. Gostou particularmente do desenho de Alexandre, que ficou bem contente ao ver o mestre comentando seu esquema todo rabiscado, que não parecia fazer o menor sentido.

Depois ele apresentou para todo mundo o rascunho de um livro que estava fazendo, baseado em magias com pedras e cristais. Ele falou coisas realmente complicadas sobre isso.

Ele meteu umas explicações de mineralogia e vulcanologia no meio. O que aquele cara queria? Eu não entendi porra nenhuma da explicação. Metade dos presentes parecia estar num estado de letargia profunda.

Em certo momento, Timóteo quase dormiu. Ele estava apoiando o rosto no braço. Ele pendeu um pouco a cabeça para frente, com os olhos fechados, e subitamente voltou a si, levantando a cabeça e abrindo os olhos rapidamente.

Hugo olhou para ele.

– Pegou um grande, Suaten? – perguntou Hugo.

– O quê? – perguntou Timóteo, confuso.

– O peixe. Perguntei se conseguiu pescar um bem grande.

– Não – respondeu Timóteo – foi pequeno.

– Ainda bem. Senão eu perguntaria que isca tu usou, e ficaríamos falando sobre isso noite adentro. Eu amo pescar. Costumava ir todo dia pra um rio com meu tio, quando eu era criança. Mas pescar só tem uma pequena desvantagem. Sabe qual é?

– Não.

– Entrar num transe profundo, enquanto espera a porra do peixe resolver dar uma de imbecil e morder a merda da isca. E não prestar atenção no que os outros estão falando ao teu redor.

Hugo era assim. Se alguém parecia distraído, conversava ou dormia enquanto ele dava seus discursos gigantescos, ele chamava a atenção do pobre infeliz em alto e bom som e o colocava numa situação ruim em público. Eu nem queria imaginar Hugo como professor.

A reunião deve ter durado umas três horas. Ninguém se atrevia a interrompê-lo e perguntar se já podiam ir embora.

Hugo foi capaz de abordar um número impressionante de assuntos naquele período. Eu aprendi pra cacete. E tive que segurar o riso muitas vezes. Além disso, ele propôs uma série de exercícios simples para exemplificar alguns dos sistemas que havia bolado.

– Pronto, acabou – ele anunciou de repente – me cansei de vocês. Quero todos presentes no ritual de amanhã. Vai ser na árvore mestra. Agora, sumam daqui. Vamos. Todos pra fora!

Wanju Duli

O pessoal começou a se levantar da mesa. E, um a um, saíram. Os murmúrios sobre a reunião prosseguiram indefinidamente.

No final, só ficaram Hugo e uma guria nova. A guria tinha a pele morena, um pouco mais clara que a de Hugo, e os cabelos rastafári presos num rabo de cavalo alto.

Tentei escutar o que diziam.

– Tu quer ir pro meu quarto essa noite? – ele já foi perguntando assim.

– Pode ser – respondeu a guria.

– Me encontra lá às onze? Só vou beber mais um pouco.

– Quer que eu fique junto?

– Não precisa. Vou ter que fazer umas anotações. Vai ser chato pra ti. A gente se encontra mais tarde.

– OK.

E ela foi embora. Assim, sem beijo ou abraço. Imaginei que fosse apenas uma ficante, não uma namorada. Ou Hugo era frio. Se bem que a guria também parecia ser, embora tenha ficado claramente radiante com o pedido dele.

Hugo pediu um drinque e, enquanto bebia, escrevia alguma coisa em seus cadernos.

Era agora ou nunca. Resolvi me sentar na cadeira diante dele em sua mesa, sem nem pedir permissão.

Hugo levantou os olhos para mim.

Quando ele fez isso, notei que um dos olhos dele era meio claro, quase branco. Ele era cego do olho esquerdo.

Ele ficou intrigado com minha presença. Eu ainda usava o véu cor-de-rosa cobrindo o rosto. Resolvi tirá-lo, revelando meus cabelos pintados de ruivo alourado e a minha face maquiada.

Eu usava uma roupa bonita: um vestido elegante com decote. Pulseiras, anéis e argolas. Eu torcia para que ele se sentisse atraído. Hugo sentia tesão por coisas realmente estranhas, então eu não poderia prever se ele ia curtir uma guria usando roupas normais da moda. Talvez ele achasse de mau gosto.

Porém, ele me lançou um olhar com pitadas de desejo. Eu reconhecia isso num homem. Já tinha visto aquela expressão muitas vezes.

MAL

Ele me curtiu. Eu sentia vontade de dar um grito de comemoração com meu triunfo.

– Meu nome é Gabriela – apresentei-me – ou Gizwa Situa. Ex-membro da MAL, expulsa por ti.

Muitos tentaram me expulsar no período em que fui membro. E Hugo tinha conseguido aquele feito poucos dias após me conhecer.

– O que quer aqui, Gabriela? – ele me perguntou – Estava espiando o encontro escondida? Isso não é de bom tom.

– Eu queria muito te ver. Fiz vestibular outra vez e voltei pra universidade pra falar contigo.

– Espero que seja somente para falar. Pois tu não vai voltar pra MAL. Que isso fique claro.

Ele voltou a escrever em seu caderno. Meu, como ele era sexy. Ele era totalmente confiante e isso o deixava perdidamente sensual.

OK, ele era rude. Como eu. Isso não era tão sexy assim, mas como eu e ele éramos parecidos, quem sabe a gente se entendesse.

Observei a mão dele que escrevia. Ele tinha a mão e o braço meio tortos. Os dedos ossudos. A letra dele era realmente terrível e cheia de garranchos.

O corpo inteiro dele era diferente. As pernas voltadas para o lado, os braços meio curvados, até o pescoço. E ele também tinha lábio leporino.

– Quantos graus tu tem?

Fiz a única pergunta que imaginei que não fosse ofendê-lo. Era uma pergunta meio idiota.

– Dezenove graus de miopia no olho direito – ele respondeu – e no esquerdo tenho um milhão e meio.

Eu devia rir da piada? E que parte daquilo era piada, mesmo? Ele dizia as coisas num tom tão sério que eu não sabia precisar que parte era zombaria.

– Por que não fez cirurgia no teu lábio? – perguntei.

– Porque eu preferi comprar um laptop com a grana – respondeu ele, de forma ríspida.

Obviamente, não era verdade. Ele só estava sendo rude porque eu estava sendo inconveniente.

– E tu, porque não fez cirurgia ainda? – ele perguntou.

– Cirurgia de quê?

– Para corrigir esses teus lábios simétricos, essa tua cara de idiota e essa chatice extrema.

Eu preferi não responder. Era a opção mais segura.

– Mais algum assunto a tratar, Gabriela? – ele perguntou, sem nem olhar na minha direção – Se não tiver, te retira. Estou ocupado.

Ele continuava rabiscando no caderno, com aquela letra totalmente impossível de ler.

A voz dele era estranha. Era sensual, mas era meio fanhosa e falhada em alguns momentos.

– Posso ir junto hoje à noite? – resolvi perguntar.

– Para onde?

– Pra tua casa. Tu vai trepar com aquela guria, né? Podemos trepar os três juntos?

Ele se fingia de experiente, mas mesmo que já tivesse comido suas várias namoradas, aposto que nunca tinha participado de sexo grupal.

– Não – ele respondeu.

– Tá com medo que eu fofoque de ti na internet, que nem eu fiz com o Alexandre? – perguntei – Prometo que não farei isso.

– Eu não temo essas coisas, Gabriela. Pessoas falam muitas coisas de mim. Sempre foi assim. O que uma mulher qualquer pensa a meu respeito ou sobre o meu pau, não me interessa.

Ele só dizia coisas legais. Assim eu ia ficar com ainda mais tesão.

Se ele não queria uma mulher qualquer, eu poderia me tornar uma mulher mais específica.

– Topa ir no cinema comigo amanhã? – sugeri.

Dessa vez ele me fitou com mais atenção.

– Revela logo teu jogo, guria. Não tenho tempo pra bobagens. Tu quer me convencer a te colocar de volta na MAL ou quer ir pra cama comigo?

– Os dois, mas tem outra coisa que quero ainda mais.

– E que outra coisa seria essa?

– Te conhecer melhor. A gente tem interesses parecidos. Não me importa mais que eu não entre pra MAL ou que a gente não transe. Vamos conversar?

– As tuas conversas não me agradam. E se continuar a me encher, vou continuar escrevendo isso em casa.

MAL

– Podemos ir lá pra fora compartilhar um cigarro? – ofereci.

– Tu só tem tabaco? Ou tem outra merda?

– Serve um baseado?

– Bora.

Ele aceitou, cara! Eu parecia uma criança que tinha ganhado um doce.

Ele guardou os livros e cadernos na mochila. Pendurou a mochila na cadeira de rodas e pediu a conta. Depois de tudo acertado, nós dois saímos do barzinho.

Lá fora, fomos pra um local mais reservado, mas não muito perigoso. E a gente começou a se chapar.

De repente, minha noite ficou linda.

Eu tava lá mergulhando naquela onda alucinante ao lado do guri que eu curtia.

Tava tudo tranquilo, tudo lento. Meu coração batendo forte. Fumar um baseado com aquele gostoso devia ser quase tão bom quanto chupá-lo.

– Vou te chamar de Gabi, beleza?

– De boa – falei.

Ele podia me chamar do que quisesse. Até de vadia.

Ele não tirava os olhos dos meus peitos. Eu fiquei muito excitada com ele olhando. Senti o sangue correndo mais rápido na minha buceta.

Meu, eu queria trepar com ele o quanto antes. Mas nós dois juntos ali vivendo aquela viagem tava até mais mágico.

– Não vai chegar atrasado no teu encontro? – resolvi perguntar.

Ele tinha duas gatinhas para escolher. Ele ia optar por qual de nós?

Pensei que ele ia dizer algo como “Foda-se aquela vaca”, mas ele não fez isso.

– Tem razão. Vou ficar apenas mais alguns minutos.

Porra. Por que eu fui lembrá-lo?

– Por que tu te envolveu com o ocultismo? – perguntei – e com o caos.

– O caos sempre fez parte da minha vida – respondeu Hugo – eu só precisava saboreá-lo com algumas doses de Deuses e mundos. Eu queria criar o meu próprio mundo.

– Que tipo de mundo?

– Um no qual eu reinasse – ele disse – e que fosse repleto de pessoas bonitas cheias de tripas, de merda, de sangue, de ossos quebrados. Seres humanos com genitais feitos de cérebros. O caralho arranhando nas nuvens, pipocando bolhas e pus.

– Soa como o paraíso.

– Eu estou nesse mundo, Gabi. Aqui e agora. De lá ninguém me tira. Minha mente está apaixonada.

Eu derretia com cada uma das palavras dele. A sua imensa paixão pelo que era doentio era vívida e dançante. Intensa como a porra que salta na boca.

Ele olhou o relógio. Quando viu a hora, fez uma ligação no celular.

– Foi mal, princesa. Não vou poder te encontrar. Eu te ligo outra hora, pode ser? Um beijo.

E ele desligou. Fiquei morrendo de ciúme por ele falar desse jeito com aquela menina. Mesmo assim, ele escolheu a mim.

– Por quê? – perguntei – Tu sabe como eu sou. Somente uma merda.

– Pra mim, uma merda é um destino. O que é descartado e deixado de lado é repleto de possibilidades, de um ódio latente por ter sido abandonado. Isso pode explodir numa chuva de verdades, ou de mentiras. Mesmo que não seja verdade, eu quero provar.

– Prefere uma mentira a uma verdade? – perguntei a ele.

– Eu provo aquilo que passa na minha vida. Com todo meu ser. Sem arrependimentos. Eu sou uma pessoa assim.

– Eu não mereço a tua piedade – eu disse a ele.

– Tu não terá o meu julgamento. Ao menos por uma noite. Acordar e esquecer. Agora, vem.

Ele arrastou as rodas e me guiou para um lugar desconhecido.

Era ainda mais reservado. Havia árvores. Talvez demais.

– Tá chovendo – eu notei – tu trouxe guarda-chuva?

– Eu não preciso guardar a chuva – respondeu Hugo – já falei que quero esquecer.

Que bosta. A minha chapinha perfeita foi arruinada. A chuva apertou. Tava chovendo pra caralho. Até meu salto alto estava afundando na lama.

Pensei em reclamar com ele. Fiquei furiosa! Para onde ele estava me levando? O que ele queria me mostrar, que era tão secreto?

– Aqui.

MAL

Ele tocou numa árvore.

Era uma árvore realmente feia, torta e sem folhas.

– Essa é a árvore mestra. Minha mestra de magia. Faço todos os meus rituais aqui, desde que entrei pra uni.

– Por que escolheu essa?

– Ela me escolheu. Quando era calouro, as raízes dessa árvore prenderam as rodas da minha cadeira. Fui jogado no chão. E não levantei. Não quis levantar. Fiquei longas horas aqui deitado. E finalmente entendi.

– Entendeu o quê?

– Todas as coisas importantes. Formigas caminharam sobre o meu corpo. Muitas delas. Há muitas formigas nas proximidades. E sabe o que aconteceu?

– Elas te picaram.

– Não. Nenhuma delas. As formigas caminharam sobre o meu corpo como se eu fosse mais um tronco de árvore. Eu era parte da natureza. Como um cadáver ou mais um pedaço de terra. Eu não era uma ameaça.

Ele mostrou um símbolo entalhado no tronco da árvore. Até eu o reconheci. Era o selo da MAL.

– Na parte de cima do símbolo há uma cabeça de formiga – ele me mostrou – o traço logo abaixo é uma bandeja. As formigas que servem de alimento. E que se alimentam do mundo. Eu queria conquistar a sabedoria dessas criaturas. Não considerar mais o mundo uma ameaça. Apenas seguir o meu caminho. Alimentar-me do mundo e de mim mesmo, em vez de culpar o universo pela desgraça da vida.

– E o que é esse traço logo abaixo? – perguntei.

– É a árvore, sustentando a bandeja com o quitute das formigas. Essa árvore feia e nua, que não se envergonha nem de sua feiura e nem de sua nudez. Essa árvore não está no Éden. Está num mundo repleto de sujeira. Somente aqui nasce a sabedoria, fruto da ignorância e da miséria. Fruto somente da morte. Somente quem vive e morre pode saber. Assim deve ser.

– E esses dois “x” no meio do tronco da árvore? – perguntei, referindo-me ao símbolo.

– É porque está errado. Tudo errado. E isso é lindo. Notou que a bandeja é sustentada por dois galhos na árvore? É o bem e o mal, o belo

e o feio. Todos os opostos já criados e que serão criados no futuro. Se retirar um deles, a bandeja cai, não há comida e vem a morte. Está vendo esse círculo na cabeça da formiga?

– Estou.

– É a boca que grita e se alimenta, também o cu que fode e lança a merda. O gesto da MAL é colocar o dedo nesse buraco, simbolizando o ato sexual e também a necessidade do silêncio. Quando as formigas passam, a boca se cala, e o corpo será uma ponte para elas.

Eu segurei a minha vontade de rir. Hugo já estava tão chapado que estava desvendando significados escondidos e simbolismos em tudo que ele batia o olho. Falando poeticamente. Era um monte de merda! Mas eu curti, meu. De verdade.

Eu só não estava curtindo ficar ali na chuva ouvindo ele dizer merda! Em vez de rir, eu estava prestes a explodir de fúria.

– Tudo isso é bem foda, mas podemos ir para um lugar mais seco? – perguntei.

– Que lugar seco é esse, Gabi? Eu prefiro os lugares molhadinhos.

Ele fez um movimento com a mão, indicando que queria que eu lhe passasse o baseado.

Eu me aproximei e dei a ele. Ele o segurou com a mão direita. E com a esquerda, agarrou os meus cabelos.

– Molhada, maquiagem borrada, cabelos desarrumados – pronunciou ele, fitando-me diretamente – isso me excita como o inferno. Cospe em mim, puta!

Eu cuspi o rosto dele. E Hugo queria mais. Enchi o rosto dele de baba. Até que comecei a lambê-lo: seu olho, seu nariz, seu lábio leporino.

Sentei-me em cima dele na cadeira de rodas. Continuei a chupar o rosto dele. E ele chupava o meu.

Trocamos cuspe e baba naquele beijo molhado. Minha buceta estava pulsando tanto que eu senti que iria explodir.

Eu estava de vestido. Coloquei a mão de Hugo na minha calcinha. Ele baixou minha calcinha e eu senti minha buceta em liberdade, pegando vento e chuva. Ele enfiou o dedo dentro dela.

Eu comecei a bagunçar os cabelos dele. Eu e ele nos agarrávamos, nos rasgávamos, nos mordíamos e nos socávamos.

MAL

Hugo me jogou no chão. Desceu da cadeira e enfiou a língua dentro da minha buceta.

Eu gemi alto. A chuva caindo e a lama embaixo. Eu e ele estávamos com os corpos encharcados com aquela lama nojenta.

Ele pegou a lama do chão e lambuzou a minha cara com ela. Os meus cabelos. Abriu o meu vestido, arrancou meu sutiã. Passou a lama nos meus peitinhos. Mordeu meus mamilos duros.

Ele me fez comer a lama. Em troca, joguei a lama nele também. Arranquei a roupa de Hugo e lambuzei a lama em seu pau.

O cacete dele era muito, muito pequeno. Um dos menores que já vi. Mas assim que passei aquela lama, ficou durinho. E consegui chupá-lo.

Coloquei aquela pica dentro de mim. E fiz movimentos intensos com minha buceta, apertando tanto sua piroca dura que Hugo soltou diversos gemidos fanhosos e altos.

Em seguida, ele me empurrou outra vez e me colocou de quatro. Pegou um galho grosso do chão e meteu na minha buceta.

Dessa vez eu gritei alto, de dor e de prazer. Depois, ele tirou o galho da minha buceta e meteu no meu cu.

Eu continuava gemendo. Ele metia seus dedos tortos dentro da minha bucetinha enquanto fazia isso.

Eu resolvi retirar o galho de dentro de mim e golpeei Hugo com ele. Nós dois pegávamos galhos e arranhávamos um ao outro com eles. Eu o arranhei com as unhas também.

Em pouco tempo, tínhamos alguns cortes abertos na pele. Os dois cheios de lama, bufando como feras em acasalamento.

– Goza pra mim, puta! – ele berrava.

E eu sentia cada vez mais prazer.

– Vem, gostoso, eu quero beber essa tua porra todinha!

Eu gargalhava. Que putto mais quente!

Por fim, ele gozou na minha boca, do jeito que eu queria. Lambi os lábios, toda safadinha e molhadinha.

Ele estava exausto. Encostou a cabeça nos meus pelos pubianos.

Eu fitava as estrelas e tinha a certeza de que havia feito uma coisa certa na minha vida.

Mas a gente não podia ficar lá. Na manhã seguinte, cedinho, os membros da MAL faziam um ritual exatamente naquele lugar.

Wanju Duli

Por isso, Hugo moveu-se. Colocou a cueca e o manto. Subiu na cadeira de rodas outra vez.

– Quer que eu te ajude? – perguntei.

– Tá tranquilo – foi a resposta dele.

Eu alcancei a mochila dele. Hugo agradeceu. Alcancei minha calcinha e meu sutiã.

– Eu não tô encontrando meus óculos. Que merda.

Assim que me vesti, ajudei-o a procurar. Mas lá no meio da lama e da chuva era complicado.

– Agora eu tô fodido – ele disse – eu não enxergo um palmo na minha frente.

– Eu te ajudo a voltar pra casa.

Para mim era uma honra arrastar a cadeira de rodas dele. Eu levei-o até certo ponto e depois ele disse que podia se virar a partir dali.

– Valeu, guria. Até outra hora.

– Espera – falei – o cinema amanhã ainda tá de pé?

– Cinema? Que cinema?

Ele nem se lembrava.

– Será que a gente pode ir junto?

– Por quê? – perguntou ele, sem entender.

– Sei lá. Só pra sair.

– Tu quer ter um encontro comigo, é isso?

– Nunca tive um encontro antes com nenhum cara – confessei – porque eu sempre só quis sexo. Mas eu queria tentar contigo. Será que pode ser?

– Eu não curto muito cinema, shoppings e essas merdas. Mas se tu curte...

– Isso é um sim?

– Me passa o local e o horário amanhã pelo Face, que depois eu vejo.

Despedi-me dele repleta de esperança. O coração batendo forte, como uma menina boba e apaixonada.

Quando voltei para meu dormitório, eu estava toda contente. Pedi para Marcelina sugestões de filmes, porque eu não fazia a menor ideia das porras que tavam passando no cinema.

Ela só me deu sugestões de filmes românticos. Mas eu queria tentar alguma coisa diferente com Hugo. Um pornô, quem sabe?

MAL

Perguntei a ele pelo Facebook se Hugo preferia ver filme normal ou em 3D. Ele respondeu com a seguinte mensagem:

“Eu não consigo ver filmes em 3D. Eu sou caolho, guria. Esqueceu? Qual vai ser o próximo convite? Andar de bicicleta?”

Putz! Eu já estava sem ideias do que fazer.

Como eu fiquei indecisa, ele acabou me mandando outra mensagem, avisando que estaria ocupado no dia seguinte com os troços da MAL e não poderia me encontrar.

Ele devia estar desconfiado de que eu só estava dando em cima dele pra voltar pra MAL. Mas aquilo não era verdade.

Resolvi espiar o tal ritual deles de manhã cedo. Todos eles foram com seus mantos e formaram um círculo. Hugo ficou no centro. Estava arrumando o altar, acendendo um defumador.

– Choveu e tá tudo úmido – reclamou Hugo – difícil acender qualquer porra de fogo. E esse lugar está um lixo, cheio de lama. Até parece que alguém fodeu embaixo da árvore mestra.

Naquele dia, em vez dos capuzes, cada um usava um chapéu colorido. Muito provavelmente confeccionados pelos próprios membros.

Eram como chapéus pontudos de bruxos, com abas bem largas. Mas eram tantas cores e formas que aquilo estava um Carnaval. Eles também estavam com os rostos pintados.

– Começamos com o poema final.

Quando me dei conta de qual era, senti um arrepio.

O poema da grande farsa do mundo. Enquanto eu os ouvia declamar, eu o pronunciava com os lábios, junto com eles. Eu o havia decorado.

Assim que o poema terminou, todos bateram palmas. Alguns latiram, uivaram ou cacarejaram.

– Basta!

Quando a voz rouca de Hugo ribombou como trovão, todos se calaram.

– Sabem o que faço com livros? A fonte do conhecimento? – ele desafiou – Eu bato com eles!!

Ele meteu o livro embaixo do manto e se masturbou.

Todos os membros gargalharam ao mesmo tempo. Não porque fosse particularmente engraçado – embora fosse – mas sim porque a

Wanju Duli

gargalhada era parte daquele trecho do ritual. Como um teatro ensaiado, embora vários improvisos estivessem para acontecer.

Depois, Hugo colocou fogo no livro e o queimou diante de todos, levantando o livro em chamas ao alto.

Na sequência, todos declamaram juntos mais um poema: a Epopeia do Cérebro de Ovos, poesia de abertura do Grimório da Eloquência. Hugo pronunciava uma linha e todos pronunciavam a seguinte em uníssono. Assim se fez:

Eu não falo, só respiro
Palavras são meus brinquedos
Usa palavras transviadas
E eu te bato
Mas escolhe brinquedos errados
Que eu te mato
Uma piada? Jamais!
A não ser que tu morras de rir
Hei de atravessar tua garganta
Com o bastão da sapiência
A obediência é meu jogo
E a tua danação
O prazer dos fortes é a miséria dos fracos
O forte obedece por doçura
O fraco o faz por medo da dor
Meu amor é tua amargura
O maior castigo
É o silêncio da mente
Que morre gritando, com a boca lacrada
Eu mato porque gosto
Eu morro porque gosto
Eu calo porque gosto
Eu gosto de todas as coisas
Menos de ti
Odeio a tua covardia
De brincar com palavras
Adia tua cova por mais um dia

MAL

Eu caio nela enquanto danço
Eu pulo, eu peido, eu fodo
Fogo da vida em mim
Gelo da morte em ti
Vive calado, morre calado
Isso não é vida, é um cadáver
Somente o que vive pode morrer
O covarde não vive e nem morre
Ele jamais nasceu
Não existe
Falso humano
Humano de brinquedo
É contigo que brinco
Meu boneco de corda repete o que lê
Pois não sabe pensar
Seu destino é o lixo
Eis meu hino do luxo
Eu rio porque sei
Tu rirás porque não sabes
Então te cala, seu merda
A fera em mim usa teu cérebro
Como cesta de ovos
Do ovo nasce o pássaro que voa
E mergulha nela:
Em sua liberdade engaiolada
Minha bondade é bela
Mas minha maldade é alada

Quando todos pronunciaram juntos a última frase houve muitos gritos. Estavam todos loucos. Eu sentia a força e emoção de onde estava.

Os chapéus coloridos. O livro pegando fogo. O homem poderoso na cadeira de rodas ao centro.

Eu queria estar lá. Desejei fortemente.

Wanju Duli

Observei o ritual do início ao fim, completamente fascinada. A cerimônia de banimento com gargalhadas. A meditação com entoação de mantras. A evocação.

Subitamente senti um pouco de tontura. Merda. A marijuana ainda tava fazendo efeito em mim.

Eu não entendia mais porra nenhuma do que eles tavam falando. Até que senti uma dor forte no meu braço direito.

Foi uma dor poderosa pra cacete. Na noite anterior eu e Hugo estávamos nos socando e batendo um no outro com galhos grossos e realmente deliciosos. Será que eu havia torcido o braço com aquela brincadeira?

Lembrei que aquele era o braço da maldição. E começou a doer logo na hora do ritual deles. Ah! Podia ser coincidência. Ou talvez eu tenha conseguido alimentar essa coincidência e trazê-la a mim. Não é esse um ato mágico?

Eles tavam evocando um bicho astral que eu nem fazia ideia do que era. Aparentemente ele era alimentado regularmente pela egrégora. Engraçado. Talvez tenha sido aquele bicho que mordeu meu braço.

Será que aqueles escrotos tavam me atacando de propósito? Eles sabiam que eu estava perto? Será que eu devia pular lá no meio e estragar o ritual deles?

Com o coração aos pulos, resolvi fazer isso. Eu não estava de chapinha e meus cabelos deviam estar realmente embaraçados depois de eu dormir com eles molhados. Mas eu estava me fodendo pra isso.

Eu estava com minha pequena foice na cintura. Empurrei quem estava na frente e me atirei lá no meio, apontando a foice na direção de Hugo.

Eu tirei da minha pasta o xerox do meu Grimório dos Gênios. E entoei o poema: o Soneto da Cópia Original.

Eu conheci um Deus tão cheio de poder
E nem se comparava à força desse alguém
Que vos fala, pra mim Deuses estão alguém
Esse gênio que sou fez minha fé arder

Lata de tinta, vem, e pinta meu lazer

MAL

Proibido, sofrido, esse jogo do além
Imaginário, tu és boa peça, refém,
Quebra-cabeça meu, teu último prazer

Te digo, com certeza és o sopro maior
Que embaralha palavras que sabes de cor
Num reino de palhaços sou o salvador

Giro o dodecaedro com sutil pavor
Um universo criado jamais é pior
Que a cópia dos iguais desse existente amor

Assim que finalizei, transferei toda a energia para minha foice mágica, tentando projetar meu ódio na direção de Hugo.

Eu senti que deveria fazê-lo, simplesmente para desafiá-lo. Eu queria de volta o meu lugar na MAL. Eu não o merecia.

Mas lá estava eu. Uma perfeita filha da puta. Falando de um amor que não existia em mim. Um amor que eu não conhecia.

Para meu espanto, Hugo retrucou o meu poema. Ele declamou a versão do Grimório dos Gênios Malignos, que era uma paródia do outro: o Soneto Original da Cópia. O putro o sabia de cor!

Esse Deus que conheci, eu preferia
Ter deixado na soleira, tal como o que
Ambiciona o poder e a força da fé
Somente creio nesse gênio que vos fala

Meu lazer é esse jogo de patifes
Não há peça que complete o quebra-cabeça
Inexistente, inventado, invisível
Mensurado por filhos da puta

Num reino de palhaços sou o rei da luta
Que embaralha palavras que degolam
Tua sapientíssima lógica cibernética

Wanju Duli

O pavor do universo é a falsa ética
Dos que não merecem piedade, somente a dor
Eles defendem um amor que não conhecem

Assim que ele finalizou o poema, apontou sua espada para mim, que quase tocava meu peito. Ele certamente estava transferindo sua energia na minha direção.

Os membros bateram palmas e berraram com a declamação de Hugo. O poema falava exatamente sobre isso: os construtores falavam muito do amor. E os Destruidores apontaram a hipocrisia existente nesse suposto amor.

Sim, eu era hipócrita. A rainha delas.

Se eu gostava de ser desafiada? Por alguém inteligente e poderoso, eu gostava sim.

Encostei a lâmina da minha foice na lâmina da espada de Hugo. E nós dois não parávamos de nos fitar diretamente.

Decidi que iria atacá-lo mentalmente com meu gênio. E ele iria usar um gênio maligno.

Eu tinha um chiclete em minha boca. Fiz uma bola com ele, apenas para provocar Hugo. O chiclete era símbolo da Magia dos Gênios.

Para Hugo ativar seu maligno, ele teria que entregar uma porção de seu corpo em troca.

Eu senti um arrepio quando Hugo cortou a própria palma. Ele mostrou-a para mim.

Um dia eu achei que quem usava magia de sangue era realmente estúpido e só queria aparecer. Mas naquele exato instante houve significado.

Ele apertou a mão e uma gota de sangue pingou na grama.

Eu e ele pronunciávamos os nomes de nossos gênios seguidamente, como um mantra. Eu sentia como se meu braço direito pegasse fogo.

Decidi usar um selo dimensional que eu me lembrava. Tracei uma forma no ar com a foice e senti como se entrasse em transe. Confesso que o efeito residual da marijuana ajudou.

MAL

Eu comecei a pronunciar um monte de besteiras. Nem lembro direito o que eu disse, de tão chapada que eu estava: fisicamente, mentalmente e astralmente.

Acho que eu pedi perdão e disse que os amava. Mas eu também os xinguei um pouco. Falei algumas coisas legais sobre magia. E depois eu ameacei Mustafá. Mencionei algo sobre um príncipe e um baile de máscaras.

Por fim, pronunciei o poema de abertura do Grimório das Formas, pois ele falava exatamente sobre minha própria forma de fazer as coisas. A minha forma única de fazer magia e ver o mundo, que eles não compreendiam. Essa dor que eu sentia, por amá-los, invejá-los, querer tê-los perto e ao mesmo tempo afastar-me deles e de todos, escondendo-me da fúria do mundo e da minha própria fúria.

Esta forma de montar o meu castelo
É retumbante, pavorosa, somente minha
Não vou te contar o segredo da minha linha
De pensamento, arrasadora como o céu, o elo
Que criei só pode ser alcançado
Por aquele que mata
O medo da tortura no julgamento, bata
No coração feroz para que se aqueça e se esqueça
Que o espírito alado nasceu assim
Eu criei as asas em mim

E fechei o livro.

Caí no chão e praguejei, dizendo que meu braço estava doendo como se o cão tivesse enfiado um tridente em chamas no meu pulso direito.

– Deixa estar Zraba! – gritei para ele – ainda vou te devolver essa trinca de maldições em dobro e em triplo!

– Eu realmente não sei do que está falando – pronunciou Mustafá, para me provocar.

– Tomar no cu!

– Alguém poderia acompanhar esta senhorita até o hospital? – sugeriu Hugo – Aparentemente ela quebrou o braço e bateu a cabeça. Ah, filha da puta. Me diz logo o que você quer.

– Edzgarran Fuopaj! – exclamei, mais louca que nunca – Euzinha? Nada. Por que eu haveria de querer algo? Eu somente me encanto com a pele que se descola. Não a morte rápida e indolor, mas a artística e estupefata.

Hugo pronunciou uma fala da Fábula da Farsa. Eu somente dei a resposta.

Aquilo estava ficando hilário. Tanto eu como ele dizíamos falas decoradas, improvisávamos ou buscávamos trechos nas fábulas e grimórios.

– Sangue é para covardes. Eu só mastigo corações!!

Lá estava eu pronunciando mais frases clássicas de Gizwa Situa.

– Eu não tenho interesse no espírito de cadelas – pronunciou Hugo.

O pessoal só estava entendendo a nossa conversa maluca porque ler a Fábula dos Gênios era requisito para admissão na MAL.

– Ai, que nojo, eu prefiro morrer a transar com esse menino fraco. Eu só sinto tesão por assassinos.

Quando eu disse isso, alguns não conseguiram segurar a risada. Essa era uma das frases favoritas da galera. Não foi dita por Gizwa, mas eu nem sabia mais o que ela tinha dito ou não. Só queria manifestar a minha frustração e mostrar minha existência ao mundo.

– Vou repetir: alguém a leve para o hospital – insistiu Hugo – Suaten e Taha, eu os encarrego dessa tarefa desagradável.

Os dois obedeceram e me acompanharam.

Hugo maldito! Ele tinha feito de propósito. Ele sabia que eu precisava me desculpar com aqueles dois. E me desculpar de forma digna.

Os dois me acompanharam até o hospital universitário. Eu realmente tinha torcido o braço e teria que enfaixar.

Hugo era foda mesmo. Quase quebrou meu braço naquela trepada. Ai, que sexy. Eu não via a hora de fodê-lo outra vez.

Enquanto o meu braço estava sendo enfaixado, notei Alexandre e Timóteo conversando e rindo na outra sala. Deviam estar falando de mim, os miseráveis.

Em primeiro lugar, eu devia estar parecendo uma bruxa, com os cabelos com água de chuva e lama. Foi então que me dei conta que eu havia ido de pijamas até lá. E pantufas.

MAL

Mas o fato de eles estarem rindo me deixava aliviada. Significava que eles não estavam mais putos comigo?

Saí do quarto e sentei-me no banco com eles, com o braço já enfaixado.

– Foi mal – resolvi dizer – eu tava apreciando uma cannabis ontem. Acho que eu ainda tava meio doida. Não pretendia arruinar o ritual de vocês.

– Até que foi bom – disse Timóteo – Edz anda um saco ultimamente. Pelo menos você nos fez rir.

– Vocês não tão mais putos comigo? – perguntei, esperançosa.

– Eu tô, Gabriela – disse Alexandre – mas já faz mais de meio ano que aquilo aconteceu. Não sou de guardar rancores.

– Desculpa por ter te avacalhado – resolvi dizer.

– Esquece – disse Alexandre – naquela época eu nem queria ver a tua cara. Agora nem me importo mais.

– E tu, Timóteo? – perguntei.

– Eu já te perdoei naquele dia, lembra? – disse Timóteo – e não pretendia mais falar com você outra vez, mas... sei lá.

Timóteo me contou que andava se sentindo bem ultimamente. Estava muito menos estressado com os trabalhos da universidade. E já tinha feito sua cirurgia. Tudo correu muito bem. Fiquei muito feliz com a notícia.

– Você tá querendo voltar pra MAL, não é? – perguntou Timóteo – muitos eram contra a sua volta, por respeito a mim e ao Taha. Mas hoje em dia as coisas mudaram.

Os dois pareciam realmente mais animados. Quando os conheci, Timóteo estava sempre preocupado e triste. Alexandre era cabisbaixo e calado.

Isso significava que eu também poderia mudar. Se eu tivesse pessoas para me ajudar e me apoiar.

Carla entrou para a MAL alguns dias depois. Elaine também já estava começando a ser treinada. A possibilidade do meu retorno ainda estava sendo debatida.

Para minha surpresa, recebi a permissão de Timóteo e de Alexandre, mas não recebi a de Mustafá!

Qual era a dele? Gisele era a vice agora, e não ele. A aprovação dela e do mestre que seriam os fatores decisivos.

Eu já estava preparando-me para travar um duelo mágico com Zraba. Iria evocar uma entidade altamente foda para amaldiçoá-lo. Porém, Timóteo resolveu se meter.

Recebi uma ameaça dele pelo Facebook. Afinal, éramos magos modernos e não fazíamos ameaças com coisas bregas como envelopes escritos em sangue por baixo da porta...

Ele disse que, se eu desafiasse Zraba, aquilo se transformaria num truelo.

Cara, um truelo, como aconteceu em Fábula da Pompa. Eu o queria e ao mesmo tempo não o queria.

E para minha surpresa, recebi outra ameaça. Dessa vez da namorada de Alexandre. O nome dela era Bianca. Ela disse que me desafiava para um duelo mágico a qualquer momento. Um pior do que o “teatro fraco” que eu havia realizado com Hugo, segundo as palavras dela.

Enquanto isso, Hugo assistia a tudo em silêncio, achando tudo muito engraçado. Cachorro.

Ele era o mestre da MAL e não ia se posicionar na porra daquela questão importantíssima? Ele achava mais agradável assistir enquanto nos matávamos astralmente e verbalmente.

Todos concordavam que eu precisaria passar por, no mínimo, uma provação forte antes de voltar para a Ordem. Por isso, ficou decidido que eu voltaria contanto que realizasse novo teste e passasse por novo processo iniciático.

E adivinha quem iria me treinar e aplicar meu teste? Alexandre.

Eu sabia que ele ia me ferrar.

Aquela tortura durou uma semana. Ele me mandava ler livros de cabeça para baixo e lançar feitiços pronunciando tudo ao contrário.

Na minha iniciação, eu fui completamente riscada. A namoradinha de Alexandre colocou um monte de símbolos de maldições do Livro do Susto no meu corpo inteiro.

A minha cara ficou toda manchada. Por fim, Hugo ativou cada um dos símbolos e anunciou que eu seria readmitida na Ordem com aquela condição: eu havia sido lacrada. E se eu esculhambasse com alguém de

MAL

novo, seria severamente punida com aqueles símbolos que foram fortalecidos profundamente no astral.

E sabe de uma coisa? Achei aquilo tudo uma grande bobagem. E ao mesmo tempo me assustei pra caralho. Afinal, sempre havia uma pequena probabilidade de aquelas coincidências se quebrarem em cima de mim na forma de ato mágico.

Mas assim que voltei para a MAL já fiquei profundamente aborrecida. Hugo fazia suas reuniões chatas e mandava todo mundo calar a boca. Agora que minhas duas amiguinhas estavam na sociedade comigo, eu não parava de fofocar com elas, de falar mal de todo mundo e de criticar as roupas das gurias. Marcos às vezes participava dessas fofocas e Hugo ficava possesso.

Uma vez ele deu um soco forte na mesa e um urro tão alto que todas as pessoas no restaurante olharam na nossa direção. Já não bastavam os palhaços usando mantos e declamando poemas, ainda havia um maluco berrando? Eu me admirava que o restaurante não tivesse resolvido nos expulsar ainda.

Mas eu costumava apenas fofocar mesmo. Resolvi não amaldiçoar ninguém e nem espalhar boatos idiotas na internet.

Um dia compartilhei um cigarro com Zraba e notei que tudo já estava bem entre a gente.

Mas eu ainda estava perdidamente apaixonada por Hugo. Meu coração doía só de vê-lo. Não seria fácil apagar aquele sentimento.

O semestre chegou ao fim e eu ainda não tinha coragem de investir em Hugo de novo. Que merda.

Tentei pedir ajuda pra Marcos.

– Não tem como tu fazer meus lados com o Hugo? – perguntei.

– Acha que tenho coragem de falar com ele? – perguntou Marcos – Tá louco! Qualquer coisinha que alguém diz o mestre já surta. Te vira nisso, Gabriela. Sério, se tu quer comer ele de novo não me mete nisso!

Eu não queria apenas comê-lo de novo. Era muito mais que isso.

Tentei fazer uma poção de amor. Na verdade, uma maldição de amor. Assim ficava mais poderoso. Misturei pétalas de rosas com meus corrimentos vaginais, álcool, canela e mais uns troços loucos.

Um dia dei para Hugo uma garrafa com uma rolha, com o líquido cor-de-rosa. Nela havia um coração e uma caveira.

Wanju Duli

– Mas que merda é essa? – perguntou Hugo.

– Quer beber? – ofereci – É um suco que eu fiz.

Ele riu da minha cara. Eu não tinha sido exatamente discreta. Normalmente se misturava poções secretamente na bebida.

– Tá querendo sair comigo, é isso? – perguntou Hugo.

– Tu tem namorada? – perguntei.

Ele simplesmente não acreditou que fiz aquela pergunta.

– Tu quer namorar sério comigo? – ele perguntou, incrédulo – tu consegue ser séria em alguma coisa... Gizwa Situa?

– Isso é um desafio?

Ele ainda estava desconfiado.

– Onde quer me encontrar?

– Na árvore mais feia do mundo.

E combinamos de ir até lá. Eu não sabia o que fazer para conseguir convencer aquele guri.

Naquele dia fumamos mais um baseado. Falamos da vida, de sexo, de magia, um pouco de tudo.

E, enquanto fumávamos, trocamos um beijo. Depois de tanto tempo. Eu ainda me recordava do gosto dele. Foi bom pra caralho.

Depois desse beijo, começamos a namorar. A sério.

– Consegue ficar sem comer outros caras? – ele me perguntou.

Normalmente eu não conseguiria. Mas ultimamente tanto meu coração como minha buceta só pulsavam para ele.

Eu não sabia que algo assim poderia ser tão maravilhoso. Eu estava curtindo um cara de verdade, e não tinha receio de me sentir estúpida na frente dele, ou de agir de forma boba.

Eu queria ser a vice da MAL. Mas não tomaria o lugar de Gisele, que tinha me treinado. Quem sabe assim que ela se formasse, eu assumisse o posto.

Os membros da MAL ficaram assombrados quando souberam da notícia.

“Edzgarran está namorando Gizwa”.

E aquilo se espalhou como fogo. Chegou aos ouvidos envenenados de Brígida e Teresa. Elas fariam tudo o que pudessem para destruir esse relacionamento.

Eu sabia que Teresa curtia o Hugo. Mas ele nunca quis nada com ela.

MAL

Recebi várias ameaças de morte pelo Facebook. Eu não sabia que o mestre da MAL tinha tantas admiradoras.

Elas queriam me ver queimar no inferno. Eu queria destruir aquelas vacas.

Quando Hugo soube da história, nem ligou.

– Isso é problema teu – ele me disse – resolve sozinha. Eu não quero me meter nessas brigas de gato.

Que filho da puta! Em vez de me defender, o escroto!

Mas eu ainda o amava.

Eu comecei a andar muito mais com Carla e Elaine, agora que elas eram membros da MAL. Eu contava tudo do meu namoro pra elas. Tudinho. Todas as posições.

– Temos que arranjar um namorado para Elaine – comentei – tem um novo membro que é gatinho. O cacete dele parece delicioso, pelas calças que ele usa. Mas eu não fico mais olhando para o pau dos outros, porque eu tenho namorado.

E Marcos não podia acreditar que eu tinha conseguido pegar o mestre. Acho que só uma pessoa assustadora como eu seria capaz de lidar com aquela fera.

E os dois putos viveram felizes para sempre, no reino da putaria mágica.

Embora eu ainda tivesse que lidar com o ódio e as maldições das outras vacas invejosas que tentavam roubar meu namorado gostoso e fofinho.

E eu ainda teria outro problema ainda mais grave pela frente. Assim que nos formássemos na universidade, iríamos para a MAL & MIM. Lá estava cheio de membros mais velhos que a gente. A maioria tinha mais de 30 e 40 anos. Isso significava que eles teriam papos mais interessantes e teriam propostas muito mais maduras e extraordinárias.

Qah era a líder da MIM. Edz sentia tesão por ela. Esse era outro problemão. Mas eu suspeitava que até eu fosse admirá-la, de tanto que falavam naquela mulher incrível.

Wanju Duli

Eu estava passeando pelo campus. Carregava minha bolsinha. Usava um short jeans, camisa regata e rasteirinha. Levantei os óculos escuros para fitar melhor a cena diante de mim.

Lá estava Mustafá, com uma blusa social branca e uma corrente dourada. Ao seu lado estava Timóteo, com uma blusa de mangas curtas. Os dois estavam sentados embaixo de uma árvore, se beijando.

Imediatamente, meu coração deu um salto e minha buceta ficou extremamente molhada. Deus, eu pagaria qualquer quantia, venderia minha alma para assistir aqueles dois se comendo.

Inconveniente como eu era, aproximei-me deles num estardalhaço.

– Olá, rapazes!

E senti-me exatamente no meio dos dois embaixo da árvore, separando-os.

– Gabriela, Gabriela... – pronunciou Mustafá, em tom de ameaça – por que não corre atrás do teu homem em vez de nos importunar?

– Ele tá estudando pra prova que vai ter amanhã – comentei, pegando meu isqueiro e acendendo o cigarro – então preciso incomodar alguém que esteja desocupado.

Dei uma tragada e soprei a fumaça, segurando o cigarro com meus dedos de unhas azuis.

– Cuidado – disse Mustafá – tu ainda é membro da MAL sob restrições.

– Eu sou a mulher do mestre – eu disse, com orgulho – mil poderão ser expulsos da MAL ao meu lado, dez mil à minha direita. Não serei atingida.

– Eu não teria tanta certeza – comentou Timóteo – ele expulsa até a si mesmo quando está a fim. E olha que ele é o fundador.

Mustafá pegou seu próprio cigarro, pois não gostava da marca do meu. Mas eu acendi-o pra ele, com meu isqueiro. Timóteo não fumava, mas estava se tornando um perfeito fumante passivo.

Eu passei os braços por trás dos ombros dos dois, num meio abraço.

– Se me expulsarem de novo, juro que volto – prometi – nem que eu precise amaldiçoar todas as putas e putos do mundo pra isso.

– Vejo que não aprendeu nada – observou Mustafá – foi uma perda de tempo te ensinar.

MAL

– Mas, bah, tchê! Uma puta de uma perda de tempo! – clamei – Como a vida e todo o resto. Mas acho que valeu a pena.

– Por quê? – perguntou Timóteo.

Repousei minha cabeça no ombro de Timóteo. Passei os dedos em seus cabelos presos no rabo de cavalo.

– Por que, eu me pergunto – falei, imitando o que Mustafá me disse um dia.

Se o mundo era um inferno, eu jamais desejaria ser enviada para o céu.

– Ai! Puta merda, Mustafá! Me solta.

Eu estava usando uma trança naquele dia e Mustafá me puxou por ela, me tirando do ombro de Timóteo.

– Já está na hora de se retirar, senhorita Gizwa – disse Mustafá – vai lá chupar o pau do mestre pra ver se assim ele se acalma um pouco e desconta menos na gente na reunião de amanhã.

– Tá bom, tá bom – reclamei, levantando-me – já tô saindo.

Apenas mais um semestre até que eu e a maior parte da galera da MAL se formasse. Seriam seis meses bem longos. E quando o treinamento dos jovens e inexperientes universitários terminasse, Qah assumiria o serviço. Iria nos introduzir às Ordens internas de Magia do Caos que estavam pegando fogo. Só os rumores da internet já me deixavam louca e molhadinha.

O que eu estava fazendo com a minha vida universitária, afinal? Ah, apenas reunindo algumas memórias fabulosas.

Fechei os olhos e toquei meu coração, como vi Timóteo fazer um dia.

Fitei a aliança na minha mão direita. E o anel da Ordem dos Magos Acima da Lei na minha mão esquerda.

Aqueles eram os talismãs mais poderosos que eu poderia ter. E eu os carregaria com orgulho, lealdade e força.

Gabriela sempre foi muito vaidosa. Sempre reuniu muitas roupas bonitas, perfumes e anéis. Mas aqueles dois anéis eram mais belos do que qualquer outro.

Aí estava uma lição sobre moda e beleza que meu curso não me ensinou. Aprendi por aí. Por acaso. No meio daquele caos elegante, repleto de merda, de porra, de beijos e fogo.

– Adoro qualquer um que me desafie.

Wanju Duli

Eu já era poderosa sozinha. Acompanhada, eu seria invencível.
Exatamente porque eu não precisava mais ser poderosa e invencível.

FIM

